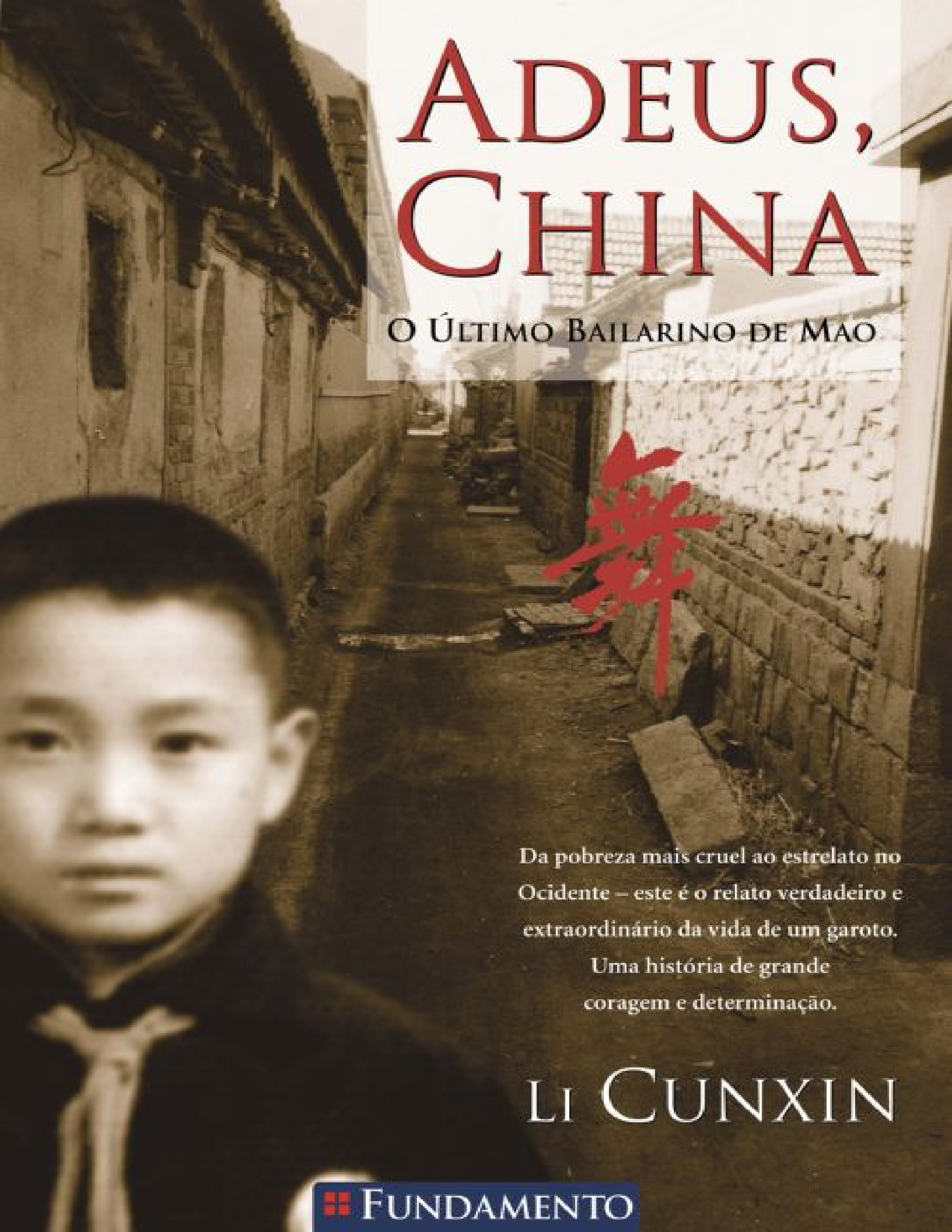


Adeus, China

O Último Bailarino de Mao

Da pobreza mais cruel ao estrelato no Ocidente – este é o relato verdadeiro e extraordinário da vida de um garoto. Uma história de grande coragem e determinação.

Li Cunxin

Fundamento

LI CUNXIN



ADEUS CHINA

O último bailarino de Mao

Li Cunxin
Título original: Mao's Last Dancer
© Li Cunxin 2003
Tradução: Neuza Capelo
Editora: FUNDAMENTO
Biografias - Autobiografia
1ª Edição
2007
ISBN: 8576761807

O Autor



Li Cunxin nasceu em Qingdao, na província de Shandong, em 26 de janeiro de 1961.

Teve infância pobre. Um dia, na escola, viu entrar um dos guardas de Mao em sua sala de aula. Estavam selecionando alunos de talento para ingressar na Academia de Dança de Pequim. A professora o apontou para um dos guardas, que o aceitou. Aos onze anos entrou para a Academia de Dança de Madame Mao e conheceu várias pessoas que o ajudaram a realizar seu sonho.

Indicado para treinamento intensivo de seis semanas nos Estados Unidos na Houston Ballet Academy, conquistou a admiração dos

ocidentais. O governo chinês falava dos Estados Unidos como terra de pobreza e decadência, mas Li viu o oposto e acabou se encantando. Casou-se com a colega Elizabeth e tornou-se cidadão americano, desertando da China. Foi, então, perseguido pelas autoridades chinesas, proibido de voltar à terra natal e de se comunicar com amigos e parentes. Anos depois de se divorciar de Elizabeth, casou-se com Mary, seu par na dança. Dedicou-se com mais afinco ao balé e participou de torneios internacionais, conquistando fama em todo o mundo.

Para as duas mulheres especiais em minha vida: minha mãe e minha mulher.

Prólogo

跳舞

UM CASAMENTO

Qingdao, 1946

No dia de seu casamento, a jovem está sozinha em casa, no povoado. É uma bela manhã de outono. O ar do campo está frio, mas revigorante. A jovem ouve cada vez mais nitidamente os acordes de uma canção alegre. Ela só tem 18 anos e está nervosa, assustada. Sabe que as casamenteiras simplesmente contam mentiras e depois somem com o dinheiro que ganharam. No povoado onde vive, muitas mulheres estão casadas com homens mutilados e terão de passar a vida toda cuidando deles. Agressão à mulher é fato comum. Divórcio está fora de cogitação. Mulheres que se divorciam são humilhadas, desprezadas, consideradas inferiores aos animais. Ela sabe que algumas se matam e reza para não ter o mesmo destino.

O que ela pede em suas orações a um deus bom e misericordioso é que seu futuro marido tenha duas pernas, dois braços, dois olhos e dois ouvidos. Pede que todas as partes do corpo dele tenham funções normais. Preocupa-se com a possibilidade de que não seja bondoso ou não goste dela. A maior de todas as preocupações,

porém, é por não ter os pés enfaixados. Pés enfaixados ainda são um costume. Os quatro dedos menores dos pés das garotinhas de 5 ou 6 anos devem ser dobrados para baixo do dedo grande e bem apertados, para impedir o crescimento. É um processo extremamente doloroso. Os pés devem ser lavados e as bandagens de tecido trocadas diariamente, para evitar infecções. Quanto mais apertados ficam os pés, menores se tornam. Com o tempo, os cinco dedos se juntam. As infecções são comuns; as garotas acabam com os pés tão deformados que passam a andar sobre os calcanhares. Quando tinha cerca de 8 anos, a mãe tentou enfaixar-lhe os pés — dois ou três anos mais tarde que o usual —, mas essa noivinha fugiu desafiadora. A mãe, secretamente satisfeita, desistiu de ir atrás: uma filha com os pés normais seria de grande ajuda para as tarefas pesadas. Mas e seu futuro marido e a família dele pensariam da mesma forma? O noivo é um jovem de 21 anos. Ele sai de casa antes do nascer do sol. Dezesseis homens fortes foram contratados para carregar duas liteiras, em uma caminhada de três horas, do povoado onde ele mora até a casa da noiva. O som de cometas, pratos, gongos e flautas de bambu enche o ar. A liteira da noiva é coberta de flores e bandeiras vermelhas e cor-de-rosa. A liteira do noivo é simples, azul, sempre sai do povoado pelo leste e volta pelo oeste.

Assim que o cortejo do noivo deixa a casa, as mulheres da família começam a preparar a festa que haverá mais tarde. Elas colam nas paredes, nas portas e nas janelas diferentes formas recortadas em papel colorido, onde escrevem palavras que simbolizam felicidade e boa sorte. No meio do quintal, colocam uma mesa coberta com toalha vermelha. No centro da mesa, arrumam, em forma de pagode, nove pães grandes chamados mantos. Há também uma tigela de metal, com um candelabro e um porta-incenso de cada lado. No chão, dois tapetes redondos de bambu.

Ao chegar, o noivo encontra a noiva em pânico. Ele veste um traje azul-escuro de algodão, em estilo mandarim, usa um chapéu

bem grande e alto e traz flores de seda espetadas na roupa, à altura do coração. Ele se ajoelha e se curva até tocar o chão com a testa três vezes, sempre voltado para o norte, na direção do deus da felicidade.

Chá, docinhos, sementes de girassol torradas e amendoins são servidos. Segue-se um banquete, cujo preço arrasaria as finanças da família da noiva não fosse a colaboração de parentes e amigos, mas os favores e empréstimos têm de ser pagos nos anos seguintes. A comitiva do noivo deve ficar satisfeita. A refeição determina a atitude da nova família da noiva em relação a ela, inclusive se o percurso até a casa do noivo vai ser tranquilo ou acidentado. A jovem noiva se lembra de uma amiga de sua mãe que se casou no ano anterior. Durante o casamento, os músicos tocaram músicas fúnebres e os carregadores andaram em círculos, deixando a moça tonta e enjoada. E o que é pior: fizeram com que a liteira tocasse o chão, o que traz má sorte, prenunciando para a noiva uma vida difícil e trabalhosa, em vez de uma existência de luxos. Tudo por causa da insatisfação da família do noivo com a comida servida na casa da noiva.

Enquanto a comitiva do noivo se farta de vinho e comida, a noiva fica sentada em seu kang — uma plataforma de alvenaria que de noite é cama e de dia serve para fazer as refeições — longe de todos, com um véu de seda sobre o rosto. É o que chamam "estar quieta". Ela veste uma roupa comprida de cor marrom, em que são costuradas flores de seda cor-de-rosa. Os cabelos estão enfeitados com flores e grampos coloridos, o que torna o arranjo bastante pesado. Não usa joias porque a família é muito pobre.

Não demora muito e um dos irmãos lhe sussurra pela fresta da porta: — Meu cunhado tem todos os membros! — A notícia soa como música aos ouvidos da moça. Ela dá um suspiro de alegria.

Quase ao fim da refeição, a mãe traz para a noiva uma tigela de arroz, um espelho de duas faces e dez pares de pauzinhos vermelhos usados para pegar as porções de comida. A noiva deve comer três

porções de arroz, cuspindo, porém, a última dentro do bolso da mãe. Ela deve, ainda, conservar um pouco de arroz na boca durante todo o caminho até a nova casa, só o engolindo ao chegar lá. O costume é para garantir que nunca passe fome na vida de casada. A noiva, então, coloca no bolso da mãe oito pares de pauzinhos e fica com dois, exatamente aqueles que têm presas a eles castanhas e tâmaras, simbolizando os filhos que virão em breve.

A noiva não consegue parar de tremer. Lágrimas escorrem de seus olhos enquanto ela cospe o arroz no bolso da mãe. Logo será esposa e nora. Ela segura as mãos da mãe como quem se agarra a um salva-vidas.

— Tolinha! —, a mãe diz a ela. — Não chore! Você vai para uma família onde há bastante comida. Quer ser pobre durante o resto da vida?

— A mãe pega um lenço, enxuga delicadamente o rosto da filha e lhe dá um forte, longo e último abraço.

— Vou sentir a sua falta e sempre vou amar você, minha menina. Cuide bem do seu marido, e ele vai cuidar bem de você. Obedeça-o e faça-o feliz. Dê-lhe muitos filhos. Cuide da sua sogra como cuidou de mim. Seja boa para ela até o dia em que a morte a levar. — Ela torna a descer o véu sobre o rosto da filha e se afasta, com um sentimento de aflição.

Começa a caminhada até o povoado onde mora o noivo, e a noiva soluça quietinha. É a primeira vez que se afasta de casa. Está apavorada. Chegando ao meio do percurso, um dos carregadores grita: — Metade do caminho, vire o espelho! — Ela pega o espelho de duas faces que recebeu e vira-o do outro lado; agora, deve esquecer o passado e olhar apenas para o futuro. Vem ao encontro deles um grupo de quatro carregadores do povoado onde mora o noivo, para fazer a troca de liteira. Ela não toca o chão. Os músicos continuam a tocar melodias alegres e festivas, e os carregadores caminham com cuidado pela estrada poeirenta e acidentada.

Quando ela chega ao portão da casa do noivo, encontra a tigela de metal fumegando sobre a mesa. As velas e os incensos estão acesos. O noivo desce de sua liteira e espera pela noiva, que traz o rosto ainda escondido pelo véu grosso de seda. Duas irmãs dele a ajudam a descer. Todos caminham juntos até a mesa, enquanto um sábio do local lê em voz alta um poema antigo. São poucos os que compreendem o que ele diz, porque quase ninguém ali foi à escola, mas o casal de noivos se ajoelha sobre os dois pequenos tapetes redondos de bambu e escutam. Em seguida, curvam-se e tocam o chão com a testa. O noivo, então, segura as mãos da noiva e a ajuda a levantar-se. Ela não consegue ver as chamas debaixo da tigela sobre a mesa, mas sente o calor intenso que vem de lá. É o fogo da paixão, o fogo do amor.

Antes que os noivos deem o primeiro passo juntos, o quarto irmão do noivo esfrega delicadamente as solas dos sapatos da noiva com um ferro de passar muito antigo, cheio de carvão em brasa, para que ela tenha calor da extremidade do corpo até o coração. Guiada pelo noivo, ela vai lentamente em direção à porta, onde há uma sela de cavalo. Eles devem ultrapassá-la juntos. A noiva nada consegue ver através do véu e tem medo de tropeçar, mas a sela simboliza os tempos difíceis da vida, que eles devem superar juntos. Ela hesita. O noivo segura a mão dela com mais força. — Pare —, ele diz baixinho. — Agora levante o pé. — Ela suspende a roupa até os joelhos e pula a sela em segurança. No entanto, assim que toca o chão com o segundo pé, seu coração se aperta. O mundo inteiro tinha visto que seus pés não foram enfaixados! A família dele pode não gostar. Ela tem vontade de gritar, de voltar para casa, para perto da mãe. Vão rir dela, vão humilhá-la pelo resto da vida. Os parentes do noivo vão pensar que ela lhes trouxe vergonha e desgraça.

O noivo sente a hesitação e pergunta gentilmente — Você está bem? Ela não responde. O que pode dizer?

— Vamos para o kang — ele convida. Em um dos cantos internos do kang, há uma caixa triangular de madeira, chamada doo. Do lado de fora, está colada uma etiqueta de papel cortada em forma de diamante; dentro há vários tipos de grãos: trigo, milho, arroz, painço, sorgo... que representam a esperança de que os recém-casados tenham comida em abundância durante toda a vida. Há também duas machadinhas chamadas fu, significando "fortuna", com castanhas e tâmaras vermelhas presas aos cabos de madeira, e duas colchas bem finas — feitas à mão pelas irmãs do noivo — que ficam dobradas, como se fossem almofadas quadradas.

Primeiro, a noiva entrega ao noivo o lenço vermelho que lhe foi dado pela mãe. Ele guarda o lenço dentro do doo. Em seguida, ela entrega a ele os pauzinhos que trazem junto castanhas e tâmaras. Ele abre novamente o doo e, com cuidado, espeta os pauzinhos entre os grãos, deixando-os em posição vertical.

Depois de alguns momentos de embaraço, o noivo diz gentilmente: — Reiqin, bu yao pa, wu bu hui shang ni. (Não tenha medo. Não vou machucar você.) Durante o dia todo, a noiva esperou ansiosamente pelo momento de tirar o véu, mas agora hesita. Ela tem medo. O noivo pode não gostar de sua aparência. O tom gentil da voz dele, no entanto, dá-lhe segurança.

Nervosa, ela levanta o véu e, pela primeira vez na vida, eles olham um para o outro.

Nenhum dos dois consegue acreditar na própria sorte. A noiva vê o belo marido que tem. Há nele um ar simples e honesto; seu coração se deixa levar imediatamente.

O noivo não consegue tirar os olhos da noiva, encantado com tanta beleza. Eles permanecem sentados, em silêncio, até que chega o macarrão — para "abrir o coração" — feito pela mãe da noiva, para dar conforto aos recém-casados, simbolizar a aceitação dos defeitos e qualidades de cada um e lembrar a noiva que deixe para trás os valores da família antiga e adote os da nova. Então, para "aquecer o

coração", é servido vinho de arroz, que eles bebem um na taça do outro, cruzando os braços.

As irmãs, os irmãos e as cunhadas do noivo vêm, um a um, desejar ao casal uma vida feliz, até que os cabelos dela e a barba dele fiquem brancos e cheguem ao chão. É quando a irmã mais nova do noivo, mais ou menos da mesma idade da noiva, sussurra ao ouvido dela: — Que bom que você tem pés grandes! Eu também tenho! — E, piscando para a nova cunhada, escapa do cômodo, rindo. A jovem noiva está tremendamente feliz.

Logo, o noivo é chamado para participar do banquete e beber com os amigos e parentes. Enquanto isso, a noiva inicia o "tempo de estar sentada". Durante três dias, em todas as horas em que passa acordada, ela permanece em posição de lótus, de costas eretas. Come e bebe pouco, para evitar idas frequentes ao banheiro.

Muitos parentes, amigos e vizinhos participam dos três dias de festa; na primeira noite, eles vêm para "fazer bagunça". Os recém-casados — a noiva em especial — têm de aguentar as brincadeiras. Ela deve servir bebidas às visitas, acender seus cigarros, descascar os amendoins e colocá-los na boca de cada um. A "bagunça" continua até bem tarde; quando o último visitante se despede, o casal está exausto.

No quarto dia, seguindo a tradição, a noiva leva o marido para visitar a família dela. O pai e a mãe gostam do genro e ficam felizes pela filha: — Que bênção, minha menina! —, diz a mãe. — Não olhe para trás. Aqui só há fome e uma vida de sacrifícios. Agora, você é uma Li. Faça com que ele a ame.

Ela sabe que a mãe está certa. Quando se senta no banco de trás da carroça e olha pela última vez a paisagem tão familiar, não tem lágrimas nos olhos. Sabe que, daquele momento em diante, aquela família não será mais sua principal fonte de conforto. Havia mudado de nome e de casa para sempre. O destino estava à sua frente.

Assim foi o casamento de meus pais em Qingdao, em 1946. Minha mãe olhou para o homem forte que guiava a carroça e sentiu-se satisfeita e orgulhosa. Seu marido parecia firme como uma rocha; ao mesmo tempo, parecia gentil, bondoso e ponderado. Ela sentiu vontade de conhecê-lo, compreendê-lo e cuidar dele. Curvou-se e perguntou se poderia sentar-se a seu lado. Sem dizer uma só palavra, ele se afastou um pouco e deixou que a mulher se sentasse perto.

Parte 1

MINHA INFÂNCIA

1



O LAR

Meu pai e minha mãe, logo que se casaram, foram morar em uma casa de seis cômodos onde já se ajeitavam os seis irmãos dele com mulheres e filhos, além de duas irmãs, em um total de mais de vinte pessoas. Sendo a mais jovem das noras, o status de minha mãe na hierarquia da família Li era o mais baixo possível. A escala familiar tinha de ser respeitada: ela precisou trabalhar duro para provar seu valor.

Trabalhando ao mesmo tempo no campo e no transporte de material de construção, meu pai passava o dia todo fora, e minha mãe só o via tarde da noite. Quando a família se reunia para jantar à luz de velas (ainda não havia eletricidade no povoado), os homens sentavam-se a uma mesa e as mulheres e crianças a outras. Durante

o primeiro ano de casamento, meus pais mal trocaram alguns olhares. Algumas vezes, sob a luz fraca das velas, ela chegou a confundi-lo com um dos cunhados.

As mulheres da casa costuravam, lavavam, limpavam e cozinhavam. Minha mãe era meticulosa e eficiente, e a rapidez e a qualidade de seu trabalho conquistaram a aprovação da sogra. Cozinhar bem era sinal de amor e consideração. Por não ter enfaixado os pés, minha mãe era frequentemente enviada ao campo para levar as refeições dos homens. Assim, podia ver o marido à luz do dia, o que causava uma secreta inveja nas cunhadas.

Antes de completar um ano de casada, minha mãe soube da morte da própria mãe. Então, passou a visitar o pai uma vez ao ano, levando presentes e comidas especiais preparadas por ela, embora ele não lhe dedicasse o mesmo amor que sentia pelos filhos. Um filho podia trabalhar no campo. Um filho podia trazer uma nora para casa. Um filho podia dar continuidade à linha familiar. A falta de um filho era considerada a pior traição aos ancestrais.

Os habitantes de Vila Nova tinham chegado ao local durante a 2a Guerra Mundial, fugindo de outro povoado, mais de trinta quilômetros ao norte. Os japoneses ocuparam Qingdao e construíram um aeroporto bem no local em que vivia a família de meu pai. Vila Nova era um lugarejo com cerca de 350 famílias, uma sede de apenas dois cômodos e uma praça. Mais tarde, postes e telhados receberam alto-falantes que transmitiam a doutrina revolucionária oficial de Mao. As casas eram dispostas em longas fileiras, com um espaço de apenas 1,20 metro de uma fileira para outra.

Meus pais continuaram a dividir a casa com os parentes de meu pai. Conforme a família crescia, com a chegada de mais crianças, eles simplesmente acrescentavam outros cômodos. O primeiro filho nasceu mais ou menos um ano depois do casamento, o segundo dois anos mais tarde, o terceiro daí a outros dois anos e, em 1955, nasceu

Cunsang, o quarto. Cunsang teve muita sorte por sobreviver à primeira semana na família Li. Com apenas alguns dias de vida, ele sofreu um acidente. Dois dos irmãos mais velhos brincavam de empilhar cadeiras, e elas caíram sobre a cabeça do menino. Ele começou a ter convulsões. Minha mãe o levou logo ao hospital, onde o médico disse que, provavelmente, o cérebro havia sido afetado, mas o bebê era pequeno demais para receber tratamento. Tudo o que minha mãe tinha a fazer era levá-lo de volta para casa.

Por vários dias, Cunsang não aceitou alimento, chorou sem parar e teve várias convulsões. Finalmente, em desespero, minha mãe o envolveu em um cobertorzinho feito à mão, levou até a Colina do Norte, perto do povoado, e o deixou lá, no meio da neve. Ela acreditava que alguém com poderes mágicos pudesse salvá-lo. Voltou para casa chorando.

Mais tarde, a mãe de meu pai, Na-na, foi ver como estava o novo neto. Na-na era uma mulher pequenina e bondosa. Quando deu pela falta do bebê, perguntou a minha chorosa mãe onde ele estava. Ela acabou dizendo, e Na-na, apesar dos pés deformados, foi correndo até a Colina do Norte. Encontrou Cunsang e o levou de volta para casa. O menino estava azulado, quase congelando, e por vários dias teve febre alta. Então, milagrosamente, Cunsang parou de chorar. Não teve mais convulsões e pareceu recuperar-se. Foi mais um a crescer naquela casa apinhada na qual tantas crianças nasceram, fazendo com que minha mãe passasse a ser conhecida como "a afortunada mãe de sete meninos".

A casa de minha família dava para os fundos de outra casa, de onde se via o que se passava na nossa. A pequena área da frente foi, então, cercada com um muro de pedra de 1,80 metro de altura. Quem tinha dinheiro comprava as pedras e as unia com argamassa. Minha família, porém, era muito pobre. Então, meu pai ia com os filhos mais velhos até as montanhas, pegavam as pedras, traziam-

nas em cavalos e carroças e as amontavam. Pelas fendas, podiam-se espiar os vizinhos e, certa vez, uma parte do muro desabou.

A propriedade da família não tinha quintal nos fundos. A casa era feita de grandes tijolos e pedras, com telhas em terracota ao estilo alemão fabricadas pelo pessoal do lugar. Meus pais e os filhos tinham quatro cômodos: dois quartos pequenos, de cerca de 6 metros quadrados; outro um pouco maior, de uns 9 metros quadrados; e um espaço, mais ou menos equivalente ao quarto maior, que servia ao mesmo tempo de sala e cozinha. Havia duas panelas grandes usadas no preparo de comida chinesa (woks) com grandes foles acoplados para manter o fogo aceso. Só as panelas tomavam três quartos do espaço do cômodo. Os armários para guardar louças eram embutidos na parede. Em um canto, ficava um armário de madeira feito por meu pai, no qual se guardavam os mantimentos. Não havia geladeira nem água corrente, apenas um grande cântaro de barro para armazenar a água de beber. Se as duas panelas estivessem em uso ao mesmo tempo, era impossível atravessar o cômodo sem deslocar quem operava a ventilação.

Atrás das panelas ficava a parede do quarto, coberta com "papel de parede" feito de jornal, por onde passavam as chaminés. Fogo e fumaça circulavam por baixo das camas de tijolos e saíam do outro lado. A intenção desse arranjo era fazer os tijolos reterem o calor. O resultado, porém, não era dos melhores: durante a noite, as camas ficavam cada vez mais frias.

O piso era de terra avermelhada. Na época das chuvas, a água sempre penetrava. Meu pai tinha de remover o piso molhado e esperar que houvesse um dia sem chuva para substituí-lo por terra seca, batendo bem com um grande martelo de madeira. Quanto mais duro o piso, mais dificilmente a água penetrava de novo.

Não havia guarda-roupas na casa. As roupas ficavam em caixas de papel machê que minha mãe fazia. De dia, as caixas eram colocadas em cima das duas camas pequenas; de noite, iam para o

chão. Havia uma cama um pouco maior, mais ou menos do tamanho de uma cama de casal pequena. Pais e filhos tinham de dividir aquelas três camas. O quarto principal era também o local em que a família fazia as refeições, e o único cômodo onde havia um sótão. Era lá que meu pai guardava coisas importantes — dinheiro, por exemplo. Ninguém mais podia entrar lá.

Ao acordar de manhã sobre a cama gelada, cada um devia enrolar e guardar seu cobertor. Ficava apenas um tapete de bambu. Uma bandeja de madeira que passava de geração em geração era colocada sobre o tapete e toda a família sentava-se em volta de pernas cruzadas, o joelho de um encostado ao joelho do outro, para fazer as refeições. Os três filhos mais velhos precisavam sentar-se em bancos de madeira colocados junto da cama, porque não havia espaço para todos em volta da bandeja.

A família tinha de ir a uma das fontes próximas para recolher água, que era levada até a casa em dois baldes pendurados nas extremidades de uma vara de bambu equilibrada sobre os ombros. Os adultos e os meninos mais crescidos carregavam baldes grandes, e os pequenos carregavam baldes menores. A água era aquecida em uma panela grande e todos tomavam banho em uma bacia de barro ou madeira com mais ou menos 90 centímetros de diâmetro e 30 centímetros de profundidade.

Na comuna, havia uma casa de banhos pública frequentada por mais de dez mil pessoas, mas minha família não a frequentava por não ter condições financeiras. A casa tinha apenas um banheiro, que não passava de um buraco escavado no chão da área externa da frente. Era preciso ficar de pé ou de cócoras sobre duas tábuas, uma de cada lado do buraco. Como não havia telhado, o frio era terrível no inverno. Metade do banheiro ficava dentro da parede e metade para fora, de modo que os dejetos pudessem ser recolhidos e aproveitados como fertilizante. Quem fazia esse trabalho era o coletor de fezes, que usava para isso uma espécie de colher de pau,

depositando o material recolhido em dois barris de madeira acomodados nas laterais de um carrinho de mão. Diariamente, ele percorria as ruas estreitas com seu carrinho de mão. As pessoas, quando o viam, mudavam o caminho, para não passar perto. Certa vez, o coletor de fezes colidiu com uma bicicleta, e todo o conteúdo dos barris se espalhou pela rua. Que cheiro! Mesmo depois de o chão ter sido lavado várias vezes com água, o cheiro permaneceu e, durante muito tempo, todos evitaram passar por lá. Os moradores foram à autoridade máxima da vila para reclamar e pedir a substituição do coletor de fezes. Nada pôde ser feito, porque ninguém quis assumir o cargo.

Minha família tinha de aproveitar cada centímetro da área em frente da casa. Havia uma pequena plantação de vegetais, pés de feijão subindo pelas paredes e um chiqueiro com dois porcos. O problema era a escassez de comida para alimentar as pessoas, quanto mais os porcos, por isso eles eram tão magros — até que, um dia, foram vendidos à comuna. Havia também um galinheiro, mas a situação era a mesma: as galinhas não recebiam alimento suficiente para produzir muitos ovos. Então, os poucos que botavam eram vendidos no mercado, rendendo um dinheirinho para suprir as necessidades mais prementes. A comuna entregava a cada família um pedaço de terra. Minha família tinha um lote de uns 200 metros quadrados, na direção da Colina do Norte, a cerca de 15 minutos da nossa casa. Era tão pequeno que só podíamos plantar lá alimentos essenciais, como o milho e o inhame. Aos domingos, únicos dias em que meu pai ficava em casa, a família toda — inclusive as crianças — ia com ele trabalhar a terra. Toda a terra da comuna de Li era dividida em pequenas plataformas dispostas em degraus, e o cultivo era feito manualmente, com pá, picareta, enxada, foice e arado. Em certa época, a vila se deu ao luxo de contar com dois bois magros e velhos para puxar o arado. Mas os animais eram lentos e, às vezes,

recusavam-se a andar, apesar dos açoites. Acabaram morrendo, um logo depois do outro.

Os ganhos de minha mãe dependiam do tempo e da sorte — como, aliás, acontecia com todos os camponeses. Quem decidia o que seria plantado era o governo central de Pequim. Na área de minha família, plantava-se principalmente trigo no inverno; no resto do ano, milho, inhame e sorgo. O governo ficava com a primeira e maior parte da colheita, pagando um preço estipulado pelas próprias autoridades, e o restante era dividido entre os camponeses, de acordo com o número de pessoas em cada família e com o número de pontos conquistados durante o ano. Esse alimento repartido em partes proporcionais seria descontado dos ganhos, no fim do ano. Todos os dias, o chefe de cada grupo de trabalho da vila registrava quem havia trabalhado e por quantas horas. No fim do mês, os camponeses se reuniam e decidiam a quantos pontos cada um tinha direito. O máximo que se podia ganhar por dia eram dez pontos, que correspondiam a 1 ivane ou aproximadamente 17 centavos de dólar. Normalmente, as mulheres recebiam metade do que era destinado aos homens.

Certa vez houve um período de seca inclemente, e ninguém recebeu 1 ivane sequer durante o ano. A vila teve de tomar dinheiro emprestado do governo de Qingdao e repassar às famílias para que pudessem comprar alimentos. Levaram mais de dois anos para pagar o empréstimo. Além disso, foram obrigados a comer tudo o que se movesse — e algumas coisas imóveis também. Não haver nada para comer era uma situação frequente.

Minha família era muito pobre, mas havia gente em pior situação que a da família Li em nossa comuna. Quando eu nasci, doença e privação estavam em toda parte. Três anos do Grande Salto à Frente de Mao e três anos de seca tinham resultado em uma das piores crises já vistas. Cerca de 30 milhões de pessoas morreram. E meus

pais, como todos os outros, lutavam desesperadamente pela sobrevivência.

Fui o sexto filho. Nasci em 26 de janeiro de 1961. Meus pais já estavam casados havia quinze anos, e a família Li tinha crescido bastante. Na-na, a mãe de meu pai, vivia na casa ao lado; na casa seguinte, morava o quarto irmão dele — que chamávamos de quarto tio. A família do terceiro tio morava na casa em frente à nossa, mas ele morreu com 30 e poucos anos, de uma doença misteriosa, deixando quatro filhas e um filho. Meu pai — que chamávamos dia — e o quarto irmão tornaram-se os pais de fato daquelas crianças.

Na China, é costume a mulher ficar de cama durante um mês depois de dar à luz. Os bebês nascem em casa, com a ajuda da parteira local. Acreditava-se que deixar a cama e trabalhar antes de decorridos trinta dias do parto prejudicaria a saúde da mãe, provocando males terríveis na velhice. Acontece que eu nasci vinte dias antes do ano-novo chinês, justamente a época do ano em que minha mãe, minha niang, ficava mais atarefada. Por causa do meu nascimento, os preparativos para a festa estavam muito atrasados. Além do mais, ela não possuía sequer uma filha para ajudá-la. Na-na tentou ajudar, mas tinha os pés enfaixados. Então, a niang não pôde se dar ao luxo de passar o resguardo no kang.

Minha vida começou com uma quase tragédia para meus pais. Com apenas quinze dias de nascido, a niang me embrulhou em uma colcha de algodão, deitou-me sobre o kang e foi para a cozinha preparar os pãezinhos de ano-novo. Na China, as mães sempre envolviam os bebês em cobertas, deixando os braços junto do corpo, e os deitavam de costas, de modo que a cabeça crescesse normalmente. Naquele dia, a niang tinha tantos pães para assar, que o kang em que eu estava deitado ficou quentíssimo. Provavelmente a ponto de sufocar, debatendo-me, consegui soltar o braço direito, que encostou no kang e sofreu uma séria queimadura.

Quando a niang ouviu meu choro, pensou que fosse fome. Como os seios estavam vazios, ela não atendeu logo. Ao chegar para verificar, encontrou toda a área de meu cotovelo direito em bolhas, gravemente queimada.

A queimadura logo infeccionou. Dois dias depois, todo o braço direito estava inchado e vermelho. Meus pais não tinham remédios adequados nem condições de me levar ao hospital. A área afetada foi se enchendo de pus, e passei a ter febre altíssima. Eu chorava dia e noite.

Eles finalmente conseguiram dinheiro emprestado com parentes e amigos e me levaram ao hospital.

— Seu filho está com uma infecção séria — o médico informou. — E é pequeno demais para tomar remédios. Vocês deveriam ter vindo antes. A única solução é usar remédios à base de plantas. Mas não garanto os resultados.

— E se não der resultado? — a niang perguntou entrando em desespero.

— Ele pode perder o braço direito. Se perceber que a infecção está se espalhando, traga-o, e não teremos outra opção a não ser amputar-lhe o braço.

Meus pais olharam aquele filho tão pequeno, sem conseguir acreditar que pudesse crescer com um braço apenas. A culpa que a niang sentia era indescritível. O dia ficava repetindo que, em algum lugar, encontrariam a cura. Pegaram a receita do médico e foram a uma venda local comprar as ervas. Seguindo as instruções, a niang colocou os ingredientes na grande panela para cozinhar e aplicou em meu braço o líquido escuro que se formou. De nada adiantou. A infecção só piorava, e a vermelhidão começou a se espalhar. A niang, em pânico, procurou vários curandeiros que viviam nas redondezas e aplicou as receitas familiares secretas de cada um. Em vão. Foi quando minha quarta tia disse a ela: — Certa vez, um velho curandeiro disse a minha mãe que bai fang cura infecções. Por que

não experimenta? Bai fang era um amaciante de carne muito ácido parecido com sal-gema branco. A princípio, a niang não levou a sugestão a sério, mas, esgotadas todas as outras possibilidades, decidiu tentar.

A aplicação de baifang no braço me fez gritar como um porco amarrado. Ela não conseguiu suportar o sofrimento do filho e, duvidando da eficácia do tratamento, desistiu depois de algumas tentativas.

Minha quarta tia, porém, acreditou: — Ni tai sin yuen la! Você tem o coração mole! — disse a niang. Ela me levou para a casa dela, trancou a porta, amassou a planta até virar pó e aplicou quantidades generosas em meu braço — que tinha tecidos expostos quase até o músculo. Era literalmente esfregar sal na ferida. Gritei sem parar o dia todo. De hora em hora, ela lavava meu braço com água quente e reaplicava bai fang.

Anos mais tarde, minha niang confessou: — Eu estava atrás da porta de sua quarta tia, e meu coração sangrava toda vez que ouvia você gritar. O som do seu choro era como mil facas afiadas me cortando o coração cheio de culpa! Várias vezes bati na porta dela, tentando levar você de volta. Ela simplesmente me ignorou. Hoje agradeço aos deuses pela determinação de sua quarta tia.

Minha quarta tia também não tinha certeza de que a aplicação de bai fang funcionasse. Foram muitas as vezes em que quase desistiu. Ela sabia, porém, que aquela era a última esperança de salvação para o meu braço.

Ao fim do dia, eu tinha chorado tanto que perdi a voz. Mas a firmeza de minha tia salvou meu braço. Aos poucos, a infecção foi cedendo. Ficou uma grande cicatriz, que sempre toco em momentos difíceis. Ela se tornou minha ligação com a niang e um modo de lembrar seu amor.

Três anos mais tarde, a niang teve o sétimo filho, meu irmão mais novo, Cungui, a quem chamamos pelo apelido de Jing Tring. Meus

pais sabiam que não haveria comida para tantos filhos — e, pelo que me lembro, não havia mesmo. Carne, frutos do mar, ovos, óleo, molho de soja, açúcar, sal, trigo e farinha de milho eram distribuídos em cotas restritas. Cada família recebia uma pequena quantidade todo mês, mas o mais frequente era a falta desses artigos.

Comíamos muito inhame seco. Como era a cultura mais fácil, a maior parte de nossa terra era usada para plantar inhame. Quase todos os dias, a niang me acordava às 5 horas para ir até a plantação com meus irmãos mais velhos, antes que fossem para a escola. Cada um levava uma pá e uma cesta de bambu feita pelo dia, para procurar inhames que tivessem passado despercebidos aos camponeses durante a colheita. Sentíamos frio e fome, mas a possibilidade de ter inhame no desjejum nos animava. Com frequência, encontrávamos o terreno já revirado por outros na mesma situação de desespero e voltávamos para casa com as cestas vazias.

No verão, todas as famílias espalhavam inhames em fatias sobre a área da frente e o telhado, para secar ao sol. Pareciam flocos de neve. Alguns espalhavam os inhames até pela rua. Se viesse a chuva, porém, era preciso recolher tudo rapidamente, para que o inhame não mofasse. Uma vez secas, as fatias eram guardadas em um grande pote de barro, na cama de meus irmãos mais velhos ou no sótão de nosso dia.

Inhame seco era a base da nossa alimentação pela maior parte do ano. Ocasionalmente, tínhamos pão de milho e farinha, que eram artigos da reserva especial da niang, por isso guardados para oferecer a parentes ou visitas importantes. Comíamos inhames secos, cozidos na água ou no vapor, dia após dia, mês após mês, ano após ano. Era o alimento mais detestado em minha família, mas havia outros na comuna que nem com isso contavam. Tínhamos mais sorte que a maioria. Tivemos mais sorte do que os 30 milhões que morreram de fome. Os inhames secos salvaram nossas vidas.

Lembro-me de um ano em que nossa comuna tentou plantar amendoim em pequenos pedaços de terra, mas a safra foi decepcionante. Depois da colheita, um grupo de meninos mais ou menos da minha idade — 6 ou 7 anos — foi para o terreno plantado, levando pás e cestos de bambu, na esperança de encontrar, como fazíamos com os inhames, alguns amendoins perdidos. Depois de horas e horas de busca, o resultado foi quase nenhum. Mas eis que um dos meninos descobriu, nos limites do terreno, um buraco de rato. Que sorte para um bando de garotos famintos! Ele começou a cavar imediatamente. Ficamos todos em volta dele, como que atraídos por um ímã. Ratos sempre estocam alimentos para o inverno, daí o misto de excitação e inveja com que observávamos a cena. Estávamos todos de pé, porque se acreditava que ajoelhar ao lado de um buraco de rato fazia o túnel desabar e desaparecer. O menino cavava o mais rápido possível, com o traseiro para cima. Várias vezes quase perdeu o túnel, bloqueado pelos ratos. Então, vimos que havia ramificações em direções diferentes, com três pontos de armazenagem: um de amendoins descascados, outro de amendoins meio descascados e um terceiro de amendoins com casca. Os ratos, porém, não foram encontrados. Provavelmente, tinham uma rota secreta de fuga.

O menino de sorte levou para casa quase meio cesto de amendoins. Secretamente, fiquei com pena dos ratos que tinham perdido a comida. Afinal, eles também poderiam morrer de fome no inverno. "Mundo cruel" eu pensei, "em que crianças competiam com ratos por comida." A hora das refeições em família era sempre triste para a niang. Ela muitas vezes não tinha o que cozinhar. Nós olhávamos para a pouca comida que havia na bandeja de madeira e, em respeito aos mais velhos, esperávamos que o dia começasse. Certa vez, quando a niang foi servir o jantar, vimos que não havia comida para todos.

— Não estou com fome — disse o dia casualmente. — Almocei muito bem hoje. Vou dar uma volta.

Todos segurávamos, os palitos, prontos para começar a comer. Mas hesitamos. A segunda da fila era a niang. Ela imediatamente lançou ao nosso dia um olhar sério: — Zhi, zhi, zhi. Não ouse deixar de comer! A sua saúde é a segurança da nossa família. Se você morrer de fome, só teremos água para beber! — Mas é verdade. Não estou com fome — o dia protestou inocentemente.

— Não me aborreça, seu mentiroso! — a niang repreendeu, pegando com seus palitos uma porção de comida e colocando na tigela dele.

Só começávamos a comer depois que ele dava a primeira mordida. Nossos pais sempre comiam bem devagar, para que sobrasse mais comida para nós. Em muitas ocasiões, a niang nos disse para deixar a melhor porção para o dia, já que era ele quem garantia nosso sustento. Mas o dia sempre arranjava desculpas e pedia que deixássemos a melhor porção para a niang, porque, não fosse por ela, só teríamos para jantar "o vento noroeste".

Raramente se comia carne. Uma vez por mês, enfrentávamos longas filas no mercado, para comprar o pedaço mais gordo de porco à venda. A niang separava o toucinho para cozinhar mais tarde. O problema era que todos queriam o porco gordo, por isso, nem sempre conseguíamos.

Uma tarde, a niang ouviu dizer que o açougue de nossa comuna estava vendendo carne de porco, mas por algumas horas apenas. Ela pediu 1 ivane emprestado a minha quarta tia e me mandou até lá o mais rápido possível. Foi uma boa meia hora de corrida. Ao chegar, encontrei três longas filas formadas. Depois de uma hora de espera, entreguei ao encarregado do caixa o dinheiro e nosso cartão de racionamento e recebi um pedaço pequeno de carne de porco gorda. Eu estava tão nervoso! Sabia quanto a niang ficaria feliz.

E ficou mesmo. Cortou imediatamente a carne em pedaços pequenos e começou a cozinhar para retirar a gordura. Fiquei encarregado de operar a ventilação. O cheiro delicioso e o chiado da carne de porco fritando fizeram meu estômago roncar. Ela estava nas nuvens.

— Que belo pedaço de porco! Esta gordura vai durar um bocado — ela disse, entregando-me uma tigela com um pedaço de carne ainda chiando. — Não vá queimar a língua — alertou.

A carne crocante derreteu na minha boca; não poderia haver sabor melhor no mundo.

A niang cortou também acelga e pôs para cozinhar. — Vai ser uma bela surpresa para o dia! Naquela noite, quando a acelga foi servida, podíamos ver sinais do óleo precioso flutuando no molho! Meu segundo irmão encontrou um pedaço de carne de porco em sua porção e o colocou na tigela de nosso dia. Este repassou imediatamente a carne para a niang. Ela devolveu: — Não seja tolo! Fiz a comida especialmente para você. Você precisa ficar forte para trabalhar! Meu irmão mais novo estava sentado ao lado de nosso dia, que se voltou para ele e disse: — Jing Tring, deixe-me ver os seus dentes. Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, colocou o pedaço de carne de porco na boca de meu irmão. O silêncio que se seguiu foi quebrado apenas pelo triste e longo suspiro da niang.

Foi sempre assim. Um raro pedacinho de carne em uma tigela de vegetais era passado de um para outro. Sete pares de olhos famintos olhavam para os pais, pedindo mais. No entanto, nenhuma palavra era pronunciada, porque sabíamos quanto era difícil conseguir comida. Não havia mais, simplesmente. Meus pais não sabiam de onde viria a próxima refeição.

Para sobreviver, a niang ia trabalhar no campo sempre que lhe sobrava algum tempo depois de cozinhar e cuidar dos filhos. Ela preparava três refeições por dia, todos os dias. Ir a um restaurante era um sonho impossível. De todo modo, só havia um restaurante

por perto, que servia principalmente aos funcionários do governo. A niang muitas vezes teve de engolir o orgulho e pedir comida a parentes ou vizinhos. Ela era uma cozinheira excelente e conseguia fazer um prato delicioso com qualquer ingrediente, menos com inhames secos. Eu gostaria de não ver um pedaço sequer de inhame seco enquanto vivesse. Eles eram esbranquiçados enquanto crus e, depois de cozidos, ficavam acinzentados. Não tinham gosto e custavam a passar pela garganta. Para ajudá-los a descer, tínhamos sempre sobre a mesa uma tigela de água morna ou — se fosse um dia de sorte — de congee de arroz, trigo ou milho. Congee é uma espécie de canja, como um mingau ralo, com alguns grãos dentro.

Eu gostava de operar a ventilação para ver a niang cozinhar. Para mim, era um momento especial. Assim, podia conversar com ela sozinho, ter um pouco de atenção só para mim. Seu operador de ventilação preferido era eu, o mais rápido para fazer fogo. E era também o mais paciente. Minha alegria e minha tristeza acompanhavam a alegria e a tristeza de niang. Ela ficava contente quando tinha óleo, frutos do mar ou, especialmente, carne de porco. Eu lhe fazia muitas perguntas sobre a arte de cozinhar e, com isso, aprendi a acrescentar os temperos certos e a ser um bom cozinheiro.

Claro que a comida não era nosso único problema. Até a água que usávamos tinha de ser fervida. Éramos proibidos de beber água sem ferver. Dizia-se que, se bebêssemos sem ferver a água retirada dos poços próximos, poderíamos ficar com vermes. Eu e meus irmãos tivemos vermes muitas vezes durante a infância. Quando a nossa barriga aumentava e reclamávamos de dores, nossos pais nos davam para mastigar um remédio doce, que chamávamos de "matadores de vermes vomitáveis". Pareciam balas em forma de pequenas pirâmides. A princípio, o gosto era suportável, mas, depois de uns cinco, vinham as ânsias de vômito. E era preciso comer dez! Pobres dos meus irmãos mais velhos: sofriam ainda mais, pois, quanto maiores, mais "matadores de vermes" tinham de

mastigar. Sempre tomávamos o remédio à noite, quando o estômago estava vazio e os vermes não tinham outra coisa para comer. Nos dias seguintes, tínhamos de seguir uma dieta rigorosa de comida morna, água morna, nada de doces, sal, gordura ou frutos do mar. Sobravam apenas os inhames secos, refeição após refeição. Às vezes, passavam-se os dias e os vermes não saíam, o que obrigava a repetir todo o processo. Os vermes, com uns 30 centímetros de comprimento, saíam quase sempre vivos e em grande quantidade. Os irmãos mais velhos se enfureciam com os mais novos — os prováveis causadores daquele drama, por não lavarem as mãos regularmente. Não havia outra opção, a não ser enfrentar aquela provação anual.

Apesar da pobreza, nossos pais sempre nos ensinaram a ter dignidade e orgulho, a agir com honestidade, a nunca roubar nem prejudicar os outros. O nome da família era o bem mais precioso e devia ser protegido com todo o empenho.

Pude verificar isso certa vez, quando fui brincar na casa de um colega chamado Sien Yu. Tínhamos a mesma idade, cerca de 5 anos. O tio do menino, que vivia na cidade, fizera uma visita na véspera e levara para ele um carrinho de brinquedo. Para mim, era uma novidade — a coisa mais bonita que já tinha visto! Sien Yu me deixou brincar um pouco. Eu gostei demais. Quando ele entrou para beber água, peguei o carrinho e corri para casa.

— Onde você arranjou isso? — a niang perguntou desconfiada.
— Eu... eu achei na rua. Ela sabia que não era verdade. Ninguém na vizinhança podia se dar ao luxo de gastar dinheiro com brinquedos.

— Com quem você estava brincando?

— Com Sien Yu — respondi. Ela me pegou pela mão com firmeza, levou-me até a casa de Sien Yu e perguntou à mãe dele: — Niang de Sien Yu, este brinquedo é do seu filho? A mãe de Sien Yu fez que sim com a cabeça. — Sinto muito, mas acho que meu filho roubou o carrinho do seu filho — disse minha niang.

— Não se aborreça — falou a mãe de Sien Yu. — O seu menino é muito pequeno para entender.

— Estou envergonhada — disse minha niang, pedindo muitas desculpas. — Sinto tanta vergonha pelo que meu filho fez! Ela tentou fazer com que me desculpasse, mas eu estava tão envergonhado que me recusei, desejando nunca ter visto o tal carrinho. Queria um buraco para me esconder. Queria ter uma capa para me cobrir o rosto. Senti o sangue subindo pelo pescoço. Tentei escapar das mãos de minha niang. Queria ir embora dali e nunca mais passar perto da casa de Sien Yu. Detestei a niang por me fazer passar por aquilo. Ela falou alto. Queria que o mundo inteiro soubesse que eu tinha roubado o carrinho do meu colega. Eu gritei e esperneei enquanto ela me levava para casa: "Quero um carro! Quero um carro!" Assim que chegamos em casa, com desespero nos olhos, ela me sentou no colo, deu-me um abraço forte e chorou sentida. Era como se tivesse sofrido tanta humilhação quanto eu.

— Sinto tanto ter feito isso a você! — ela sussurrou com carinho. — Lamento sermos pobres demais para comprar brinquedos. Sou uma tola por ter posto tantos filhos em um mundo tão cruel! Vocês não merecem sofrer assim! Senti as lágrimas dela escorrendo pelos meus cabelos. — Somos muito pobres! Os deuses no céu não respondem às nossas preces e até o diabo nos abandonou. Não há esperança para nós — ela suspirou.

— Pare com isso! Não diga isso! — pedi. Eu detestava vê-la tão triste.

Ela continuou, como se não me houvesse escutado: — Como eu gostaria de ter dinheiro para lhe comprar um carrinho de brinquedo! Mas não temos dinheiro nem para a comida! — Um dia eu vou ter bastante comida! — jurei para mim mesmo. Ela me abraçou, ainda soluçando. Não sei quanto tempo durou aquele abraço, mas desejei que não acabasse nunca.

Naquela noite, ao jantar, depois que a niang contou a todos o que eu tinha feito, meu dia falou: -Apesar de não termos dinheiro e comida, de não podermos comprar roupas e de vivermos em uma casa pobre, temos ORGULHO. Orgulho é o que temos de mais precioso na vida. Desde os tempos difíceis vividos por nossos antepassados, a família Li sempre teve orgulho e dignidade. Sempre tivemos uma boa reputação. Quero que vocês todos se lembrem disto: nunca percam o orgulho e a dignidade, por mais difícil que seja a vida.

2

跳舞

MINHA MÃE — A NIANG E MEU PAI — O DIA

As lembranças que tenho de minha niang e de meu dia sempre estão ligadas ao trabalho árduo. O dia quase toda manhã se levantava antes das 5h30. Isso quer dizer que a niang tinha de se levantar ainda mais cedo, para preparar a primeira refeição dele. Com todo o trabalho de cozinhar, lavar e costurar, sobravam-lhe pouco tempo e energia para reparar em cada um de nós. Bem que tentávamos roubar-lhe amor e atenção, mas a niang estava constantemente exausta. Ela preparava todas as refeições, costurava nossas roupas de inverno e de verão e ainda fazia colchas e cobertores para todos. A roupa era lavada em um córrego que ficava a uns 20 minutos de caminhada rumo ao sul ou em um açude a cerca de meia hora, em direção à Colina do Norte. O córrego quase secava no verão e, no inverno, a água que guardávamos em um cântaro de barro ficava coberta de gelo. No entanto, era a única que tínhamos para lavar louças e roupas.

Era preciso muito cuidado para não ficarmos sem carvão para a cozinha e o aquecimento durante o inverno. No entanto, como estava em falta em toda a China, o carvão nunca era suficiente para aquecer a água de lavar a grande quantidade de roupa da casa. Devido ao

racionamento, cada família recebia uma pequena porção, que então usávamos para acender carvões usados, mais parecidos com pedaços de esponja cinzenta. Esses eram restos já queimados pelas fábricas ou usinas geradoras, encontrados na estrada ou jogados no lixo e que levávamos para casa. O carvão usado era muito difícil de acender. Era preciso juntar carvão novo, para manter o fogo. Com o dispositivo de ventilação — fole — que havia na cozinha, a niang acendia primeiro algumas folhas secas, que recolhia durante o verão e deixava guardadas. O fogo podia demorar até quinze minutos para ((pegar". Em dias de vento, a fumaça se espalhava pela casa, e todos acordávamos tossindo.

Sempre procurávamos guardar a pequena porção de carvão que nos cabia para o aquecimento durante o inverno. A temperatura em Qingdao podia chegar a 5 graus negativos; muitas vezes, fazia mais frio dentro de casa do que fora. Para que o carvão durasse mais, misturávamos um pouco de terra. Aquecer a água de lavar roupa seria um luxo impensável. Ainda assim, nossas roupas remendadas estavam sempre limpas. A niang tinha muito orgulho de mostrar como seus sete filhos eram bem cuidados.

A vida dos meus pais era difícil em todos os aspectos. Tínhamos até mesmo de dormir na mesma cama. Jing Tring e eu dormimos com eles até eu completar 11 anos. Para cabermos nós quatro, era preciso alternar: um com a cabeça na cabeceira, outro com a cabeça no lado oposto da cama. Eu detestava sentir o cheiro dos pés do meu irmão bem junto do rosto, e ele deve ter me detestado mais ainda, já que eu era maior. Às vezes, ele puxava a coberta toda, e eu tinha de puxá-la de volta. Mas eu gostava de dormir com meus pais. Eu me sentia seguro. Muitas vezes, tentei adivinhar por que, de manhã, a niang sempre encontrava seus grampos de cabelo no lugar onde o dia dormia. O que fariam eles enquanto nós dormíamos? Cheguei a tentar me manter acordado, para ver se descobria o segredo, mas nunca consegui.

Eu raramente via a niang sorrir, mas, quando isso acontecia, meu coração se abria como uma flor de lótus. Daria tudo por um sorriso dela. Às vezes, do meu jeito ingênuo, tentava alegrá-la contando histórias. Certa vez, quando eu era ainda bem pequeno, meu segundo irmão fez um trabalho para alguém na vila, recebendo como pagamento uma cabritinha. Pusemos todas as nossas esperanças naquele animal, acreditand que pudesse crescer e produzir leite, o que nos daria algum dinheiro. E gostava muito da cabrita. Todos os dias eu a levava para pastar ou recolhi grama para alimentá-la.

Um dia, passando sob a janela do nosso quarto principal, escute uma das amigas da niang dizendo a ela: — Ouvi dizer que existe um tipo raro e especial de cabra que, ao espirrar, expele um verme capaz de cura, algumas doenças raras. O governo de Pequim paga um bom dinheiro poi um desses vermes! Poucos dias depois, eu ia levar a cabrita para pastar antes do pôr-do-sol, e a niang disse: — Olhe só que bicho magro! Você acha que alguém em seu juízo perfeito entregaria uma cabra que desse leite?

— Eu sabia que ela estava irritada pelo desespero de não termos o que comer naquele dia. Tentei pensar em algo que a deixasse mais animada e, de repente, me lembrei da história da cabra. Com a expressão mais inocente, disse: — Niang, outro dia eu vi nossa cabrita espirrar um verme.

Ela pareceu alarmada e me perguntou logo:

— Como era o verme?

— Parecia uma lagarta branca, do tamanho do meu dedo — respondi, mostrando o dedo indicador.

— O que aconteceu ao verme? — ela perguntou ansiosa.

— A cabrita comeu — respondi casualmente. — Da próxima vez em que a cabrita espirrar e sair um verme, tire-a de perto e tente pegá-lo. Esse tipo de verme vale um dinheirão!

Ela ficou mais feliz, parecendo sonhar. — Quem sabe esta seja a cabra da salvação —, murmurou para si mesma. Pelo menos por instantes, a niang esqueceu seu desespero.

Daí a poucos dias, porém, contei a mesma história, e ela percebeu que eu estivera inventando o tempo todo.

— Saia daqui! Não pense que me engana outra vez!

"Que vergonha!", pensei. Ia ter de arranjar um meio mais inteligente de alegrar minha niang.

E a cabrita? Acabou morrendo, de fome, no inverno seguinte.

Meus pais simplesmente não tinham dinheiro para comprar roupas prontas. Apesar de não haver máquina de costura em nossa casa, a niang era reconhecida como uma das melhores costureiras da vila. A costura era um dos mais importantes passatempos das senhoras, e as mulheres de mais idade a ensinavam às mais jovens. Era comum reunirem-se todas em nossa casa pobre e apertada, para tomar chá, conversar e trocar confidências. As mulheres da vila adoravam contar à niang seus problemas e alegrias, além de admirar sua habilidade na costura. Seus pontos pareciam feitos à máquina, de tão pequenos e perfeitos. Certa vez, uma amiga pediu-lhe que soltasse um zíper e tornasse a prender, dessa vez à mão, porque preferia a costura delicada da niang.

A personalidade generosa da niang era admirada e respeitada em todas as redondezas. Assim como o dia, ela fazia de tudo para ajudar os outros. Além de "mãe afortunada de sete filhos", era conhecida também como "o tesouro vivo". De vez em quando, algum homem parava em nosso portão para conversar com ela. A maioria das mulheres se sentiria intimidada ou embaraçada por conversar com um homem que não fosse o marido, mas não a niang. Por isso, Na-na costumava chamá-la de "moça travessa".

A niang era também uma pessoa compreensiva, receptiva a novas ideias. A Revolução Cultural afirmava que uma das grandes realizações dos guardas vermelhos havia sido a criação das escolas

noturnas, destinadas especialmente a transmitir aos camponeses as ideias comunistas de Mao. Todos nós recebíamos cópias do Livro Vermelho. Eu tinha 6 anos e ainda me lembro de ver dois jovens e entusiasmados guardas vermelhos indo à nossa casa para ensinar a niang a ler. Ela nunca chegou a reconhecer palavras isoladas, mas era capaz de memorizar parágrafos inteiros dos ensinamentos de Mao. A niang aproveitava para praticar enquanto lavava a roupa, limpava a casa, costurava ou cozinhava. Muitas vezes, vi seus lábios se moverem enquanto recitava em silêncio passagens do livro. Era considerada uma aluna-modelo.

Certo dia, a niang tentava acender o fogo para preparar a comida, quando chegaram duas jovens da brigada dos guardas vermelhos, com a intenção de verificar quais progressos havia feito na leitura. Era uma daquelas manhãs terríveis, em que o carvão já usado se recusava a acender, e todo o cômodo ficava tomado pela fumaça. A niang era uma mulher sensível e justa; delicadamente, explicou às moças que não tinha tempo para atendê-las naquele momento e que voltassem outro dia. Assim, as duas se foram. Ela juntou novamente o carvão e me pediu que operasse a ventilação, para mais uma vez tentar acender. No entanto, quando ia começar a cozinhar, as duas voltaram, insistindo que era preciso verificar se a niang compreendera os ensinamentos do Livro Vermelho de Mao. Segundo disseram, tinham de entregar um relatório ao líder do grupo ainda naquela noite.

Vi que a niang foi ficando zangada. Em determinado momento, ela pediu que eu me afastasse e convidou uma das moças a tomar o meu lugar na operação do fole. À segunda, pediu que assumisse a tarefa de preparar a comida. As duas se entreolharam confusas. A niang tinha perdido a paciência: — Eu poderia passar os dias inteiros, por todo o tempo que me resta de vida, decorando os ensinamentos do presidente Mao, mas quem vai arrumar, limpar e cozinhar? Quem vai dar banho nos meus filhos, costurar as roupas

deles, preparar para a família três refeições por dia, todo santo dia? Quem vai fazer mágica para conseguir cozinhar? Você pensa que as palavras do presidente Mao enchem barriga? Se vocês vierem aqui todos os dias para me ajudar com todas essas tarefas, eu aprendo o que quer que queiram me ensinar — e muito mais! As duas foram embora sem graça. Naquela noite, a niang contou ao dia o que tinha dito às moças. Ele sorriu apenas. Aquele foi o fim da aventura educacional da niang. As duas moças nunca mais voltaram a nossa casa.

Completei 8 anos quando o trabalho árduo e a pobreza começavam a vencer a resistência da niang, por mais forte que ela fosse. Certa manhã, levantou-se dizendo que sentia tonteiras e dor de cabeça e não quis comer. Eu e Jing Tring, meu irmão mais novo, ficamos em casa, fazendo-lhe companhia. Havia muita roupa para lavar, mas a água armazenada estava congelada. Então, ela colocou toda a roupa suja em uma bacia de barro e, carregando sob o outro braço a pesada tábua de lavar, se encaminhou para o açude, que ficava na direção da alta Colina do Norte.

Eu sabia que ela não estava bem e pedi que não fosse.

— Vou buscar água, para que as roupas possam ser lavadas em casa — ofereci.

— Com tanto gelo, vai estar escorregadio em volta do poço! Você quer cair lá dentro e morrer? Tenho de cuidar destas roupas, senão os seus irmãos irão para a escola amanhã imundos. Se eu não estiver de volta quando seu pai chegar em casa, peça a ele que vá até lá para me ajudar a trazer as roupas — ela disse com certa impaciência, encaminhando-se para a porta.

Dois colegas foram a nossa casa, e passamos a manhã brincando. Por volta do meio-dia, um vizinho veio correndo, gritando: — Depressa! Sua niang desmaiou no caminho de volta do açude! O dia ainda não havia chegado para o almoço. Às vezes, ele precisava ficar até mais tarde, para completar sua cota da manhã de carregamento

de materiais, por isso nem vinha almoçar. Naquele dia, porém, tinha dito que faria de tudo para ir a casa, porque sabia que a niang não estava bem.

Pedi aos meus colegas que tomassem conta de Jing Tring e corri até a casa do quarto tio, para ver se o encontrava. A porta estava trancada. Corri à casa de outra vizinha, mas logo percebi que ela não poderia ajudar: tinha os pés enfaixados. Como andaria naquela estrada acidentada? Levaria o dia todo para chegar! Fui a duas outras casas, mas não encontrei quem ajudasse. Então, saí em corrida desabalada em direção ao açude. As lágrimas me desciam pelo rosto. Tinha medo de não conseguir ajudar.

Encontrei a niang deitada na beira da estrada, tendo ao lado a bacia de barro quebrada em mil pedaços e as roupas lavadas espalhadas pela terra. Parecia tão pálida... Eu me atirei sobre ela e a sacudi violentamente.

— Niang, niang, acorde! — gritei em pânico, com medo de que estivesse morta.

Quando meu rosto tocou o dela, senti o quanto estava quente. Ela continuava imóvel em meus braços.

Minutos mais tarde, abriu os olhos lentamente e me perguntou com voz fraca: — Onde está o seu dia?

— Não chegou ainda — respondi ainda assustado, mas com alívio por vê-la viva.

Ela suspirou. — Onde estão os seus irmãos mais velhos?

— Ainda não chegaram da escola. Ela suspirou novamente. A situação parecia insolúvel. — Me ajude — pediu. Meus primeiros medos se confirmaram. Eu era pequeno demais para ajudar. Tomei-a pela mão, tentando fazê-la andar, mas, depois de alguns passos vacilantes, ela caiu ao chão novamente. Eu me sentia inútil. Queria ser grande e forte o bastante para carregá-la. Em desespero, desatei a chorar.

— Vou descansar um pouquinho aqui — ela disse. — Vá até a nossa casa e veja se o dia ou algum dos seus irmãos já chegou.

Corri para casa. Não havia ninguém. Corri em todas as direções em busca de ajuda. Até que vi surgir um homem de meia-idade pedalando uma bicicleta.

— Da... Ye! Está com pressa? — perguntei aos arrancos, as palavras como que disparadas por uma metralhadora.

— Não muita. Por quê? — ele perguntou surpreso.

— Minha niang desmaiou lá para os lados da Colina do Norte e não pode voltar para casa. Ajude, por favor! Ela está morrendo! Por favor! Eu lhe peço!

Eu falava tão depressa e gaguejava tanto que o homem não entendeu e me pediu para repetir. Eu gaguejei mais ainda. Queria mostrar a ele meu coração aos pulos dentro do peito. Em desespero, comecei a bater os pés no chão. Aquilo ajudou o ritmo da minha fala, e ele finalmente entendeu.

— Onde ela está? — perguntou. Apontei na direção da colina. — Não se preocupe, deixe comigo.

O homem subiu na bicicleta e pedalou o mais rápido possível. Fui correndo atrás. Ele chegou muito antes de mim, por isso, quando o encontrei, ele já vinha de volta com minha niang, ela imóvel, apoiada na garupa. Fui até o lugar onde ela havia caído, para recolher as roupas. Como iria carregar aquilo tudo? Enrolei as mais compridas em torno do pescoço e dos braços e levei as pequenas junto do peito, sobre a tábua de lavar. As roupas enlameadas se tornaram extremamente pesadas e me fizeram parecer ter o dobro do tamanho, mas, como a volta para casa era descida, consegui levar tudo.

Quando cheguei, encontrei minha quarta tia e outras mulheres aplicando toalhas molhadas com água fria sobre a testa da niang. Uma delas me disse para pegar água fervida, de modo que pudesse preparar um chá de gengibre para baixar a febre. Peguei duas

garrafas térmicas e um cupom e me dirigi ao depósito de água quente. A vila tinha apenas uma caldeira para servir a todos os moradores. Cada garrafa cheia custou 1 fene — um centésimo do ivane — e o velho funcionário marcou dois retângulos vermelhos em nosso cupom.

Aquela foi a primeira vez em que vi a niang doente. Durante uma semana, não se levantou da cama. O "doutor descalço" de nossa vila receitou doze tipos diferentes de medicamento; ela enchia a mão de remédios três vezes por dia e engolia com água quente. Sempre nos aconselhavam a tomar remédios com água quente. Os "médicos descalços" foram mais uma das invenções de Mao, um produto da Revolução Cultural. Eles deviam viver entre e como os camponeses. Como seus preciosos sapatos não teriam nenhuma utilidade nos caminhos enlameados, ficaram conhecidos como "doutores descalços". No início da década de 70, diante de uma grave carência de médicos e enfermeiros na área rural, Mao ordenou aos hospitais e clínicas que treinassem o maior número possível desses profissionais e os enviassem para o campo. 41e acusava os profissionais de saúde de evitar as comunas e se recusar a conviver com os camponeses. Muita gente passou por um treinamento curto, leu o Manual do Médico Descalço e foi qualificada.

Apesar dos remédios do "doutor descalço", porém, a febre da niang não cedia, e ela continuava a ter desmaios. Seus lábios ficaram cobertos de bolhas, ela perdeu peso e ficou com os olhos fundos. Muitas vezes, coloquei minhas mãos sobre a janela congelada e depois sobre a testa da niang, para ver se a febre baixava.

Naquela semana, o dia teve de cozinhar, lavar, arrumar a casa e aprontar meus irmãos para a escola. Ele não tinha um só minuto para si: levantava-se cedo, preparava o desjejum para nós, ia ao trabalho e voltava correndo para ver a niang e nos preparar o almoço; o jantar sempre ficava pronto mais tarde do que o normal, porque ele tinha de completar a cota diária de trabalho antes de

voltar para casa. A comida feita por meu dia era muito simples e, em geral, sem gosto, mas ninguém reclamava. Sabíamos que a doença da niang era muito séria e o quanto estava sendo difícil para o dia. Eu tinha tanto medo de que ela morresse!... — Se eu não ficar boa, cuide do seu dia —, ela disse. — Talvez, eu morra cedo, como a minha mãe.

Todos na família, inclusive o pequeno Jing Tring, de 5 anos, sabiam que deviam cuidar de si mesmos. A niang temia que meu pai adoecesse por excesso de trabalho: se ele ficasse doente, não teríamos como sobreviver. Ele garantia o nosso pão, era a base e a espinha dorsal de nossa família. O dia, porém, nunca demonstrou qualquer sinal de aborrecimento ou fadiga. Naquela semana, ele, já de poucas palavras, falou ainda menos. Só trabalhou, trabalhou, trabalhou.

Como não tínhamos dinheiro para levar a niang ao hospital e o tratamento do "doutor descalço" não dava resultado, o dia picou grande quantidade de gengibre e alho, ferveu com um pouco de açúcar emprestado pela quarta tia e deu a ela para beber. A niang tomava o chá quente e se cobria dos pés à cabeça com várias camadas de cobertores, para suar. Mais tarde, meu irmão Cunfar e eu fomos mandados a um moinho que ficava a cerca de cinco minutos de casa, no setor leste da vila, para moer um pouco de trigo que serviria ao preparo de uma sopa de macarrão, como parte do tratamento. O moinho não passava de uma plataforma redonda feita de várias pedras de granito unidas. Sobre a plataforma, havia uma grande e pesada bola de pedra com um buraco no meio, por onde passava uma grossa vara de bambu. Eram necessárias duas pessoas — uma em cada extremidade da vara — para fazer girar a plataforma e, assim, moer o trigo. Eu e meu irmão fizemos isso. Voltamos para casa com uma tigela cheia. Para separar a farinha das cascas, o dia usou uma peneira de arame feita por ele mesmo. Depois, misturou a farinha com água e formou uma espécie de

panqueca fina que, pacientemente, enrolou em várias camadas e cortou com uma faca grande, fazendo o macarrão. Chegou até a usar algumas gotas do precioso óleo da niang — e ovos! Ela, no entanto, notou imediatamente que a sopa tinha uma cor estranha e, à primeira colherada, perguntou: — Acabaram o sal e o molho de soja? De início, o dia não entendeu, mas de repente percebeu que tinha esquecido os ingredientes mais importantes. Os dois explodiram em uma risada. Mesmo na doença, a niang conservava o aguçado senso de humor e uma risada luminosa e contagiante.

Foi maravilhoso ouvir meus pais voltarem a rir. A niang chamou a mim e a Jing Tring: — Ajudem-me a comer este macarrão. O seu dia fez demais. Todos sabíamos que ela não comera praticamente nada durante a semana. Sabíamos que ela comeria aquilo e muito mais.

— Saiam daqui — disse o dia. — A sua niang não vai comer o macarrão em paz enquanto vocês estiverem aqui.

A niang protestou, mas o dia nos levou delicadamente para fora do cômodo e a forçou a comer tudo.

Nas semanas seguintes, a niang foi se recuperando, sem nunca descobrir qual tinha sido a sua doença. As causas mais prováveis eram o cansaço e a má alimentação. Sua saúde nunca mais foi a mesma e, de vez em quando, voltava a sentir tonteiras. O dia queria que ela deixasse de trabalhar na plantação, mas a niang protestou com a firmeza que lhe era peculiar: — Não posso me dar ao luxo de ficar em casa! O que você ganha não dá para sobrevivermos.

— Se só tivermos água para beber, ainda será melhor do que ver você se matar de trabalhar. A família também não sobrevive sem você.

A realidade era que a família não podia mesmo sobreviver somente com o que o dia ganhava, e ele acabou concordando com a ideia de a niang trabalhar na plantação, mas só a metade do tempo.

Todos os dias, menos aos domingos, o dia montava em sua velha bicicleta para trabalhar na cidade de Laoshan. Passava uma boa meia hora pedalando. Ele tinha pago 10 ivanes por sua querida bicicleta de segunda mão, no mercado de objetos usados. Foi preciso fazer alguns reparos, mas ele, habilidoso, conseguia consertar qualquer coisa. Ele a considerava tão preciosa que não podíamos nem tocar nela. Em seu trabalho, o dia tinha de carregar todo tipo de material pesado — enormes sacos de grãos, grandes pedras. Entre os cinco carregadores, ele era o mais alto e o mais forte e, por isso, chamado para as cargas mais trabalhosas. Era também o braço direito do motorista: se fosse preciso manobrar o caminhão, era ele quem orientava. Eu me orgulhava muito dele. Um caminhão impressionava, já que se fazia a maior parte do transporte por cavalo ou em carroça. Seu trabalho era também considerado o mais bem pago da região, o que despertava inveja em muita gente. Ele recebia 35 ivanes por mês, o que correspondia a quase 4,20 dólares! Eu gostaria de, um dia, ser motorista de caminhão, mas, no fundo do coração, sabia que meu destino, como o de centenas de milhões de outros, estava no campo, como trabalhador.

Naquele tempo, o dia costumava chegar em casa depois das 19 horas. Às vezes, chegava tão cansado, que a niang tinha de massageá-lo, para que estivesse bem no dia seguinte. Pelo que me lembro, ele nunca faltou ao trabalho, ainda que não se sentisse bem.

A não ser pelas poucas ocasiões em que o dia teve um professor, meus pais não foram à escola quando crianças e não sabiam ler. Ainda assim, à noite nos reuníamos para escutar as histórias e fábulas simples que o dia nos contava. Nós sempre pedíamos mais.

Eu e meus irmãos também tínhamos nossa versão da brincadeira de caça-palavras. Um deles escolhia uma palavra em um dos jornais colados nas paredes e no teto, e quem a encontrasse primeiro seria o próximo a escolher. Às vezes, levávamos dias para descobrir. Certa vez, quando eu já tinha aprendido a ler um pouco, escolhi uma

palavra que bateu o recorde de tempo para ser encontrada. Só tínhamos pena de nossos pais, que, por não saberem ler, não podiam brincar.

Uma ocasião, um amigo do dia que trabalhava em uma gráfica de Qingdao nos deu algumas embalagens de cigarros Deer. Eram feitas de um papel verde, que usamos para forrar o teto. O dia não tinha dinheiro para gastar em cigarros; no máximo, conseguia fumar com um cachimbo de madeira, que enchia de fumo barato. Ainda assim, brincava com os amigos, dizendo que, para sentir o prazer dos cigarros Deer, bastava olhar para o teto.

O dia costumava ser paciente e emocionalmente controlado, às vezes um tanto teimoso, mas sempre bem-humorado. A única vez em que o vi perder a paciência conosco foi quando a professora do meu quarto irmão, Cunsang, reclamou de suas notas baixas. Cunsang sabia que o relatório da professora não lhe seria favorável. Então, reuniu o quinto irmão, Cunfar, o caçula, Jing Tring, e eu, dizendo: — Vamos fazer bagunça! Eu não gosto dela, e ela não gosta de mim! Como já não estávamos satisfeitos com a visita da professora, que viria atrapalhar nossas brincadeiras noturnas, ele não precisou insistir. Ao chegar, a professora sentou-se em uma ponta do kang, a niang na outra, e o dia serviu chá às duas. Assim que a professora começou a falar aos meus pais sobre o fraco desempenho escolar do meu irmão, ele nos fez um sinal e começamos os quatro a correr de um lado para outro do kang, gritando a plenos pulmões.

O dia nos lançou um olhar sério: — Quietos! — Desculpe o mau comportamento dos meus filhos — a niang pediu. — Eles estão cansados nesta noite.

Depois de alguns minutos de silêncio, Cunsang nos disse baixinho: — Outro dia, ela soltou um peido e fingiu que não tinha sido ela. Foi como uma bomba fedorenta! Começamos a rir sem parar. — Peidona, peidona, peidona fedorenta! — dissemos às

gargalhadas. A professora fingiu não ouvir, mas nossos pais ficaram muito sem graça. Como sempre, o dia deixou a parte do discurso para a niang.

— Se continuarem com essa bagunça, vão se haver comigo! — ameaçou. E, virando-se para a professora, continuou: — Sinto muito. Não vejo a hora de mandar esses garotos para a escola para aprender boas maneiras com a senhora, mas por enquanto são muito pequenos.

— Não são somente os seus — a professora respondeu. — Todos os meninos são assim. Não sei como dá conta de cuidar de tantos.

Alguns minutos mais tarde, esbarrei na xícara da professora e derramei chá em suas roupas. Parecíamos três animais selvagens. Chegamos a quebrar um dos tijolos que sustentavam o kang, de tanto pular como macacos. Meus pais continuavam nos advertindo e se desculpando. A professora, enfim, cansou-se de tanto desrespeito e se despediu: — Tenho de ir agora. Ainda vou visitar outras famílias nesta noite. — Ela lançou um olhar reprovador em nossa direção.

Completamente fora de controle, sentimo-nos vitoriosos. Meus pais continuaram a se desculpar, enquanto acompanhavam a professora até a porta, convidando-a a voltar outras vezes.

Assim que a professora se foi, a niang se voltou para o dia e exigiu: -Tranque a porta! Dê um jeito nesses selvagens! Não posso acreditar no que eles fizeram! Como Jing Tring começou a chorar, ela o tirou de cima do kang. — Este ainda é muito pequeno para entender. Não é culpa dele. Cuide só dos maiores. Vamos ver se eles fazem de novo! O dia entrou no cômodo pisando o chão com força, trazendo na mão um cabo de vassoura e fechou a porta. Eu nunca o tinha visto tão zangado. Para os padrões chineses, ele era um homem alto — uma visão apavorante para crianças. Tinha uma expressão ameaçadora, além do cabo de vassoura que agitava em nossa direção, e gritou: — Vamos ver se vocês têm coragem de fazer de

novo! Ele nos bateu com o cabo de vassoura com tanta força, que tive vontade de abrir um buraco no chão e me esconder.

Junto da porta, do lado de fora, a niang instigava: — Bata mais! Bata mais! Nós gritávamos sem parar: — Não vamos fazer mais! Não vamos fazer mais! Nós prometemos! Gritamos tão alto que alguns vizinhos ouviram e foram bater à porta, pedindo demência por nós. Quando a niang explicou o que tinha acontecido, deixaram o caso por conta dos nossos pais.

A cabeça da niang aparecia e desaparecia pela porta entreaberta. — Bata mais! Ensine a eles! Vamos ver se fazem de novo! Achei estranho a cabeça da niang aparecer e desaparecer daquele jeito. Mais tarde, soubemos que estávamos tão engraçados que ela aproveitava os momentos em que ficava fora da nossa vista para rir. Mas não deixou de fingir que estava zangada, para que víssemos que concordava com o dia. O caso nos fez aprender: nunca mais nos comportamos daquele jeito.

Só me lembro de ter visto meus pais brigando uma vez, e foi o suficiente para a família virar de cabeça para baixo. O dia foi convidado para o casamento de um parente e, depois de um ou dois copos de vinho de arroz de alto teor alcoólico, abriu-se e virou um verdadeiro tagarela. Como ele demorasse a voltar para casa, a niang ficou preocupada: temia que ele bebesse demais e perdesse a dignidade. Várias vezes, ela mandou um de nós ir buscá-lo, mas a resposta dele era sempre a mesma: — Já vou.

Finalmente, ela mandou que os três filhos mais novos o trouxessem. Via-se que ele tinha bebido bastante e chegou em casa zangado, dizendo ter passado vergonha diante de parentes, amigos e vizinhos. De início, eles discutiram em voz baixa, mas nenhum dos dois recuava e foram se alterando, até chegar a uma verdadeira gritaria.

Fiquei tão assustado com a raiva que percebia em suas vozes que corri para a casa de Na-na, vizinha à nossa. Ela me acompanhou,

andando com dificuldade por causa dos pés enfaixados, e gritou para o dia, chamando-o pelo apelido: — Jin Zhi Jin Zhi, o que pensa que está fazendo? Pare com isso! Vai envergonhar o nome dos Li! Na-na gostava muito da nora e do filho mais novo. Pelo grande respeito que tinham por ela, meus pais interromperam a discussão. Mas ainda trocaram farpas durante a semana toda.

Naqueles dias, embora a casa fosse pequena e tivessem de dormir na mesma cama, os dois se recusaram até mesmo a olhar um para o outro. Dava para ver como estavam tristes, mas ninguém sabia o que fazer. O dia levantava ainda mais cedo e saía de casa em jejum. A atmosfera estava tensa, e todos nos comportamos muito bem, para não piorar a situação — os mais velhos tomando conta dos mais novos. A bondosa Na-na ficou preocupada conosco e tentou ajudar, agindo como mediadora, mas em vão. — Não posso acreditar que tenho um filho e uma nora tão teimosos! É inútil, é inútil! Durante o dia, a niang chorava por qualquer coisinha, e seus olhos chegavam a ficar inchados. Com a vida já bastante difícil, a situação só aumentava sua tristeza.

Eu sempre perguntava o que poderia fazer para ajudar, mas ela só me olhava e balançava a cabeça: — Se ao menos você pudesse ajudar...

Certa vez, a niang caiu ao chão, soluçando. Corri para ela e a abracei o mais forte que pude, tentando limpar suas lágrimas com meus dedinhos sujos. Ela afastou minha mão delicadamente, sentou-me em seu colo e me abraçou. Senti seu calor invadir o meu corpo. Por alguns momentos, não houve palavras; apenas soluços. Desejei que nosso abraço lhe transmitisse conforto, pelo menos por aquele dia.

— Meu destino é não ter sorte. Nasci pobre e vou morrer mais pobre ainda. Vou ter vida curta, como minha niang. Prometa que vai queimar bastante incenso e dinheiro por mim quando eu me for.

— Pare, niang! Não diga isso! Chorando, coloquei minha mãozinha sobre sua boca. Não eram apenas meus olhos que choravam, mas também o coração. Estava tomado pela tristeza. Não queria que a niang me abandonasse, nunca. A ideia de perdê-la me deixou imensamente triste. Vê-la feliz era só o que eu queria. Desejava ter poderes mágicos para dar a ela uma vida feliz. Mas, se meus pais não conseguiam resolver suas diferenças, que poderia eu fazer? Era apenas um garotinho...

Até que tive uma ideia. No fim da tarde, fui para a entrada da vila esperar a volta do dia. Escureceu, e eu lá, esperando. Ele havia deixado o trabalho mais tarde e se surpreendeu ao me ver. Antes que perguntasse qualquer coisa, eu disse: — A niang está preocupada e me mandou esperá-lo. Claro que não era verdade, mas eu queria que ele soubesse que ela o amava e se preocupava com ele. Sem dizer uma palavra, ele me fez sentar no banco de trás da bicicleta e pedalou calado até chegar em casa.

A niang estava no portão, esperando ansiosa e ficou aliviada ao nos ver.

— Obrigado por mandar Jing Hao me esperar — disse o dia. A niang ficou surpresa. Olhou para ele, olhou para mim e, de repente, compreendeu o que eu tinha feito. Ela me tirou da bicicleta e me deu um abraço tão forte que senti os ossos estalarem. Com um misto de sorriso e lágrimas, disse: — Seu diabinho esperto! Seu diabinho esperto! O dia não entendeu nada.

— O que aconteceu?

— Eu não o mandei buscar você coisa nenhuma! Ora se eu ia fazer isso! Foi tudo ideia dele! — disse ela, com sua risada contagiante.

— Bem que eu estranhei você não ter mandado um dos mais velhos — respondeu o dia, com um de seus raros sorrisos. — Mas vamos lá, porque estou morrendo de fome. O que tem para o jantar?

— Vento noroeste! — provocou, rindo, a niang. Ao fim de uma semana, meus pais finalmente voltaram a se falar. Na manhã seguinte, a niang novamente procurava seus grampos de cabelo na cabeceira do dia.

3

跳舞

A INFÂNCIA NA COMUNA

Em 1969, quando eu tinha 8 anos, a pobreza em torno de Laoshan e em nossa comuna era cada vez pior. Ainda me lembro do dia em que fui com vários amigos até a praia — uma caminhada de uma hora — procurar mariscos e ostras ou, se tivéssemos sorte, um peixe morto trazido pelo mar. Cada um levava uma cesta no braço e uma pequena pá no ombro. Meus pais sempre nos aconselhavam a não entrar no mar, por causa das correntezas.

Ao chegar, já encontramos muita gente procurando. Em meia hora de busca, só o que conseguimos foram conchas vazias. A praia estava absolutamente limpa, como se todas as criaturas do mar nos tivessem abandonado.

De volta para casa, sugeri aos amigos que fizéssemos um breve desvio, passando pelo aeroporto, para catar carvões meio queimados e jogados fora. Durante a 2a Guerra Mundial, os japoneses construíram aquele aeroporto, que se tornou um de seus principais pontos de transporte de cargas. Naquela época, porém, lá só havia alguns velhos aviões de carga guardados por uns poucos soldados do Exército de Libertação do Povo. Os japoneses usaram carvão virgem e carvão meio queimado por baixo do revestimento da pista

de pouso. Sabendo disso, pessoas desesperadas tinham retirado parte da camada externa, para pegar os carvões. Tentando evitar que acontecesse de novo, a segurança foi reforçada.

Eu só tinha estado lá uma vez, com um de meus irmãos mais velhos. Havia uma fileira de árvores ao longo dos limites do aeroporto e um pequeno fosso para drenagem. Como o fosso estava seco naquela época do ano, fomos andando uns 15 minutos abaixados por dentro dele, para não sermos vistos pelos guardas.

Ainda encontramos restos de carvão, mas estava quase meio metro abaixo da superfície, o que dificultava sua retirada. Para nós, no entanto, encontrar carvão era o mesmo que encontrar ouro. Perdemos a noção do tempo, e todos enchemos as cestas. Acontece que carregar uma cesta pesada, com o corpo curvado, era tarefa difícil demais para garotos de 8 anos. Mais ou menos na metade do caminho, um dos meninos sentiu necessidade de esticar um pouco as costas e foi visto pelos guardas militares, que imediatamente deram tiros para o ar e saíram em nosso encalço. Ficamos apavorados. Largamos as cestas e as pás e corremos para salvar a vida.

Cheguei em casa sem fôlego. Passava pouco das 13 horas. — Tem comida na panela para você — avisou meu quinto irmão, Cunfar.

A niang havia deixado para mim inhames secos e nabo ao escabeche.

— Onde está a niang? — perguntei enquanto comia. — Foi trabalhar na plantação — ele respondeu. Naquele dia, Cunfar só tinha aula pela manhã. Não havia salas suficientes para que todos estudassem em horário integral.

— Onde você esteve? — ele me perguntou. Contei o que tinha acontecido no aeroporto. Ele franziu o cenho. — Você deixou a pá e a cesta lá?

— Deixei. Eu não tinha escolha. Se os soldados nos pegassem, nos matavam! — Não matavam, não — ele disse. — Matavam, sim!

Chegaram a dar tiros! — Você tem de voltar lá e pegar sua pá e sua cesta. Não podemos comprar outras. Nossos pais não têm dinheiro.

— Nunca mais passo perto do aeroporto! Mas ele me convenceu a voltarmos lá juntos. À beira do fosso, parei e disse que não daria nem mais um passo. Apenas indiquei o local onde tínhamos abandonado as cestas e as pás. Ele foi olhar, mas os guardas tinham confiscado tudo. Havia somente alguns pedaços usados de carvão espalhados.

O inverno, naquele tempo, era terrivelmente frio em Qingdao. Além de enfrentar a falta de carvão, tínhamos de lutar contra os piolhos. Eles conviviam conosco nos casacos, nas calças e nas colchas de algodão. Ao contrário das roupas de verão, que a niang lavava regularmente, nossos casacos e nossas calças de inverno, todos acolchoados, não podiam ser lavados. As roupas de inverno eram feitas, com capricho, de vários pedaços de algodão cru emendados. Se fossem colocadas na água, encolheriam e ficariam deformadas. A única solução era desmanchar, lavar os pedaços e costurar tudo de novo, em processo demorado, cansativo e complicado. A niang espalhava os pedaços de algodão cru sobre o kang, e as fibras eram levadas pelo vento para toda parte, como uma poeira branca. Suas roupas e seus cabelos negros ficavam cheios de fibras brancas, parecendo ela mesma um algodão. Então, uma vez feitas, as roupas de inverno tinham de durar toda a estação.

O único meio de combate aos piolhos era a limpeza. Toda semana, a niang aquecia panelões de água, que despejava em uma velha bacia de madeira. Cada um de nós recebia um pedaço de pano para se ensaboar e ajudar a esfregar as costas dos outros. Se um membro da família tivesse piolho, o restante teria também: eles se multiplicam rapidamente. E não era somente na nossa família; na China, os piolhos estavam em toda parte. Todo mundo vivia se coçando. À noite, depois que nos despíamos e nos metíamos debaixo das cobertas, a niang virava nossas roupas pelo avesso e esmagava

os piolhos entre os polegares. Quando terminava, tinha os dedos cobertos de sangue. Ela se tornou uma especialista na tarefa de matar aquelas pequenas sanguessugas: possuía uma vista incrível, apesar da luz fraca. A única iluminação vinha de uma lâmpada de 20 watts no teto de cada cômodo (a eletricidade chegou a nossa vila um ano antes do meu nascimento). Em geral, a comuna interrompia o fornecimento de energia elétrica às 20 horas. Então, ela acendia um pequeno lampião de querosene e continuava pacientemente seu trabalho. Mas era impossível eliminar completamente os piolhos, porque eles se escondiam dentro das costuras do tecido e só saíam de lá durante o dia, quando vestíamos as roupas.

Tenho muitas outras lembranças nítidas da infância, mas nunca de ter ido a um médico ou a um hospital: não que eu não adoecesse, mas porque não podíamos pagar. A única vez em que cheguei perto de um profissional ligado à medicina foi quando entrei em uma fila na praça da comuna para que uma "enfermeira descalça" me aplicasse vacina contra a varíola. Tínhamos de esperar na fila, com as mangas enroladas. A enfermeira usava a mesma agulha para vacinar todos, limpando a ponta e a pele com um pedaço de algodão embebido em álcool. As mães levavam nos braços os filhos, que choravam de medo, mas o que se esperava das crianças a partir dos 5 anos de idade era que fossem corajosas o suficiente para irem sozinhas tomar a vacina. Chorar era uma atitude impensável, por mais que a injeção nos assustasse ou doesse. Certa vez, quando me cortei, meus pais disseram que eu pegasse com os dedos um pouco de terra no peitoril da janela e passasse no corte, para parar de sangrar. Essa era a nossa versão de assepsia e de band-aid.

Para preparar um remédio que a niang nos dava em caso de tosse persistente, era preciso ir ao campo durante o outono pegar uma pele de cobra — é no outono que as cobras trocam de pele. Ela enrolava essa pele com uma cebolinha verde e me fazia comer diante dela. Tudinho. A pele de cobra parecia um plástico sem gosto, e a

aparência era horrível. Eu sempre tinha vontade de vomitar, mas esse era o mais eficaz tratamento disponível para tosse e dor de garganta.

Certa vez, fiquei vários dias com o rosto e o pescoço inchados por causa de infecção nas glândulas. A niang me levou à casa de um vizinho. Ele pegou um conjunto de materiais que usava para escrever, raspou o bastão de tinta preta sobre um prato e acrescentou um pouco de água. Depois, molhou o pincel na mistura. Pensei que fosse escrever uma receita secreta para me curar, mas, em vez disso, pediu que eu fechasse os olhos e começou a desenhar no meu rosto. Enquanto desenhava, palavras estranhas dirigidas ao deus da cura. Não entendi as palavras, mas gostei da sensação de frescor que a tinta provocou na minha pele. Era como se, pela primeira vez na vida, alguém que não a minha niang estivesse me acarinhando. Quando tudo terminou, eu tinha o rosto e o pescoço inteiramente pintados de preto. Fiquei, ao mesmo tempo, assustador e engraçado, como um personagem malvado da Ópera de Pequim.

A tinta precisava ficar na pele por dois dias inteiros. Eu me recusei a sair de casa. Meus irmãos não paravam de rir de mim. Ainda bem que não tinha idade para ir à escola; pelo menos, não teria de suportar os colegas e professores rindo também. Em dois dias, o inchaço desapareceu, mas até hoje me pergunto se isso não teria acontecido de qualquer jeito, sem necessidade de me fazer ostentar aquela cara pintada.

Outro verdadeiro flagelo da infância eram as verrugas, que chamávamos "macaquinhos". Em nossa vila, vivia um homem bastante idoso, chamado "o Wuho" pelos habitantes. Andava lá pelos seus 70 e tantos anos e era um homenzinho divertido, com um bom senso de humor. Enxergava pouco, tinha os dentes estragados e uma longa barba prateada. Trazia sempre na mão uma folha de palma para se abanar e fumava um cachimbo muito antigo. Seu andar era característico, com as mãos dobradas atrás das costas. Tossia e

cuspia com frequência. Foi a ele que a niang recorreu para saber como acabar com as verrugas. O Wuho aconselhou-a a nos mandar até a moenda de grãos da vila em um dia de chuva, para molhar os "macaquinhos". Havia uma exigência, porém: para o tratamento dar certo, teríamos de ir e voltar sem pronunciar uma palavra sequer.

Assim, depois de um dia de chuva, a niang me disse: — Leve Jing Tring até a moenda e vocês dois lavem suas verrugas, ou seus macaquinhos, na água que escorre de lá.

— Mas a senhora prometeu me deixar brincar com Sien Yu quando parasse de chover! — protestei.

Eu não queria ir. Achava perda de tempo. E detestava tomar conta de Jing Tring.

— Se não levar Jing Tring até a moenda, não vai brincar com Sien Yu — ela ameaçou.

Eu queria tanto brincar com meu amigo que acabei concordando.

Antes de sairmos para nossa caminhada de cinco minutos até a moenda de grãos, a niang recomendou: — Lembrem-se de não falar com pessoa alguma. Se vocês disserem uma só palavra, seja na ida ou na volta, o tratamento não vai adiantar.

Eu não estava nada satisfeito. Por mim, não haveria problema em ficar calado, mas e quanto a Jing Tring? Ele era tão pequeno...

— Se abrir a boca, eu mato você! Entendeu? — eu disse antes de passarmos pelo portão.

Ele apenas fez que sim com a cabeça. Peguei-o pela mão e parti em missão especial.

Os primeiros minutos foram muito fáceis, porque não encontramos conhecido nenhum. Na metade do caminho, porém, vimos a mãe de Sien Yu vindo em nossa direção.

— Ni hao, liu su. Ni hao, qi su — ela disse gentilmente, chamando-nos de sexto e sétimo. — Sun Yu está em casa, esperando você. Está indo para lá? — ela perguntou.

— Ni hao, zhi xi fu — respondi ao cumprimento, saudando-a como alguém da família. — Vou daqui a pouco! Eu não podia acreditar! Não podia crer que o tolo havia sido eu, e não Jing Tring! Tínhamos de recomeçar a caminhada.

Jing Tring ficou aborrecidíssimo e não queria cooperar de modo algum. Ficava repetindo: — Estou cansado! Estou cansado! Estou cansado demais para andar! — Se você não for, os seus macaquinhos vão se espalhar pelos braços, pelo corpo, pelo rosto e até pelos olhos — ameacei.

— Não quero ir! Não aguento! — ele gritou. Eu estava ficando desesperado. Não queria perder a brincadeira com Sien Yu.

— Escute. Se for comigo, levo você para brincar na casa de Sien Yu.

Jing Tring sempre queria fazer o mesmo que eu. — Promete? — perguntou todo animado. — Prometo — respondi.

— Tem coragem de cuspir, para provar? — perguntou novamente. Impaciente, cuspi no chão e pisei em cima, o que significava que, se não cumprisse a promessa, sofreria terrível falta de sorte.

Voltamos para casa e recomeçamos a caminhada. Quando pensei que estava tudo indo bem, vi Sien Yu vindo em nossa direção, gritando: — Por que demorou tanto? Já ia até sua casa buscar você. Bem que tentei fazer um sinal para Jing Tring ficar calado, mas ele não me deu tempo e respondeu contente: — Meu sexto irmão prometeu que posso brincar com você depois que cumprirmos nossa missão secreta! Tínhamos falhado na segunda tentativa, e o velho Wuho avisara que poderiam ser feitas no máximo três em um dia. "Jing Tring estragou tudo", pensei.

Desta vez, meu irmão menor se recusou terminantemente a andar. Nem minha promessa de levá-lo à casa de Sien Yu adiantou.

— Quero ficar em casa! Quero ficar em casa! — ele gritou. — A única coisa que vocês fazem direito é comer. Será que não

conseguem ficar calados alguns minutos? — disse a niang, quando voltamos para casa pela segunda vez.

Eu estava tão desesperado que resolvi carregar meu irmãozinho nas costas.

— Feche os olhos. Cale a boca. Se sair um único som da sua boca, vou jogar você no poço e vai passar o resto da vida com os sapos! Ele se assustou com a ameaça e fez o que mandei. Conseguimos afinal completar a tarefa e, em um mês, as verrugas desapareceram completamente.

Apesar das privações, porém, nossa infância tinha momentos felizes. A única época em que pensávamos no futuro e tínhamos garantida uma comida maravilhosa era no ano-novo chinês.

A niang preparava muitos pãezinhos para oferecer aos parentes: em forma de peixe ou pêssego, representando paz e prosperidade, e com o formato de barras de ouro, simbolizando riqueza. A preparação era muito demorada. Se a massa não fosse misturada adequadamente, os pães rachavam. Como ela só queria oferecer os perfeitos aos parentes, os rachados ficavam para nós. Eu torcia para que rachassem muitos, mas a niang era tão perfeccionista que isso raramente acontecia. A principal razão de seu esforço em não perder os pães, porém, é que a farinha mal dava para os que seriam oferecidos aos parentes — quanto mais para nós! Nessa época, costumávamos ter pão de milho, quase tão bom quanto o pão de trigo. Um banquete! Na véspera do ano-novo, antes de escurecer, o quarto tio e o dia levavam todas as crianças para visitar a sepultura de nossos antepassados. Carregávamos garrafas de água, representando pão e vinho, e muitas folhas de papel de arroz amareladas com o desenho de moedas de ouro antigas, simbolizando o dinheiro gasto. Levávamos também lanternas de papel e muitos maços de incenso, representando barras de ouro. Todas as crianças tinham os bolsos cheios de bombinhas. As folhas de papel de arroz eram espalhadas sobre as sepulturas e nelas

espetávamos as varetas de incenso. Depois de acender o papel com as moedas desenhadas e o incenso, íamos um de cada vez, em rigorosa ordem do mais velho para o mais novo, ajoelhar diante das sepulturas, tocando o chão com a testa três vezes e chamando o nome dos antepassados.

— Dia, como os antepassados podem ouvir se estão mortos? — perguntei.

— Eles sabem — ele respondeu, com sua habitual brevidade. Antes de deixar o cemitério, convidávamos os antepassados a nos acompanhar até em casa, onde nos aguardava um jantar especial de ano-novo. O dia é o quarto tio despejavam o conteúdo das garrafas diante de cada sepultura. As crianças acendiam e soltavam as bombinhas, para acordar os mortos. No caminho de casa, cuidávamos para que as lanternas se mantivessem acesas, de modo que os espíritos dos antepassados enxergassem a estrada. O dia e nosso tio pediam aos antepassados que andassem devagar, para não tropeçar na estrada acidentada. Eles conversavam com os mortos como se esses fossem vivos. Eu e meus irmãos achávamos engraçado, mas tínhamos de levar a situação a sério. Segundo nos ensinaram, os espíritos de nossos ancestrais continuam vivos, como deuses, em um mundo melhor, porque foram pessoas boas. Com isso, têm o poder de nos ajudar, de influir sobre nosso bem-estar e nosso destino.

O preparo da refeição daquela noite era o que dava mais prazer à niang, porque era sua única oportunidade de contar com bons ingredientes. Para isso, economizava o ano todo. Primeiro, vinham os pratos frios: medusa marinada com molho de soja e um toque de óleo de gergelim; geleia de algas marinhas com alho amassado e molho de soja; amendoins salgados marinados e geleia de pé de porco. Depois, os pratos quentes: linguado inteiro frito, cuja cabeça, a parte mais preciosa, sempre colocávamos na direção do dia. Mas ele não tocava no alimento antes que a niang se sentasse conosco,

quando então ajeitava a cabeça do linguado de modo que ficasse na direção do prato dela. Havia também ovos cozidos no vapor — pelo menos dez! — com cebolinha verde e macarrão de arroz. Era tão delicioso que derretia na boca. E havia ainda vários pratos à base de vegetais, todos misturados a pequenos pedaços de carne. O aroma daquela comida deliciosa, misturado ao cheiro de incenso e ao de fumo de cachimbo, é inesquecível. Era o cheiro característico da família Li. E só acontecia uma vez por ano, naquele dia especial: a véspera do ano-novo chinês.

Eu sempre me oferecia para ajudar a niang, operando o fole. Queria muito participar do banquete no kang com o resto da família, mas queria mais ainda estar junto dela naquela noite especial. Não ficaria feliz vendo-a cozinhar sozinha. Ela era toda alegria. Da kai huo tao. Rang ta tiao wu (Deixe a chama dançar.) ou Rang huo tao man xia lai (Deixe o fogo brando.) Operar a ventilação me parecia uma tarefa agradável, então. Naquela noite, usávamos carvão virgem, que acendia imediatamente. Eu ficava pensando se o deus do fogo, se é que ele existia, estaria mais feliz naquela noite. Gostaria que fosse feliz o tempo todo.

Em véspera de ano-novo, tudo era mágico e especial. Cada prato parecia ainda mais delicioso que o anterior. Todos falavam com entusiasmo, mas o mais animado era o dia. Os corações se enchiam de felicidade. Ninguém se lembrava das dificuldades. Nós nos sentíamos privilegiados. Os pratos eram tantos que não cabiam na bandeja de madeira, por isso eram dispostos sobre o kang. Eu ficava pensando por que não dividíamos aquelas comidas deliciosas pelo ano todo. Quanto se consegue comer em uma noite? A refeição acabava com bolinhos de carne de porco e repolho, tudo feito pela niang. A aparência era perfeita, e o cheiro, maravilhoso! Eu sempre reservava espaço para eles. Eram um verdadeiro trabalho de amor. A niang colocava dentro de um dos bolinhos uma moeda de 1 fene; quem a achasse teria boa sorte o ano todo. Houve um ano em que

ninguém achou a moeda, embora a niang jurasse tê-la colocado. Teria um de nós engolido-a sem perceber? Ninguém se surpreendeu com a possibilidade, pois devorávamos os bolinhos com a voracidade de lobos.

A primeira tigela de bolinhos a ser servida era a comida da sorte, para os deuses da cozinha, da colheita, da prosperidade, da vida longa e da felicidade. A segunda tigela de bolinhos era para os antepassados. Antes que a niang colocasse essas tigelas no centro da mesa, com um incenso de cada lado, derramava um pouco de caldo no chão, em quatro direções, enquanto murmurava: — Deuses, bondosos deuses, aceitem nossa humilde comida. Fomos abençoados por sua generosidade.

A mesa quadrada ficava no meio do cômodo, contra a parede norte. Antes de Moo e da Revolução Cultural, a árvore genealógica da família e a imagem do deus da fortuna eram expostas na parede acima da mesa. Mas essas antigas tradições passaram a ser consideradas uma ameaça às convicções comunistas. As famílias que mantivessem as tradições seriam vistas como antirrevolucionárias e passíveis de penalidades, inclusive prisão.

Ninguém deveria tocar nos bolinhos arrumados pela niang no centro da mesa, mas eles desapareciam misteriosamente durante a noite. — Os deuses e os nossos antepassados comeram os bolinhos —, a niang dizia. Eu achava aquilo extraordinário, mas acreditava de todo o coração.

Depois do jantar, íamos de casa em casa oferecer nossos respeitos e desejar um ano-novo próspero e feliz. Na vila, não havia uma só porta fechada. Ninguém dormia. Quem fosse apanhado dormindo era vítima de brincadeiras. Certa vez, um colega não resistiu e pegou no sono. Então, amarramos uma bombinha em seu tornozelo. Quando ele se mexeu, a bombinha explodiu e ele acordou terrivelmente assustado.

Da meia-noite até o amanhecer, ouviam-se as bombinhas estourando em toda parte e se desmanchando em milhares de pedacinhos de papel vermelho e branco que, no dia seguinte, cobriam as ruas. Algumas das bombinhas eram feitas por nós. Minha favorita era a que chamávamos "coice duplo". Tinha o comprimento do dedo de um adulto. Depois de acesa, ela dava um primeiro estouro na nossa mão e, em seguida, era lançada a mais de dez metros de distância, quando estourava pela segunda vez.

Em dia de ano-novo, dormíamos até a metade da manhã. Estávamos todos exaustos, mas ninguém se importava com isso. O espírito festivo permanecia.

Em anos alternados, íamos à casa de uma de nossas tias. Eu gostava muito delas, mas a casa da mais jovem tinha mais ação e, lá, uma refeição podia durar até três horas. Ela era uma bela mulher e excelente cozinheira, com três filhas e um filho. Seu marido, além de cantar bem, nos contava lindas histórias. Sendo um dos melhores pintores de móveis de Qingdao, frequentemente nos falava do conhecimento e da tradição que há por trás da pintura de um pedaço de madeira. Homem muito engraçado, adorava beber vinho de arroz; bastava um copo pequeno para que sua voz subisse uma oitava e ele começasse a cantar árias de espetáculos antigos da Ópera de Pequim. Eu também ficava encantado com as muitas fotografias, nas quais ele aparecia em diferentes cidades de várias regiões da China. Naquela época, ninguém costumava viajar tanto; a maioria nem saía do lugar onde nascera. Meu tio, porém, devido a seu talento para a pintura, era convidado a comparecer a seminários em locais distantes. Eu ficava fascinado com a beleza das fotos e das paisagens. Em nossa casa, havia pouquíssimas fotografias e perguntei aos meus pais por quê.

— Porque, cada vez que você é fotografado, perde uma camada de pele e tem de conservar a pele até morrer — respondeu o dia.

— Por que meu tio tira tantas fotografias e ainda está vivo e com saúde?

— Espere para ver — disse ele com ar sinistro. A niang sempre suspirava ao ouvir as explicações do dia. Ela sabia que a verdadeira razão era muito simples: pobreza.

O segundo dia do ano-novo marcava a despedida dos antepassados. Acendíamos incensos e lanternas, para mostrar o caminho de volta à sepultura. Além disso, oferecíamos a eles dinheiro, bebida e alimentos ricos em simbolismo, desejando que tivessem um ano de paz e felicidade.

O terceiro dia do ano-novo era quando as moças casadas iam visitar a família. A niang pegava dois ou três filhos, vestia-lhes as melhores roupas e fazia uma longa preleção sobre o comportamento que deveriam ter. Levava sempre duas cestas cheias de pãezinhos para o pai e o irmão mais velho. Era um dia muito importante para ela. Tenho a impressão de que fazia de tudo para mostrar à família como estava bem, fazendo parte da família Li.

Saíamos de casa antes de 7h30, para pegar o ônibus das 8 horas em direção à cidade. Velho e malconservado, o ônibus sempre passava apinhado de gente. Em geral, íamos sentados no colo uns dos outros durante a viagem de uma hora, já que os mais velhos tinham a preferência nos assentos. O ônibus rangia, aos solavancos; rodava tão devagar que as rodas pareciam prestes a se soltar, e o motor dava a impressão de que ia parar de funcionar a qualquer momento. Para abrir e fechar a porta, era preciso puxar com força. A cada parada, os passageiros se acotovelavam, tentando entrar ou sair, e muitos acabavam passando do ponto. Houve uma vez em que precisamos todos completar a viagem a pé, porque o ônibus quebrou no meio do caminho e o que veio em seguida estava ainda mais cheio.

Depois que a mãe da minha niang morreu, meu avô tornou a se casar, dessa vez com uma jovem camponesa com a idade da filha, e

mudou-se com a família para a cidade de Qingdao. Dias melhores o aguardavam: o pessoal da cidade pagava bem mais por seus serviços de carpintaria.

Ele foi morar em um apartamento de dois cômodos, no último piso de um antigo prédio de concreto de três andares que parecia a ponto de desmoronar. As escadas, muito gastas, provavelmente não recebiam uma demão de tinta desde a construção. O quarto em que dormiam meu avô e a esposa dele era um pouco maior que o outro, onde dormiam o meio-irmão e a meia-irmã da niang, em uma pequena cama dupla feita em casa. Não havia armários. Roupas e outros objetos ficavam embaixo das camas, pendurados no teto ou do lado de fora cobertos com um plástico.

As vinte famílias que moravam no mesmo piso dividiam dois banheiros: um para homens e outro para mulheres. Cada banheiro tinha duas privadas — buracos no chão — sempre com um cheiro horrível, que dava para sentir do apartamento de meu avô, o mais afastado! Eu nem queria imaginar como seria aquele cheiro no verão. Nossa visita era sempre no ano-novo chinês, quando fazia frio. Uma das privadas estava sempre entupida — e às vezes as duas —, fazendo transbordar e descer pelas escadas o que havia dentro dela. Quando sentia vontade de urinar, eu sempre dava um jeito de ir até a rua.

O cheiro de privada não era o único que tínhamos de suportar ali. Meu avô e a mulher dele fumavam cachimbo sem parar, e os dois pequenos cômodos estavam sempre tomados pela fumaça. Felizmente, não ficávamos muito tempo. Na verdade, provocávamos isso, fazendo muito barulho enquanto os adultos conversavam. Às vezes, o avô dizia à niang para controlar seus "moleques indisciplinados". No entanto, o mau comportamento nunca nos trouxe problemas. A niang ficava tão aliviada quanto nós por deixar aquele lugar fedorento e miserável.

A segunda parada era na casa do mais velho dos irmãos homens da niang: o grande tio. Ele tinha três anos a menos que ela, e os dois eram muito apegados. O grande tio era o homem mais instruído da família da niang. Politicamente bem informado, trabalhava como chefe do Departamento de Publicidade da Divisão de Materiais de Construção, em Qingdao. Tinha um filho e duas filhas. Seu padrão de vida era muito superior ao nosso, e considerávamos seu apartamento de três cômodos o máximo do luxo.

O grande tio gostava muito de jogar cartas e também de brincar de adivinhar palavras com os adultos. O perdedor era obrigado a beber vinho de arroz e, quanto mais bebia, mais errava. As crianças formavam um círculo, torcendo pelo adulto de sua preferência.

— Ganhei! Beba! Beba! — dizia o grande tio. Quando o oponente não concordava, os dois começavam uma discussão acalorada. Em geral, acabavam gritando tanto que as mulheres tinham de pedir que se acalmassem. Mais tarde, eu perguntava ao grande tio que história representava cada palavra, e ele às vezes me contava uma fábula conhecida. Era um ótimo contador de histórias, divertido e espirituoso. Talvez por isso fosse o chefe do Departamento de Publicidade.

O décimo quinto dia marcava o fim do ano-novo chinês e o reinicio de nossa vida de dificuldades, por isso era sempre temido. Segundo nos diziam, aquela noite era tradicionalmente apreciada pela família do imperador como a "Noite das Luzes". Pequim e outras cidades grandes acendiam muitas luzes e soltavam muitos fogos de artifício. Mas o máximo que podíamos fazer era acender tochas de cera e andar em volta da casa iluminando tudo, para afastar os maus espíritos. Nosso quarto tio gostava de preparar as tochas. Nós recolhíamos gravetos, que ele amarrava bem apertado com pedaços de tecido de algodão branco, mergulhando a ponta em um pote de cera derretida. Às vezes, quando nos comportávamos bem, ele nos deixava fazer essa última parte. Eu gostava de observar

a cera endurecendo na ponta do maço de gravetos e gostava, ainda mais, de correr com a tocha nas mãos, projetando formas diferentes no escuro. Minha forma favorita era a de um dragão, e eu girava, fingindo ser a tocha uma arma encantada de Kung Fu.

Nossos pais sempre nos avisavam para manter as tochas longe das pilhas de grama ou de feno seco usadas para acender o carvão e estocadas, por todas as famílias, na área em frente da casa. Lembro-me de uma vez em que a casa de um vizinho quase pegou fogo, por causa de um menino de 5 anos que se escondeu no monte de feno levando com ele um incenso aceso. O garoto escapou por pouco de morrer queimado.

As únicas férias que o nosso dia se permitia eram durante o período do ano-novo chinês. Como nessa época fazia um frio terrível e os campos congelavam, não havia muito a fazer em nosso pequeno pedaço de terra. Nossa principal atividade ao ar livre, então, era soltar pipa. Eu não costumava ficar com os outros meninos. Para eles, não passava de brincadeira, mas para mim era especial. Minha pipa era a mensagem que eu enviava aos deuses, meu canal secreto de comunicação.

O dia era um especialista na confecção de pipas de formas muito simples: um quadrado, uma estrela de seis pontas, uma borboleta. Ele usava uma faca chinesa antiga, do tamanho de um canivete suíço usado pelo exército, para cortar tiras de bambu bem fininhas. Então, amarrava os cantos com linha e colava papel de arroz sobre a estrutura. Para equilibrar o peso, pendurava tiras compridas de tecido, formando a cauda. Qualquer coisa que conseguíssemos encontrar e emendar era usada como linha de pipa.

Eu adorava fazer pipas com o dia. Aqueles eram dos poucos momentos de brincadeira que eu podia passar junto dele. Íamos para os lados da Colina do Norte, sentávamos perto um do outro e ele me contava histórias de quando era criança. Eu desejava que aqueles momentos especiais nunca terminassem.

Naquela época do ano, os campos ficavam cobertos por uma grossa Naquela época do ano; os campos ficavam cobertos por moa grossa camada de neve. O vento uivante e gelado me cortava a pele como pequenas facas afiadas. Os campos, como sempre, cheiravam a fezes humanas. O dia me ajudou a empinar a pipa e se preparou para Ir embora.

— Tudo bem, então? Vou para casa. Tenho trabalho a fazer. — Dia, me conta uma história antes de ir?

— Já contei todas as que eu sabia. — Conta outra vez *O Sapo no Poço*, por favor — pedi. Ele se sentou perto de mim, passou o braço pelos meus ombros e começou: Era uma vez um sapo que vivia em um poço pequeno, mas muito fundo. Ele não sabia nada do mundo. O poço e o pedaço de céu que conseguia ver eram seu universo.

Um dia, ele encontrou outro sapo, que vivia do lado de fora.

— Por que não desce e vem brincar comigo? É divertido aqui — convidou.

— O que tem aí embaixo? — perguntou o outro. — Tudo: água, correntes subterrâneas, estrelas, às vezes a Lua e até objetos voadores que vêm do céu — respondeu o sapo do poço.

O sapo da terra suspirou. — Meu amigo, você vive confinado. Não sabe o que tem no mundo. O sapo do poço não gostou de ouvir aquilo. — Não me diga que existe um mundo maior do que o meu! Meu mundo é grande. Aqui, vemos e sentimos tudo o que o mundo tem a oferecer.

— Não, amigo. Você só consegue ver o mundo pela abertura do poço. O mundo aqui fora é enorme. Gostaria de lhe mostrar o quanto é grande — rebateu o sapo da terra.

Agora, sim, o sapo do poço estava zangado. — Não acredito! Você está mentindo! Vou perguntar ao meu pai — e contou ao pai a conversa que tivera com o sapo da terra.

— Filho, o seu amigo está certo. Ouvi dizer que existe um mundo muito maior lá em cima, com muito mais estrelas do que podemos

ver daqui — o pai respondeu com tristeza na voz.

— Por que nunca me disse isso? — o sapinho perguntou.

— Para quê? O seu destino é aqui embaixo, neste poço. Não há como sair daqui.

— Eu posso! Eu consigo sair! Vou lhe mostrar — argumentou o sapinho. Ele pulou e saltou, mas o poço era muito fundo, e a terra estava longe demais. — Não adianta, filho. Eu tentei a vida toda. Seus avós fizeram o mesmo. Esqueça o mundo lá em cima. Contente-se com o que tem ou vai viver infeliz.

— Quero sair, quero ver o mundo grande lá fora! — o sapinho chorava decidido.

— Não, filho. Aceite o destino. Aprenda a viver com o que lhe foi dado — continuou o pai.

Assim, o pobre sapinho passou o resto da vida tentando escapar do poço escuro e frio. Mas não conseguiu. O grande mundo lá em cima continuou sendo apenas um sonho.

— Pai, estamos em um poço? — perguntei. Ele pensou por alguns instantes. — Depende do ponto de vista. Se você olhar este lugar de cima para baixo... então, estamos, sim, em um poço. Mas, se olhar de baixo para cima, não. Você diria que estamos no céu? Não, definitivamente não.

Muitas vezes, pensei naquele pobre sapo e me senti triste e frustrado. Vivíamos todos presos em um poço, também, e não havia saída.

Então, usaria minhas pipas para enviar mensagens aos deuses. Entrei em uma vala para me proteger do vento gelado, levando comigo dezenas de tirinhas de papel. Peguei uma tira, molhei as pontas com saliva e a prendi na linha, deixando que o vento forte a levasse até a pipa.

O pedido que fiz naquela primeira tira foi vida longa e felicidade para minha niang. Expliquei aos deuses que ela era a niang mais bondosa e esforçada que podia existir e por isso merecia viver

melhor, sem tanta pobreza. Desafiei os deuses, dizendo que, se eles realmente existiam e eram tão poderosos quanto me haviam contado, deveriam mudar a situação da niang, garantindo-lhe a felicidade. Às vezes, eu me zangava com os deuses, acusando-os de não serem justos; em seguida, arrependia-me e pedia perdão. O segundo pedido foi pela saúde do dia.

O mais importante de todos, porém, foi o último pedido. Enrolei uma terceira tira de papel em volta da linha e desejei sair do poço escuro e profundo. Confessei aos deuses meus sentimentos mais íntimos. Disse que sonhava com coisas lindas que não possuía. Pedi mais comida para minha família. Pedi que me tirassem do poço e que eu pudesse ajudar meus pais e irmãos. Minha imaginação viajou para longe, muito além da pipa, até um lugar especial e só meu.

Quase sempre minhas mensagens ficavam presas nas emendas. Eu tinha de sacudir a linha para soltá-las. Às vezes, havia tantas mensagens, e custavam tanto a chegar junto da pipa, que eu era o último a deixar os campos gelados da Colina do Norte. Mas minha imaginação sempre foi mais forte do que o frio. Era ela que me mantinha aquecido o coração e vivas as esperanças.

4

跳舞

ÉRAMOS SETE

Meus irmãos e eu éramos garotos comuns que, às vezes, trocavam sopapos e implicavam uns com os outros. Mas havia uma forte ligação entre nós, bem como uma espécie de acordo de amor e cuidado mútuos. A realização de um era a alegria de todos. Os irmãos mais velhos sabiam que deviam cuidar dos mais novos; e os mais novos sabiam que deviam respeitar os mais velhos.

O dia e seu quarto irmão também eram muito ligados, embora houvesse uma diferença de oito anos entre eles. Como minha tia e o quarto tio não podiam ter filhos, meus pais, por amor e generosidade, concordaram em dar o terceiro filho a eles em adoção. Assim, antes de completar 2 anos, meu terceiro irmão, Cunmao, foi morar com os tios, duas casas adiante, e sempre pensamos que ele fosse nosso primo.

Cunmao só descobriu a verdade anos depois, adolescente. Certo dia, eu alimentava as galinhas com os poucos grãos que tínhamos conseguido juntar, quando Cunmao entrou abruptamente na casa.

— Onde está a minha sétima niang? — gritou. Era assim que ele chamava a niang.

— Está costurando no kang — respondi. Ele parecia tão transtornado que resolvi segui-lo em silêncio e ouvir.

— Por que você me deu para outra pessoa? Por que não deu um dos outros? — perguntou com revolta.

— Isso foi decidido antes de você nascer — a niang respondeu delicadamente. — Você não foi escolhido. Amo você tanto quanto amo meus outros filhos.

— Quero voltar! — ele disse. Houve alguns momentos de silêncio. — Não é possível — a niang respondeu afinal, com a voz trêmula. — A senhora é a minha niang e eu sou o seu terceiro filho. Quero voltar! — ele disse com a voz embargada, prestes e explodir em lágrimas.

A niang deu um longo suspiro. — Peço a você que esqueça que sou sua verdadeira mãe. Pensa que é fácil para mim vê-lo por perto todos os dias? Volte para casa e dê amor aos seus pais. Seja bom para eles até que a morte os leve. Eles amam você como a um filho verdadeiro. Você tem mais sorte do que os seus irmãos. Pelo menos, tem o que comer. Veja como somos pobres! — Preferia passar fome a viver longe da senhora! — O que está feito está feito. Seus pais não suportariam se você os deixasse agora. Quer viva conosco ou não, será sempre meu filho. Acima de tudo, porém, ame seus pais e assuma as responsabilidades de filho. E, se quiser, faça o mesmo em relação a nós.

Houve um breve momento de silêncio. Em seguida, ela chamou: — Venha cá. Pela janela, pude vê-los abraçados, soluçando incontrolavelmente. Saí correndo e me escondi em uma plantação de milho. Não conseguia acreditar que meu terceiro primo era na verdade meu irmão. Senti o coração se apertar, os olhos se encherem de lágrimas e, a partir de então, passei a considerar Cunmao um irmão de verdade. Fiquei no milharal o resto da tarde.

O desejo de Cunmao de se reunir à família verdadeira partiu o coração de meus pais e tios. Mas Cunmao respeitou a posição dos

pais e se comportou como um filho dedicado aos tios. Não consigo nem imaginar o trauma emocional que deve ter sofrido, em especial por viver tão próximo.

Meu primeiro irmão, Cuncia, que chamávamos grande irmão, era treze anos mais velho que eu. Quando pequeno, não o conhecia muito bem. Afinal, eu tinha apenas 4 anos quando ele partiu para o Tibete, em agosto de 1965. O governo central convocou centenas de milhares de jovens, enviando-os ao Tibete para colaborar na promoção de sua agenda política: era preciso gente como meu irmão para transmitir os hábitos mandarins à cultura tibetana. A viagem até o Tibete, a bordo de ônibus e trem e em lombo de cavalo, levou mais de uma semana. Em sua ausência, Cunyuan, meu segundo irmão, assumiu as responsabilidades de filho mais velho. Cunyuan, no entanto, queria algo diferente: liberdade. Queria partir também rumo ao Tibete. Mas meus pais não concordaram. Precisavam do salário dele e estavam ansiosos por uma nora que ajudasse a niang nas tarefas domésticas. Então, a primeira tia falou aos meus pais sobre uma moça que morava perto dela, em outra vila; trabalhadeira e cozinhando bem, seria uma companheira perfeita para Cunyuan. E o casamento foi combinado. Desde que Mao assumira, os noivos podiam se encontrar antes do dia do casamento, para "falar de amor".

Acontece que Cunyuan estava apaixonado por uma colega de classe, filha de um oficial da comarca. Quando ela soube do casamento arranjado, foi imediatamente a nossa casa.

— Tio, tia — disse aos meus pais —, conheço Cunyuan há cerca de ,À quatro anos. Eu o amo e ele me ama! Por favor, não o forcem a se casar -2 com alguém a quem não ama.

— Menina — a niang respondeu —, você é jovem demais para entender o que é amar e o que precisa ser feito. Você não o compreende. O trabalho 5 na comuna não tem futuro.

— Tia, eu sei o que é o amor! Vou atrás dele até o fim do mundo. Se for para viver com ele, não me importarei de comer grama.

— Você não conhece o temperamento do nosso filho — argumentou o dia. — Vocês não combinam.

— Por favor, nos dê uma chance! Eu sei que podemos dar felicidade um ao outro.

— Sua história é diferente da história de Cunyuan. Você não vai gostar da nossa vida de pobreza — o dia acrescentou.

— Vou, sim. Eu me acostumo. Prometo ser uma esposa fiel e uma boa nora! Mas meus pais estavam convencidos de que a moça vinha de uma família muito superior à nossa. Cunyuan precisava de alguém mais firme, que pudesse contê-lo.

— Você é uma moça bonita e um dia vai encontrar um bom marido na cidade. Lá é o seu lugar. Esperamos que você entenda nossa decisão e deixe nosso filho em paz — concluiu a niang.

A essa altura, a moça estava em lágrimas. — Existe alguma chance de que eu possa me casar com Cunyuan? — perguntou debilmente.

— Não. Ele está comprometido com outra — respondeu o dia. A moça cobriu o rosto com um lenço e saiu pela porta. Eu me lembro nitidamente de como meu coração disparou. Gostaria que meus pais tivessem mudado de ideia. Nunca mais ouvi falar dela.

Cunyuan discutiu muito com nossos pais por causa daquela moça. Ele se ressentia com o fato de ter seu casamento arranjado. Com isso, as relações entre eles ficaram bastante prejudicadas.

Cunsang, meu quarto irmão, era capaz de levar nos ombros sacos pesados de grãos e de arrumar e empurrar com facilidade uma carroça carregada. De nós todos, não era o mais inteligente, mas a niang tinha um carinho especial por ele. Ela costumava atribuir os maus resultados de Cunsang na escola ao acidente que sofrera ainda bebê, quando as cadeiras caíram sobre a cabeça dele. Eu adorava meu quarto irmão: bom, honesto e afetuoso, estava sempre sorrindo

e era o único dos meus irmãos que não se importava que me sentasse a seu lado quando jogava cartas.

Cunfar, o quinto irmão, era o mais chegado a mim. Com pequena diferença de idade — dois anos e meio —, brigávamos por tudo. Na família, eu tinha a fama de ser quem mais gostava de comer. Sempre que desaparecia algum alimento, logo me apontavam como suspeito. Cunfar aproveitava-se de minha fama: surrupiava comida e jogava a culpa em mim. Mas eu gostava muito dele. Era meu protetor contra os mais fortes, companheiro nas brincadeiras e rival nas competições.

Quando lutávamos, Cunfar sempre vencia, porque era mais forte — embora eu me esforçasse. Mas eu corria mais depressa. Ele ficava louco de raiva quando o chamava de Cunfar — e não de quinto irmão ou Wuga, que seria mais respeitoso — e saía correndo. Além de tudo, ele tinha asma e perdia o fôlego ao correr. Quando se recuperava, eu estava longe. Então, eu o deixava ainda mais furioso, imitando sua tosse e seu jeito peculiar de correr. Ele atirava pedras em mim, dizendo que me mataria assim que conseguisse me pegar.

— Isso só vai acontecer quando você estiver com uma barba branca até o chão! — eu devolvia.

Na infância, Cunfar tinha crises sérias de tosse e asma. Meus pais tentaram de tudo, buscando a cura. Certa vez, tivemos de arranjar um frango e alimentá-lo com uma mistura de painço e sapo cozido. Vinte e quatro horas depois, a niang cozinhou o frango para que Cunfar comesse tudo, inclusive os ossos. Eu queria tanto comer também que peguei um pedaço. Não sei se o que funcionou foi o sapo ou o frango; só sei que, um mês depois, a asma dele desapareceu.

Cresci brincando com meus irmãos ao ar livre, sob o sol, debaixo de chuva e mesmo durante o inverno rigoroso — como um moleque. Minha época preferida era o verão, quando podia brincar com pouca

roupa na vila e no campo. Na verdade, durante os meus primeiros nove anos de vida, poucas vezes calcei sapatos, a não ser no inverno.

Numa tarde, brincávamos de esconder ao pôr-do-sol. Eu subia pelas paredes e alcançava o telhado das casas, buscando um bom esconderijo. Para escalar nossa parede de pedras de quase 2 metros de altura e chegar ao telhado do banheiro, procurei apoiar-me nos potes de barro de pouco mais de 90 centímetros, onde ficava guardado o alimento dos porcos. Em um dos potes, havia sobras de painço fermentado e, no outro, cascas de trigo recolhidas na fábrica de molho de soja. Naquele dia, porém, meu pé escorregou em uma pedra solta e perdi o equilíbrio, caindo de cabeça no pote de painço fermentado, uma massa compacta e pegajosa. Aos 7 ou 8 anos de idade, eu era pouco mais alto que o pote.

A niang estava ocupada preparando o jantar e tinha pedido ao meu quarto irmão que operasse o fole. Por acaso, Cunsang olhou para fora e viu dois pés se debatendo perto da parede do banheiro. Saiu correndo e me puxou.

— O que está fazendo? Você bem que podia encontrar, para morrer, um lugar melhor que o pote de sobras de painço! — ele disse.

Eu estava sufocando sob o painço. Mais alguns segundos e teria morrido.

Mas nada interrompia as atividades ao ar livre. Nosso parque de diversões eram as ruas, os barrancos, o açude, os campos e os morros. Brincávamos com piões que nós mesmos esculpíamos em madeira e com bolas de gude. Claro que também tínhamos de ajudar o dia a trabalhar o pequeno pedaço de terra que a comuna nos entregara. Quando chovia, procurávamos recolher o máximo possível de água em baldes e potes. Somente no inverno, éramos liberados do trabalho na terra, porque os campos ficavam cobertos de neve. Eu adorava as brincadeiras da época de frio. Fazíamos bonecos e perseguíamos uns aos outros, atirando bolas de neve. Os

tombos no terreno acidentado não eram raros. Eram horas de liberdade naquele mundo de brancura, no amplo espaço dos campos. Chegávamos em casa cobertos de neve, às vezes com roupas rasgadas, orelhas, nariz, mãos e pés vermelhos de frio, e o corpo molhado de suor por baixo das roupas acolchoadas de algodão. Mais trabalho de lavagem e costura para a niang.

Uma brincadeira de que gostávamos em especial era a "luta do cavalo de uma perna só". Divididos em dois grupos, tínhamos de nos equilibrar em uma perna, tentando desequilibrar o oponente com a outra. Quem fosse derrubado estava fora. Para dificultar ainda mais, brincávamos em encostas. Havia outra brincadeira interessante: cada um pegava uma vareta de bambu e escolhia-se um "objeto", que podia ser uma lata vazia ou meia espiga de milho debulhada. Um de nós ficava no meio, procurando levar o objeto para dentro de um buraco, enquanto os outros tentavam impedir. Às vezes, o objeto e as varetas acabavam voando em todas as direções, o que tornava a brincadeira bastante perigosa. Preferíamos usar uma lata como objeto, por causa do ruído produzido pelo metal, mas esse era mais um luxo a que raramente tínhamos acesso.

Em um domingo, em plena estiagem de verão, eu e meus irmãos fomos ajudar o dia a carregar baldes de água para irrigar a lavoura de inhame. A terra estava seca, o solo rachado. Ao nos ver molhados de suor, debaixo do sol escaldante, o dia deixou que fôssemos tomar banho no açude. Corri à frente dos outros e, ao chegar, vi alguns garotos mais velhos da vila nadando e espalhando água em todas as direções. Como me pareceu que estivessem de pé, não pensei duas vezes: mergulhei. Eu não sabia nadar e entrei em pânico quando percebi que não conseguia tocar o fundo com os pés. Cada vez que tentava gritar por socorro, engolia água, afundando e voltando à tona. Felizmente, um primo estava entre os garotos, percebeu que eu estava em apuros e me puxou para fora da água. Mais um minuto e eu teria me afogado.

Em outro dia quente de verão, um rapaz chegou à vila de bicicleta, vendendo uma raridade deliciosa: picolés. Vendo que vários dos meus colegas tinham dinheiro para comprar, corri e pedi 3 fenes à niang.

— Não tenho nada de dinheiro — ela respondeu. Eu sabia que era verdade. Ela nunca trazia dinheiro. Corri à casa de minha avó. Na-na, a mãe do meu dia, estava com 84 anos. Todos gostávamos muito dela. Sempre que tinha alguma guloseima, ela dividia conosco. Sem dentes, só podia comer alimentos macios e nos pedia para descascarmos maçãs e peras, que então escavava com uma colher. As cascas e as sobras ficavam para nós. Com a vista cansada e a audição comprometida, muitas vezes confundia os netos, trocando seus nomes. Zhang guan Li dai, dizíamos, o que significa colocar em Li o chapéu de Zhang. Ela costumava reclamar que, em seu tempo, as coisas eram muito melhores. Não gostava das mudanças causadas pela Revolução Cultural de Mao. Sempre guardava os fios de cabelo que lhe caíam, para trocar por dinheiro ou por agulhas de costura. Quem sabe não teria alguns fenes guardados? Como não queria pedir diretamente, perguntei: — Na-na, que tal tomar um picolé?

— Ah, não. São muito frios para mim. Faz anos que não chupo um picolé.

— A niang não tem 3 fenes para eu comprar um picolé. Meu dia não tem dinheiro. Pode me emprestar 3 fenes? Todos os meus colegas compraram! Na-na procurou, mas não tinha dinheiro trocado; somente uma nota de 1 ivane.

— Se me der 1 ivane, vou ficar muito feliz. Eu pago. Prometo! Ela achou muita graça na minha audácia de tomar emprestado 1 ivane e ainda dizer que pagaria.

— Ah, 1 ivane! Na-na ria sem parar. Se tivesse dentes, estariam todos à mostra. Mas acabou me dando o dinheiro e aceitando minha promessa. Gastei apenas 3 fenes. Nos dias seguintes, recolhi todo cabelo e todo pedaço de metal que pude encontrar, vendendo-os no

ferro-velho da comuna e conseguindo assim alguns fenes de cada vez. Quando juntei 10 fenes, troquei por uma nota, que escondi entre as folhas do meu exemplar do Livro Vermelho de Mao. Depois de pagar a Na-na, fiz uma surpresa à niang: usei o dinheiro restante para comprar um pouco de tofu, que ela adorava. Antes de mais nada, ela quis saber como eu conseguira o dinheiro — pensou que eu tivesse roubado do dia.

Naqueles verões, algumas noites eram insuportavelmente quentes. Não havia ventiladores na casa, e a brisa leve era insuficiente para espantar as nuvens de mosquitos. Para impedir que fizéssemos travessuras naquelas noites quentes de verão, os adultos sempre nos contavam histórias.. O mais popular contador de histórias era o Wuho, que tinha ensinado a minha mãe a receita para curar nossas verrugas. Todos gostavam muito dele. O Wuho conhecia boas histórias de Kung Fu e inúmeras fábulas fascinantes. Quando morreu, alguns anos depois, fui ver seu corpo dentro do caixão modesto. Ele parecia ter encolhido. Como não tinha filhos, os vizinhos doaram o caixão e fizeram uma cerimônia de sepultamento simples. Senti falta dele e de suas histórias encantadoras, que tiveram profunda influência sobre minha vida.

Uma das atividades de que mais gostava nos dias de verão era pegar libélulas. Havia muitas delas na superfície da água do açude. Eu me sentava na margem e ficava à espreita, segurando uma vassoura de bambu. Então, escolhia uma, batia nela com a vassoura e depois a recolhia. As fêmeas eram presas a uma varinha de madeira que eu girava no ar, de modo a atrair os machos. Em seguida, com cuidado, ia baixando a varinha, até que o macho estivesse a meu alcance. As libélulas não passavam fome: eu pegava moscas ou larvas para alimentá-las e libertava todas à noite.

Eu também gostava de caçar grilos, mas só os machos, que usávamos para competições. Adorava o som dos grilos — era como um canto ou uma melodia para mim. Fosse noite ou dia, sempre que

ouvia o som de um grilo, ia atrás até pegar. Mas era preciso cuidado ao entrar em áreas perigosas, onde poderia haver cobras. Os grilos eram criaturinhas espertas: escondiam muito bem suas casas e paravam de cantar quando eu me aproximava. Haja paciência! Eu tratava muito bem os meus grilos; procurava oferecer a eles o que havia de melhor em matéria de abrigo e alimentação. Ficavam guardados em vidros onde eu colocava pedras, um pouco de terra e até grama, além de água e comida. Na maioria das vezes, porém, a boa vida deixava meus grilos lutadores gordos e preguiçosos. O melhor ganhava como prêmio uma fêmea. Não admira que, entre as fábulas que o Wuho contava, uma das minhas preferidas fosse sobre um grilo. Quase sem roupa por causa do calor, formávamos um grande círculo em volta dele, que, alisando com uma das mãos a longa barba branca e tendo na outra o velho cachimbo, começava: Era uma vez um imperador chinês que gostava muito de lutas de grilos. Todo ano, ele exigia que os governadores das províncias lhe enviassem seus melhores grilos. Para conquistar a admiração do imperador, os governadores mandaram que os habitantes saíssem à caça dos melhores grilos do lugar.

Em uma pequena vila no sopé da montanha, vivia uma família pobre: pai, mãe e o filho de 10 anos. Todos chamavam o menino de Bravo Herói. Seu pai era um caçador corajoso, e sua mãe, uma bondosa mulher. Eles amavam o filho. O menino era a luz dos olhos deles. Certo dia, o pai voltou das montanhas trazendo a presa mais valiosa: um belo grilo, ao qual também deu o nome de Bravo Herói. O pai estava aliviado, pois sabia que, se não encontrasse um grilo em 24 horas, receberia uma multa pesadíssima. O filho não se continha de curiosidade e tanto que pediu, que o pai acabou concordando em que desse uma olhadinha. Mal o garoto abriu o tubo de bambu, o bichinho saiu pulando e escapou. Um galo que estava por perto não perdeu tempo: engoliu o grilo. O pai, enraivecido, ordenou que o filho procurasse outro grilo e não voltasse de mãos vazias. O pobre

menino foi para as montanhas. No dia seguinte, foi encontrado caído sobre uma pedra, quase morto. O pai sentiu um aperto no coração de tanta dor. Quando pegou nos braços o corpo inerte do filho, viu um grilo muito feio pular sobre seu rosto pálido. O pai afastou o inseto e levou o menino para casa.

Os pais choraram pelo filho à beira da morte e o deixaram deitado no centro da sala, esperando que desse o último suspiro. Enquanto rezavam, ouviram um som fraco: era o mesmo grilo feio que o pai tinha afastado do rosto do filho. Com raiva, ele atirou o bichinho longe. Momentos mais tarde, chegou o governador para recolher o grilo. O homem disse que nada tinha para dar. Quando o governador enfurecido já ordenava aos guardas que ateassem fogo à casa, ouviu-se o cantar de um grilo. O som vinha forte, alto. Foram todos seguindo o som até chegar ao tubo de bambu, dentro do qual encontraram aquele mesmo grilo. Ao ver um inseto tão feio e pequeno, o governador pensou que o homem estivesse fazendo pouco caso dele e atirou o bichinho pela janela, para que fosse comido pelo galo que ciscava lá fora. Quando o galo estava para abocanhar o grilo, este pulou sobre a crista da ave. Depois de uma breve luta, o galo caiu morto. O governador ficou impressionado. Supondo que o grilo tivesse um nome, perguntou ao homem qual era. Este disse que gostaria que fosse chamado de Bravo Herói, em homenagem ao filho. Bravo Herói logo se tornou o lutador número 1 do reino. Jamais perdeu uma luta. Por ter vencido até mesmo seus galos de briga, o imperador lhe dedicava grande afeição.

Enquanto isso, na pequena vila das montanhas, o menino ainda respirava. Os pais o mantinham no centro da sala. Terminada a temporada de lutas de grilos, o imperador ordenou ao governador que recompensasse com ouro e prata a pessoa que tinha encontrado um bichinho tão formidável. Mas a tristeza dos pais do menino era profunda demais. Recompensas materiais não lhes trariam o filho de volta. Certo dia, o grilo sumiu misteriosamente da gaiola onde era

mantido no palácio. No mesmo dia, o menino voltou a si. O pequeno grilo era o espírito de Bravo Herói, que tinha tomado outra forma para salvar a família.

Eu adorava essa história. Apreciava a bravura do menino e desejava me transformar em grilo para salvar da pobreza a minha família. Pena que Mao não gostasse de lutas de grilos.

Nossa infância na Comuna Li não era feita apenas de histórias e brincadeiras. Foi nessa época, em meados de 1966, que a Revolução Cultural atingiu seu período mais caótico. Jing Tring e eu éramos pequenos demais para participar — 6, 7, 8 anos de idade. Mas meus irmãos mais velhos participaram. Eles saíam à tarde e voltavam à noite, contando histórias terríveis sobre como os jovens guardas vermelhos destruíam tudo que lembrasse o Ocidente: livros, pinturas, obras de arte — qualquer coisa. Demoliam templos e santuários: Mao não queria outras religiões competindo com o comunismo, que deveria ser nossa única fé. Os guardas iam de região em região, investigando possíveis suspeitos de serem contra a Revolução. Bastava mencionarem o nome de Mao, e os guardas vermelhos não tinham de pagar por coisa alguma. Por um curto período, aqueles jovens guardas quase levaram a China à falência, e o país esteve à beira da guerra civil pelo fato de diferentes facções militares apoiarem diversos líderes do governo. Lá em Vila Nova, porém, pouco sabíamos do panorama geral.

Meus pais fizeram de tudo para convencer meus irmãos a ficar em casa naquelas tardes. Chegaram mesmo a ameaçar trancar a porta, deixando-os do lado de fora, caso voltassem muito tarde. Mas na verdade nada havia que pudessem fazer — uma incontrolável onda de fúria política varria a China. Os ânimos estavam exaltados, em especial entre os jovens e nas grandes cidades.

Até o respeitável chefe da vila foi acusado de contrarrevolucionário. Eu e meus irmãos vimos quando um grupo de acusados teve de percorrer a vila com pesados quadros-negros

pendurados no pescoço e chapéus de papel branco na cabeça. Cada um tinha os crimes anotados a giz no quadro e o nome escrito no chapéu. Deviam ficar de pé sobre uma plataforma armada no centro da praça da comuna e confessar seus crimes à multidão reunida em volta. Fomos lá para olhar. Os oficiais e guardas vermelhos distribuíam folhetos de propaganda. O barulho feito pela multidão era terrível. Usando um megafone, um homem gritava slogans incessantemente. As pessoas riam e zombavam. Durante a confissão, o acusado tinha de baixar a cabeça e se desviar dos objetos atirados contra ele. Cabeça erguida era sinal de arrogância, teimosia ou definitiva contaminação pela corrupção capitalista. O acusado nunca estava certo: se falava baixo, era agredido e acusado de esconder alguma coisa; se falava alto, era agredido do mesmo jeito e acusado de "atitude ostensiva típica de latifundiários". Suas confissões eram quase sempre interrompidas pelo homem do megafone, que gritava slogans revolucionários, como "Derrubem e matem os capitalistas!", ou "Não permitam a volta de Chiang Kaishek e dos latifundiários!", ou ainda "Não se esqueçam da vida cruel de antigamente e lembrem-se da doce vida da nova China!" E, é claro, havia os intermináveis brados de "Vida longa ao chefe Mao! Vida longa ao chefe Mao!" Os revolucionários puxavam constantemente a cabeça dos contrarrevolucionários para trás, humilhando-os ainda mais. Com isso, às vezes, o chapéu caía, deixando à mostra a cabeça raspada — o que faziam para evitar que fossem puxados pelos cabelos.

Meus pais nos disseram que o chefe da vila era um bom homem. Fiquei confuso. Que crime teria ele cometido? Poucos dias mais tarde, porém, o líder revolucionário comunista conduziu um numeroso grupo de pessoas à casa do chefe da vila. Só então me dei conta de que ele não estava entre os acusados obrigados a desfilar pelas ruas.

Como encontrou trancada a porta da casa, bateu e gritou: "Abra a porta! Abra a porta senão seu crime será dez vezes pior!" A porta se abriu. E lá estava, de pé, a mulher do chefe, pedindo demência. Segundo ela, o marido estava tão doente que não conseguia deixar a cama. O líder comunista não acreditou e pediu para vê-lo. Saiu de lá convencido. Lembro-me de, anos mais tarde, ver o chefe da vila sentado em uma cadeira em frente ao portão de sua casa. Parecia pálido e imóvel. Tinha perdido todos os cabelos e até as sobrancelhas. Senti muita pena dele. Mas naquele tempo eu era mais um dos jovens guardas de Mao e não podia permitir-me tal sentimento.

Durante a Revolução Cultural, assisti a muitos desfiles e reuniões. Os guardas vermelhos diziam estar eliminando os inimigos da classe, o que incluía donos de terras, proprietários de fábricas, homens de negócios bem-sucedidos, membros do Partido Guomindang e oficiais do exército, intelectuais e qualquer um que pudesse representar uma ameaça ao governo comunista. Mas houve uma situação cuja simples lembrança até hoje faz meu coração sangrar. Era um grupo grande. Como sempre; eu e os colegas fomos atrás. Ouvimos o líder comunista ler as sentenças de cerca de quinze donos de terras, proprietários de fábricas e contrarrevolucionários. Em seguida, foram todos embarcados em um caminhão. De longe, viam-se os chapéus brancos pontudos com os nomes escritos em tinta preta e riscados por uma grande cruz vermelha. Foram todos levados para um campo nas proximidades. Apesar das recomendações dos adultos, eu e meus colegas seguimos o caminhão, correndo o mais depressa que conseguíamos. Quando chegamos ao local, já encontramos uma multidão alvoroçada, disposta em semicírculo diante dos acusados. Era tanta gente que ninguém nos percebeu agachados, espiando entre as centenas de pernas.

Vi os homens de pé junto de um barranco. Alguém iniciou uma contagem. Dois homens caíram de joelhos. Um deles começou a gritar: — Sou inocente! Sou inocente! Não fiz nada de errado! Deixem-me viver! Outro gritava: — Tenho filhos pequenos! Vão morrer de fome sem mim! Tenham piedade da minha família! Então, ouvi alguém contar: Yi, er, san! (Um, dois, três...) Armas dispararam. O ruído me cortou o coração. Espirrou sangue para todo lado. Os corpos caíram. Gritei e corri para casa o mais rápido que pude.

Gostaria de ter ouvido os conselhos dos adultos. Gostaria de não ter visto aquilo. A visão por muito tempo me perseguiu em sonhos.

5

跳舞

NA-NA

O regime de Mao não mudou apenas nosso modo de viver; mudou nosso modo de morrer. Até o tratamento dado à morte mudou sob o comando de Mao. Tudo mudou. Certo dia, quando eu tinha cerca de 8 anos, resolvi, para impressionar a niang — que custava a voltar do trabalho no campo —, preparar o almoço da família. Peguei algumas sobras de comida, coloquei em uma espécie de panela de bambu e, tentando ser criativo, acrescentei alguns de seus preciosos ovos a um molho de frutos do mar. Estava difícil acender o fogo, e o cômodo logo se encheu de fumaça. Para ver se a comida estava bem cozida, levantei a grande e pesada tampa da panela. Era ainda tão pequeno que tive de subir em um banquinho. Ao pegar a tampa, o banco me escapou dos pés e o vapor atingiu em cheio o meu rosto. Fui de encontro à borda quentíssima da panela, que me queimou, e joguei ao chão os seis preciosos pratos recentemente comprados.

Fiquei apavorado! Sabia que meus pais tinham economizado o ano todo para comprar aqueles pratos. E então, estavam ali, aos meus pés, quebrados em mil pedaços.

Corri até a casa de Na-na, bem ao lado. Sempre que estava em apuros, eu corria para lá. Meus pais nunca gritavam conosco diante dela. E, naquele momento, eu estava em apuros! — Que aconteceu? — ela perguntou ao ver minha expressão assustada. — Quebrei os pratos novos da niang — respondi entre soluços. — Quantos?

— Seis.

— Quantos? — ela tornou a perguntar, em um tom mais alto. Eu não tinha certeza se ela não ouvira ou se não queria acreditar. Ainda na véspera, a niang tinha lhe mostrado orgulhosamente os pratos novos.

Repeti o número, falando mais alto e mostrando seis dedos. — Oh! Wo de tian na! (Meu Deus!) — ela exclamou com uma expressão de incredulidade. — Como conseguiu quebrar tantos?

Contei em poucas palavras o que tinha acontecido. A niang ia ficar muito aborrecida quando soubesse.

— Não se preocupe. Eu cuido disso. Almoce comigo — disse, olhando-me com uma expressão tranquilizadora. — Você quebrou os pratos tentando ajudar. É um garoto bom. Não deve ser castigado.

Na-na continuou, falando para si mesma: — Em que mundo nós vivemos!... Uma mãe de sete filhos tendo de trabalhar no campo! Nunca vi coisa igual! Ela já havia preparado o almoço e, enquanto falava, ajeitava a comida na travessa de madeira. Quando vi a quantidade, percebi que era comida só para um.

— Pode comer tudo — ela disse. — Eu espero para comer mais tarde com a sua niang.

Eu hesitei. Quem dava comida a Na-na eram meus pais, meus tios e minhas tias. A comida dela era sempre melhor que a nossa.

— Sua niang vai chegar a qualquer momento. Se não se apressar, ela vai encontrar você. Eu, se fosse você, não estaria por aqui quando ela voltasse! Engoli rapidamente seu pãozinho delicioso e saí correndo. Quando voltei para casa, à tarde, encontrei a niang muito aborrecida. Ouvi quando disse ao meu dia: — Sua niang estava

tentando ajudar a preparar nosso almoço, escol regou do banquinho e quebrou todos os seis pratos novos! Acho que el está ficando velha.

— Está mesmo, não é? — meu pai respondeu preocupado. — Ainda bem que não se machucou. Fiquei eternamente grato a Na-na por ter salvado minha pele. Naquela noite, esgueirei-me em silêncio até a casa dela e disse baixinho em seu ouvido: — Obrigado, Na-na!

— O quê? — ela gritou. Eu tinha tanto medo que descobrissem a verdade, que não quis falar mais alto. Simplesmente, dei um beijo em sua bochecha gorducha e voltei para casa.

Na segunda metade daquele ano, a saúde de Na-na foi piorando gradativamente. Cunsang, meu quarto irmão, que tinha uma ligação especial com ela, passou a dormir na cama dela, para poder observá-la melhor. Com a saúde cada vez mais debilitada, já não conseguia andar nem comer, perdeu o controle dos intestinos e foi nos deixando aos poucos. Morreu cerca de um ano depois daquele dia em que quebrei os pratos.

Seguindo o costume local, seu corpo ficou em um caixão na sala da casa por três dias. O cheiro de incenso invadia as casas em volta.

— Por que o corpo de Na-na tem de ficar aí por três dias? — perguntei a Cunmao, meu terceiro irmão.

— Para o caso de ela viver novamente. — E como uma pessoa morta pode voltar à vida? Cunmao me contou uma história que tinha ouvido de um amigo: — Um casal de velhinhos era cuidado pelo único filho e pela nora. Mas os dois velhos não eram bem cuidados. Quase sempre só recebiam restos para comer — ele começou.

— Os mais novos não deveriam ser bons para o pai e a mãe? — interrompi.

— Nem todos são bons para os mais velhos, como somos em nossa família — ele continuou. — Certo dia, um parente distante do casal de velhinhos teve pena deles e lhes deu dois ovos cozidos. Eles ficaram tão satisfeitos que logo descascaram os ovos. Iam começar a

comer quando ouviram os passos da nora se aproximando. A mulher disse ao marido que comesse depressa. Com medo de que a nora o acusasse de ter roubado os ovos, o homem colocou o ovo na boca e o engoliu inteiro.

— Por que ele não mastigou? — perguntei.

— Ele não tinha dentes — respondeu Cunmao. Ele sabia o quanto eu estava interessado. — Vamos parar por aqui — disse. — Pode ser muito assustador para você.

— Por favor! Por favor! Prometo que não vou ficar com medo!

— Então me prometa que, se não conseguir dormir à noite, não vai dizer aos nossos pais que lhe contei essa história.

— Prometo, prometo de coração! — eu disse, batendo no peito com o punho.

— Jura? — ele perguntou.

Eu cuspi no chão e pisei em cima.

— Tudo bem — ele continuou. — O velho se engasgou com o ovo e logo parou de respirar.

— Ele morreu? —, perguntei com um suspiro. — Claro que morreu! Então, compraram um caixão barato e fizeram um enterro pobre. A velhinha, que não queria continuar neste mundo sem o marido, pediu ao filho que a enterrasse também.

— E ele enterrou? — perguntei.

— Não! É ilegal enterrar uma pessoa viva. Eu adivinhava que a melhor parte da história ainda estava por vir. — O único bem que a velhinha possuía era um colar de pérolas que havia ganho do marido. Ela pegou o colar e colocou no pescoço dele, pedindo a sua alma dele que encontrasse um bom lugar de descanso e voltasse para buscá-la. O filho não esperou o período de três dias; enterrou o pai na primeira noite após a morte. A notícia do homem enterrado com um tesouro no pescoço logo se espalhou. À meia-noite, um ladrão escavou a terra e abriu o caixão. Ele podia ver as pérolas refletindo a luz da Lua. Antes de pegar o colar, o ladrão quis ter a

certeza de que o homem estava morto mesmo. Bateu com força três vezes no peito dele. Quando ia pegar o colar... adivinhe o que aconteceu?

— O homem se levantou?

— Rá-rá! — Cunmao ria com vontade. — Tem certeza de que não está com medo?

— Já prometi! Conte logo! — O velho abriu bem os olhos e disse com voz forte: "O que pensa que está fazendo, homem?" O ladrão, como se tivesse visto um fantasma, saltou para fora da cova e fugiu apavorado.

Fiquei petrificado. Aquela era a última coisa que eu poderia esperar. Cunmao tinha os olhos bem abertos, exatamente como os do velho.

— Por que ele viveu de novo? — perguntei quase sem fôlego.

— Eu sabia que você não ia entender! — zombou Cunmao. — O ovo estava preso na garganta do homem. Quando o ladrão socou o peito dele, o ovo se soltou e ele voltou a respirar. É por isso que temos de deixar o corpo da Na-na descansar três dias. Para o caso de ela, também, voltar a viver.

— Então, por que alguém não vai lá e dá três socos na Na-na?

— E você acha que os mais velhos iam fazer isso na nossa frente? Agora chega. Vá brincar.

Eu ainda tinha muitas perguntas a fazer, mas vi que Cunmao já estava cansado de mim. Quando perguntei ao meu segundo irmão, Cunyuan, o motivo de o corpo de Na-na ser deixado por três dias na sala da casa, ele me disse que era para dar tempo de os parentes que moravam longe chegarem para o enterro. Achei a história de Cunmao bem mais interessante.

A morte de Na-na me deixou muito triste. De início, a visão de seu rosto pálido e imóvel no caixão não me perturbou. Com o passar do tempo, porém, sua expressão foi ficando estranha e assustadora. Tive pesadelos por várias noites seguidas.

Na-na não quis ser enterrada perto do meu avô, porque a primeira mulher dele já estava lá, e ela não queria brigas. Segundo disse, a primeira mulher sempre tem prioridade. Poucos dias antes da morte de Na-na, meus pais ouviram dela um pedido: — Se existe alguma coisa que quero que façam por mim, é me enterrar decentemente. — Ela acreditava que seu espírito iria viver em outro mundo. Então, meu dia e meus tios pediram a um bom carpinteiro que fizesse um caixão especial, entalhado com pássaros, flores, árvores e água. O marido de nossa tia mais nova, aquele que era pintor de móveis, fez uma bela pintura e tirou muitas fotografias.

Não foi fácil conseguir permissão para dar a Na-na um enterro tradicional. Aquela era então considerada uma prática ultrapassada e nociva. O governo começava a pressionar as pessoas a cremar seus mortos. Os mais velhos da família consultaram vários escalões da liderança da comuna, mas nenhum dos funcionários quis assumir a responsabilidade de autorizar o enterro tradicional. Ninguém nos autorizou formalmente. Mas, como também ninguém nos disse que não poderíamos fazer, Na-na teve o enterro que desejava. Meu dia comentou conosco o quanto era importante ser honesto e bom: — Não fosse pela reputação da família Li, não teríamos conseguido.

O enterro da Na-na foi o último em nossa vila. Os líderes da vila nos permitiram enterrar Na-na à beira de um canal que trazia a água do campo. Qualquer lugar em que houvesse água era considerado bom. Ficava entre a nossa casa e a Colina do Norte.

Antes de morrer, Na-na escolhera pessoalmente as roupas e os sapatos com que seria enterrada. Eram roupas feitas por ela, de modo que se sentisse confortável no outro mundo. Depois da morte, ela foi lavada com um pano aquecido, para livrá-la das sujeiras deste mundo, permitindo que começasse limpa a nova vida. As filhas de Na-na a vestiram com a roupa escolhida; um casaco de algodão de um azul esverdeado escuro, e calçaram-lhe sapatos pretos com flores costuradas na sola. O morador da aldeia que tinha a letra mais

bonita foi chamado para escrever o nome da Na-na em um grande pedaço de papel branco, com o mesmo formato de uma lápide. Quando uma pessoa morria, seu espírito ainda ficava por perto, procurando seu lugar. Se não fizéssemos rapidamente o cartaz com o nome de Na-na, seu espírito poderia sair vagando e perder-se para sempre. O homem de letra bonita também escreveu o nome e a data de nascimento de Na-na em um corte de seda com tamanho suficiente para envolver o caixão. Pelo menos, uma pessoa deveria passar os três dias ao lado do caixão, "para manter a companhia de um ente querido". Quem quer que entrasse no cômodo onde estava o corpo deveria chorar alto — não importava a idade que tivesse. Nesse momento, a pessoa que estava ao lado do caixão devia chorar também e dizer o nome do visitante, para que Na-na soubesse quem tinha ido homenageá-la.

Na primeira noite depois da morte de Na-na, usamos talos de sorgo e papel de arroz azul para desenhar algumas vacas, um cavalo e várias figuras do tamanho de uma criança. Um pintor, então, completava as figuras com rostos meio humanos. Os modelos representavam a comida e os criados que Na-na levaria para sua nova vida. "Na-na tinha sido tão pobre em nosso mundo", pensei, "e morria tão rica." Na verdade, ao morrer, só o que tinha de seu era uma cômoda.

No dia seguinte à morte da Na-na, assim que o sol se pôs, a família formou uma procissão. Todos choraram alto durante os dez minutos que levaram para percorrer a distância que separava nossa casa de um templo em miniatura construído por meu dia e pelos irmãos dele, para substituir o que havia sido destruído pelos guardas vermelhos. A altura do templo não chegava a um metro — parecia mais uma casa de brinquedo. No entanto, era ali que o deus local decidiria se Na-na merecia ter uma vida feliz daquele dia em diante. Se havia um deus, e se ele era um ser justo, cuidaria de Na-na

para sempre. Ela era a melhor pessoa do mundo. Não consigo pensar em alguém mais doce.

A procissão se repetia na segunda noite, depois do pôr-do-sol, e novamente no terceiro dia, o dia do funeral, antes do nascer do sol. Coveiros experientes, então, iam para o local do sepultamento, preparando-o para receber o caixão.

O funeral era dispendioso. Algumas famílias gastavam um terço de suas economias. Apesar do custo, nossa família contratou muita gente: carregadores para o caixão, para as colchas e para os cobertores, dançarinos em pernas-de-pau, músicos e até pessoal para levar espelhos, pentes, canecas, comida, bebidas e, o mais importante, muito dinheiro feito de papel.

No dia do funeral, a procissão saiu da casa de Na-na, com meu tio mais velho equilibrando sobre a cabeça um grande pote de barro. Em determinado ponto do caminho, ele deixou cair o pote ao chão, quebrando-o. Era o sinal para que todos começassem a chorar — uma das poucas ocasiões em que se admitia chorar em público. Somente os homens podiam ir até o local do sepultamento. As mulheres ficavam em casa chorando e preparando a comida.

O cortejo do funeral Li foi impressionante. Muitos parentes distantes compareceram — alguns que nem sabíamos existir! A procissão ia bem devagar atrás do caixão. Parecia nunca terminar. Eu nunca soubera que meu dia tivesse chorado antes, nem soube que chorasse depois. Mas ainda havia mais choro pela frente. Tivemos de nos ajoelhar diante do caixão, tocando o chão com a testa três vezes, antes que baixasse à sepultura. Ainda me lembro de ver algumas "janelinhas" no túmulo, onde foram colocados um espelho, uma caneca e outros objetos.

O pior momento foi quando fecharam a sepultura. Meu coração se acelerou. Eu queria fugir à visão assustadora daquele rosto sem vida dentro do caixão. Quem mais sofreu foi meu quarto irmão:

Cunsang chorou durante dias e, pelos meses seguintes, dormiu na velha cama de Na-na.

Depois da morte da Na-na, tivemos de usar no corpo, durante um ano, alguma peça branca. Nossos pais usavam camisas brancas, mas só o que a niang conseguiu para nós, crianças, foram tiras de pano branco, que prendeu aos nossos sapatos. Íamos frequentemente visitar o túmulo de Na-na, com nosso dia e o quarto irmão, de modo que ela não se sentisse solitária no novo mundo. Sempre levávamos comida, além de ouro e dinheiro simbólicos. Apesar da tristeza que sentia, eu gostava de ir lá desejar a Na-na uma vida feliz.

Ainda nem fazia um mês que Na-na tinha morrido quando a niang adoeceu subitamente, com vômitos e febre alta. Apesar de consultar alguns curandeiros locais, ela continuava doente e, na segunda noite, teve um sonho estranho: Na-na acusava ela e o dia de não cuidarem dela. Dizia que vivia em uma casa miserável e cheia de goteiras. A niang tentou argumentar: — Cuidamos da senhora do melhor modo possível enquanto estava viva e lhe demos muito dinheiro para levar para o mundo novo. Que mais podíamos fazer?

— E quem disse que estou morta? — Na-na respondeu dando as costas à niang.

Na manhã seguinte, a niang contou o estranho sonho a suas companheiras de costura.

— Talvez ela precise de ajuda — a amiga sussurrou. — Por que não faz um teste, para ver se tenho razão?

— Está bem, vou fazer. Mas por que você está falando baixo?

— Porque existem muitos espíritos vagando por aí. Se eles ouvirem nossa conversa, podem lhe pregar uma peça.

Depois que a amiga se foi, a niang pegou um ovo cru e o colocou sobre o kang, entre dois pauzinhos que usava para comer apontados para o norte. Então, acendeu dois incensos, fechou os olhos e disse em voz alta: — Niang, mãe de Li Tingfang, se foi o seu espírito que

me apareceu a noite passada e se precisa de alguma coisa, que se mostre novamente agora.

Em seguida, colocou entre os dois pauzinhos o ovo com a ponta voltada para baixo. Segundo se dizia, se fosse o espírito da Na-na pedindo ajuda, o ovo ficaria de pé sozinho.

Ao abrir os olhos, a niang ficou atônita. O ovo ainda estava de pé! Mesmo para uma pessoa tão supersticiosa, a situação era um bocado assustadora.

Por alguns momentos, ela ficou sem saber o que fazer, até que o ovo caiu e foi rolando em sua direção. Ela o aparou com a mão, como se fosse o próprio espírito de Na-na, e imediatamente, voltada para a direção onde ficava a sepultura, tocou o chão três vezes com a testa.

— Niang! Vamos visitá-la em breve, levando comida e dinheiro! Por favor, perdoe os nossos pecados! — murmurou.

Naquele dia, quando meu segundo irmão chegou da escola, ela pediu que chamasse dois dos mais novos para irem com ele imediatamente verificar como estava a sepultura de Na-na. Fomos os três correndo. Ao chegar lá, encontramos na terra um buraco grande e redondo, feito por algum animal. Como não sabíamos do sonho da niang, simplesmente enchemos o buraco com terra e voltamos para contar o que tínhamos encontrado. Assim que o dia chegou do trabalho, ela disse a ele: — Vá depressa à sepultura da niang, levando comida e dinheiro e veja se o buraco está bem tapado.

O dia ia perguntar o porquê daquilo tudo, mas a niang o interrompeu: — Vá logo, eu explico depois! A princípio, o dia relutou um pouco, porque era hora do jantar, mas, ao vê-la tão séria e determinada, dirigiu-se para a sepultura, levando lanterna, pá, uma garrafa de água e dinheiro de papel.

Mais tarde, naquela noite, a niang finalmente nos contou o sonho e o teste com o ovo. As crianças todas riram da história, achando que ela estava sendo supersticiosa, mas o dia ficou pensativo. "Não se

pode acreditar inteiramente, mas também não se pode desacreditar." Eu pensei que é o que Confúcio teria dito. Seja como for, no dia seguinte, a niang acordou sem febre.

Meus pais comentaram o acontecido muitas vezes. O grupo de amigas da niang também. Afinal, eram suas crenças supersticiosas que lhes davam esperança para além da dura realidade da vida diária.

Uma questão que incomodou meus pais por algum tempo foi por que a Na-na teria mandado a mensagem através da niang, e não do dia. Talvez, eles pensaram, ele não levasse o sonho tão a sério ou estivesse cansado demais até para sonhar. O mais importante, porém, é que Na-na não teria coragem de fazer adoecer aquele que era responsável por nosso sustento, seu filho mais novo — o favorito.

A morte da Na-na foi a primeira vez na vida em que perdi alguém muito querido. Sempre que entrava na casa dela, ou simplesmente passava pela porta, as lágrimas escorriam. Ainda podia ouvir sua voz doce. Muitas vezes sonhei com ela. Durante anos e anos senti a falta dela.

6

跳舞

A SALA DE AULA DO CHEFE MAO

Na-na morreu no ano em que eu deveria começar a escola. A idade obrigatória era 8 anos, mas, como não havia vagas, tive de esperar até o ano seguinte. Era fevereiro de 1970. Eu tinha acabado de completar 9 anos. Para o primeiro dia na escola, a niang me vestiu com as melhores roupas: um novo casaco acolchoado de algodão preto, uma calça usada, também de algodão, com remendos nos joelhos e no traseiro e um chapéu de algodão com pele sintética. Ela fez ainda uma sacola simples de tecido azul-escuro, para guardar o material escolar. O dia me comprou dois cadernos: um quadriculado, para a prática de caracteres chineses, e outro para matemática. Além disso, fez um estojo de madeira, onde colocou um lápis, uma faquinha e uma borracha redonda. O material mais importante, é claro, era o Livro Vermelho de Mao.

— Hoje é um dia especial para a família Li! — a niang disse alegremente à mesa do desjejum.

— Por quê? — perguntou o dia.

— A partir de hoje, a família Li tem mais um estudante — ela se inclinou para mim. — Espero que estude muito. Não estamos

mandando você à escola para brincar. Quero que aprenda mais que o dia e os seus irmãos.

— Mmm... — o dia resmungou. — Não é muito difícil saber mais que eu.

— Ouça os professores, obedeça às ordens deles, seja um bom aluno. Não envergonhe a família Li. Seja um motivo de orgulho para nós — completou a niang.

Passei apreensivo todo o desjejum. A escola significava o fim dos meus dias de despreocupação. Significava que teria de usar roupas e sapatos e seguir regras. A escola me ensinaria a ler e a escrever, mas, lá no fundo, como o dia e meus irmãos, eu pensava na utilidade que isso teria para um camponês cuja sina era trabalhar a terra. Em que ajudaria quando nos faltasse comida? Para ser um bom lavrador, eu não precisava ir à escola.

A escola ficava a mais ou menos um quilômetro e meio da nossa casa, mas, como não havia uma sala para acomodar os novos alunos, a vila ofereceu uma casa velha e abandonada, provisória. Eu conhecia a casa. Estava sempre vazia. Disseram-me que um casal sem filhos vivera ali, mas havia desaparecido misteriosamente quando de uma visita a parentes em outra província. Os oficiais da comuna fizeram queixa à polícia, mas as investigações nada revelaram. Havia rumores de que se tratava de um casal de espiões que tinha conseguido escapar para Taiwan. Costumávamos atirar pedras na casa, e os garotos mais velhos garantiam que era mal-assombrada. Sempre tive vontade de espiar pela janela, para descobrir o que havia lá dentro, mas me faltava coragem. E, então, a casa misteriosa seria nossa escola provisória.

Assim foi o primeiro dia: uns doze garotos moradores da vizinhança se encaminharam para a escola, tagarelando animadamente, imaginando o que haveria dentro da casa. No meio do caminho, encontramos alguns estudantes mais velhos.

— Lá vêm os novos alunos! — apontou um deles. — Estão merecendo um trote! — disse outro, provocando risadas entre os colegas.

Naquele ano, quarenta e cinco crianças de quatro vilas começaram a estudar. Ao chegarmos à escola, reunimo-nos todos do lado de fora.

Uma moça se apresentou como nossa professora de chinês e matemática e indicou o homem que estava a seu lado como o professor de esportes. O nome dela era Song Ciayang.

— Alunos, este é um dia importante para vocês, um novo começo de vida! Espero que aproveitem a oportunidade que o chefe Mao está dando a vocês. Espero que estudem muito, para não decepcionar nosso grande líder. Antes de começarmos as aulas, porém, temos de limpar este lugar e colocar as bancadas de estudo.

Para meu desapontamento, tudo o que havia na velha casa já tinha sido retirado. Nunca ficaríamos sabendo como era antes.

A casa era praticamente toda feita de tijolos de barro, com telhas em estilo alemão. Havia duas janelas pequenas com moldura em madeira, mas o papel de arroz colado nelas há muito tinha sido desfeito por nossas pedradas. Com um teto baixo, a casa era entristecedoramente escura e úmida, cheirando a poeira antiga, mofo e fezes de animais. Eu estava revoltado. Passamos a manhã inteira limpando o chão, esfregando as paredes e colando papel de arroz nas molduras das janelas. A professora Song levou fotografias do chefe Mao e do vice, Lin Biao, que foram colocadas bem no meio da parede frontal. Debaixo das fotografias, penduramos um quadro de avisos. Como não havia cadeiras nem carteiras, cada um devia levar seu banquinho dobrável — que os próprios pais faziam. Tivemos ainda de recolher madeiras usadas e cheias de farpas para fazer as bancadas de estudo.

Na primeira manhã, não aprendemos nada. Fomos divididos em dois grupos, e a professora Song escolheu dois capitães: uma menina

e um menino. A menina praticamente era mais alta que todos que viviam naquela área; o menino era Yang Ping, que morava na parte leste da vila. Consideravam-no um privilegiado, porque seu avô participara do Exército Vermelho de Mao e tinha morrido na guerra civil. Eu nunca havia brincado com ele, por causa do forte orgulho territorial que imperava na vila. Além disso, meu irmão mais velho certa vez levou um chute por trás do pai de Yang Ping, durante uma briga. Embora a avó de Yang Ping pedisse muitas desculpas e demonstrasse cuidado com meu irmão, fui aconselhado a me afastar do garoto. Quando, afinal, escolhemos onde e ao lado de quem iríamos nos sentar para estudar, tinha terminado o primeiro dia de aula.

Na manhã seguinte, chegamos às 8 horas. A professora Song fez a chamada e cada um, ao ouvir seu nome, respondeu obedientemente: Ze! Ela, então, misturou meninos e meninas, o que considerei uma atitude cruel, já que havia escolhido um lugar bem atrás, perto dos meus amigos. E fui obrigado a me sentar entre duas meninas que nem ao menos conhecia.

A professora Song distribuiu os livros. — Alunos, esta é a sua primeira aula oficial. Sabem quem é este? — perguntou, apontando para o retrato de Mao colocado na parede.

— O chefe Mao, o chefe Mao! — gritamos cheios de entusiasmo.

— Sim, é o nosso amado chefe Mao. Todos os dias, antes de começarmos a aula, vamos reverenciá-lo sinceramente. Devemos desejar-lhe vida longa, porque, se não fosse por ele, não estaríamos aqui. Ele é nosso salvador, nosso sol, nossa lua. Sem ele, ainda estaríamos mergulhados na escuridão e no sofrimento. Vamos desejar também a seu sucessor, o segundo líder em importância, o vice Lin Biao, boa saúde, boa saúde para sempre. Agora, vamos todos nos levantar e fazer uma reverência ao chefe Mao, com o coração cheio de amor e admiração! Nós todos nos levantamos, tiramos os chapéus e nos inclinamos na direção do retrato de Mao:

— Longa, longa vida ao chefe Mao! Saúde, boa saúde para sempre ao vice Lin! — Antes de se sentarem — a professora continuou —, precisamos combinar outra regra. Quando eu disser "Bom-dia, alunos", vocês respondem "Bom-dia, professora". Vamos praticar: bom-dia, alunos! — Bom-dia, professora! — respondemos em uníssono. — Muito bem! Agora, podem sentar-se — ela sorriu. — Levante a mão quem já tem o Livro Vermelho de Mao.

A maioria dos alunos levantou a mão. — Aqueles que não têm, por favor, peçam aos seus pais para comprar. Quero que o tragam amanhã. É muito importante. Devemos seguir o exemplo do vice Lin e nunca ir a lugar algum sem o Livro Vermelho do chefe Mao. O Livro Vermelho orienta nossas vidas. Sem ele, somos almas sem destino.

Seguindo as instruções, deixamos o Livro Vermelho do lado esquerdo da bancada de estudos.

— Vou ser a professora de chinês e de matemática — a professora Song continuou. — Vocês vão aprender a ler e a escrever. Levante a mão quem já sabe ler ou escrever.

Olhei em volta. Poucos levantaram a mão: a maioria, meninas felizmente. Eu mesmo não sabia reconhecer uma única palavra do livro.

— Muito bem, temos algumas crianças sabidas aqui — a professora disse. — Agora, vamos abrir o livro na primeira página.

Ocupando metade da página, uma fotografia colorida do chefe Mao me olhava fixamente. Pelas estrelas cadentes desenhadas em volta do rosto, a cabeça redonda de Mao parecia um sol. As palavras escritas na parte inferior esquerda da página mais me pareciam um gramado. "Devem ter sido inventadas por um camponês", pensei.

— Alguém sabe ler o que está escrito nesta página? — a professora perguntou.

As mesmas meninas levantaram as mãos. — O que diz a primeira linha? — a professora Song perguntou para a menina sentada à

minha direita.

— Longa, longa vida ao chefe Mao! — a menina respondeu orgulhosamente.

— Bom, muito bom! — a professora fez uma pausa e percorreu a classe com os olhos. — É verdade. Desejamos vida longa ao chefe Mao, porque esse grande líder nos salvou. Tenho certeza de que os pais de vocês já contaram muitas histórias sobre como era cruel a vida sob o regime Guomindang de Chiang Kaishek. Foram dias de escuridão e frio, realmente. O governo só cuidava dos ricos. Crianças como vocês não podiam nem sonhar em sentar-se aqui, mas o chefe Mao tornou esse privilégio acessível a todos. Hoje, vou ensinar vocês a escrever "Longa, longa vida ao chefe Mao. Eu amo o chefe Mao. Você ama o chefe Mao. Nós amamos o chefe Mao". Agora, vou escrever tudo isso no quadro-negro. Prestem atenção à sequência de movimentos.

Ela voltou-se para o quadro-negro, onde escreveu várias linhas com espantosa rapidez.

Eu estava atônito. Não consegui acompanhar a sequência de modo algum! Virei-me para olhar um dos colegas. Ele, com a mão direita, desenhou um círculo no ar em volta do pescoço e puxou para cima, revirando os olhos e colocando a língua para fora, como se estivesse sendo enforcado.

— Muito bem. Agora, quero que repitam cada uma das frases que vou ler — disse a professora, apontando o quadro-negro com uma varinha. — Longa, longa vida ao chefe Mao.

— Longa, longa vida ao chefe Mao — repetimos. — Eu amo o chefe Mao — ela leu. — Eu amo o chefe Mao — repetimos. Repetimos as frases inúmeras vezes, até que ficassem marcadas em nossa memória para a vida toda.

Durante a hora seguinte, a professora explicou cada um dos caracteres das palavras e a sequência que devíamos seguir. Somente ao escrever é que percebi que não sabia nem como segurar o lápis.

Então, olhei para o lado direito e copiei o que a menina fazia, mas fiz tanta força que a ponta quebrou. Peguei, então, a faquinha que meu pai tinha dado e tentei apontar, mas quebrou novamente.

— Ei, use o meu — disse a menina a meu lado.

— Não, obrigado — respondi sem graça. — Não precisa. — Eu tenho três. Use durante a aula e me devolva mais tarde — ela disse baixinho.

Três? Ela devia ser de família rica, para ter tantos lápis! — Qual é o problema? — de repente, a professora Song estava diante de nós.

— Ele quebrou a ponta do lápis — respondeu a colega. — Oh, e você ainda não escreveu nada! — observou a professora. Meu rosto parecia um balão vermelho. Meio relutante, aceitei o lápis da menina. Encostei com cuidado a ponta do lápis no papel e, para horror meu, os caracteres pareciam saltar descontroladamente, como pipocas. Para mim, não significavam coisa alguma, assim como o que estava escrito no quadro-negro.

— Não consigo — admiti decepcionado. — Deixe-me ajudá-lo — a professora disse pacientemente. Ela colocou a mão sobre a minha e, juntos, terminamos de escrever "Longa, longa vida ao chefe Mao".

— Muito bem. Agora você já sabe. Copie cinco vezes e vai ficar ótimo — ela disse, afastando-se para ajudar outros alunos.

Olhei rapidamente para o colega sentado atrás de mim. Ele balançava a cabeça desanimado e fazia caretas. Outro, sentado à minha frente, resmungava e dava chutes na bancada de estudo; parecia um tigre enjaulado. Alguns alunos olhavam para ele com ar de desaprovação, mas aquelas reações me consolaram. Afinal, eu não era o único.

Devia fazer frio lá fora, mas nem reparei de tão agitado me sentia pela frustração. Parecia que eu estava sentado sobre milhares de agulhas. O corpo todo coçava. Eu já não sabia se era paranoia ou piolho. Todos os alunos se coçavam. Até a professora se coçava de vez em quando. Nos primeiros anos da minha vida escolar, a coceira

foi um traço permanente. Naquele dia, cocei-me tanto que não consegui ficar sentado quieto e acabei espetando uma grande lasca de madeira da bancada sob a unha do polegar. Ninguém conseguia tirar, e o sangue jorrava. Fui chorando até chegar em casa. Felizmente, meu quarto tio havia terminado seu turno de trabalho à noite e estava lá. Com um alicate, conseguiu puxar metade da lasca. A outra metade continuou espetada até a unha cair, semanas depois. A niang aplicou um pouco de terra no machucado e fui mandado de volta à escola, com o dedo latejando de dor.

Quando cheguei, a longa aula de chinês ainda não terminara. O resto do dia se arrastou. E só tínhamos um intervalo de dez minutos a cada hora! A voz doce da professora Song me entrava por um ouvido e saía pelo outro. Eu não entendia coisa alguma. Meu pensamento vagava pelas ruas e pelos campos. Eu me sentia aprisionado e confuso. Mal podia esperar o intervalo.

Já na última hora de aula, enquanto tentava escrever com o dedo machucado, ouvi o gorjeio de um pássaro. Meu coração imediatamente escapou e se juntou a ele.

Quando criança, eu era fascinado por pássaros. Olhava para eles e sonhava. Admirava sua graça e invejava sua liberdade. Desejava ter asas para voar e fugir daquela vida difícil. Desejava conhecer a língua dos pássaros para poder perguntar a eles como era voar alto no céu. Gostaria de saber a que deus pedir para me tornar um deles — se é que havia um deus capaz de transformar seres humanos em animais. A ideia, porém, me assustava quando eu pensava que podia ser abatido por humanos ou devorado por animais maiores. Além disso, essas aves não deviam ter muito o que comer ou não ficariam bicando fezes humanas. Sem comida, a vida de um pássaro não devia ser muito melhor do que a de um menino. E, se virasse pássaro, nunca mais veria minha família. Isso certamente despedaçaria o coração da niang. Por outro lado, pensava em poder voar bem alto e encontrar comida para minha família. Sentado na

bancada de estudos, eu me lembrei de uma história que o dia contava: Certa vez, um caçador atingiu com uma flecha a asa de um pássaro. O caçador conhecia a linguagem dos pássaros e o ouviu pedir que não o matasse. Para surpresa da ave, o caçador respondeu: — Não quero matar você, mas não tenho mais nada para comer. O pássaro, então, prometeu ao caçador que, se não fosse morto, retribuiria sua generosidade encontrando comida para ele. Só impôs uma condição: o caçador teria de dividir com ele tudo o que conseguisse localizar. O caçador concordou.

Fiel à palavra dada, o pássaro transmitiu uma informação ao caçador: — Há um esquilo morto no alto da montanha, perto de uma pedra grande. Ele seguiu a indicação e encontrou o esquilo. Surpreso, repartiu alegremente o achado com o pássaro. E o arranjo continuou.

Aos poucos, porém, o caçador foi ficando ambicioso e não quis mais dividir o alimento. O pássaro, então, pensou em uma vingança. Certo dia, avisou o caçador de que havia encontrado um bode morto. O homem correu para o local, seguindo as instruções. De longe, viu alguma coisa deitada no chão e um pequeno grupo de pessoas em volta. Preocupado com a possibilidade de que aquela gente que tinha chegado antes pegasse o bode, ele correu, gritando: — É meu! É meu! Fui eu que matei! A questão é que aquilo que ele pensou ser um bode era, na verdade, um homem de camisa branca. O caçador foi acusado de assassinato e condenado à morte com cem cutiladas. Ele, então, contou a história do pássaro e apelou à Suprema Corte.

O juiz da Suprema Corte não acreditou que o caçador conhecesse a ; linguagem das aves e manteve a sentença. Antes da hora da execução, porém, resolveu perguntar a ele: — O que estão dizendo aqueles dois passarinhos pousados na árvore?

— Estão tristes porque sentem saudade dos filhotes e perguntam: "Senhor juiz, se não tem nada contra nós, por que escondeu nossos

filhos?" O juiz considerou o caçador inocente e concedeu-lhe a liberdade, já que ele mesmo havia retirado os passarinhos do ninho, para testar a história do caçador.

Eu gostava dessa história e de sua moral: é importante cumprir as promessas feitas. E também gostava de ver que o pequeno pássaro tinha logrado o poderoso caçador.

Naquele dia, na escola, enquanto os colegas praticavam a escrita, eu sonhava, rabiscando a esmo as folhas do bloco. Meus pensamentos só foram interrompidos pela voz da professora Song:

— Muito bem, chega por hoje. Quero que vocês pratiquem em casa o que aprenderam aqui. É o que se chama "dever de casa". Para que amanhã ainda se lembrem do que fizeram hoje. Entenderam?

— Sim — respondemos em coro.

— Ótimo. Agora, vou ensinar uma canção. Vocês talvez já a tenham ouvido. Chama-se Eu amo a praça Tiananmen.

Já tínhamos ouvido a canção muitas vezes pelos alto-falantes. Acompanhamos a professora: Eu amo a praça Tiananmen em Pequim, O sol brilha sobre a praça Tiananmen. Nosso grande líder, o chefe Mao, Nos guia e nos leva adiante.

Para mim, foi a melhor parte do dia. No caminho de volta para casa, fomos conversando sobre aquela primeira aula.

— Que chatice! — disse um colega.

— Chatice? Foi horrível! — disse outro. — Detesto sentar ao lado de meninas.

— E o passarinho? — perguntei.

— Que passarinho?

— Vocês não ouviram? No peitoril da janela, quase no fim da aula — eu respondi.

— Eu estava atrapalhado tentando escrever "Longa, longa vida ao chefe Mao" — falou outro colega. — Como ia escutar um passarinho?

Paramos em um banco de areia junto do riacho que corre ao sul da nossa vila e, para surpresa nossa, o grupo de Yang Ping já estava lá, brincando de "luta de cavalos". Aquela era uma de nossas brincadeiras favoritas, e eu logo me reuni a eles. Cada garoto subia nas costas de um colega, e as duplas se enfrentavam, para ver qual era a última a conseguir manter-se de pé. Yang Ping e eu tínhamos mais ou menos o mesmo tipo físico, e ambos fazíamos a parte de baixo do cavalo. A luta final foi entre nossas duplas. Depois de lutar com unhas e dentes, acabamos empatados, completamente exaustos, com as roupas imundas e rasgadas. A partir de então, Yang Ping e eu nos tornamos amigos, e nos encontramos frequentemente na saída da escola. A niang sempre reclamava da minha irresponsabilidade, já que eu costumava voltar da escola com as roupas sujas ou rasgadas — ou sujas e rasgadas.

Uma tarde, depois da nossa costumeira "luta de cavalos", Yang Ping e eu continuamos a nos enfrentar e, tropeçando, acabamos indo os dois ao chão. Ele caiu de mau jeito e quebrou o braço. Eu me senti muito mal, além do medo de que a família dele exigisse que a minha custeasse o tratamento. Então, decidi guardar segredo sobre o acidente. Quando um colega contou o fato aos meus pais, eles ficaram aborrecidos.

— Por que não nos contou? — perguntou a niang.

— Fiquei com medo de que os pais dele nos fizessem pagar a conta do médico.

— Que tolo você é! Somos pobres, é verdade, mas não podemos perder a dignidade, ainda que isso nos obrigue a pedir dinheiro emprestado aos parentes — ela suspirou.

No entanto, quando meus pais ofereceram ajuda, a família de Yang Ping recusou delicadamente.

O único animal de estimação que tive foi um passarinho que eu mesmo capturei naquela primeira semana de aula. Na primavera, belos pássaros, em bandos, aproximavam-se do riacho que corria ao

sul da nossa casa. Às vezes, a niang ia até lá para lavar roupa, e eu e meus colegas íamos jun ara atirar pedras e ver a água espirrar.

Naquele dia, levei comigo um velho pote com furos no fundo e um pedaço de linha de pipa. Amarrei a linha em um pedaço de pau e, com ele, calcei o pote, fazendo com que ficasse com uma inclinação de 45 graus. Deixei algumas minhocas mortas sob o pote e fui me esconder em uma vala, a uns dois metros de distância, segurando a outra ponta da linha.

Poucos minutos depois, alguns pássaros se aproximaram. Um deles foi para baixo do pote e começou a comer as minhocas. Nervoso, puxei a linha, fazendo o pote cair e prender o pássaro dentro dele. Eu mal podia acreditar em sua beleza. Tive certeza de que era uma fêmea, porque as penas eram coloridas demais para um macho. Dei a ela o nome de Tesouro do Rio Bonito. Meu segundo irmão, Cunyuan, fez uma gaiola simples de arame. Eu não queria me afastar de Tesouro do Rio Bonito. Só pensava nela. Vinha da escola catando minhocas pelo caminho, para alimentá-la. Eu a mostrava aos colegas. Cheguei até a prometer um filhote para cada um deles, caso conseguisse um macho para ela. Para mim, aquele era o pássaro mais lindo do mundo. Talvez um dia, ela me ensinasse sua linguagem ou aprendesse a minha. Eu a imaginava voando sobre minha cabeça e pousando em meu ombro. E encontrando comida, como fez a ave da história contada pelo dia.

Eu dizia a todos que aquele era um pássaro feliz, porque piava e cantava dia e noite. Isso deixava a família enlouquecida.

— Ela não está cantando. Está chorando: "Quero sair, quero sair!" — disse Cunfar, imitando um pássaro.

— Deixe de ser bobo! Ela me ama. Sou seu salvador. Olhe quanta comida eu trago para ela.

Na verdade, ela comia muito pouco. Ainda naquela semana, cheguei da escola trazendo algumas minhocas e encontrei a bela Tesouro do Rio Bonito morta na gaiola. Chorei desconsoladamente.

Acusei todos os membros da família pela morte. Pensei que podiam tê-la matado porque não suportavam seu canto. Tinha perdido meu primeiro e único animal de estimação. Meu coração se partiu. No fundo, porém, eu sabia que era o responsável por aquela morte. Em vez de ajudá-la, eu roubara sua liberdade e me odiava por isso.

Fiz uma caixa bem bonita para ser o caixão de Tesouro do Rio Bonito, levei-a de volta ao banco de areia onde a tinha apanhado e escolhi uma árvore grande, com bom Feng Shui, para enterrá-la. De joelhos diante da pequena sepultura, pedi desculpas por minha estupidez e prometi que ela seria a única. Nunca mais tentei capturar um pássaro.

Passamos as duas primeiras semanas de aula naquela horrível escola provisória, até que vagasse uma sala adequada. As escolas eram em prédios baixos feitos de tijolo e pedra, com as salas de aula dispostas lado a lado, exatamente como as casas da comuna. Eu conhecia a escola local porque, às vezes, aos domingos, escalava furtivamente o muro e ia brincar lá com meus colegas.

Aquele dia, porém, foi diferente. Às 8 horas, o diretor da escola nos recebeu, e a professora Song nos conduziu a nossa sala de aula oficial. Era uma sala quadrada com duas janelas forradas com papel de arroz na parede externa, além de porta e janela na parede inteira. Havia um pouco mais de luz natural do que na escola provisória, o teto era mais alto e o ar era mais fresco. Coladas na parede de trás, havia fotografias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Da parede da frente, acima do quadro-negro, grandes fotografias do chefe Mao e do vice Lin Biao nos sorriam calorosamente. No quadro, já estavam as palavras que iríamos aprender naquele dia. Abaixo do quadro-negro, havia uma plataforma de concreto de uns 30 centímetros, na qual colocávamos carteiras e pequenas bancadas. Comparado à classe provisória, aquilo era um luxo! O quarto e o quinto irmãos estudavam na mesma escola, o que me dava um certo conforto. Para

o quarto irmão, era o último ano antes de passar para o ensino médio. O quinto irmão cursava o 3.0 ano.

Depois de duas semanas de aula, eu ainda não tinha ideia do que havia aprendido nem de que me serviria o estudo. O blablablá da professora Song só me fazia sentir sono, em especial nas aulas da tarde, que iam até as 18 horas. O que me mantinha acordado era a expectativa de aproveitar os 10 minutos de intervalo para brincar com os colegas.

Certo dia, depois da segunda aula, mandaram-nos para o pátio. Todos os 250 alunos teriam seus primeiros quinze minutos de educação física. O professor ficou à frente do grupo e, pelo megafone, comandou oito rotinas de exercícios, ao som de música gravada. Eram simples flexões de braços e pernas, que não levaram mais de cinco minutos. Os alunos novos ficaram na última fila e simplesmente seguiram os movimentos dos mais antigos à sua frente.

Assim que a aula terminou, encontrei meu quarto irmão, Cunsang.

— O que achou? — ele perguntou.

— Chato! Detestei! — respondi.

— Bem-vindo ao clube. Por que você acha que eu quis que você fizesse bagunça quando a professora foi à nossa casa? Ele estava me lembrando de quando o dia nos bateu com o cabo de vassoura.

— Como você consegue entender o que está escrito? Para mim, tudo parece grama — eu disse.

Ele explodiu em uma gargalhada. — Nas primeiras semanas, também pensei assim. Depois melhora, garanto.

Eu não acreditava nele. — De que serve aprender aquelas palavras? — perguntei.

— Não sei — ele respondeu honestamente. Fomos até a sala do quinto irmão, do outro lado do pátio, onde o encontramos rolando pelo chão, em luta com os colegas.

— Como foi a primeira aula, estudante? — provocou Cunfar, enquanto sacudia a poeira das roupas.

— Muito sofrimento, nenhuma diversão — respondi. — A aula de matemática é ainda mais divertida! — disse Cunfar, com um sorriso maroto.

— Não pode ser pior do que a aula de chinês. — Espere para ver! A campainha tocou, chamando para a aula seguinte. Eu estava preparado para o pior, mas, para minha surpresa, achei os números mais fáceis de suportar que os caracteres chineses parecidos com grama. Ainda assim, os números nada representavam para mim, e eu preferia sonhar acordado, pensando nas brincadeiras com os colegas.

A ida para a escola e a volta eram muito mais interessantes que as aulas. Além de fazer uma parada no banco de areia para brincar de luta, às vezes tomávamos o caminho do abatedouro local, onde só se matavam porcos. Os gritos dos animais eram de cortar o coração. Eu via os nossos porcos serem levados com as pernas amarradas, em direção à morte. Eles pareciam saber o que estava para acontecer: recusavam comida, ainda que fosse a melhor. Quando ouvia seus gritos desesperados, eu tapava os ouvidos com as mãos e corria para me esconder; não queria assistir àquela cena insuportável. A ideia de que nossos porcos, tão felizes, seriam cortados em pedaços sempre me revirou o estômago.

Naquele primeiro ano, não fui o melhor aluno da classe, mas ainda assim consegui dos colegas votos suficientes para ser um dos primeiros pequenos guardas de lenço vermelho. Usávamos um lenço vermelho triangular em volta do pescoço e, para merecer a honraria, tínhamos de atender a três requisitos: bom estudo, bom trabalho e boa saúde.

Não aprendi muito durante o tempo que passei na escola, a não ser canções e frases de propaganda, muitas das quais nem mesmo entendia. Fiquei conhecendo apenas versões simplificadas dos

caracteres chineses e operações matemáticas básicas, mas o que me interessava mesmo eram as duas aulas de esporte por semana, em que me saía muito bem. Pulávamos corda e praticávamos atividades físicas básicas — corrida, principalmente. Na segunda metade do 2.° ano, a professora Song escolheu Yang Ping para capitão da turma e me chamou para ser vice-capitão.

Àquela altura, eu já havia completado 10 anos, e todas as escolas locais davam início à campanha "Conheça Lei Feng". Os livros de estudo estavam repletos de histórias inspiradoras sobre Lei Feng. Ele era um guarda humilde que havia praticado muitos atos de bondade, ajudando principalmente velhos e desamparados — não para glória pessoal, mas porque desejava ser um fiel soldado de Mao. O diário de Lei Feng demonstrava o quanto ele era devotado aos ideais de Mao. Alguns trechos foram publicados e incluídos em nossos livros de estudo. Os chineses de todas as idades eram incentivados a aprender com ele. Os cidadãos queriam "Vivenciar Lei Feng". Aprendemos uma canção que nos aconselhava a "pegar qualquer parafuso caído na estrada e entregá-lo polícia", pois assim estaríamos contribuindo para a grandeza do país. A intenção era mostrar a importância de toda e qualquer contribuição, fosse um simples parafuso ou grandes sacrifícios, como o de Lei Feng.

Certo dia, um aluno da escola achou uma moeda e a entregou à professora. O diretor cobriu de elogios o menino, considerando-o um estudante-modelo. O garoto fez o que Lei Feng teria feito. Daí por diante, os alunos passaram a doar à escola todas as moedas que encontravam, e o jarro onde o diretor as guardava logo ficou cheio. Até que, um dia, um pai reclamou que o filho tinha levado todas as suas economias para entregar à professora.

Por um breve período, viu-se que alguns alunos faltavam às aulas ou chegavam atrasados. Segundo eles, estavam ajudando os velhos e necessitados, como fazia Lei Feng. Mas os professores logo descobriram que se tratava de simples preguiça. Então, foi contada

em todas as classes uma história de fundo moral: Certo dia, Lei Feng se atrasou para as atividades militares porque estava ajudando uma senhora com os pés feridos a chegar em casa. Sem saber o motivo do atraso, o chefe de sua unidade o criticou. Lei Feng pediu desculpas e escreveu em seu diário que, daquele dia em diante, deveria conciliar seus gestos de generosidade com as atividades normais.

Depois do acontecido, a escola determinou que todos os atos de generosidade deveriam ser praticados antes ou depois do horário das aulas.

Como muitos dos meus colegas, eu queria ser um herói igual a Lei Feng. Seus feitos me comoviam. Sua ideia de "esquecer-se de si para ajudar os outros" tornou-se meu lema de vida. Junto com alguns colegas, ia frequentemente à casa de veteranos para prestar ajuda, varrendo o quintal ou apanhando água no poço. Até recolhíamos estrume de cavalos nas ruas e entregávamos aos agricultores, para que o usassem no campo como fertilizante. Precisávamos praticar pelo menos uma boa ação por dia e anotar no diário. Eu esperava que, depois da minha morte, alguém lesse o diário e concluísse que as minhas boas ações tinham sido mais numerosas que as de Lei Feng. Então, eu também seria herói! Mas só tinha 10 anos. Não percebia que aquela era mais uma campanha de propaganda para conquistar nossa lealdade a Mao e ao Estado comunista.

Na época em que estive na escola, o governo central liberou campanhas de propaganda, uma atrás da outra. As aulas eram constantemente interrompidas para que decorássemos as mais recentes palavras mágicas de Mao. Às vezes, a escola organizava desfiles em que marchávamos pelas vilas tocando tambores, tímpanos e outros instrumentos, carregando gigantescos retratos de Mao e agitando bandeiras vermelhas. Tendo nas mãos nossos Livros Vermelhos, desfilávamos cheios de orgulho e respeito. O fato de fazer parte dos pequenos guardas de lenço vermelho me deixava

muito satisfeito. Certa vez, fui escolhido para dizer os slogans políticos que seriam repetidos pelos outros alunos. Quando passamos pela nossa vila, consegui avistar a niang e minha quarta tia no meio da multidão. Então, gritei a plenos pulmões: "Longa, longa vida ao chefe Mao!" Outros líderes, também querendo impressionar, gritaram ao mesmo tempo. Os alunos não sabiam a quem seguir e fez-se o caos. Tudo porque queríamos ser vistos e ouvidos por nossas mães.

— Niang, a senhora me ouviu? — perguntei ao chegar em casa.

— Como poderia ouvir? Aquilo parecia um jardim zoológico! — ela respondeu.

Certo dia, durante o intervalo para o almoço, os alto-falantes da vila despejaram uma notícia chocante: o avião em que viajava o vice Lin Biao fora abatido no território da Mongólia.

Era outubro de 1971. Lin Biao tivera reveladas suas más intenções e tentava fugir para a União Soviética. Especulava-se que talvez o avião abatido contivesse muitos documentos ultrassecretos. A hipótese mais preocupante, porém, era de que houvesse, entre os militares, facções leais a Lin Biao que estariam articulando um golpe para derrubar o governo de Mao.

Desde pequenos, ouvíamos falar da amizade entre Lin Biao e o chefe Mao, de sua devoção e lealdade à causa política. Afinal, era ele o autor do prefácio do Livro Vermelho, o qual, segundo se dizia, carregava sempre consigo.

Quando voltamos à escola, à tarde, as aulas tinham sido suspensas e fomos convocados ao pátio. Dois alto-falantes foram instalados junto à sala do diretor, que tomou o microfone e leu um documento enviado pelo governo central. Nele, informava-se que Lin Biao vinha, há vários anos, planejando um golpe, e o chefe Mao por várias vezes escapara de tentativas de assassinato. Felizmente, nosso grande líder estava a salvo e podia aproveitar o sol, a chuva e o oxigênio da terra em que vivíamos. Devíamos estudar muito, para

fortalecer nossa determinação, de modo que a geração seguinte de guardas comunistas pudesse levar adiante a bandeira vermelha.

Depois do discurso, o diretor nos mandou voltar às salas, para estudar o Livro Vermelho pelo resto da tarde. Como todos os meus colegas, eu estava assustadíssimo, pois, se Lin Biao conseguisse seu intento, teríamos de reviver os anos de escuridão. Aquilo só fortaleceu minha decisão de ser um bom jovem guarda do chefe Mao. Naquela noite, durante o jantar, eu e meus irmãos só falávamos da morte de Lin Biao. Mas a reação de nossos pais foi bem diferente.

— Quem se importa com Lin Biao? — perguntou a niang. — O que quero saber é de comida na mesa.

— A niang está certa — confirmou o dia. — Quem tem tempo de se preocupar com o governo? Precisamos é de comida para sobreviver.

Nossos pais não eram os únicos a dar pouca importância à morte de Lin Biao. Na escola, porém, houve muitas discussões sobre o incidente. Quando o governo central parou de mandar informações, a escola voltou à rotina.

No meu segundo ano de vida escolar, aprendemos a escrever "Nós amamos o chefe Mao" e "Morte e destruição a Liu Shaoqi, Deng Xiaoping e aos inimigos da classe". Eu não conseguia entender a utilidade de toda aquela conversa acerca do presidente chinês Liu Shaoqi e de seu braço direito, Deng Xiaoping. Às vezes, escrevíamos os slogans nas paredes das casas. Com o passar do tempo, os riscos se sobrepunham e ficava tudo uma grande confusão. Alguns dos garotos mais velhos costumavam escrever palavras rudes sobre aqueles de quem não gostavam, e nomes comuns de família, como Zhang, Li, Wang e Zhou, acabavam misturados.

Certa vez, um oficial do setor de educação passou por nossa vila e viu escrito em uma parede: "Morte e destruição a Mao, Zhou e Lai." O oficial foi à sede da vila e exigiu uma investigação minuciosa.

Muitos foram interrogados pela polícia. Foi a primeira vez que me lembro de ter visto a histeria em massa tomar conta da comuna.

No dia seguinte, no meio da aula de matemática, o diretor, acompanhado de dois policiais, entrou na sala e pediu que os alunos que moravam em Vila Nova se levantassem. Não sabíamos o que estava acontecendo. O diretor disse que o acompanhássemos até a sala dele. Assim que entramos, a porta se fechou e fomos divididos em dois grupos. Durante o restante da manhã, o policial interrogou a todos, um por um. Para minha surpresa, a movimentação girava em torno das palavras escritas nas paredes. Pensei que fosse algo muito mais importante! Você escreveu na parede? O que escreveu? Viu alguém mais escrevendo? Viu algum estranho na vila ultimamente? Conhece alguém que não goste do chefe Mao ou do primeiro-ministro Zhou? Eu estava confuso. Não conseguia imaginar como alguém poderia deixar de gostar de nosso grande líder. Além disso, os contrarrevolucionários não tinham sido todos mortos? Sem conseguir descobrir coisa alguma, os policiais acabaram deixando o assunto de lado. Depois disso, porém, a polícia volta e meia aparecia na vila. E nenhum dos garotos jamais ousou escrever novamente nas paredes o que quer que fosse.

Pouco tempo depois, eu ia um dia da escola para casa, quando encontrei algo que seria meu tesouro secreto: um livro. Com cerca de 40 páginas, lá estava ele caído no chão, perto do lixo. Minha intenção, quando o peguei, era levá-lo para casa, de modo que a família o usasse como papel higiênico. No entanto, ao ler a primeira página, não consegui mais parar. Era uma história passada em outro país, traduzida para o chinês. Não consegui entender todas as palavras, mas percebi que a história se passava em um lugar chamado Chicago e tratava de um rico barão do aço, apaixonado por uma jovem. Exatamente no trecho em que ele construía um teatro com o próprio dinheiro, as páginas acabaram. Como eu gostaria de ter o resto do livro! Era uma leitura tão agradável! É difícil encontrar

histórias de amor. Daria qualquer coisa para ler o final. Mas os guardas vermelhos tinham destruído tudo que contivesse qualquer traço de romance ou um toque ocidental. Quem possuísse um livro assim seria preso.

Por muito tempo, guardei aquelas 40 páginas escondidas como um tesouro em minha gaveta, sem imaginar o perigo a que expunha a família. Tornei a ler muitas vezes, estudando as palavras, imaginando como aquelas pessoas podiam ter tanta liberdade. Parecia bom demais para ser verdade. E, apesar de tantos anos de propaganda assustadora sobre a América e o Ocidente, o livro conseguiu plantar em meu coração a semente da curiosidade. Na esperança de que me contassem o final da história, perguntei aos meus irmãos se haviam lido aquele livro. Nenhum. O quinto irmão chegou a me acusar de estar inventando, mas por nada neste mundo eu revelaria minha descoberta sagrada.

Para satisfazer nossa fome de histórias, encenávamos o enredo de óperas e espetáculos de balé que apareciam nos livros dos irmãos mais velhos. Fazíamos diferentes papéis e gostávamos em especial das cenas com revólveres, espadas ou lutas. A cena da morte era ótima! Todos queriam o papel do herói, mas era preciso alternar. Às vezes, encenávamos uma história no curto período da manhã, antes da entrada na escola. Como não conseguíamos ler todo o enredo, combinávamos com histórias conhecidas e improvisávamos os diálogos.

Outro bom estímulo para nossa imaginação fértil era o cinema itinerante. Uma vez ao ano — ou, se tivéssemos sorte, duas — um pequeno grupo do Escritório de Propaganda de Qingdao ia à nossa cidade projetar filmes cujos temas variavam entre a vitória do Exército Vermelho de Mao sobre o exército japonês, o regime Guomindang de Chiang Kaishek, a luta contra os inimigos da classe ou tocantes histórias de heróis revolucionários. Havia também óperas populares e espetáculos de balé filmados, como A Lanterna

Vermelha e Destacamento Vermelho de Mulheres. A primeira meia hora, porém, era sempre reservada a documentários sobre os fiéis seguidores de Mao — histórias inacreditáveis, mas inspiradoras para jovens como nós.

Na véspera da projeção do filme, o pessoal da vila tinha de erguer uma estrutura de madeira na qual seria colocada a tela. Assim que a estrutura ficava pronta, ajeitávamos nossos banquinhos ou tapetes de bambu diante dela, para garantir um bom lugar, e alguém ficava tomando conta. Pelo menos dois dos meus irmãos mais velhos passavam lá a noite toda. Às vezes, surgiam discussões por causa de lugar, mas assim que ficávamos sabendo o horário e os nomes dos filmes, era só disso que se falava. Eu mal podia esperar! Os filmes me deixavam emocionado. Tudo me fazia chorar. A emoção se prolongava por muitos dias, já que eu relembrava incansavelmente cada detalhe da história. Minha devoção a Mao e a sua ideologia só aumentava. Eu queria ser um herói revolucionário! Uma criança de Mao! Eu também ficava profundamente tocado pelos cantores da Ópera de Pequim — pelo canto, pela dança, pela luta e pelas habilidades acrobáticas. Eles eram o que mais se aproximava de um filme de Kung Fu. Os mestres do Kung Fu eram os heróis da minha imaginação, mas proibiam-se livros e filmes sobre o tema. Para manter viva a paixão, tínhamos apenas as histórias contadas pelos mais velhos.

Eu gostava das histórias e das lutas dos filmes de espetáculos de balé chineses, embora achasse engraçado os artistas andando na ponta dos pés. Como os espetáculos de balé não tinham palavras, sempre preferíamos as óperas em nossas encenações de brincadeira. Eu guardava um sonho secreto: um dia, seria capaz de cantar e fazer os movimentos de Kung Fu, assim como os cantores da ópera. No fundo do coração, porém, trazia a certeza de ser aquele um sonho impossível. Para mim, só restavam os campos da comuna.

7

跳舞

SAINDO DE CASA

Eu tinha quase 11 anos quando, certo dia, na escola, enquanto estávamos ocupados memorizando algumas frases do chefe Mao, o diretor entrou na sala gelada acompanhado de quatro pessoas com um ar distinto, todas usando jaquetas ao estilo Mao e casacos com golas de pele sintética.

Lembrei-me imediatamente do caso das palavras escritas na parede. Não, de novo não! O que havia de errado, desta vez? Para minha surpresa, porém, o diretor apresentou as visitas como representantes de madame Mao, de Pequim. Estavam ali a fim de selecionar estudantes talentosos para estudar balé e servir à revolução do chefe Mao. Ele, então, nos pediu que levantássemos e cantássemos "Amamos o chefe Mao".

O Leste está vermelho, o sol está nascendo. Mao Zedong nasceu na China. Veio para nos trazer felicidade. Hu lu hai ya. A estrela da sorte nos salvou.

Enquanto cantávamos, os quatro representantes percorriam as fileiras de carteiras. Eles selecionaram uma menina de olhos grandes, dentes certinhos e rosto bonito. Passaram sem me notar e já iam saindo, quando a professora Song, depois de certa hesitação, tocou no ombro de um dos senhores de Pequim e perguntou, apontando

para mim: — Que tal aquele ali? O representante de Pequim olhou em minha direção. — Está certo. Ele pode vir também — respondeu o senhor, sem muito empenho, expressando-se em um perfeito dialeto mandarim.

A menina de olhos grandes e eu fomos atrás dos representantes de madame Mao até a sala do diretor. Era a única que dispunha de um aquecedor a carvão, uma engenhoca meio tosca, feita artesanalmente de um balde de onde saíam canos em várias direções, como as patas de uma aranha. Com tudo isso, a sala continuava extremamente fria.

Ao chegar, já encontramos lá outras crianças — éramos dez escolhidos. Todos vestíamos calças e casacos de algodão acolchoado feitos em casa. Juntos na sala gelada, parecíamos uma fileira de bolas de neve.

— Tirem a roupa toda, menos as roupas de baixo — ordenou um homem de óculos. — Depois, deem um passo à frente, um a um. Vamos medir o corpo de vocês e testar a sua flexibilidade.

Nós nos entreolhamos nervosamente e ninguém se mexeu. — Qual é o problema? Não ouviram? Tirem a roupa! — vociferou o diretor.

— Desculpe — um dos garotos começou timidamente —, mas eu não tenho roupa de baixo.

Para minha surpresa, eu era o único a usar roupa de baixo, embora remendada pela niang, já que tinha servido a todos os meus irmãos mais velhos. Então, fui emprestando-a a um por um dos colegas, para que pudessem se apresentar.

Os oficiais do serviço público avaliaram nosso corpo: parte superior do tronco, pernas, comprimento do pescoço e até os dedos dos pés. Todos os que foram chamados antes de mim reagiram ao teste de flexibilidade com gritos e reclamações. Quando chegou a minha vez, um dos oficiais se aproximou e flexionou minhas pernas para fora; outro ajeitou meus ombros e um terceiro pressionou o

joelho contra a parte inferior das minhas costas e, ao mesmo tempo, puxou com força meus joelhos para trás, para verificar a mobilidade das articulações dos quadris. A dor foi tanta que tive a impressão de que todos os meus ossos iam se quebrar ao mesmo tempo. Queria gritar, mas por alguma razão não o fiz. Estava obstinadamente decidido a manter a dignidade e o orgulho. Só o que fiz foi cerrar os dentes.

Quando os testes terminaram, eles haviam escolhido apenas um menino e uma menina. O menino era eu. Fui tomado por ansiedade e medo. Não sabia o que estava para acontecer. Os oficiais falaram em balé, mas eu só conhecia o que tinha visto no filme O Destacamento Vermelho de Mulheres. Não tinha a menor ideia do que se tratava.

Nos dias seguintes, só se falava no teste, tanto na escola como em toda a vila. A princípio, meus pais não deram muita atenção. Em nossa família, não havia o menor sinal de talento artístico. Vários dos meus irmãos e colegas implicavam comigo: — Faz um passo de balé! Faz um passo de balé! Mas eles sabiam que eu nada entendia do assunto. Para mim, o aspecto mais emocionante era a possibilidade de ir a Pequim e me aproximar do admirado chefe Mao. E a possibilidade, embora improvável, de sair do poço.

Algumas semanas mais tarde, fui ao escritório da comuna para novos testes. Dessa vez, eles avisaram aos pais com antecedência, para que os candidatos usassem roupa de baixo.

O segundo teste foi muito mais difícil. A garota de olhos grandes não passou: gritou quando teve as costas dobradas para trás e foi desclassificada por falta de flexibilidade. Então, chegou a minha vez. Uma professora levantou uma das minhas pernas, enquanto outras duas seguravam a perna que estava no chão, mantendo-a reta e firme. Elas iam levantando a perna cada vez mais alto e perguntavam se doía. É claro que doía. E muito! Mas eu estava determinado a ser escolhido. Mantive o sorriso e respondi: — Não.

Não dói nada. "Seja forte! Seja forte! Você pode suportar a dor!", repetia para mim mesmo. O mais difícil, porém, foi andar normalmente depois. Elas tinham lacerado meus tendões.

Depois do teste entre os estudantes da comuna, fomos submetidos a outros, em nível de cidade, município e província. A cada vez, havia mais crianças, e o número de eliminados aumentava sempre. No exame físico em nível de município, a marca de queimadura que tenho no braço quase me desclassificou. Um dos professores de Pequim reparou na cicatriz e mostrou ao médico.

— Como foi isso? — perguntou o médico. Como não queria que a niang fosse responsabilizada pelo acidente, menti, dizendo que me cortara em um caco de vidro e o ferimento tinha infeccionado.

— Nos dias de chuva, você sente coceira neste local?

— Não, nunca — respondi, encarando o médico com firmeza. Eu rezava para não ser eliminado. Rezava pela niang. Ela ficaria tão triste e se sentiria tão culpada, se eu fosse eliminado por causa da cicatriz!... A niang não precisava passar por mais um sofrimento.

Depois do exame, eu estava me vestindo quando ouvi o médico conversando com um homem alto, professor da Academia de Dança de Pequim. O professor se chamava Chen Lueng. Era exatamente o senhor a quem a professora Song tinha me indicado.

— A cicatriz vai aumentar de tamanho à medida que ele crescer — o médico dizia.

Meu coração se apertou. Minha única possibilidade de sair do poço estava indo embora. Eu ia ser desclassificado. Decidi jamais contar à niang que tinha sido por causa da cicatriz. Aquilo fora um acidente. A niang era a melhor mãe do mundo, com o coração cheio de amor. Ninguém mancharia sua reputação.

Terminados os testes físicos, começamos a ser testados em outras habilidades: sensibilidade musical e compreensão da ideologia de Mao. Eles também investigaram nossa história familiar até três gerações anteriores. A teoria comunista de Mao acerca das chamadas

"três classes de pessoas" era decisiva para a seleção. Todas as três classes deviam estar representadas — camponeses, proletários e soldados. As crianças cujas famílias até a terceira geração anterior tivessem qualquer ligação com saúde ou educação eram consideradas inimigas da classe e sumariamente dispensadas. Como madame Mao queria que fôssemos treinados para ser guardas fiéis, precisávamos ter uma bagagem pura, segura e confiável.

A barreira final para que eu fosse aprovado no processo de seleção foi o encontro dos profissionais com minha família. Eles queriam conhecer todos — pais, irmãos e avós — para verificar suas proporções físicas. Eu estava preocupado que criassem algum problema pelo fato de a niang ser muito baixinha, mas a personalidade marcante dela e a boa figura do dia salvaram a situação.

Passaram-se dias, passaram-se semanas. Nenhuma notícia de Pequim. A cada dia que passava, a esperança em meu coração se enfraquecia. Meu desapontamento foi se transformando em tristeza. Eu me tornei um garoto calado, fechado em um casulo. Ficava olhando para a cicatriz que trazia no braço, convencido de ter sido ela a única razão para que eu não fosse selecionado. Tinha vontade de cortar o braço fora para me livrar dela. Apesar disso, nunca acusei a niang. Ela não tivera culpa. Era tudo resultado de minha sina infeliz.

A essa altura, toda a família também tinha perdido as esperanças. Eu sentia que lamentavam por mim e sabia que tinham feito o possível, o que me deixava ainda mais triste.

Foi então que aconteceu: o dia estava se preparando para voltar ao trabalho depois do almoço, quando um grupo de oficiais da vila, da comuna, do município e da cidade entrou em nosso pequeno jardim, já que o portão estava sempre aberto. Todos vinham muito sorridentes. Meus pais ofereceram chá. Alguns se sentaram no kang já tão ocupado e outros permaneceram de pé. Até que um deles

perguntou à niang: — Qual dos seus filhos é Li Cunxin? A niang apontou para mim. O oficial da cidade voltou-se para a niang e disse: — Seu filho é um felizardo. Ele foi escolhido para a Academia de Dança de Pequim de madame Mao.

Eu estava perplexo. Todos estávamos. Depois de um mês! A niang perdeu a fala, mas abriu um sorriso que mais parecia uma flor desabrochando.

— Obrigada, obrigada! — era só o que conseguia dizer.

O dia serviu mais chá aos oficiais do serviço público. E mais. E ainda mais. Ele não cabia em si de orgulho.

Quando os oficiais se foram, tudo que meu dia falou foi: — Acho melhor eu ir trabalhar. Vejo vocês à noite. Mas me olhou de modo diferente, como se visse algo que nunca havia notado.

Todos foram saindo, e ficamos somente eu e a niang. Ela me olhou longamente, sem palavras pela primeira vez na vida. Finalmente, disse: — Meu menino de sorte! Estou tão contente por você! Hoje é o dia mais feliz da minha vida! — Não quero deixar a senhora — eu falei. Ela me olhou, franzindo ligeiramente a testa. — Você quer ficar aqui e comer inhame seco pelo resto da vida? Filho querido, esta é a sua oportunidade de escapar deste mundo cruel. Vá e faça da sua vida algo especial! Fuja ao destino de ser um camponês. Não olhe para trás! O que você tem aqui? O teto com goteiras, os pés malcheirosos dos seus irmãos e o estômago vazio?

— Pare! — eu pedi, colocando a mão sobre os lábios dela. Seus olhos se encheram de lágrimas de felicidade. Ela me puxou para junto de si e me deu um abraço apertado. Ouvi o coração bater em seu peito, como se fosse explodir de alegria.

Ficamos muito tempo abraçados. Eu tinha medo de me mover. Queria ficar ali para sempre. Meu corpo se entregou àquele gesto de ternura.

— E a senhora? — perguntei a certa altura. — Pode ir comigo para Pequim?

— Quer que eu vá para limpar o seu traseiro, seu bobo? — ela respondeu com um risinho. — Acha que os seus irmãos não gostariam de uma chance como essa? Não, eu não posso ir com você, mas o meu amor vai. Sempre vou amar você, de todo o coração. Sei que você tem sonhos secretos. Vá atrás deles. Transforme-os em realidade. E agora vá brincar com os seus colegas.

Ela me empurrou delicadamente, mas, quando eu ia saindo, chamou: — Ei, não se esqueça de voltar a tempo de me ajudar com o fole! Alguns dias depois, recebemos uma carta informando que eu fora contemplado com uma bolsa de estudos completa e deveria partir para Pequim em quatro semanas, logo depois do ano-novo chinês. Para a reabertura da Academia de Dança de Pequim de madame Mao, foram selecionados 15 estudantes da província de Shandong. Quinze entre mais de 70 milhões. Foram selecionados também 25 estudantes de Xangai, três de Pequim e um da Mongólia Interior. Era fevereiro de 1972, e eu acabara de completar 11 anos.

Todo o pessoal da vila foi cumprimentar meus pais. Seria menos uma boca a alimentar e, pelo menos, o sexto filho teria alguma esperança de escapar da pobreza e viver decentemente por mérito próprio.

Pouco tempo depois, as amigas da niang se reuniram no kang para tagarelar e costurar, como costumava acontecer. Quando entrei no cômodo, uma delas me disse: — Jing Hao, tire os sapatos e me deixe ver seus pés. Confuso, hesitei em tirar os sapatos malcheirosos. — Ah, vamos lá, não seja tímido — a niang pediu. — Um dançarino não pode ser tímido! Relutantemente, tirei os sapatos. A senhora pegou meus pés entre as mãos, como se fosse um médico examinando um paciente acometido de doença grave. De repente, gritou animada: — Vejam isto, eu estava certa! Olhem só como são longos estes três dedos dele! Eu sabia que estes pés eram diferentes. Esta é a razão de ele ter sido escolhido! Estes três dedos longos vão ajudá-lo a se equilibrar nos calçados de ponta.

Todas as mulheres, inclusive a niang, concordaram com a cabeça e elogiaram o comentário. Eu tornava a calçar os sapatos quando outra senhora acrescentou em tom sério: — Ouvi dizer que é muito doloroso ficar firme na ponta dos pés. Você deve ter uma grande resistência à dor.

— É, sim — concordou uma terceira senhora. — Ouvi dizer que os bailarinos chegam a ter sangue nos dedos, de tanto ficarem na ponta dos pés. Deve ser o mesmo que enfaixar os pés e se apoiar sobre eles! Eu não conseguia imaginar meus dedos crescendo juntos e tendo de andar sobre os calcanhares, como fazia Na-na. Comecei a me preocupar, mas acabei me convencendo de que não deveria pensar no assunto, pelo menos enquanto não experimentasse os tais calçados de ponta. Então eu saberia.

A notícia de que eu tinha sido selecionado logo se espalhou por toda a comuna. Nossa vila, sempre tão sossegada, encheu-se de vida. As pessoas começaram a falar de mim. "Garoto esperto." "Aquele menino nasceu com sorte." Os comentários me deixavam sem graça e mais ainda os constantes exames das amigas da niang. Além dos meus longos dedos dos pés, elas estavam convencidas de que as duas dobras das minhas pálpebras, que fazem meus olhos parecerem maiores, tinham contribuído para que eu fosse escolhido. É verdade que os olhos de muitos dos meus colegas da vila eram menores do que os meus. Quando a ideia se espalhou, as pessoas começaram a me fazer parar e examinar minhas pálpebras. Uma das amigas da niang chegou a levantar a hipótese de que os professores da Academia de Dança de Pequim estivessem à procura de alguém com uma cicatriz no braço.

Naquele ano, nosso ano-novo tornou-se ainda mais especial. Meu irmão mais velho chegou do Tibete. Todos me deram bombinhas de presente. Foi um tempo feliz.

Poucos dias antes da véspera do ano-novo, porém, algo saiu errado, e uma bombinha "de coice duplo" estourou na minha mão. O

polegar quase foi arrancado, e o sangue jorrou. Preocupados com que aquilo pudesse prejudicar minha ida a Pequim, meus pais, por precaução, me levaram ao hospital para tomar vacina antitetânica, um verdadeiro luxo. Não fosse por Pequim, ninguém teria dado importância. "Ponha um pouco de terra", diria a niang.

Minha última refeição em casa. Nove pessoas sentadas em volta da bandeja de comida. A niang havia preparado uma refeição deliciosa: um prato de ovos com pedaços de camarão seco e acelga com pedaços de carne de porco. Havia também um prato frio: medusa marinada, e alguns mantos feitos com sua preciosa farinha. O dia e meus irmãos mais velhos beberam vinho, enquanto todos falavam entusiasticamente de meu futuro brilhante.

Eu estava quieto. Não consegui comer muito, apesar de a comida estar deliciosa. Meu estômago parecia cheio de tanta ansiedade e apreensão. Nem olhava para os olhos da niang, porque sabia que iria chorar.

Assim que o jantar terminou, anunciei que passaria nas casas dos meus amigos, para me despedir deles.

— Por que não faz isso amanhã? — perguntou Cunfar, meu quinto irmão.

— Amanhã, não vou ter tempo — menti. — Fique! Podemos jogar o seu jogo de cartas preferido — insistiu Cunfar.

— Por que não demonstrou antes essa paixão por Jing Hao? — perguntou Cunsang, o quarto irmão, fazendo todos rirem.

— Volte logo — disse a niang. — Aproveite para ter uma boa noite de sono na sua cama. Quem sabe se vai conseguir aguentar a vida luxuosa de Pequim...

Eu saltei do kang e saí. — Quem não iria querer uma vida de luxo? —, ouvi meu segundo irmão dizendo, enquanto eu corria para a escuridão. Não tinha a menor intenção de fazer qualquer visita. Queria apenas ficar sozinho. Andei pelas ruelas escuras e estreitas, geralmente assustadoras, passando sem parar pelas casas dos meus

amigos. "Você devia estar feliz", repetia para mim mesmo. E estava feliz e agradecido pela oportunidade, mas a tristeza me tomava o coração. Não queria deixar a niang, o dia, os irmãos e os amigos. Já me sentia tão só!... Não podia imaginar quanto me sentiria só em Pequim. Levantei os olhos para as estrelas, mas até elas me pareceram poucas e distantes naquela noite.

Andei, andei, até que decidi voltar para casa. Todos os meus irmãos mais velhos tinham saído. Meus pais já haviam aberto as colchas na cama e esperavam por mim.

— Como estão os seus amigos? — a niang perguntou.

— Bem — respondi. Pela primeira vez naquela noite, olhei nos olhos da niang. Estavam molhados.

— Sexto irmão, posso dormir ao seu lado esta noite? — pediu Jing Tring, meu irmão mais novo.

— Pode — respondi. Nunca aquele pedido me deixara tão feliz. A vontade era pegá-lo e ao resto da família, guardá-los no bolso e levá-los comigo para Pequim.

Naquela noite, observando a carinha feliz e tranquila de Jing Tring adormecido, fui tomado por uma onda de afeto fraternal por ele. Gostaria de tê-lo tratado melhor. Gostaria de ter arranjado mais tempo para aproveitar sua companhia.

A niang tinha feito um casaco de veludo cotelê para eu usar em Pequim, e eu sabia o quanto meu irmão mais novo gostaria de usar um daqueles. Meus pais não teriam dinheiro para outro. Então, fingindo que ia fazer xixi, levantei-me no meio da noite e, sem fazer barulho, tirei o casaco da minha bolsa e o enfiei em uma das caixas de papel machê em que eram guardadas as roupas. Jing Tring o encontraria depois que eu tivesse partido.

Finalmente amanheceu. Dormi um sono inquieto, e acordei ao primeiro cantar do galo. O dia já estava de pé, arrumando meus pertences em duas bolsas de corda. As bolsas eram de uma malha fina, de pontos largos, de modo que se podia ver o que havia dentro.

Muitos parentes, amigos e vizinhos mandaram presentes: lembranças ou comidas típicas, como camarão seco. O camarão tem um cheiro forte de "peixe morto", que passou para a bolsa.

Alguns amigos e colegas da escola se organizaram para que eu tirasse uma fotografia com o grupo. Além disso, deram-me um álbum com retratos do chefe Mao. A fotografia significava muito para mim, porque meus pais não possuíam dinheiro para tal luxo. Tínhamos pouquíssimas fotos, e só uma da família — uma, em preto-e-branco, da niang com os sete filhos. Nas bolsas, couberam ainda a colcha feita à mão pela niang, um colchonete, duas toalhas de mão, uma bacia e uma caneca de metal, algumas roupas, maçãs, peras e uma especialidade de Qingdao, o macio doce de sorgo, feito com o grão. A niang incluiu ainda um pouco de pele de cobra seca. Ninguém notou a falta do casaco de veludo cotelê.

Depois de arrumar minhas bolsas, o dia, em silêncio, entregou-me 5 ivanes.

— Gostaria de lhe dar mais, mas só temos isso. Seja bom. Não envergonhe o nome da família Li — e saiu para o trabalho, dizendo que faria de tudo para estar de volta na hora do almoço e me ver mais uma vez.

Naquela manhã, a niang esteve ainda mais ocupada, preparando bolinhos, para que eu tivesse uma refeição especial. Queria passar junto dela aqueles últimos minutos, mas não podia. Sabia que, se olhássemos nos olhos um do outro, seria impossível conter as lágrimas. Então, fui andar pela vila, dizendo adeus aos amigos. Pedi a várias amigas da niang que fossem à nossa casa depois do almoço fazer-lhe companhia. Não queria que ela ficasse triste e sozinha. Fui ao túmulo de Na-na e ao local onde estão sepultados nossos antepassados, tocando o chão com a testa três vezes, para reverenciá-los. Queria sentir o cheiro da terra, do ar, absorver tudo o que me rodeava. Aquela vila tinha sido a minha vida por onze anos. Até as coisas de que não gostava, de repente, não pareciam tão ruins. Meu

coração estava como que suspenso no céu. Era hora do almoço. Voltei para casa.

A niang tinha feito bolinhos para a minha última refeição, mas, apesar de gostar muito, não consegui comer um sequer. A emoção me fechava a garganta. Meus seis irmãos estavam à mesa. Todos me ofereceram os bolinhos, mas não comi. Pouco se falou, embora eu tivesse tanto a dizer. O tempo parecia passar mais depressa e, antes que nos déssemos conta, era hora de partir. Precisava dizer adeus à niang e aos irmãos.

Eles levaram as bolsas para fora. O dia não pôde voltar a tempo para o almoço. Pela primeira vez, olhei diretamente para a niang, e ambos explodimos em lágrimas. Não conseguimos falar. Apenas nos abraçamos. Então, chegaram algumas amigas dela, conforme eu havia pedido, e aproveitei para escapar rapidamente.

Coube a Cuncia, meu irmão mais velho, a tarefa de me acompanhar até Qingdao. Como especial deferência, a vila ofereceu o único trator de que dispunha para nos levar até lá. A carta da Academia de Dança de Pequim dizia que os 15 estudantes selecionados na província de Shandong deviam reunir-se em um alojamento, no qual ficariam por dezoito horas, quando então embarcariam em um trem rumo a Pequim. O trator foi se afastando. Três dos meus irmãos foram correndo atrás, na estrada poeirenta, chorando e dando adeus. Não consegui mais conter a emoção; chorei por todo o caminho até a cidade.

A viagem de trator durou cerca de uma hora de solavancos, mas eu nem senti. Finalmente, chegamos ao ponto de reunião, uma espécie de alojamento dividido em seis quartos escuros — com apenas pequenas janelas — cheirando a mofo e poeira. Tudo parecia estranho e hostil. Nada arrumado. Eu me retraí. Sentia muita falta dos meus pais e irmãos.

O tempo que passamos no alojamento permitiu que nos conhecêssemos. Havia quatro estudantes vindos do campo e quatro

da cidade. Os da cidade eram um tanto diferentes, mais à vontade que os do campo. Havia um homem de uniforme militar — o "chefe político". Um dos examinadores também estava lá. Os dois tinham ido a Qingdao para nos receber e nos acompanhar até Pequim. O chefe político nos explicou certas regras que deveríamos seguir na universidade. Não entendi bem o que eles diziam, pois falavam em dialeto mandarim.

Anoiteceu, e o desjejum fora minha única refeição. Meu irmão me descascou uma maçã. Era a primeira vez que tinha uma maçã todinha para mim, o que me fez sentir especial. Em seguida, acomodamonos para dormir. O que mais me confortou foi ver meu irmão mais velho dormindo em uma pequena cama ao lado da minha.

Na manhã seguinte, bem cedo, pegamos o ônibus que nos levaria à estação de trem, um prédio antigo apinhado de gente. Era a primeira vez que eu pisava em uma estação. Nunca havia visto um trem de perto. O nosso era um trem a vapor, cuspindo muita fumaça e fazendo muito barulho. O professor e o militar abriram caminho em meio à multidão. Tivemos de jogar a bagagem pela janela, porque todo mundo queria entrar ao mesmo tempo.

Deixei meu irmão na plataforma e ocupei meu assento no trem. Cinco minutos antes da partida, os alto-falantes anunciaram que todos os amigos e familiares dos viajantes deveriam deixar a estação. Era minha última chance de dizer adeus ao meu irmão. Ele estendeu o braço pela janela. Quando segurei a mão dele, percebi que me deixava alguma coisa: uma nota de 2 ivanes, o dinheiro que tinha reservado para comprar os cigarros de que tanto gostava. Ele passaria alguns meses sem fumar. Antes, porém, que eu pudesse falar, ele sumiu na multidão. Fiquei com o dinheiro na mão, e as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Prestei atenção no ruído do trem. Com um súbito solavanco, rolos de fumaça invadiram o vagão, e a estação de Qingdao foi

ficando para trás. O som — clic-clac — das rodas do trem passando sobre os trilhos me dizia que eu estava cada vez mais longe dos meus pais. Meu coração, assim como o trem, batia cada vez mais depressa. Eu não sabia como sobreviver a doze meses sem ver a niang. Como iria dormir longe da minha família? Até o cheiro dos pés dos meus irmãos já não me parecia tão ruim.

Tínhamos assentos reservados, mas, como bons filhos de Mao, cedemos os lugares a alguns idosos que só podiam pagar para viajar em pé. Cinco pessoas apertavam-se em um banco onde só cabiam três. No compartimento da parte superior, as bagagens se amontoavam. Por duas vezes, a um solavanco mais forte, algumas bolsas despencaram sobre os passageiros.

A princípio, as árvores e os campos que se sucediam eram visões familiares, mas aos poucos a paisagem mudou. As árvores, as plantações, até o cheiro do ar pareciam novos. Embora fosse inverno, o trem viajava de janelas abertas, para deixar o ar entrar.

Quase na metade da viagem, o trem fez uma parada: Jinan, capital da província de Shandong. A estação bem iluminada era maior do que a de Qin.1 ao. O professor e o militar nos disseram que podíamos descer para esticar as pernas. Camponeses vendiam frango defumado, pão cozido, amendoim torrado, sementes de girassol e doces. A maioria dos estudantes vindos da cidade comprou qualquer coisa, mas os camponeses, como eu, ficaram só olhando.

Mais tarde, de volta ao trem, o militar e o professor nos levaram até o vagão-restaurante. Somente funcionários do governo podiam entrar lá; como éramos os alunos de madame Mao, fomos convidados a entrar. Nem todos têm a mesma sorte. Nosso grupo ocupava quase a metade do vagão. Havia dois pratos frios em cada mesa: um prato de amendoins salgados e outro de fatias finas de carne marinada. A carne era um pouco dura, mas estava deliciosa — uma comida divina! Devoramos rapidamente os pratos frios e vimos

chegarem outros, desta vez fumegantes: um peixe inteiro, carne de porco frita com cebolinha verde e uma mistura de legumes. Além disso, cada um recebeu uma tigela de arroz. O aroma forte e delicioso me suspendeu a respiração. O óleo fazia os alimentos brilharem. Até o molho dos vegetais era saboroso. Nunca, em toda a vida, eu tinha visto tanta comida! Comemos com a voracidade de tigres famintos. Eu comeria mais, mas tive vergonha de pedir.

Pouco dormi durante as vinte e quatro horas da viagem de trem. Antes de chegarmos à estação de Pequim, os acompanhantes nos avisaram que estaria apinhada. Se não ficássemos juntos, poderíamos nos perder.

Quase não acreditei quando vi o mar de gente que ocupava a estação. Por mais que estivéssemos prevenidos, a cena era surpreendente. Em vez das centenas de pessoas que esperava ver, deparei-me com centenas de milhares se acotovelando em um espaço enorme. O teto era tão alto e brilhante, com suas muitas lâmpadas fluorescentes, que os olhos demoravam a se acostumar. Tudo tão grande! Até os corredores estavam lotados de gente dormindo no chão, à espera dos próximos trens. O cheiro era estranho, indescritível — afinal, todos carregavam algum tipo de alimento trazido de casa. Eu levava maçãs, peras, doce de sorgo, pele de cobra e camarão seco, mas quem saberia o que havia nas outras bolsas? O cheiro intenso me fez desejar escapar dali o mais depressa possível, mas as bolsas eram tão pesadas que eu só conseguia andar devagar. Fiz de tudo para me manter junto do grupo, mas, depois de atravessar um túnel, não vi nenhum rosto familiar em volta. A multidão me empurrava, quase me fazendo perder o equilíbrio. Olhei em volta, sem saber que direção tomar. Exausto e assustado, encostei-me em uma parede.

Queria voltar para casa, para junto da niang. Comecei a chorar. Um soldado se aproximou e perguntou por que eu estava sozinho. Contei a ele que tinha me perdido do grupo e não sabia para onde ir.

Ele, gentilmente, segurou uma das minhas bolsas e me levou até a saída. Assim que deixei a estação, avistei com alívio um dos professores da Academia de Dança de Pequim. Fiquei imensamente agradecido àquele soldado que fizera o que Lei Feng teria feito.

O professor que eu reconhecera era Chen Lueng, um dos que haviam participado da seleção. Ele e outros dois professores da academia estavam na estação para nos receber. Havia um ônibus à nossa espera; fui o último a embarcar. Os estudantes vindos de Xangai haviam chegado uma hora antes e já estavam impacientes.

Ouvi um dos professores dizer ao motorista que fechasse a porta. O motorista apertou um botão e a porta se fechou automaticamente. Para mim, foi uma surpresa. Os ônibus que eu estava acostumado a ver não eram assim. Distraído com a novidade, tropecei e caí. A risada foi geral. Pronto! Mal tinha chegado a Pequim e já fazia papel de bobo! Eu me senti desesperadamente sozinho. Naquele momento, entendi que acabava de entrar em um mundo inteiramente novo.

Durante os onze anos de minha infância em Qingdao, convivi com a dura realidade de não ter comida suficiente para encher nossos estômagos, de ver a luta de meus pais, de assistir a gente morrendo de fome, de me sentir aprisionado no mesmo círculo vicioso de desesperança em que viveram meus antepassados. Tinha decidido sair daquele poço profundo e escuro. Não conseguia lembrar quantas vezes tinha desejado morrer para aliviar a carga financeira de meus pais. Teria dado a vida para ajudar a família, mas isso faria alguma diferença? Afinal, a quem pertence a vida? Lá no fundo do coração, porém, eu guardava uma semente de esperança. Não era uma luz. Eu não conseguia enxergar nenhuma luz a me mostrar a saída daquele mundo injusto e cruel. Mas a semente de esperança resistiu e se aninhou em minha mente. Ela tem força. Ela me fez sentir que, um dia, tudo daria certo. Era minha fuga, meu sonho secreto.

Pequim era a minha oportunidade. O fato de estar longe da família me assustava, mas eu sabia que aquela seria a única possibilidade de ajudá-los. Apesar do medo do que estava por vir, eu sabia que precisava dar um passo à frente. Não podia decepcionar meus pais. Não podia decepcionar meus irmãos. Junto com meus sonhos, eu carregava os deles. E a niang havia dito: "Não olhe para trás." Eu me levantei do chão do ônibus e segui pelo corredor em busca do meu assento.

Parte 2

BEIJING

8



UMA PLUMA NA VENTANIA

Apesar da falta que sentia de casa, a emoção de estar em Pequim, perto do grande e amado líder, o chefe Mao, me dominava completamente. Ali estava eu, fazendo parte da Academia de Dança de Pequim, tendo madame Mao como diretora artística honorária. A família, os parentes, o povo da vila e da comuna e até os oficiais da província de Shandong tinham enormes expectativas a meu respeito; daquele momento em diante, eu teria garantidos o trabalho e a comida.

A caminho da universidade, o ônibus desviou para Zhongnanhai, onde viviam o chefe Mao, madame Mao e todos os altos funcionários do governo. Era um complexo enorme, próximo à Cidade Proibida, cercado de arame farpado e de altos muros com a

pintura em vermelho e dourado desbotada. Guardas mantinham-se junto das enormes portas de madeira pintadas de vermelho, portando as armas semiautomáticas. Estavam em toda parte, inclusive dispostos em ordem ao longo dos muros, prontos para apertar o gatilho, caso alguém os ameaçasse.

Eu ainda não acreditava que estava ali! Bem ali, onde nosso divino líder dormia, trabalhava e tomava importantes decisões políticas. Como seria por dentro? Dava para ver muitas árvores altas, e eu tinha ouvido dizer que havia um lago com peixes, chamado Daiyutai. Eu o imaginava redondo, como a imagem de Mao, nosso sol, e cheio de peixes variados.

Em Pequim, tudo era em larga escala, o que, para mim, representava uma surpresa atrás da outra: prédios enormes, iluminação até perder de vista, ruas amplas e planas em nada parecidas com as da comarca de Laoshan. E os homens e mulheres pareciam tão elegantes com seus casacos ao estilo Mao! Quase não se viam remendos em suas roupas. A quantidade de carros, ônibus, jipes e bicicletas chegava a me deixar confuso. Como podia haver tantas bicicletas em uma só cidade? Homens em uniformes militares dirigiam o fluxo de veículos, mas ninguém parecia prestar muita atenção aos sinais de trânsito. Eu estava fascinado. Era a primeira vez que via um sinal de trânsito.

Quando o ônibus chegou à praça Tiananmen, meu coração ficou aos saltos. Dava para ver a longa série de altíssimos postes de iluminação. Havia um mar de gente. Notei imediatamente o Portão da Paz Celestial, à esquerda, e o grandioso edifício do Congresso do Povo, à direita. Eram paisagens que eu tinha visto muitas vezes em fotografias, por isso me pareciam familiares. Até na coleção de buttons de Mao que eu tinha em casa havia um em que ele sorria e me acenava do alto do Portão da Paz Celestial. Senti um calafrio na espinha. A praça Tiananmen era o grande símbolo do comunismo. Foi lá, no, Portão da Paz Celestial, diante de milhões de pessoas

exultantes, que Mao declarou o nascimento da República Popular da China, em i° de outubro de 1949. Todas as crianças chinesas tinham aquela data gravada na memória.

Nossa chegada a Pequim foi em um dia de sol, que, misturado ao calor da multidão, fazia da praça um lugar muito quente. Como o ônibus não podia se aproximar do centro, tivemos de saltar a certa distância. Os chefes políticos e os professores nos conduziram em direção ao Portão da Paz Celestial. As pessoas se aglomeravam por toda parte, muitas parando para tirar fotografias. Era difícil avançar. Foi quando um dos chefes políticos disse a um guarda de segurança que éramos da escola de madame Mao. Bastou isso para que ele nos deixasse entrar na área reservada em torno do Portão da Paz Celestial, onde tiramos fotografias do grupo.

Somente quando voltamos ao ônibus fui invadido por uma sensação de insegurança. Afundei no assento e olhei pela janela. Tinha a impressão de ser observado pelos prédios em volta da praça. O que você, camponês, está fazendo nesta cidade magnífica? Passei a infância sonhando, embora sem muita esperança, em conhecer Pequim. E então, estava ali, no meio de 15 milhões de pessoas. Eu me sentia como uma pluma levada pela ventania. Tinha apenas 11 anos. Não havia como estar preparado para aquele momento.

À medida que o ônibus percorria as ruas da cidade, os altos edifícios de Pequim iam ficando para trás. O trajeto era longo. Segundo nos disseram, iríamos para uma vila chamada Zhuxingzhuang, a mais de 200 quilômetros de distância. O nome significava Vila Nova de Zhu. Seria lá o nosso novo lar.

A amplidão dos campos da periferia pareceu me revigorar. Eram terras mais planas do que em minha cidade natal, mas as semelhanças fizeram diminuir um pouco minha ansiedade. Um dos professores sugeriu que cantássemos canções de propaganda; isso me manteve concentrado, pelo menos por algum tempo.

Quando o ônibus tomou uma estrada estreita, o chefe político anunciou orgulhosamente: — Chegamos! Nossa escola fica à esquerda. Logo pude ver árvores altas e sem folhas, dos dois lados do caminho; era fevereiro e ainda fazia muito frio. Em poucos minutos, o ônibus manobrou, tomando a direção de um portão de barras de metal que tinha escrito em cima, em letras vermelhas e brilhantes: Universidade Central 7-5 de Artes Dramáticas e Musicais. Os números, segundo nos explicou o líder político, referiam-se à data 7 de maio, quando madame Mao fizera seu famoso discurso diante de comunidades de arte e educação. Naquela ocasião, usando a filosofia do chefe Mao, ela incentivou os intelectuais a se engajar, tanto física quanto mentalmente, às três classes: camponeses, proletários e soldados. Aquelas foram palavras preciosas para o ministro da Cultura. Assim, foi proposto que madame Mao assumisse o cargo de diretora artística da nova universidade que se localizaria no coração das comunas, local em que os futuros artistas poderiam aprender e trabalhar diariamente entre os camponeses. Em um local isolado, cercado de comunas e campos, os estudantes estariam protegidos de qualquer influência negativa da cidade. Madame Mao apoiou a ideia, e o projeto logo recebeu o patrocínio do governo central.

O ônibus parou dentro de um conjunto de edifícios e saímos em fila. Alguns oficiais e professores ajudaram as meninas com as bagagens e nos levaram para um prédio de três andares, recentemente construído. Assim que entrei, senti cheiro de tinta fresca, um cheiro forte e, para mim, novo, mas os professores não pareciam notar. Um professor fez a chamada. Então, fomos divididos em grupos, de acordo com sexo e idade — fiquei na turma dos meninos mais novos —, e mandados para o segundo andar.

Havia três escadas; tomamos a do meio. Reparei que, perto das outras duas, havia dois banheiros, um masculino e outro feminino. À medida que caminhávamos, os professores davam explicações. O

banheiro dos meninos era dividido em dois. A primeira parte servia ao banho e só tinha água fria. Deveríamos buscar água quente na sala das caldeiras, perto do refeitório. Água saindo dos canos, em vez de tirada do poço e carregada em baldes! Que extraordinário! Em seguida, mostraram-nos os quartos. Eram quatro: dois para meninos e dois para meninas. Em cada um se acomodariam 10 ou 11 estudantes. As camas ficavam bem perto umas das outras. Que luxo, ter uma cama só para mim! Mas eu sabia que, ainda assim, sentiria falta do mau cheiro dos pés dos meus irmãos e da segurança que me dava a presença de meus pais.

Tivemos um tempo para arrumar nossos pertences. Guardei a pele de cobra, os camarões secos e tudo o mais em uma cômoda. Por último, peguei a preciosa colcha feita pela niang, dobrei cuidadosamente e a deixei em cima da cama. Então, todos os 44 estudantes foram levados pelos três chefes políticos para o campo de esportes, próximo ao refeitório. Eles nos organizaram em quatro filas, de acordo com a altura: os menores na frente e os maiores atrás. Eu era o segundo mais baixo da minha fila.

Depois que todos se acomodaram, o diretor da nossa academia, um homem alto e forte, de uniforme verde do Exército, começou a falar: — Estudantes, sou o seu diretor. Podem me chamar de diretor Wang. — A voz era grave e áspera, em um nítido sotaque do sul.

Ele fez uma pausa e olhou em volta. Tinha olhos pequenos, mas assustadores. O silêncio era completo.

— Em nome de nossa amada madame Mao, sejam bem-vindos à Universidade 7-5 de Artes Dramáticas e Musicais. Vocês são privilegiados por terem sido escolhidos para fazer parte da nova escola de madame Mao. Sabem quais eram as chances de ser selecionado? Uma em um bilhão! Isso mesmo, uma em um bilhão! Vocês são os filhos afortunados e orgulhosos de proletários, camponeses e soldados da China! Vocês vão carregar a bandeira artística do chefe Mao para um futuro brilhante. Aqui, não vão

receber apenas seis anos de treinamento em balé, mas também aulas de dança folclórica, movimentos da Ópera de Pequim, artes marciais, acrobacia, política, história chinesa e internacional, geografia chinesa e internacional, poesia, matemática e filosofia da arte de madame Mao. Talvez vocês perguntem: "O que vem a ser filosofia da arte?" Ele fez uma pausa e, mais uma vez, olhou em volta com seus olhos pequenos e assustadores.

— Filosofia da arte é a relação entre política e arte. É desejo de madame Mao que vocês cresçam não somente como bailarinos, mas como guardas revolucionários, como participantes fiéis e dedicados da grande cruzada do chefe Mao! Sua arma é a arte. Madame Mao e mais de um bilhão de pares de olhos estarão atentos aos progressos de vocês. A expectativa é enorme. Os obstáculos são muitos. A tarefa é difícil. Mas vocês têm uma missão gloriosa! Os seus pais ajudaram o chefe Mao a vencer sua primeira batalha. Vocês podem ajudá-lo a vencer futuras batalhas. Vão precisar de habilidade e força mental. Isso não é fácil. Vocês vão trabalhar duro todos os dias do ano. A programação diária estará afixada no quadro de avisos e deverá ser seguida rigorosamente. Quem não estiver disposto a assumir essa importante tarefa levante a mão agora! Ele manteve a cabeça imóvel, mas os pequenos olhos assustadores foram da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Ninguém levantou a mão, e ele sorriu, o que tornou seus olhos ainda menores.

— Ótimo — continuou. — Existem cinco pessoas trabalhando em tempo integral para dar apoio a cada um de vocês. Espero que não as decepcionem, nem a mais de um bilhão de outras pessoas. Agora, vão jantar.

O discurso do diretor Wang me deixou confuso. Entendi que tínhamos uma tarefa importante, que deveríamos dedicar a vida às causas revolucionárias de Mao. Nada daquilo era novidade. Desde o primeiro dia na escola, disseram-nos para amar e seguir o grande líder Mao e até mesmo morrer por ele. As palavras do diretor Wang

foram claras e definitivas, mas não compreendi bem a parte relativa à arte e à política. Fiquei imaginando se a bandeira artística do chefe Mao teria uma cor diferente da que tinha a bandeira da China. Não sabia o que pensar. O que me preocupava era todo dia ficar na ponta dos pés usando um par de sapatilhas.

Em seguida, fomos levados em fila até o refeitório, um salão quadrado com muitas mesas e cadeiras. Ao chegar, encontramos, já acomodados, mais de cem alunos dos cursos de ópera e música. O barulho era indescritível.

Disseram que receberíamos uma alimentação um pouco melhor que a dos outros alunos da universidade, pelo desgaste físico causado por nosso treinamento. Em cada mesa, havia duas tigelas grandes com comida fumegante e, nas duas laterais do salão, várias mesas grandes com pães, arroz e sopa. Cada um de nós recebeu duas tigelas de metal para arroz, uma tigela pequena para sopa, um par de palitos para pegar a comida e uma colher para tomar a sopa. As tigelas eram exatamente iguais para todos. "Fácil de confundir", pensei.

Depois de nos acomodarmos, oito em cada mesa, repartimos a comida igualmente. Em minha mesa, somente um menino e uma menina me pareceram familiares: eu os tinha visto no trem que nos levara a Pequim. Todos os outros vinham de Xangai e, embora conversassem bastante, eu não entendia uma só palavra, porque falavam no dialeto deles. O menino sentado ao meu lado, tão pequeno quanto eu, voltou-se e me disse qualquer coisa. Olhei para os dois garotos vindos de Shandong, para ver se tinham entendido, mas eles simplesmente menearam a cabeça. Tentei dizer a ele, com meu jeito de falar típico de Qingdao, que não havia entendido, mas ele apenas sorriu.

A comida estava convidativa, com um cheiro maravilhoso, mas eu não tinha apetite. Meu estômago parecia um nó. Olhei pela janela e vi que já estava escuro lá fora. A escuridão me entristeceu. A

tristeza me invadiu aos poucos, até tomar conta de mim. Eu me forcei a comer um bocado de arroz, mas a comida parecia sem gosto. Então, lavei as tigelas, os palitos e a colher e escapuli antes que alguém notasse.

Estava frio e deserto lá fora. Viam-se apenas algumas luzes fracas entre o refeitório e o alojamento. Do céu, a Lua e algumas estrelas distantes pareciam me observar. Tinha medo de percorrer sozinho o caminho escuro até o alojamento. Olhei para as vidraças embaçadas do refeitório, sabendo que não poderia voltar para lá: todos iam rir de mim, com certeza. Precisava seguir em frente. Eu me lembrei de meus pais e irmãos e fiz de cada passo uma luta contra o medo e a solidão.

As luzes tinham sido desligadas; o prédio estava escuro como breu. Com as mãos trêmulas, procurei os interruptores, mas não consegui encontrar. Fui subindo a escada devagar e, ao chegar ao andar de cima, finalmente achei um interruptor. Fui para o meu dormitório, mas preferi não acender as luzes. Simplesmente, tateei o caminho, atirei-me na cama e abracei minha preciosa colcha feita pela niang. Afundei o rosto nela e chorei.

Lembro-me muito bem daquela primeira noite. Eu me sentia completamente desprotegido. Minha colcha era como uma tábua de salvação em meio a um oceano de tristeza. Não conseguia conter as lágrimas nem deixar de pensar na família. Aquele era o momento em que todos se reuniam para ouvir as histórias do dia e brincar de procurar palavras no papel de parede, enquanto a niang costurava. Tentei segurar o pensamento, mas foi impossível. Fiquei agarrado à colcha, sentindo seu cheiro familiar. A saudade de casa era insuportável. Eu parecia estar sem salva-vidas no meio da escuridão de um mar bravio. A corda a que me agarrava não era suficiente. Eu afundava cada vez mais. Nos primeiros meses, foram muitas as noites em que chorei até dormir.

Na minha primeira noite longe de casa, o que eu mais queria era me transformar em um pássaro, voar para junto da família e dormir na cama dos meus pais pelo menos uma vez, sentindo o cheiro ruim dos pés do meu irmão mais novo. A tristeza era tanta que mal reparei nos colegas chegando. Para esconder as lágrimas, cobri a cabeça com a colcha e fingi estar dormindo.

Na manhã seguinte, tive de encarar a realidade: não havia o cheiro familiar do desjejum preparado pela niang, nem sua voz doce. O que havia era o som áspero da campainha que nos despertava. Eu não estava em casa; estava ali, sozinho, sentindo-me deslocado. Olhei em volta e recordei a noite anterior em todos os detalhes.

Parecia haver campainhas por toda parte. Rapidez e eficiência tinham a máxima importância. Regras, ordens e horários deviam ser rigidamente observados. Ainda era muito cedo: fomos acordados às 5h30. Enrolamos os cobertores à moda dos militares e escovamos os dentes (para mim, uma experiência nova, estranha e desconfortável; tive de observar os outros, para ver como faziam). Mal acabamos de lavar o rosto, a campainha tornou a tocar, com um intervalo de cinco minutos, avisando que era hora de irmos para a quadra de esportes ainda envolta em escuridão.

Logo descobrimos que aquela seria a rotina de todas as manhãs. O capitão de cada turma conferia a presença e então, ainda meio adormecidos, corríamos durante uma hora, em torno do campo. Seria assim todos os dias do ano. Eu gostava do ar fresco da manhã, mas custei a me acostumar a acordar tão cedo. O desjejum era às 7h15: mingau de arroz, pão e nabo salgado em conserva. Com sorte, serviam-nos ovos. Inhame seco, jamais.

Naquela primeira manhã, depois do desjejum, fomos experimentar os calçados para balé e dança folclórica, as camisas brancas, as calças curtas azul-escuras e os agasalhos de algodão azul real. Segundo nos disseram, aquilo era tudo de que precisaríamos nos seis anos seguintes. O calçado para balé tinha pequenas tiras de

couro que ficavam enroladas em volta dos dedos e dos calcanhares; assim, quando as tiras estivessem gastas, seriam substituídas, e o calçado resistiria por mais tempo. As calças curtas tinham elástico na cintura e em volta das pernas e ficavam muito esquisitas no corpo. A seguir, fomos apresentados a Chiu Ho, professora-chefe de balé. Ela nos levou à oficina de calçados para experimentarmos os nossos. Era o momento que eu tanto temia.

Chiu Ho, como logo ficamos sabendo, era considerada uma das mais capazes professoras de balé da China. Tinha sido treinada por professores vindos da Rússia nos anos 50 e, apesar da baixa estatura, era o mestre que mais temíamos.

Na oficina de calçados, Chiu Ho mandou que escolhêssemos o modelo mais apertado possível porque, com o tempo, iria ceder. Fomos recebidos por um homenzinho corcunda com uma aparência tão estranha que nos assustou, mas diziam ser o melhor fabricante de calçados para balé de toda a China. A oficina não era grande, mas tinha prateleiras e mais prateleiras repletas, inclusive com sapatilhas de ponta. Havia pilhas de peças de couro e de tecido de algodão, além de latões cheios de cola para calçados e cola espirrada por toda parte. Algumas máquinas de costura antigas descansavam sobre bancadas encostadas à parede. Na sala abarrotada, meus olhos logo localizaram as sapatilhas de ponta; estava próximo o momento em que teria de espremer meus pés dentro de calçados tão pequenos.

— Garotos primeiro! — ordenou Chiu Ho.

Um a um, experimentamos os calçados. Eram tão pequenos que imobilizavam meus dedos longos. Eu ficava pensando como seriam desconfortáveis as tais sapatilhas de ponta.

— Muito bem, os garotos já terminaram. Podem sair todos! — Chiu Ho vociferou.

— E as sapatilhas de ponta? — perguntei.

— O que têm as sapatilhas? — ela perguntou com ar de reprovação. — Não vamos experimentar? — perguntei novamente.

Ela olhou para mim e depois para o fabricante de calçados, e os dois caíram na gargalhada.

— Não, somente as meninas usam sapatilhas de ponta — ela respondeu, ainda rindo.

Que alívio! Ainda bem que não teria de andar como Na-na! O que eu não sabia é que mesmo aqueles calçados que Chiu Ho me dera causariam danos permanentes aos meus dedos dos pés.

Passamos o resto do dia em preparativos para o início oficial do nosso treinamento, no dia seguinte. Ficamos sabendo que a Academia de Dança de Pequim, devido ao envolvimento de madame Mao, era a escola de dança de maior prestígio em toda a China, e a única a oferecer bolsas de estudo integrais, inclusive com alimentação, alojamento, educação e material de treinamento. Aos pais, caberia apenas fornecer roupas pessoais, cobertores e dinheiro para pequenas despesas feitas em uma lojinha dentro da própria escola, que vendia artigos básicos, como sabonetes, escovas de dente, cremes dentais e doces. Oficiais militares de madame Mao chefiavam os departamentos-chave da universidade. Havia ainda os chefes políticos, aos quais já tínhamos sido apresentados e logo aprendemos a temer também. Até mesmo os professores demonstravam grande respeito por eles. Com poder absoluto, eles seriam nossos mentores políticos e ideológicos.

Verificando o horário das aulas da manhã seguinte, vimos que a primeira seria de balé, seguida por movimentos da Ópera de Pequim e de dança folclórica. Haveria aulas de balé todas as manhãs; as outras seriam em dias alternados. O almoço era ao meio-dia. Entre 12h30 e 14h, era o período da sesta, uma tradição chinesa. Das 14h às 17h30, tínhamos aula de matérias do currículo escolar, como matemática, chinês, história, geografia, política e filosofia da arte de madame Mao. Entre 17h30 e 18h, era servido o jantar. Então, ficávamos com um intervalo de duas horas para estudar política ou

praticar balé. Não sabíamos ainda que os estudos políticos tomariam a maior parte das nossas noites pelos cinco anos seguintes.

O dia seguinte chegou. Minha primeira aula de balé foi às 8h, ministrada pelo professor Chen Lueng, o homem alto de Pequim que nos examinara na escola de Qingdao. Seu rosto familiar foi meu único conforto.

O estúdio aonde fomos levados parecia grande e vazio, com apenas dez garotos e um pianista. Nevava, e as vidraças estavam congeladas. Havia alguns aquecedores ao longo das paredes, mas de nada adiantavam; se não estivessem lá, não faria a menor diferença. De camisa e calça curta, tiritávamos de frio.

Chen Lueng mandou que nos posicionássemos em semicírculo e perguntou: — Quem pode me dizer o que é balé? Nós nos entreolhamos. Ele sorriu complacente. — Balé é uma forma de arte originária das danças das cortes imperiais da França — explicou. — Hoje em dia, é uma forma de arte universal.

Continuando, ele nos disse que adotaria um método de ensino baseado no famoso Vaganova, da Rússia, comprovadamente eficiente, já que havia produzido alguns dos maiores bailarinos do mundo, inclusive Nureyev e Vasiliev.

Tudo o que ele falava me entrava por um ouvido e saía pelo outro. Aqueles nomes não me diziam absolutamente nada.

— Os primeiros anos de estudo, que podemos chamar de formação básica, são considerados importantíssimos. Serei seu professor neste período. Para começar, vou ensinar alguns exercícios e algumas posições básicas. Durante o curso, neste primeiro ano, vocês vão aprender alguns termos empregados no balé. São palavras em francês, os nomes de passos e movimentos. Essa terminologia é utilizada internacionalmente. Todavia, madame Mao quer que vocês aprendam também os nomes em chinês. Portanto, vão aprender os termos em francês e em chinês. Espero que os memorizem.

Eu não podia acreditar no que ouvia. Francês? Se já tinha problemas em compreender o mandarim falado por Chen Lueng, imagine o francês! Então, procurei um meio de memorizar os termos. Quando Chen Lueng mencionou a palavra francesa *tendu*, associei o som a Ton Jiu, que significa nove pedaços de doce de trás para a frente. Para penché, pensei em Pong Xie, que quer dizer "caranguejo". Para algumas palavras, não consegui encontrar o equivalente em chinês. Arabesque simplesmente não valia a pena o esforço. Quando, finalmente, pratiquei Ar La Bai S Ker, tinha de lembrar cinco palavras chinesas diferentes, o que soava ainda mais ridículo. Cheguei a tentar escrever as palavras em um diário, mas meu vocabulário em chinês não era suficiente. Então desenhei as posições. Era só o que podia fazer. Tinha vergonha de pedir ajuda. Ficava com medo de que rissem de mim, pobre camponês ignorante.

Durante a primeira aula de balé, eu não conseguia sentir os dedos dos pés, dentro daquele calçado pequeno e apertado em um dia tão frio. Chen Lueng nos mandou ficar eretos, com os pés voltados para fora nas posições mais estranhas — as quais denominou primeira, segunda, terceira, quarta e quinta posições. Eu me sentia ridículo. Não conseguia acreditar que alguém em seu juízo perfeito se interessasse em nos assistir fazendo coisas tão feias. Certamente, até madame Mao pegaria no sono durante um espetáculo em que os bailarinos andassem como patos! Nem meus pés queriam colaborar: viviam virando para dentro por conta própria.

O estúdio era úmido e empoeirado. O cheiro de suor e mofo estava em toda parte. As réstias de luz iluminavam milhões de partículas de poeira em suspensão no ar. O piso de madeira era tão antigo que soltava lascas. Para não escorregar, Chen Lueng nos ensinou a salpicar água no chão com a ajuda de um pote de metal muito parecido com um regador, com furos na parte superior. Íamos andando para trás e molhando o chão. Para se habilitar a ser aluno

da Academia de Dança de Pequim, era preciso praticar aquela operação com rapidez e eficiência.

Na primeira aula, tudo me pareceu estranho. Tínhamos de estender os braços para os lados, mantendo as palmas das mãos voltadas para a frente, exatamente abaixo da altura dos ombros. Chen Lueng, então, caminhava entre os alunos, empurrando nossos braços para baixo; devíamos resistir à pressão com toda a nossa força. Enquanto ele não nos mandasse descansar, tínhamos de permanecer na posição. Ele disse que era para desenvolver a força nos braços, de modo que os movimentos fossem suaves durante a dança. "Isto não é dançar", disse para mim mesmo. Onde estavam os saltos e os pulos? Teria eu de suportar aquela agonia por seis anos? Tinha cãibras nos pés. Não queria nem imaginar como seria difícil para as meninas se manterem na ponta dos pés.

Aquela primeira aula durou aproximadamente duas horas, que me pareceram uma eternidade. Estava louco para que a campainha tocasse, para poder arrancar aquele calçado horrível e deixar meus dedos dormentes se esticarem. Pensei em como seria bom correr pelas ruas ou lutar com os colegas, como fazia na comuna. Eu não queria dançar. Queria ir lá para fora brincar com a neve, atirar bolas e construir um boneco.

A segunda aula daquela manhã foi de movimentos da Ópera de Pequim. Nosso professor era Gao Dakun.

— Andem logo, estão atrasados! — ele gritou. — Espalhem-se em volta da barra. Todos os movimentos da Ópera de Pequim exigem flexibilidade e elasticidade. Sem elasticidade, não serão bons alunos. Entenderam?

Todos concordamos assustados.

— Muito bem. Então, vamos começar. Perna sobre a barra — ele disse.

Olhei para a barra diante de mim. Era da altura do meu queixo.

— O que está esperando? Não me ouviu? Perna em cima da barra! Eu era um dos três menores da turma. Levantei a perna e tentei alcançar a barra, mas era alta demais.

Sem dizer uma palavra, Gao se aproximou e levantou minha perna. Senti uma fisgada de dor no tendão e, automaticamente, dobrei o joelho.

— Mantenha o joelho esticado! — ele ordenou, empurrando meu joelho para baixo. — Agora, incline o corpo para a frente e tente tocar a ponta dos pés com a cabeça. E não saia da posição até eu mandar!

A dor, além de terrível, aumentava rapidamente.

— Não me ouviu? Mantenha os joelhos esticados! — Gao gritou para Zhu Yaoping, o garoto de Xangai que falara comigo à mesa do jantar, na noite anterior. — Mantenha a cabeça baixa — disse para Fu Xijun, outro menino de Qingdao. — Muito bem! Agora, a outra perna! Minha perna direita doía tanto que custei a tirá-la da barra. Olhei rapidamente em volta e vi que não era o único a sofrer.

Quando coloquei a outra perna na barra, já sabia o que esperar. Então, comecei a contar. Era um modo de suportar a agonia. Exatamente quando eu pensava se alguém mais teria pensado na mesma ideia, ouvi o colega ao lado contando também.

A cada aula, eu me preparava para o pior. Decidi que precisaria de força mental suficiente para contar devagar, pelo menos até cem. Se Gao, no entanto, deixava a sala para beber água ou fumar, a contagem se acelerava imediatamente. Tinha vontade de gritar de dor. Gao frequentemente nos forçava a inclinar o corpo para baixo. Se dobrássemos os joelhos, era problema na certa. Sentia os tendões doerem, mas éramos proibidos de parar, gritar ou chorar.

Eu odiava Gao Dakun e a aula dele. Tinha medo de encará-lo. Olhar na direção dele já me assustava. Pensar naquela aula me revirava o estômago. Ele parecia estar sempre zangado, gritava

constantemente conosco. E dizia palavrões. Chamava-me de "o cabeção de vento". Quando fazia isso, eu o odiava ainda mais.

Naquele primeiro dia, estávamos a caminho do dormitório para a sesta quando Zhu Yaoping, o garoto pequeno de Xangai, teve a ideia de sentar-se no corrimão e escorregar. Como me pareceu divertido, fiz o mesmo. Subíamos a escada e descíamos escorregando, um atrás do outro. Até que, saindo não se sabe de onde, apareceu um chefe político.

— O que vocês pensam que estão fazendo? — ele rugiu. Ficamos imóveis, o coração aos pulos. — Nunca mais façam isso! Entenderam? Poderiam cair e quebrar uma perna! Na escola de madame Mao, isso é proibido! "Neste lugar não há diversão", pensei. "Somente regras." Tivemos ainda outras aulas no mesmo dia, mas entendi muito pouco, por causa da pronúncia dos professores em mandarim. Pelo menos, jantaríamos mais cedo, para dar tempo de assistirmos ao espetáculo do Balé Central da China. Fomos de ônibus até o teatro Portão do Céu, próximo ao centro de Pequim. A apresentação era de um dos balés-modelo de madame Mao, com o título já familiar Destacamento Vermelho de Mulheres. Zhu Yaoping e eu sentamos lado a lado. Consegui passar o primeiro ato acordado, mas no segundo o sono me venceu: as pálpebras foram ficando pesadas e adormeci profundamente. Acordei com os aplausos finais.

Olhei em volta assustado, sem saber direito onde estava e o que fazia. A viagem até Pequim, as últimas vinte e quatro horas — tudo parecia um sonho. Quando me recuperei do choque inicial, descobri que Zhu Yaoping e todos os outros colegas tinham desaparecido. Com vontade de urinar, fui procurar o banheiro. Logo o encontrei, pela longa fila formada na porta. Ainda faltava muito para chegar a minha vez, quando soou a campainha e os funcionários começaram a pedir que todos voltassem a seus lugares. Sem outra alternativa, corri para dentro do teatro, mas não encontrei os colegas. Em pânico, voltei ao saguão.

— Eu me perdi do grupo — disse a um funcionário. — Não consigo encontrar meu lugar.

— Posso ver o seu ingresso?

— Não tenho. Os ingressos estão todos com o chefe político.

A essa altura, as luzes se apagavam. O funcionário me pegou pela mão.

— Venha comigo. Quando acabar a apresentação, eu o ajudo a encontrar o seu grupo.

Dizendo isso, ele me acomodou em um assento vazio na última fila. Eu estava nervoso, longe dos colegas, mas novamente fui vencido pelo sono e acabei dormindo durante todo o terceiro ato. Assim que as luzes se acenderam, o funcionário me levou para o lado de fora, onde esperamos aparecer algum rosto familiar. Afinal, eu os vi saírem por outra porta. Fiquei tão aliviado e feliz quando Zhu Yaoping correu em minha direção que nem me importei por não ter entendido uma só palavra do que me disse.

Durante o trajeto de volta, no ônibus, comecei a me sentir muito mal. O mundo todo parecia girar. Tinha vontade de vomitar. Falei com um professor, que pediu ao motorista que parasse. Saltei no momento certo. Depois disso, fizeram-me sentar na frente, logo atrás do motorista. Um dos professores me garantiu ser aquilo uma indisposição passageira, por causa do balanço do ônibus; na frente, eu me sentiria melhor. Então por que eu nunca ficara enjoado quando ia com a niang visitar meus avós? Eu estava traumatizado, perturbado, sufocado em meu mundo de emoções ardentes.

Era meia-noite quando fomos dormir, muito além do horário a que me acostumara em Qingdao. Pensei na niang, no dia e nos meus irmãos, dormindo juntos, na cama tão bem conhecida, e a saudade voltou a me invadir. Quando as luzes se apagaram, agarrei a preciosa colcha da niang, cobri a cabeça com ela e, mais uma vez, chorei até dormir.

9

跳舞

O PÁSSARO ENGAIOLADO

Todas as manhãs, era a mesma coisa. Eu tinha a impressão de que mal acabara de fechar os olhos e a campainha das 5h30 já me rompia os ouvidos. Eu me arrastava até o lavatório e jogava água gelada no rosto, para espantar o sono. Durante a corrida, nos exercícios da manhã e no desjejum, eu continuava meio adormecido. Somente os pés frios e apertados, as estranhas posições do balé e os nomes em francês eram capazes de me acordar.

Ainda naquela semana, tivemos a primeira aula de dança folclórica com o professor Chen Yuen. Ele era mais jovem que os outros professores que já conhecíamos e usava óculos. Parecia cordial e, com um fino senso de humor, chegou a nos contar piadas.

Na aula de Chen Yuen, dançávamos com muito mais liberdade. Gostei especialmente de uma dança dos cavaleiros da Mongólia que começamos a aprender. A melhor parte da aula, porém, foi quando quatro músicos tocaram instrumentos chineses tradicionais. Achei tudo muito bonito. Um tocava giba, semelhante à guitarra, mas com um som oco e triste. Havia também uma espécie de corneta antiga; um erhu, de duas cordas, que produzia sons de cortar o coração; e o yanqin, também de cordas, tão belo e poderoso que dava a

impressão de vinte instrumentos diferentes tocando ao mesmo tempo. Adorei a emoção da música que faziam. Jamais ouvira algo parecido. Aquela música me fez querer dançar. Tinha a impressão de ouvir o som das patas dos cavalos se aproximando, trazendo os cavaleiros da Mongólia. Como eu queria ser livre como eles...

No mesmo dia, tivemos a primeira aula de política e descobri, com surpresa, que a campanha pela condenação de Lin Biao estava em pleno desenvolvimento. A teoria da Gangue dos Quatro era de que fezes atraem moscas; sendo Confúcio as fezes, Lin Biao seria a mosca. Então, foi organizada uma campanha de crítica a Confúcio. A intenção era discutir por que Lin Biao se sentia atraído por Confúcio e o perigo que isso teria representado para a causa política de Mao. Quando nos sentamos nas pequenas carteiras de madeira, o professor já havia escrito no quadro-negro uma frase de Confúcio, sobre quem começou a falar: Quando a ordem perfeita prevalece, o mundo passa a ser como um lar compartilhado por todos. Homens corajosos, valorosos e capazes são eleitos para cargos públicos e conquistam empregos bem remunerados na sociedade. Paz e confiança entre os homens são as máximas da vida. Todos amam e respeitam seus pais e seus filhos, bem como os pais e os filhos alheios. Os velhos são bem cuidados e há empregos para todos. As crianças recebem alimento e educação. Viúvos, viúvas, deficientes e os que estão sozinhos recebem apoio. Todos têm um papel a cumprir na família e na sociedade. A participação substitui os efeitos do egoísmo e do materialismo, e a devoção ao interesse público não deixa espaço para a inércia. Não se conhecem a desonestidade nem a conivência com a ganância. Não existem vilões, como ladrões e assaltantes. Não é preciso trancar portas, seja dia ou noite. São essas as características de um mundo ideal, o mundo dividido igualmente por todos.

— Agora — o professor começou — alguém pode me dizer onde está o erro deste texto? Ninguém respondeu. Eu não tinha a menor

ideia da resposta. Não entendi tudo o que estava escrito no quadro-negro, mas não encontrava nada errado. A sociedade de Confúcio me parecia bela, exatamente como o ideal comunista de sociedade.

O professor continuou: — Existem várias palavras-chave que vocês devem identificar. Por exemplo: "a ordem perfeita". Quem define o que é ordem perfeita? O governante? O imperador? Isso é uma armadilha! Confúcio quer que as pessoas comuns se comportem de acordo com regras que foram estabelecidas por certos indivíduos em benefício próprio. Estão percebendo? Todos concordamos com a cabeça obedientemente. — O segundo ponto: reparem que Confúcio só menciona homens. Onde estão as mulheres? Na mente de Confúcio, nem vale a pena mencionar as mulheres! No entanto, o chefe Mao diz: "As mulheres são a metade do céu." E, finalmente, Confúcio fala de vilões, ladrões e assaltantes. O que ele quer dizer? Estaria se referindo aos governantes e imperadores? Todos os alunos fizeram que não com a cabeça. — Não! Ele se referia aos camponeses e proletários pobres, que mal têm o que comer e vestir. Eles não teriam outra escolha a não ser roubar. Agora, percebem onde está o veneno? Concordamos mais uma vez, sinceramente. Eu estava surpreso. Sabia que o professor estava certo. Por que eu não tinha percebido?

— Agora, conseguem entender por que Lin Biao, essa pequena mosca, se sentiu atraído pelo monte de bosta de Confúcio?

— Sim! — respondemos em uníssono, fazendo o professor sorrir triunfante.

Enquanto o professor falava, ouvi filhotes de passarinho piando no telhado. Então, assim que a aula acabou, convidei Zhu Yaoping, que estava se tornando meu melhor amigo na academia, para ir comigo até lá, acima do quarto andar, passando por uma pequena janela. Encontramos um ninho embaixo de uma telha, com dez passarinhos dentro. Zhu Yaoping não estava muito interessado neles — tinha aceito o convite mais pelo prazer da travessura —, mas meu

coração encheu-se de compaixão. Peguei os bichinhos com cuidado e guardei-os nos bolsos; assim, poderia alimentá-los com meu almoço, brincar um pouco com eles e devolvê-los ao ninho mais tarde.

A aula seguinte era de matemática, a última antes do almoço. Eu me sentei e arrumei os passarinhos na carteira. Daí a algum tempo, porém, eles começaram a piar. Alto... e muito. Quando viu, a professora ficou furiosa e me mandou ir imediatamente à sala do chefe político. Fiquei apavorado. Tinha certeza de que seria expulso.

Ao me ver, o diretor Wang me olhou com uma expressão severa:
— Cunxin, o que você pensa estar fazendo? Quer se prejudicar? Quer deixar madame Mao aborrecida? O seu comportamento não será tolerado. Aqui não é a sua comuna! Estude as seções mais importantes do Livro Vermelho de Mao e escreva uma autocrítica, para ler diante da turma.

— Nunca escrevi uma autocrítica — respondi. — Não sei como se faz.

Ele me olhou com uma ponta de simpatia: — Você deve explicar por que é errado subir no telhado e então prometer não fazer novamente. Não se esqueça de usar algumas ideias do chefe Mao como base da sua argumentação. Diga que lamenta o que fez.

Como eu não poderia voltar para a sala de aula, o diretor Wang me deixou usar sua mesa para escrever, enquanto ia a uma reunião.

Depois de um angustiante exame de consciência e muitas tentativas, finalmente completei minha primeira autocrítica: Caros e respeitados professores e colegas: Lamento muito ter subido no telhado, e ainda mais por ter tirado os pobres passarinhos de seu ninho tão confortável. As razões para meu ato foram: 1) Ouvi os passarinhos piando e vi suas boquinhas abertas com fome. Tive pena e pensei que seus pais pudessem não voltar, deixando-os morrer de fome. 2) Sempre gostei de pássaros.

Depois de falar com o diretor Wang, porém, percebi que estava errado e que não devo mais fazer isso. Por quê? Pelas seguintes

razões: 1) Posso cair e morrer, o que causaria problemas a madame Mao, já que sou seu aluno. 2) Nosso grande líder, o chefe Mao, disse em seu Livro Vermelho: "Estude muito e cresça a cada dia." Se me distrair a brincar com pássaros, não poderei me concentrar nos estudos como quer o chefe Mao. 3) Se eu morresse tentando salvar os pássaros, deixaria de servir à revolução do chefe Mao. 4) Além disso, meus pais nunca mais me veriam, e minha niang morreria de tristeza.

Por essas quatro importantes razões, prometo não fazer novamente. Quero que um raio caia sobre mim se eu subir no telhado outra vez. Do aluno fiel do chefe Mao, Li Cunxin Gostei especialmente do final. "Quero que um raio caia sobre mim" era uma espécie de blasfêmia em nossa comuna. Mas, na verdade, eu não acreditava que uma brincadeira com passarinhos pudesse prejudicar a revolução do chefe Mao. Eu me sentia realmente humilhado. Em minha antiga escola, isso nunca aconteceria.

Minha autocrítica foi aprovada. A professora e os colegas caíram na gargalhada quando li o final. Depois, ainda tive de ficar uma hora fora da sala de aula.

— Cunxin, já alimentou os passarinhos? — os colegas implicavam, ao passar por mim.

Eu sentia o rosto queimar. O que escrevi não era o que eu sentia. Não tinha aprendido coisa alguma acerca de servir ao chefe Mao. Tudo o que aprendi foi que a liberdade me estava sendo negada. Nunca mais poderia brincar com os pássaros de que gostava tanto. Naquele momento, eu era o pássaro preso em uma gaiola em que até mesmo os meus pés tinham de obedecer a regras.

Eram tantas matérias diferentes a conhecer naquela primeira semana! Apesar do incidente com o pássaro, a princípio gostei da aula de matemática e logo entendi as novas equações, mas o progresso era lento, por isso rapidamente perdi o interesse. Não compreendia a importância da matemática para um bailarino. Para

enganar o tédio, sonhava acordado. Da sala de aula, ouvia as vozes dos alunos da Ópera de Pequim, e meu coração desejava saltar e juntar-se a eles. Pensava nos filmes a que assistira na comuna e sonhava ser cantor. Era constantemente repreendido por não prestar atenção às aulas, em especial às de balé. O desespero e a falta de atenção prejudicavam meu desempenho. Os professores me consideravam incorrigível.

Na primeira semana, tivemos ainda aulas de acrobacia e chinês. O treinamento de acrobacias era puxado. Entre os exercícios, tínhamos de dobrar o corpo para trás, dobrar o corpo para a frente, tentando segurar os tornozelos, e "plantar bananeira" rente à parede. Às vezes, os professores nos mandavam manter a posição durante algum tempo, antes de nos permitir descansar. Mas a dor nos deixava as costas dormentes, e não sabíamos quais músculos usar para ficar de pé novamente. Também devíamos flexionar o tronco para trás até tocar o chão com as mãos e ir girando, de dez a vinte vezes seguidas. Não sei como não vivíamos machucados. Os professores continuavam incansavelmente.

— Por enquanto, estamos fazendo apenas um trabalho de base — diziam. — Mais tarde, quando estiverem com os músculos mais fortes, vão aprender a dar cambalhotas no ar.

Quem nos dava aula de chinês era o professor Shu Wing. Geralmente tranquilo, ele só perdia a calma quando nos mostrávamos preguiçosos ou lentos. Tinha uma bela caligrafia, e muitas vezes eu deixava de prestar atenção no que ele dizia, para admirar sua escrita no quadro-negro. O giz fazia as palavras saltarem em um lindo movimento dançante. Seu assunto preferido era a poesia, que ele também nos ensinava. Ele nos fez conhecer alguns poemas simples de Mao, mas tinha verdadeira paixão pela poesia clássica. Cada palavra era discutida a fundo; uma palavra podia representar uma fábula ou um acontecimento. Seu talento e seus conhecimentos eram imensos, e sua aula, uma das minhas

preferidas. Durante uma aula de Shu Wing, ficamos sabendo que deveríamos aprender mandarim ou seríamos mandados de volta para casa.

Aos poucos, nos primeiros dias, fiz amigos na academia. Zhu Yaoping, Jiao Lishang e eu estávamos quase sempre no mesmo grupo de atividades. Éramos os garotos mais baixos e nos demos bem, apesar da dificuldade de comunicação, por causa da diferença de dialetos. Zhu Yaoping era o mais animado e travesso. Eu gostava dele. Ele me fazia rir. Sua cama ficava ao lado da minha, e não foram poucas as noites em que se levantou para fazer brincadeiras. Ainda na primeira semana, um dos garotos rangia os dentes com tanta força durante o sono que não nos deixava dormir. Finalmente, cansados do incômodo, amarramos barbantes em seus pulsos e tornozelos; quando ele começou a ranger os dentes, puxamos os barbantes ao mesmo tempo. Pobre garoto! De outra vez, tendo comido feijão no jantar, um dos garotos mais velhos começou a soltar gases e disse que era capaz de fazer isso atendendo a pedidos, quantas vezes quisesse. Chegamos a rolar no chão de tanto rir. Até um dos chefes políticos, normalmente sério, acabou rindo.

A primeira semana na academia afinal terminou. Para o nosso primeiro domingo, foi organizada uma excursão às famosas tumbas Ming. Foram duas horas de ônibus em direção ao norte, até Shisan Ling. Mais uma vez senti enjoo na viagem; o ônibus teve de parar duas vezes. Eu estava sem graça — sentia-me culpado pelo incômodo que causava aos outros.

Apesar de tudo, gostei das tumbas Ming. Eu jamais havia visto tantas joias! Raras e coloridas pedras preciosas, ouro e prata, taças usadas pelo imperador e pela imperatriz, espadas, roupas e coroas. Como é rica a história chinesa! Fiquei muito impressionado e extremamente orgulhoso do passado glorioso da China — realmente, a nação mais feliz e mais rica do planeta.

Uma questão, porém, começou a me incomodar: se a China era assim tão rica, por que minha família não tinha comida bastante nem dinheiro para comprar roupas? Não conseguia nem imaginar como seria viver em um país mais pobre, como os da América. Claro que não responsabilizava por isso o chefe Mao; era tudo culpa da corrupção dos imperadores, da invasão estrangeira ou do regime Guomindang de Chiang Kaishek. Seria eternamente grato ao chefe Mao por nos salvar. Somente ele nos poderia mostrar o caminho da felicidade e da prosperidade.

Na semana seguinte, houve outra excursão, dessa vez ao Palácio de Verão, a noroeste de Pequim. Como a simples menção da viagem de ônibus me dava enjoo, disse a um dos chefes políticos que não me sentia bem, e ele permitiu que eu ficasse.

Assim que os ônibus partiram, fui explorar as instalações da universidade. A sudeste do terreno, perto do portão, havia um pequeno pomar — macieiras e pereiras, principalmente. Naquela época do ano, estavam sem folhas, mas consegui descobrir alguns brotos despontando nos galhos; a primavera não estava longe. À direita do pomar, havia o prédio de quatro andares onde ficava o estúdio, e, a leste, estavam os dormitórios. A nordeste, avistei os prédios baixos, de telhado plano, ocupados pelas duas academias de música. Pareciam duas caixas de fósforos.

Ao norte, porém, havia uma faixa de terra desocupada. Como qualquer camponês curioso, senti-me imediatamente atraído e logo enterrei os dedos na terra ainda meio congelada, para ver se havia algo plantado, mas o solo me pareceu completamente improdutivo. A faixa de terra era cercada de arame farpado até a altura do meu peito. Havia ainda uma fileira de salgueiros-chorões e, do outro lado, um canal de irrigação.

Corri para subir em um dos salgueiros-chorões. As árvores me despertavam certa tristeza. Suas folhas longas e úmidas faziam lembrar minhas lágrimas. Eu me perguntava se as árvores também

ficariam tristes. Subi e fiquei quieto no meio das folhas. Passei em revista tudo o que me acontecera desde que deixara minha família, apenas duas semanas antes.

Encostei a cabeça no tronco e confessei à árvore toda a minha saudade e solidão. As lágrimas desceram pelo rosto, como acontece às folhas do salgueiro-chorão. Chorei à vontade. Ninguém estava vendo.

Depois da confissão secreta à árvore, senti-me bem melhor. Sabia que voltaria lá muitas vezes naquele primeiro ano. Tinha encontrado um refúgio e passaria ali um tempo precioso. Aquele passou a ser meu esconderijo.

Depois de algum tempo, desci da árvore e fiquei andando a esmo pelo terreno da universidade. Havia um grande chiqueiro e, ao lado, uma pequena plantação. Encontrei também uma piscina, vazia naquela época do ano. Eu me lembrei de quando quase me afoguei no açude. A lembrança me arrepiou os cabelos. Desejei ardentemente que os professores não nos fizessem usar a piscina no verão.

Cheguei ao refeitório exatamente na hora do almoço. Pensei que ninguém estivesse lá, mas, para minha surpresa, encontrei um garoto sentado sozinho em uma das mesas da academia de música. Era um pouco mais novo que eu e parecia solitário e triste. Peguei a comida e fui para perto dele.

— Se importa se eu me sentar aqui? — perguntei. Ele, timidamente, fez que não com a cabeça. Eu me sentei na frente dele.
— Meu nome é Li Cunxin. Sou de Qingdao. Sou aluno da academia de dança. E você?

— Meu nome é Zhang Xiaojia. — De onde você é?

— Da província de Henan. — Por que não foi com os outros ao Palácio de Verão?

— Não estava me sentindo bem. E você?

— Também não estava bem — respondi. — Que instrumento musical você toca?

— Por enquanto, nenhum.

— Por quê? — Ainda não foi decidido. Segundo nos disseram, vamos ser testados pelos professores, que vão resolver que instrumento cada um vai aprender.

— Você já tocava algum instrumento antes de vir para cá? Ele negou com a cabeça. — Só fui escolhido porque tenho dedos longos... e meus pais são camponeses. E você? Já dançava?

— Nunca dancei. Nem sabia o que é balé. Aliás, ainda não sei. Eu simplesmente tinha os dedos longos e alguma flexibilidade. E meus pais também são camponeses.

— Você joga badminton? — ele perguntou de repente.

— O que é isso?

— Vou mostrar. Venha comigo.

Terminado o almoço, eu o segui até o dormitório, onde ele pegou, embaixo da cama, duas raquetes e uma peteca. Corremos para o espaço aberto entre os dormitórios e jogamos badminton durante horas. Como não tínhamos rede, usamos uma varinha para fazer um risco na terra, separando as quadras. Sem nenhuma contagem de pontos, a peteca ia e voltava, subia e descia. Desde que tinha deixado minha família até aquele momento, foram as horas mais felizes. Era a primeira vez em que ninguém nos julgava ou criticava. Apenas aproveitamos a companhia um do outro. Zhang e eu ficamos amigos. Aquela amizade, mais que tudo, ajudou a aplacar a intensa solidão e a enorme saudade que sentíamos. Pena não sermos da mesma turma.

Antes da partida dos alunos para o Palácio de Verão naquele dia, o chefe político do nosso grupo me pediu para lavar sua camisa branca. Concordei com boa vontade, porque achei que, se o ajudasse, ele gostaria de mim.

— Lave com a sua pasta de dentes — ele disse. — E não se esqueça de lavar bem o lugar das axilas.

O suor, porém, estava entranhado. Usei bastante pasta de dentes e lavei várias vezes, mas a sujeira não saía.

Quando o chefe político chegou, orgulhosamente entreguei a ele a camisa passada e dobrada. Ele não se impressionou.

— Eu disse a você para usar pasta de dentes! Olhe só que sujeira! Ele balançou a cabeça e se afastou. Fiquei aborrecido. Tinha gasto quase a metade do tubo de pasta de dentes, tão difícil de comprar. Acabei tendo de cortar o tubo e virar pelo avesso, para aproveitar o restinho de pasta — tudo porque ele queria a camisa limpa.

Assim que chegamos à academia, soubemos que cada um teria de lavar a própria roupa. Em casa, a niang lavava e costurava para todos. A tarefa extra só aumentava minha sensação de solidão. Sentia muita falta da niang. Apesar da enorme vontade de ouvir sua voz, nunca telefonei para a vila. Não tinha dinheiro. Então, escrevia cartas, embora não frequentemente, porque também custavam dinheiro. Meus pais não sabiam ler, mas pediriam a algum dos meus irmãos.

A primeira carta foi muito difícil de escrever. O que eu mais queria era dizer quanto sentia saudade de casa, mas sabia que isso deixaria a niang triste. Então, eu me restringi a comentar a viagem de trem até Pequim, o conjunto de prédios do chefe Mao, a praça Tiananmen e as tumbas Ming. Falei das lindas joias que vira e de como gostaria de poder dar uma delas à niang. Falei também de como a comida era boa e farta: todos os pratos tinham óleo e carne! Como gostaria de poder repartir com eles!... E contei ainda que lavava e costurava minhas roupas e que havia deixado o casaco de veludo cotelê em uma das caixas de papel machê, para que Jing Tring o usasse.

Não pensei que a carta causasse tristeza na niang, mas me enganei. Meu segundo irmão, Cunyuan, logo enviou a resposta,

contando quanto ela havia chorado ao ouvi-lo ler.

Conhecidas as instalações da academia, elegi a biblioteca como meu local favorito. Era uma sala pequena, com poucas prateleiras. Não havia livros estrangeiros — somente de autores chineses. Quase todos eram livros ilustrados com histórias, sempre tristes e trágicas, de crianças de outras terras. A maioria tratava de crianças negras vivendo nos Estados Unidos, maltratadas pelos brancos. Ou, então, contavam a luta do bem contra o mal. Os bons eram sempre belos, e os maus, feios, com narizes enormes e tortos — inimigos estrangeiros, espiões ou oficiais do regime Guomindang de Chiang Kaishek. Eu detestava os homens malvados e lamentava pelas pobres criancinhas negras. Às vezes, até derramava lágrimas de simpatia e me sentia cada vez mais grato pela vida maravilhosa que o chefe Mao nos possibilitava. Se a nossa vida era maravilhosa, que dizer das pobres criancinhas da América? Vários jornais eram entregues na academia para os professores e para os líderes políticos. O Diário do Povo era o jornal oficial do governo, mas havia também o Diário dos Trabalhadores, o Diário dos Soldados e alguns outros. Todos cheios de propaganda e controlados pela Gangue dos Quatro. Só podíamos ler depois que todos os adultos tivessem lido. Com isso, os jornais chegavam para nós com um, dois dias ou até uma semana de atraso. Ainda assim, líamos os editoriais — temas e ideias da Revolução Cultural —, páginas e páginas de notícias do país e histórias de realizações humanas inacreditáveis que condenavam as ideias antigas e nocivas de direitistas e antirrevolucionários. Vinham talvez umas duas páginas de esportes e meia página de notícias internacionais — pouquíssima informação. Havia ainda o Jornal de Referência, somente disponível para escalões superiores do Partido Comunista, que trazia um pouco mais de notícias internacionais e um pouco menos de propaganda. Ocasionalmente, porém, alguém conseguia um exemplar e passava adiante.

Estávamos na academia havia duas semanas, mais ou menos, quando fomos convocados à quadra, antes do almoço. Como sempre, organizamo— nos em quatro filas e esperamos. Os três chefes políticos, no alto da escada, nos olhavam com a fisionomia carregada.

O diretor Wang começou: — Descobrimos um caso sério de conduta imprópria por parte de um de nossos estudantes — ele disse. — Segundo esse estudante, outros estariam envolvidos. Quero o assunto investigado a fundo!

Nós nos entreolhamos. Ninguém sabia de que ele estava falando.

O diretor Wang continuou: — Já avisamos vocês de que ninguém deve tocar no Jornal de Referência. Pois, hoje, encontramos um aluno lendo esse jornal. Quero saber quem pegou o jornal na nossa sala, quem leu e há quanto tempo isso vem acontecendo. Esta é uma questão muito séria. A primeira aula da tarde foi suspensa. Em lugar dessa aula, vamos discutir a questão e ver como podemos evitar que aconteça novamente. Quero que os alunos que leram o jornal de referência façam um exame de consciência e escrevam uma autocrítica.

Durante o almoço, os estudantes que se sentiam culpados procuraram os três chefes políticos e confessaram. Eu fui um deles. Passei toda a hora da sesta tentando entender que crime eu havia cometido ao ler um jornal. Nada, porém, que abalasse minha fé no chefe Mao.

Quando a campainha tocou anunciando o fim da hora da sesta, eu ainda estava quebrando a cabeça em busca da resposta. "Pelo menos não roubei o jornal", pensei. Tinha recebido de outro. E, felizmente, esse outro também havia confessado; assim, eu não teria de delatá-lo. Eis aí uma coisa que não pretendia fazer jamais.

As discussões da tarde sobre o assunto avançaram rapidamente. Sob a orientação dos chefes políticos, descobrimos vários aspectos importantes que não tínhamos notado: éramos jovens demais para

entender o conteúdo do jornal, o que poderia levar a uma impressão errada, abalando nossa fé no comunismo; o roubo é um crime grave; ler matéria restrita aos membros do Partido Comunista e conscientemente passá-la adiante é uma atitude desonesta; e, finalmente, tínhamos desobedecido às regras da academia.

Escrevi a autocrítica com base nessas quatro conclusões, e ela foi aceita. No fundo, porém, não me sentia bem. Não conseguia pensar em nada que abalasse minha fé no comunismo. Quanto mais um jornal! Além disso, eu só tinha lido algumas notícias internacionais e esportivas.

10

跳舞

O PRIMEIRO ANO DE SOLIDÃO

As primeiras semanas na Academia de Dança de Pequim foram de intensa solidão. A noite era ainda pior. Só me sentia seguro deitado na cama, abraçado à colcha feita pela niang. Eu me detestava por isso, mas a colcha atuava como a morfina: acalmava a dor. Nos primeiros meses que passei na academia, tornei-me um garoto introvertido.

Sabia que não tinha outra escolha a não ser ficar em Pequim. Os desejos e as expectativas dos meus pais, irmãos, parentes, amigos, professores e até do pessoal da vila e da comuna tornavam impossível a minha volta. Seria uma vergonha insuportável. A reputação da família ficaria manchada para sempre. Meu sucesso era a única esperança que meus pais tinham de romper o círculo vicioso da pobreza. Eu não podia desapontá-los, embora me sentisse preso em uma gaiola de regras, rotinas e frustrações. Mal podia esperar o fim das aulas. Mal podia esperar o fim do ano; queria voltar para casa, rever a família e andar pelas ruas e pelos campos mais uma vez.

Eu não era o único a sentir falta de casa. Muitas vezes, percebi os olhos molhados de meus colegas de classe. As meninas choravam

mais que os meninos. Os chefes políticos, porém, demonstravam ternura por elas. Quando flagrados chorando, os meninos eram alvo de ironia. A ele se dizia constantemente que choro é sinal de fraqueza.

Os garotos da cidade pareciam mais à vontade que os do campo Eram mais confiantes e se ajustavam melhor à rotina. Os garotos de Xanga se davam bem entre si. Eles, em geral, tinham a pele mais clara que a nossa, pessoas do campo. Eu era provavelmente um dos mais escuros. Como m China considerava-se bonito ter a pele clara, eu me senti inadequado e me apeguei cada vez mais ao pessoal do campo.

Para tornar ainda piores as primeiras semanas, um vírus atacou os alunos. Eu estava entre os que tiveram tosse, dor de garganta e febre alta. Fiz o que a niang teria feito: peguei alguns pedaços da preciosa pele de cobra seca e a envolvi em cebolinha verde. Tentando ser gentil, ofereci aos colegas; foi como se tivesse oferecido veneno. Pensaram que fosse uma brincadeira de mau gosto. Para provar minha sinceridade, comi tudo diante deles, mas os colegas e os professores afastaram-se horrorizados. Com isso, perdi alguns amigos, mas percebi também que, apesar das pílulas que tomaram, os sintomas deles demoraram muito mais para desaparecer que os meus.

Outro problema estava nos banheiros da academia. Eu gostava da ideia de dar a descarga e mandar as fezes sabe-se lá para onde, mas os vasos sanitários entupidos eram a dura realidade. Não havia outra opção a não ser evacuar em cima das fezes ali depositadas anteriormente. O cheiro era nauseante; penetrava nas paredes e tomava o prédio todo. Eu, às vezes, usava o banheiro dos outros andares, mas em todos havia uma fila enorme. As horas de maior movimento eram pela manhã, ao acordar e depois do café, depois do almoço e da sesta e, a pior de todas, entre o jantar e a hora de ir para

a cama. Eu só usava o banheiro em último caso: corria para lá, fechava os olhos e prendia ao máximo a respiração.

Certa vez, estava na fila do banheiro e vi um colega do lado de fora, aparentemente meditando. Um cheiro desagradável me entrou pelo nariz, e eu soube imediatamente que pelo menos uma das privadas estava entupida.

— Quantas? — perguntei.

— As duas! — ele respondeu desesperado.

Dei um passo para trás, respirei fundo o ar que entrava pela janela e corri para o mictório.

Quando saí, o colega continuava no mesmo lugar. — Ainda tomando coragem?

— perguntei. — Esse cheiro vai me fazer mal!

Ele balançou a cabeça em um gesto de desagrado, respirou fundo e correu para dentro.

Os toaletes talvez fossem o que de pior havia na Academia de Dança de Pequim. Mas os chuveiros eram o que havia de melhor. Foi determinado que tomaríamos banho em dias diferentes, três vezes por semana. Era preciso chegar cedo, porque a água quente acabava, e os retardatários tinham de tomar banho frio.

Meu primeiro banho de chuveiro foi como mágica. Um dos professores levou um grupo de dez garotos até o vestiário, no qual havia bancos de madeira junto das paredes, para que colocássemos as roupas sobre eles. Era um lugar úmido, com um cheiro bom de sabão. Cada um levava toalha, bacia e sabão. Ninguém usava xampu. O vapor provocado pelo banho quente dos alunos do grupo anterior ao nosso invadiu o vestiário. Eu estava um tanto assustado. Tinha ouvido alguns adultos em nossa vila falarem de uma coisa chamada chuveiro. Devagar, fui colocando a cabeça sob o jato de água. Que maravilha! A água morna escorreu pelos meus cabelos e por todas as partes do corpo. Estava tão bom que abri a boca, deixei encher de água e transbordar, deslizando pelo corpo.

Fiquei surpreso ao ver que os colegas não reagiam especialmente ao banho. Talvez o chuveiro não fosse novidade para eles. Por mim, queria apenas poder ficar ali o resto do dia. Comparada à água suja e fria do banho de bacia que tomávamos em casa, aquela era uma experiência maravilhosa. Gostaria que minha família pudesse ter a mesma regalia. Nunca me sentira mais limpo. Ainda não sabíamos, então, que seríamos incentivados a tomar banho frio no inverno, para fortalecer o coração e a mente.

A comida na academia também era boa. Mais que boa. Tínhamos arroz quase todos os dias. Como raramente comíamos arroz em casa, eu achava aquilo maravilhoso. E, luxo dos luxos, frutas duas vezes por semana: maçãs, peras e, de vez em quando, bananas! Cada um recebia um pedaço ou, com sorte, dois. Eu saboreava cada pedacinho. Pela primeira vez na vida, tinha comida à vontade. Era o sétimo céu. Gostaria de poder dividir aquela comida com minha família: a niang e o dia mereciam.

Um dos prazeres que nos ofereciam na academia era, uma vez por mês, assistir a documentários e, ocasionalmente, a um filme. Todos os filmes estrangeiros eram produções de outros países comunistas. Eu me lembro especialmente de um, da Coreia do Norte, que contava a história de um rapaz desencantado com a causa comunista e de uma moça do Partido da Juventude que resolve ajudá-lo e se apaixona por ele. O que mais me agradou no filme não foi a parte política, mas a história de amor. Nas semanas seguintes, comecei a mudar o comportamento quando encontrava a capitã da turma das meninas — uma bela garota de Qingdao, de olhos grandes e brilhantes. Imaginei que, se tivesse um desempenho fraco nas aulas, talvez o chefe político a destacasse para me ajudar — ou, quem sabe, ela mesma não se ofereceria? Tudo que consegui, porém, foram críticas e olhares de reprovação. A atenção e o amor tão desejados nunca se materializaram.

Ainda no primeiro mês de nossa estada em Pequim, em fevereiro de 1972, ouvimos dizer que Richard Nixon, o presidente dos Estados Unidos, faria uma visita histórica à China. O povo de Pequim estava radiante. A máquina de propaganda do governo funcionava a todo vapor e não falava de outra coisa. A visita de Nixon confirmava a vitória do comunismo de Mao sobre o capitalismo.

Eu não compartilhava daquela euforia. Não dava maior importância a Nixon. A saudade era grande demais. Mas reparei que, durante a visita do presidente, os ataques da máquina de propaganda chinesa aos valores capitalistas dos Estados Unidos diminuíram sensivelmente.

Para mim, os primeiros meses de treinamento em dança foram extremamente difíceis. Eu não tinha ideia do que fazia. Por mais que me esforçasse, não conseguia completar os exercícios e duvidava da minha capacidade. Os tendões, muito exigidos pelos exercícios do professor Gao, doíam constantemente, e, para piorar, machuquei as costas durante a aula de acrobacia. Eu sabia que estava destinado ao fracasso — minha volta para casa era só uma questão de tempo.

Certo dia, recebemos uma notícia empolgante: em algumas semanas, madame Mao nos faria uma visita. A academia devia preparar alguns exercícios de dança, e um pequeno grupo de estudantes seria selecionado para uma apresentação.

Eu não estava incluído. Senti o coração despedaçado. A ideia de me apresentar diante de madame Mao tinha me deixado cheio de animação. E então, nada.

Depois de assistir à apresentação preparada especialmente para ela, madame Mao disse aos oficiais: — A dança me pareceu bela, mas onde estão as armas? E as granadas? Onde está o significado político? Ela queria que combinássemos o balé tradicional com alguns movimentos da Ópera de Pequim. A partir de então, nosso programa de treinamento sofreu importantes mudanças. No meio de um plié clássico, devíamos retesar os músculos das mãos em gestos

de Kung Fu aliados ao *port de bras*, terminando com um olhar fatal a que chamávamos "abrilhantar a presença". Os professores levaram a sério a nova orientação. Tínhamos de preparar aqueles balés-"modelo", uma combinação dos estilos chinês e ocidental, como um monumento à obsessão de madame Mao. Na verdade, aquilo era ideologia política levada à loucura, mas a universidade seguia rigorosamente as instruções e a orientação política que ela transmitia. Não passávamos de marionetes políticas de Mao.

Eu sabia que alguns professores desaprovavam essa abordagem, mas tinham de esconder no coração a integridade e o amor pelo balé do Ocidente. Não fosse assim, arriscavam-se a ser rotulados de contrarrevolucionários e enviados à prisão ou às fazendas de criação de porcos. Ou, ainda, a perder a vida.

Eles sabiam que a abordagem de madame Mao jamais daria certo. No treinamento do balé clássico, tínhamos de flexionar as articulações; nos movimentos da Ópera de Pequim, devíamos fazer o oposto. Os passos de balé exigiam fluidez e suavidade; a Ópera de Pequim pedia gestos fortes e bruscos. A propaganda, no entanto, nos levava a acreditar que o modelo chinês de balé era o melhor do mundo — inovador e singular. Ninguém ousava questionar isso, e seguíamos fazendo o que nos mandavam.

Passamos um bom tempo na academia estudando as teorias de Mao. Queriam que decorássemos todas as palavras do Livro Vermelho, transferindo seus conceitos para a vida diária. Na verdade, o estudo de Mao nos tomava mais tempo que todas as outras matérias juntas. Éramos frequentemente separados em pequenos grupos, a fim de discutir as mais recentes ideias de Mao. O foco devia ser no que cada palavra queria dizer. Certa vez, um aluno chegou a sugerir que, se compreendêssemos realmente o significado do que Mao nos dizia, não precisaríamos mais comer: suas palavras de ouro substituiriam o alimento de cada dia. O chefe político fez

grandes elogios à contribuição do aluno. Achei que ele estivesse louco — claro que ele nunca havia passado fome.

Éramos incentivados a revelar qualquer pensamento impuro. Havia recompensas pela comunicação de todo comportamento que contrariasse a grande visão política de Mao. Um dos chefes políticos nos falou de um jovem Guarda Vermelho que admirava tanto o chefe Mao que denunciara à polícia a ligação de seus pais com Taiwan. Os pais foram presos e o filho alçado à condição de herói nacional — o guarda-modelo de Mao.

Eu também faria qualquer coisa por Mao. Tudo, menos denunciar meus pais. Amava demais a niang e o dia para traí-los em nome da revolução.

Madame Mao também queria que passássemos três semanas por ano junto dos camponeses, proletários ou soldados. Eram as chamadas sessões "Aprendizado com as Três Classes". Tínhamos de viver e trabalhar entre os camponeses, proletários ou soldados, sem abrir mão do treinamento de dança. Ao fim de cada "sessão de aprendizado", faríamos uma apresentação.

Nossas três semanas de férias de verão foram dedicadas a uma dessas sessões, com os camponeses de uma comuna próxima. Com que prazer visitei os campos de trigo e milho, senti o cheiro de estrume e ouvi o som dos grilos! Até a visão da terra não trabalhada me encantava — mas também me fazia sentir saudade. Queria estar de volta à minha vila, para caçar grilos e libélulas. Desejava os dois mundos: a boa comida da academia e a liberdade de casa.

Meu trabalho no campo foi muito bom, e me surpreendeu o fato de os colegas da cidade não saberem cuidar da terra. Tive certeza de que Mao estava certo: se aqueles garotos não fossem às comunas trabalhar com os camponeses, jamais teriam ideia da origem dos alimentos.

Enquanto vivíamos com os camponeses, mantivemos a prática de balé, acrobacia e movimentos da Ópera de Pequim. Muros e estacas

de cercas faziam as vezes de barras. Os movimentos dos nossos pés arranhavam o solo irregular, produzindo um som insuportável — como unhas arranhando vidro. Os calçados de balé se desgastavam rapidamente e estavam sempre sujos de lama. Não ficávamos livres nem de cambalhotas e saltos no ar. As distensões musculares eram frequentes.

Durante as três semanas da estada, devíamos dormir e comer em casas de camponeses. Já no terceiro dia, porém, foram tantos os casos de cólicas e diarreia que os oficiais da escola rapidamente convocaram o cozinheiro da academia para fazer nossa comida. Os meninos, inclusive eu, ficaram encarregados de tomar conta dos mantimentos, para que não fossem roubados.

— E por que alguém roubaria nossa comida? — perguntei a um dos chefes políticos. — Os camponeses não são nossos modelos de comportamento? Ele pensou por alguns instantes antes de responder. — Não estamos nos defendendo dos camponeses. O que nos preocupa são as intenções dos inimigos. Eles podem tentar envenenar a comida. Devemos estar atentos ao que não se vê. Entendeu? Não entendi, mas, ainda assim, concordei com a cabeça. Pela expressão dele, sabia que a discussão estava encerrada. Eu pensava que, àquela altura, as revoluções e campanhas de Mao tivessem afastado todos os inimigos.

Ainda fazia calor quando voltamos à universidade. Pouco depois, aconteceu a tão temida visita à piscina.

— Quem não sabe nadar levante a mão! Era o mesmo chefe político que me pedira para lavar a camisa suada. Algumas mãos foram erguidas, inclusive a minha. Quase todos os que não sabiam nadar vinham de Xangai e Pequim. Eu era o único de Qingdao que não nadava.

Ele se dirigiu a mim com certa ironia: — Um garoto que vem de uma cidade à beira do mar e não sabe nadar? Senti meu rosto

queimar. Queria voltar para o alojamento, mas, como sabia que não me permitiriam, fui tirando a roupa devagar.

— Onde está o seu traje de banho? — o chefe político perguntou, fazendo com que todos olhassem em minha direção e me vissem vestindo a mesma calça curta que usava para fazer exercícios.

— Não tenho. — Eu não disse ontem que todos deveriam comprar? Não respondi. Faltou coragem para dizer que não tinha dinheiro. Ele me lançou um olhar aborrecido e balançou a cabeça. — Atenção, todos. Quem sabe nadar pode entrar na piscina. Quem não sabe, venha comigo.

Dizendo isso, ele nos levou para a parte rasa e demonstrou o nado de peito. Seguindo suas instruções, tentei nadar, mas afundei assim que levantei os braços. Eu engolia água sem parar. Do outro lado, os colegas mergulhavam e nadavam como peixes. Quisera ser como eles! O líder político passou o tempo todo dando atenção às garotas. Não olhou uma vez sequer na direção dos garotos. Quando mergulhava a cabeça, meu nariz se enchia de água. Ficava pensando se, algum dia, aprenderia a nadar.

No fim do verão, tinha aprendido, embora conservasse o medo de água. Quem me ensinou foram dois colegas.

Aquele foi um verão muito quente em Pequim. Não tínhamos ar condicionado nem ventiladores; quando o calor se tornava insuportável, dormíamos no chão do estúdio de dança. Éramos mais de vinte e, apesar das muitas janelas, ficava difícil conciliar o sono. Os mosquitos entravam aos milhares, zumbindo em torno de nós como pequenos vampiros. Tentando espantá-los, dávamos tapas pelo corpo, produzindo um som que podia ser ouvido a noite toda.

Na segunda metade daquele primeiro ano, surgiram novas matérias. Uma delas era filosofia da arte — uma inspiração de madame Mao —, justamente aquela de que nos falaram no primeiro dia. Por incrível que pareça, gostei da aula. O ensino de filosofia da arte tinha como objetivo nos fazer entender a relação entre arte e

política. A ideia do chefe Mao era utilizar a arte como importante ferramenta política.

Um homem alto e falante se apresentou como professor da nova matéria. Em uma de suas aulas, falando do brilhantismo de Mao como estrategista, ele fez algumas considerações: — O maior estrategista político que já existiu foi Adolf Hitler! Como o chefe Mao, ele percebeu as necessidades psicológicas de uma nação. Arregimentou milhões de pessoas para irem à guerra por ele. Fez com que acreditassem que todo aquele esforço era para seu próprio bem. Hitler e Mao são mestres da política, capazes de compreender brilhantemente a psique dos povos.

Assim como a maioria dos colegas, eu não fazia a menor ideia de quem era Adolf Hitler. Achei que fosse um grande comunista, como o chefe Mao.

Traçar um paralelo entre Mao e Hitler foi um ato de coragem do professor. Seu verdadeiro interesse parecia estar em questões diferentes da matéria que se propunha a ensinar. Ele tentava nos mostrar como olhar além da superfície, além do óbvio. Certa vez, levou para a sala de aula o modelo, em gesso, de uma cabeça humana cuja superfície parecia lisa como porcelana. Colocando o modelo sobre a mesa, ele disse: — Levante a mão quem acha que a superfície deste modelo é áspera.

"Que tolice!", pensamos. Claro que a superfície era lisa. Ninguém levantou a mão.

— Agora, levante a mão quem acha que o modelo tem uma superfície lisa.

Todos os alunos levantaram as mãos. — Acho que vocês estão errados ou, na melhor das hipóteses, meio certos. Quero que vejam mais de perto e me respondam.

Dessa vez, havia uma lente de aumento ao lado do modelo. Olhando por ela, descobrimos milhões de furinhos na superfície aparentemente lisa.

Houve aulas daquela matéria apenas por um ano e meio, quando cessaram misteriosamente. Nunca mais vi o professor de filosofia da arte de madame Mao. Ao perguntar por ele a um chefe político, ouvi uma resposta seca: — Ele não é mais necessário aqui. Recebeu outra incumbência.

Durante aquele primeiro ano na Academia de Dança de Pequim, fui considerado vagaroso pela maioria dos professores. Eu não tinha determinação nem autoconfiança; não conseguia acompanhar o ritmo. Aquilo era demais para um camponês de 11 anos. Minha impressão era que nenhum dos professores gostava de mim. Queria ficar bem pequeno e correr em busca de proteção. Sentia falta do conforto e do amor que recebia dos meus pais. Como não tinha a quem recorrer, fiquei cada vez mais introvertido, tentando desesperadamente me manter à tona, mas afundando sempre.

Estávamos há uns nove meses na academia quando o professor organizou outra excursão, dessa vez à Grande Muralha. Tive medo de sofrer novamente de enjoo de viagem, mas não perderia por nada aquela oportunidade.

Era um dia de outono em que ventava muito. Tivemos três horas para subir até lá. A imponência e a beleza da muralha me impressionaram. O tamanho das pedras, a altura estonteante acima das montanhas envoltas na bruma, o traçado sinuoso como uma cobra — tudo me deixou sem fôlego. Já tinha visto fotografias da Grande Muralha, mas estar sobre ela, admirar com respeito aquele incrível milagre humano... era inacreditável! Imediatamente me veio à lembrança uma história, contada pela niang, sobre um jovem pobre chamado Wang Shileong e sua noiva. O nome de Wang Shileong significava "dez mil homens". Dizia-se haver uma seção da Grande Muralha que só seria erguida se dez mil corpos fossem enterrados como alicerce. Então, imaginou-se que o corpo de Wang Shileong pudesse servir. Quando os soldados imperiais o enterraram, sua noiva cravou uma faca no coração, para morrer e ser sepultada com

ele. Segundo a niang, a história representava a determinação da mulher chinesa em permanecer fiel a seu homem.

— Mas esse princípio também se aplica ao homem — ela disse. — Você também deve ser fiel a sua mulher até que a morte os separe. O coração de uma moça é puro e sincero. Se você a valorizar, ela vai amá-lo incondicionalmente até o fim. Nunca, porém, pense ter garantido o amor de uma mulher.

A história da niang me tocou e me fez admirar a fidelidade e a determinação da noiva.

— Não seria bom poder ver a Grande Muralha, um dia? — perguntou Cunyuan, meu segundo irmão.

E ali estava eu, pisando os antigos degraus de pedra e desejando que minha família pudesse fazer o mesmo.

Com a aproximação do fim de nosso primeiro ano na academia, aproximavam-se também os exames. Os conceitos possíveis eram: excelente, muito bom, bom, abaixo de bom, acima da média, médio, abaixo da média e... ruim. Havia grande tensão entre os alunos e os professores. Para eles, também era o dia do julgamento.

Eu não me preocupava com as matérias acadêmicas, porque sabia não ser o pior aluno. Mas as aulas de dança eram outra história.

Haveria quatro exames relacionados a dança: balé, acrobacia, dança folclórica chinesa e movimentos da Ópera de Pequim. Acrobacia e dança folclórica chinesa não representavam um grande desafio, porque os professores eram menos exigentes e as aulas, divertidas. Mas eu estava apavorado com os conceitos que receberia em balé e movimentos da Ópera de Pequim. Tínhamos de nos apresentar diante de oficiais da academia, alunos de outras turmas, Chiu Ho e um grupo de professores munidos de caneta e bloco de anotações.

No dia do exame de movimentos da Ópera de Pequim, encontramos no estúdio mais de cinquenta alunos, professores e oficiais. O sol brilhava através das vidraças, as réstias de luz

iluminando as partículas de poeira. Entramos em fila e, ao ver tantos pares de olhos nos observando, gelei completamente. A boca ficou seca e a língua, pesada. Era como se todos aqueles olhos estivessem voltados para mim. Cheguei a ouvir o som de minha respiração e a sentir os cabelos se arrepiando na nuca.

Fomos posicionados na barra e, antes que o pianista fizesse soar a primeira nota, eu já pingava de suor. Estava em pânico. Não conseguia lembrar as combinações de passos de dança que havíamos treinado durante quatro semanas. Nos exercícios de barra, não fui tão mal, porque todos fazíamos os movimentos ao mesmo tempo e eu podia imitar os outros nove. Quando fomos chamados ao centro, porém, dividiram-nos em três grupos.

Eu tremia sem parar. As pernas ficaram fracas e eu esqueci tudo. Eu era o primeiro; não tinha a quem imitar. Pelo espelho, pude ver que os colegas copiavam meus erros. O professor Gao Dakun nos olhou com certa raiva, mas não disse nada, porque todos nos observavam. Conforme o exame prosseguia e os passos ficavam mais difíceis, meu desempenho ia piorando. A agonia durou quase uma hora. Eu não queria pensar nos xingamentos que ouviria de Gao Dakun! Eu sabia que o exame tinha sido um desastre. Estava tão aflito que corri para os salgueiros-chorões. Somente duas horas mais tarde, voltei ao alojamento, com a autoconfiança destruída.

Na manhã seguinte, quando entrei mais uma vez na sala cheia de olhos atentos, notei o professor Chen Lueng já sentado ao piano, com uma expressão tensa. Meu coração bateu mais depressa. O principal aspecto a ser julgado no exame seria o trabalho de barra — três quartos do tempo de aula eram dedicados a ele — e eu sabia que o tecido fino das camisas e das calças deixaria expostos e ampliados cada músculo, cada falha técnica e até a cicatriz do meu braço. Os exercícios pareciam ainda mais lentos e penosos que no treinamento. Antes que soasse a primeira nota musical e eu levantasse a perna, já sentia cãibra. Chen Lueng gritara conosco o ano todo porque

segurávamos a barra com muita força; no entanto, ali estava eu agarrado a ela como quem se agarra à vida.

A tortura dos exames de término de ano finalmente acabou. Enquanto esperava os conceitos, eu sabia, no íntimo, que nada de bom viria.

E estava certo. Meu melhor conceito foi "abaixo de bom" em matemática e chinês. Em quase todas as outras matérias, recebi conceito "médio", inclusive em balé. A única em que obtive conceito "abaixo da média" foi em movimentos da Ópera de Pequim, o que não me surpreendeu; afinal, nada do que eu fazia agradava ao professor Gao.

Não fui o pior aluno da turma, mas os maus resultados me colocaram definitivamente entre os últimos, o que me deixou infeliz. Todos sabíamos os conceitos dos outros, porque eram lidos em voz alta pelos professores. Cada vez que anunciavam um conceito meu, eu sentia o rosto corar. Vinte e dois pares de olhos me espetavam como agulhas. Era a culminância daquele ano miserável. Eu estava convencido de que logo seria chamado à sala do diretor Wang, e ele me diria que, por não ser bom aluno, devia ir embora para nunca mais voltar.

11

跳舞

A CANETA

Acabou o primeiro ano. Logo, eu veria minha família. Aproximava-se o feriado do ano-novo chinês, e a academia nos repassou o subsídio de alimentação, para comprarmos as passagens do trem em que voltaríamos para casa.

Os alunos estavam alvoroçados. O ônibus escolar nos levou até Pequim, onde compramos presentes para a família. Gastei apenas 1 ivane em doces e guardei outros três para devolver aos meus pais. Eu bem sabia a diferença que 3 inanes fariam para a niang e o dia, mais diferença que qualquer presente.

Os dois últimos dias antes da volta para casa me pareceram dolorosamente longos. Eu contava os minutos. Estava ainda com tanto medo de que o diretor Wang me chamasse a sua sala por causa do meu fraco desempenho que procurava evitar os chefes políticos. No último dia, porém, logo depois do almoço, esbarrei na pessoa que menos queria encontrar.

— Ni hao, diretor Wang — cumprimentei com o rosto afogueado e o coração aos saltos.

— Ni hao, Cunxin. Está ansioso para rever a sua família? Fiz que sim com a cabeça, petrificado. "Lá vem!", pensei. — Faça uma boa

viagem! — ele disse com um sorriso, enquanto se afastava.

E os maus conceitos? E a expulsão? Que alívio! Minha satisfação era indescritível. Podia, afinal, concentrar-me em rever a família. E as horas custaram ainda mais a passar.

A caminho da estação ferroviária de Pequim, meu coração estava mais acelerado que as rodas do ônibus. Um chefe político e dois professores nos acompanharam. Mais uma vez, a grandiosidade da estação e a quantidade de pessoas me deixaram atônito.

Abrimos caminho até o trem e nos acomodamos. Uma sirene soou. O trem começou a avançar lentamente. Meu coração já estava em Qingdao, junto da família. A ansiedade era insuportável. A lembrança de meus pais, irmãos, parentes e amigos, das bombinhas, da véspera de ano-novo, do cheiro de incenso, da chama das velas, do gosto delicioso dos bolinhos feitos pela niang, as brincadeiras de beber e cantar com meu segundo tio — tudo me vinha à memória. As imagens estavam gravadas — caras lembranças, maravilhosos pensamentos. Foi quando me lembrei do boletim escolar. Imaginei os comentários, a humilhação para minha família. Seria uma mancha na reputação, um desprestígio para a família Li! Como eu explicaria conceitos tão ruins? Como dizer aos meus pais que detestava dançar? As ideias eram tão confusas que me convenci a deixar a preocupação para mais tarde. Ainda estava cansado dos exames e caí em um sono profundo. Só acordei quando faltavam apenas três paradas para a estação de Qingdao.

Estava escuro quando chegamos, mas não tardaria a clarear. Meu segundo irmão ia me esperar na estação de Cangkou, uma parada antes de Qingdao, porque ficava mais perto de nossa comuna. Olhando a paisagem familiar que se desenhava aos poucos à luz da manhã, senti o coração bater cada vez mais depressa.

Assim que o trem se aproximou da estação de Cangkou, avistei Cunyuan, meu segundo irmão, no meio da multidão. Estiquei a cabeça para fora da janela e gritei: — Erga! Erga! Segundo irmão!

Segundo irmão! Ele me viu e, correndo, começou a acompanhar o trem. — Que bom ver você! Estou esperando há meia hora! A imagem de Cunyuan correndo ao lado do trem me fez tão feliz que vai me acompanhar para sempre.

O dia fora a pé para o trabalho, de modo que Conuyan pudesse ir de bicicleta à estação. O trajeto até nossa casa demorou cerca de uma hora. Fui sentado atrás, com as pernas balançando, uma para cada lado, a bolsa no ombro, sentindo no rosto a brisa fria da manhã.

— Como você está? — ele perguntou, enquanto pedalava.

— Estou bem, feliz de estar em casa! — Como é Pequim? Me conte — ele pediu ansioso. Falei das ruas largas e pavimentadas, dos edifícios grandiosos. Contei da Grande Muralha, das tumbas Ming, da Cidade Proibida e, é claro, da gloriosa praça Tiananmen.

Cunyuan estava absolutamente encantado. De vez em quando, interrompia-me fazendo perguntas e pedindo mais detalhes. Assim, falei também do ar poluído, da grande quantidade de carros, de bicicletas e de pessoas — centenas de milhares de pessoas. Quando lhe contei da comida, ele disse: — Você está fazendo minha boca se encher de água! Você tem sorte! Cunyuan se manteve calado por alguns minutos, como se precisasse de tempo para imaginar como seria estar diante de tanta comida.

— Você conheceu o chefe e a madame Mao? — perguntou, enfim.

— O chefe Mao, não, mas a madame Mao foi à escola e falou conosco!

— É, você tem mesmo sorte! — ele murmurou.

Sabia que ele invejava a vida que eu levava em Pequim e que gostaria de ter conseguido as mesmas oportunidades. Então, para que se sentisse melhor, falei das privadas entupidas, da antipatia de alguns professores e da terrível saudade de casa.

Ele riu ao me ouvir contar das privadas entupidas. — Mesmo assim, devem ser melhores que o nosso buraco no chão, ainda por cima sem telhado! — Prefiro nosso buraco no chão. Pelo menos, o

cheiro ruim tem como escapar. Lembra os banheiros no prédio do nosso avô, na cidade?

— É tão ruim?

— Pior, muito pior! Mais gente fazendo cocô! — respondi, fazendo-o rir.

Em seguida, ele perguntou sério: — Por que você não gosta dos professores? — Porque são maus, alguns gritam conosco o tempo todo. — Nunca ouviu dizer que um remédio amargo não é necessariamente ruim e que remédio doce nem sempre é bom? Se fizesse tudo direito, eles não teriam por que gritar com você.

— Mas eu não sei dançar e não consigo me concentrar quando gritam comigo. Só queria voltar para casa — confessei.

Ele ficou chocado.

— Cunxin, olhe para a cor da minha pele e olhe para a sua. Em um ano, a minha escureceu e a sua clareou. Não queira minha vida e meu destino. O trabalho do camponês é o mais humilde que pode existir. Este foi o meu primeiro ano de trabalho no campo, e estou farto. É um trabalho sem inteligência. Eu estou sempre coberto de lama e suor, e o que recebo em troca? Dinheiro que não dá para me alimentar por um só dia! É esse tipo de vida que você deseja? Não conte aos nossos pais sobre a saudade. Especialmente à niang. Ela já sente demais a sua falta. Chora toda vez que leio a carta que você mandou. Somente na semana passada ela voltou a sorrir, mas não dormiu uma noite sequer, ansiosa pela sua chegada. Por favor, fale apenas das coisas boas de Pequim.

Àquela altura, já se via nossa vila a distância. -A niang começou a cozinhar cedo nesta manhã— continuou Cunyuan — para que os bolinhos estejam à sua espera quando você chegar.

Eu sabia que Cunyuan estava certo. Decidi guardar só para mim a saudade que sentira.

Quando entramos em nossa rua, encontramos alguns vizinhos. — Bem-vindo ao lar! — disseram. De longe, já pude ver Cunfar, meu

quinto irmão, e meu irmãozinho Jing Tring acenando e pulando em frente a nossa casa. Eles correram para dentro, para avisar à niang que eu estava chegando. Em questão de minutos, uma pequena multidão se aglomerava diante do nosso portão. Ao me aproximar, com o coração aos saltos, pude ver a niang com o mesmo casaco de algodão azul-escuro remendado nos cotovelos, um avental e as mesmas calças remendadas de sempre. Mas parecia mais velha. O ano passado tinha deixado sua marca.

Pulei da bicicleta e, com os olhos cheios de lágrimas, corri para abraçá-la. Ela me apertou junto de si.

— Que saudade! Que saudade! Quase morri de saudade! — repetia. Eu estava no sétimo céu. Fazia um ano que sonhava com aquele momento.

A quarta tia veio correndo de sua casa, equilibrando-se como pôde sobre os pezinhos enfaixados.

— Onde está meu sexto filho?

— Si niang. Como vai? — perguntei.

— Você está mais claro e um pouco mais gordo — ela disse orgulhosa.

Entramos todos em casa. Nada havia mudado. Podia sentir o cheiro dos bolinhos de gengibre, alho e cebolinha verde. Eu estava tão feliz, com todos os irmãos em volta, falando ao mesmo tempo!... Era como se quiséssemos, naquele momento, contar tudo que tinha acontecido naquele ano.

A niang pouco falou, mas, pelo seu olhar, pude perceber o quanto havia sentido minha falta. Durante o dia todo, simplesmente andei em volta dela — sentia-me seguro, amado. Eu voltara a ser seu filhinho.

— Posso ajudar a lavar as roupas? — perguntei ao vê-la reunir a roupa suja.

— Não precisa. Não quer ver seus amigos?

— Vou mais tarde — respondi.

— Sentiu saudade de casa?

Hesitei, lembrando-me dos conselhos do segundo irmão.

— Só um pouco.

— Ainda bem. Aqui não há muito de que sentir falta. Somente esta vida difícil — ela suspirou.

Nesse momento, chegaram duas amigas da niang:

— Aya! Vejam só como cresceu! — disse uma delas. — E está tão branquinho! — falou a outra. — Olhe que pele bonita! Isso é sinal de boa alimentação. Você é um garoto de sorte!

Respondi respeitosamente às perguntas sobre Pequim e sobre a vida na academia. Assim que pude, escapei para visitar parentes, vizinhos e amigos e passar o resto da manhã andando a esmo pelas ruas, retomando as velhas brincadeiras com os irmãos e os colegas. A saudade fora muita, e era grande o alívio por estar de volta.

Depois do almoço, Cunfar, o quinto irmão, de repente me arrastou para o jardim da frente.

— Ia me esquecendo! — ele disse todo animado. -Tenho um presente para você. Espere aí — entrou em nosso pequeno depósito e de lá tirou uma pequena garrafa. — Guardei meu grilo premiado para você desde o verão! Ele ganhou de todos os grilos da vila e agora é seu! — falou, entregando-me orgulhosamente a garrafa.

— De verdade? — perguntei, pegando a garrafa como se fosse um tesouro valiosíssimo. — Que nome você deu a ele?

— Rei — respondeu Cunfar. — Ele é tão bonito! Espere para ver o tamanho dos dentes.

Abri a tampa com cuidado. — Venha, Rei — chamei, inclinando um pouco a garrafa. Nada aconteceu. — Ele não reconhece a sua voz. Deixe-me tentar. Venha, Rei! Pode sair agora.

O grilo não se mexeu. — Saia logo, senão mato você! — ele gritou já impaciente. — Deixe-me ver — pedi. Sacudi levemente a garrafa e virei ao contrário. O grilo caiu morto. — Ah, meu Rei! Meu irmão

estava desolado. — Não se preocupe, quinto irmão. Tenho certeza de que vai encontrar outro campeão no próximo verão.

— Você iria se orgulhar dele. Lutava como um guerreiro. Tinha dentes afiados como facas. Pena que você não pôde brincar com ele...

Também fiquei triste com a morte do Rei. Dava para ver que tinha sido um grilo forte.

No fim da tarde, meu segundo irmão, Cunyuan, foi de bicicleta pegar o dia no trabalho. Jing Tring e eu corremos para esperá-lo na bifurcação que havia nos limites da vila. Estava ansioso para ver meu pai e também por sua reação quando soubesse de meus conceitos na academia. Vi quando vieram, e o dia saltou na minha frente.

— Você voltou! — ele disse, com um de seus raros sorrisos. Confirmei sem falar. Era tudo o que ele tinha a me dizer e tudo o que eu tinha a responder. Eu amava o dia, e sabia que ele também me amava.

Quando chegamos em casa, o jantar especial de boas-vindas já estava pronto. Havia tanta animação! Sentamos em volta do kang e, mais uma vez, falei da vida em Pequim, procurando mencionar apenas os aspectos positivos da experiência.

— Não podemos competir com a comida que você tinha em Pequim, mas espero que ainda goste dos meus bolinhos — a niang disse, colocando diante de mim uma tigela de bolinhos fumegantes.

— Isso era tudo com que eu sonhava, mas tínhamos bolinhos na academia — menti, empurrando a tigela para perto do dia, porque sabia que não seriam suficientes para todos.

— Liuga, lembra quantas vezes comeu carne lá? — Jing Tring perguntou.

— Quase todos os dias — respondi.

Cunsang arregalou os olhos, tal era sua incredulidade. Eu fiz que sim. O silêncio foi total.

— Madame Mao não deixaria seus alunos passarem fome, não é verdade? — a niang disse finalmente.

Poucas semanas antes de minha volta para casa, Cunsang tinha sido aceito pela marinha chinesa para servir em um dos navios de guerra ancorados na área da província de Shandong. Esse foi, portanto, outro assunto sobre o qual conversamos. Depois do jantar, peguei os doces que havia comprado em Pequim, e todos provaram. O dia ficaria com o restante, como um presente. Então, sugeri brincarmos de "caçada", procurando determinada palavra nas folhas de jornal que forravam as paredes. Meus irmãos concordaram alegremente. Era tão divertido! Tudo voltara a ser como nos velhos tempos.

Antes de irmos para a cama, estando a sós com meus pais e Jing Tring, aproveitei para devolver os 3 ivanes que tinha economizado.

— Por que não comprou alguma coisa para você em Pequim? — o dia perguntou.

— Preferi ajudar a família — respondi. — Zhi, zhi, zhil — a niang suspirou. Ficou triste por ver que eu percebia a necessidade da família.

Com o segundo irmão trabalhando na comuna, nossas condições de vida melhoraram, embora bem pouco. A comida era a mesma, mas a niang passou a dispor de mais ingredientes: rações limitadas de carne, peixe, óleo, molho de soja e carvão, muito inhame seco e, uma vez por semana, pão de milho. Além dos pratos especiais de ano-novo, ela preparou bolinhos, não somente uma vez, mas duas, porque sabia serem os meus favoritos. Ainda assim, nunca havia bolinhos em quantidade suficiente para todos; então, eles passavam da minha tigela para a da niang, que os devolvia para mim, e acabavam na tigela do dia. E ele os devolvia à bandeja de madeira, para que todos comessem. A niang suspirava.

— Garoto bobo, coma! Eu sei que você tem comida boa em Pequim, mas vai ficar um ano sem meus bolinhos! Em nossa vila,

aonde quer que eu fosse, era o centro das atenções: uma verdadeira celebridade.

— Você viu mesmo a madame Mao? — perguntou-me um camponês.

Fiz que sim com a cabeça. Ele agarrou minhas mãos e sacudiu violentamente, dizendo em êxtase:

— É um privilégio! Que privilégio! Assim como ele, muitos me paravam na rua para perguntar sobre Pequim e a vida na universidade. Como sabia que esperavam ouvir o relato de experiências gloriosas e animadoras, eu me restringia aos aspectos mais agradáveis. Todos indagavam sobre a comida. Eu elogiava tudo. Eles precisavam ouvir algo que lhes desse esperança. Esperança era só o que tinham. Eu não podia desapontá-los.

Certo dia, eu brincava de pular em uma perna só com quatro amigos, quando um deles me pediu que desse uma aula de dança.

— Ensine alguma coisa que possamos dançar na apresentação da escola! Hesitei. Como poderia?

— Por favor, por favor! Ajude os seus velhos amigos! — os outros fizeram coro.

Sabia que se desapontariam se eu dissesse "não". Marquei um encontro para depois do jantar, na mesma sala onde o corpo de Na-na tinha descansado por três dias. Estávamos em meados de fevereiro e ainda fazia muito frio. Meus amigos usavam calças e casacos grossos de algodão; à luz fraca, pareciam enormes bolas de algodão em rama.

— Vou ensinar um exercício que é um movimento da Ópera de Pequim — comecei. — Primeiro, vamos aquecer as pernas, senão, podem se machucar. Ponham a perna sobre o peitoril da janela.

Aquele era o único lugar mais ou menos da altura de uma barra. Os colegas me olharam com uma expressão de quem não sabe o que fazer.

— Tudo bem, eu mostro como é — eu disse, colocando a perna sobre o peitoril. — Vejam, não é tão difícil — incentivei, ajudando-os a fazer o mesmo.

Tão logo, porém, acabei de ajudar o último, os outros já haviam saído da posição.

— É muito alto! — reclamou um deles. — Não podemos usar a ponta do kang? — outro sugeriu. Então, fomos para o quarto. Realmente, apoiar o pé na borda do kang era bem mais fácil.

— Muito bem, agora alonguem a perna e o quadril — ensinei ajudando.

— Ai! — reclamaram. — Agora, vamos mudar de perna. Eles apoiaram o outro pé no kang, mas não pararam de gemer e de reclamar.

— Não tem nada menos doloroso e mais divertido para nos ensinar? Percebi que ia ser difícil. Não conseguia pensar em qualquer exercício que fosse ao mesmo tempo divertido, emocionante e indolor. Sem outra alternativa, mostrei algumas posições de balé relativamente fáceis.

— Não sei se vão servir para a sua apresentação, mas são fáceis, pelo menos — eu disse, demonstrando a primeira, a segunda e a quinta posições. — Podem usar a ponta do kang como apoio.

Eles até tentaram, mas, quando alongavam os joelhos, os pés saíam da posição.

— Você só aprendeu isso o ano inteiro? — perguntou um deles. Confirmei com a cabeça. -Ah, com certeza havia algo mais divertido! Vamos lá, ensine alguma coisa para deixarmos todo mundo impressionado na apresentação! Eu não sabia o que dizer. Divertido? Só conseguia me lembrar de Gao forçando nosso tronco na direção das pernas, usando para isso toda a força de seu corpo! Depois daquele dia, meus colegas nunca mais me pediram para ensiná-los a dançar.

Um mês em casa passou tão rápido como um piscar de olhos. A ideia de voltar à rotina rígida da universidade me apavorava.

Na última noite, depois do jantar, com todos já deitados, apenas eu e meus pais continuávamos acordados. O dia me entregou 8 ivanes.

— É muito — protestei. — Aceite. As coisas estão mais caras. Com o seu segundo irmão trabalhando, nossa vida melhorou.

Em seguida, de modo completamente inesperado, entregou-me um envelope fechado.

— Ia comprar para você alguns doces de sorgo, mas resolvi comprar isto. O dinheiro não deu para fazer um embrulho bonito.

Abrindo o envelope, encontrei a mais bonita caneta-tinteiro que se pudesse imaginar. E de cor azul real, a minha preferida! Via-se que tinha custado caro, talvez uns 2 ivanes, pelo menos.

— Espero que a use sempre. E, quando escrever com ela, lembre-se dos seus pais e do que esperam de você. Não sei quais conceitos os seus colegas receberam, mas gostaria que trouxesse conceitos melhores no próximo ano. Não nos desaponte. Faça-nos orgulhosos de você.

Eu me preocupava com os comentários de meus pais sobre os conceitos da academia, mas esperava palavras mais duras. Aquela caneta e as poucas palavras do meu dia, porém, tiveram um efeito mais poderoso que qualquer censura. Eles não me acusaram, mas percebi que a família estava decepcionada. Eu mal conseguia olhar para eles.

Olhei para a niang, mas seus olhos se concentravam na costura. Eu sabia que, toda vez que usasse a caneta, ouviria em minha mente o eco daquelas palavras.

12

跳舞

MINHA PRÓPRIA VOZ

Desta vez, a viagem de volta a Pequim foi uma experiência agradável. Até o período de adaptação foi mais fácil, porque já nos comunicávamos em mandarim. Não conseguia parar de pensar na caneta e nas palavras instigantes do dia. Sabia que, toda vez que eu escrevesse com ela, sentiria culpa, porque minha atitude em relação à dança continuava a mesma: eu detestava dançar.

Em maio daquele ano, madame Mao visitou a universidade pela segunda vez. Participei da apresentação em sua homenagem e depois fomos reunidos na quadra de esportes. Lá, nós a ouvimos dizer, com toda a autoridade que a posição lhe conferia, que devíamos nos aplicar muito e ser bons alunos do chefe Mao. O grupo de oficiais culturais que a acompanhava mantinha-se a seu lado, com expressões de total admiração e respeito. Ela disse aos oficiais da universidade que havia considerado tecnicamente fraca a apresentação dos alunos de dança. Sendo assim, foram acrescentadas novas matérias, inclusive artes marciais.

No meio do ano, madame Mao mandou que dois jovens campeões da Escola de Artes Marciais de Pequim e da Escola de Acrobacia de Pequim se unissem a nós, para servir de exemplo. Eles

eram incríveis. O que mais me impressionou foi Wang Lujun. Ele dava dez cambalhotas seguidas no ar para trás, com a maior facilidade. Conseguia saltar com impulso a uma altura inacreditável. Mas o movimento mais difícil e interessante era a "borboleta". Ele girava da direita para a esquerda, mantendo cabeça e corpo à altura do peito, ao mesmo tempo em que movimentava as pernas como se fossem as pás de um ventilador. Parecia uma borboleta em pleno voo. E Wang Lujun conseguia fazer 32 borboletas seguidas! Embora ele fosse muito bom em acrobacia, artes marciais e movimentos da Ópera de Pequim, não se saía tão bem no balé. Como havia chegado à metade do segundo ano, deixara de aprender o básico, e havia diferenças na maneira de posicionar os músculos no balé e nas artes marciais. Muitas vezes, ele me disse que gostaria de praticar apenas artes marciais, mas, como eu, sentia-se aprisionado. Tinha um dever a cumprir e não havia como voltar atrás.

Lujun era honesto e tinha um forte senso de justiça. Mais tarde, recebeu o apelido de "Bandido" e gostou tanto que passou a ser chamado assim para sempre. Certo dia, ainda naquele mesmo período, Bandido recebeu do pai uma certa quantia e comprou 10 fenes de doces. De vez em quando, ele me dava um ou dois. Dessa vez, porém, o capitão de sua turma percebeu e contou ao professor. Como castigo, Bandido teria de escrever três autocríticas. Ele se esforçou, mas realmente não conseguia encontrar uma só razão pela qual não devesse comprar doces. Então, dei algumas ideias: os 10 fenes que ele gastara em doces poderiam ter aplacado a fome de alguém; ou sua mente poderia ser corrompida por aquele ato de egoísmo. Eu, na verdade, não acreditava naquilo, mas tinha de convencê-lo de que era o único meio de se livrar dos apuros em que estava metido. Ele precisava aprender a sobreviver àquela lavagem cerebral psicológica. Felizmente, deu certo e as autocríticas foram aprovadas.

Depois do incidente, Bandido e eu nos tornamos grandes amigos. Para minha surpresa, algumas semanas mais tarde, ele me fez um convite: queria que fôssemos irmãos de sangue, uma tradição da era dos mestres de Kung Fu — uma ligação para toda a vida. Pensando que, de várias maneiras, aquela ligação pudesse entrar em choque com o verdadeiro amor fraternal, respondi que "não". Afinal, já tinha seis irmãos, não precisava de mais um. Bandido ficou desapontado, mas não desistiu: no domingo seguinte, convidou-me a sair. Conseguimos permissão para deixar a universidade, sem isso, não poderíamos sequer atravessar o portão, e Bandido me levou a um pequeno restaurante situado no sopé de uma montanha nos arredores de Pequim. Pediu uma garrafinha de vinho de arroz e uma pequena porção de carne de cabeça de porco: uma iguaria maravilhosa. A carne estava clara e cheia de toucinho. Deliciosa! O que a niang não daria por um banquete daqueles! Não gostei do vinho de arroz — achei forte demais: quase cem por cento de teor alcoólico.

Terminada a refeição, Bandido pegou uma pequena faca, um papel e uma caneta. Mais uma vez, perguntou se eu queria ser seu irmão de sangue. Temia tanto ser rejeitado que tinha lágrimas nos olhos.

Pensei por alguns momentos e então resolvi contar-lhe meus receios, o medo de não atender às expectativas. Acostumado que estava à companhia da família, nunca me ocorrera pensar se eu era ou não um bom irmão. Ele riu e disse que gostava de mim pelo que eu era.

Fiquei mais tranquilo e aceitei. Fizemos cortes nos dedos, deixando pingar algumas gotas de sangue no copo de vinho e dividimos a bebida. Em seguida, escrevemos um poema. Durante mais de uma hora, trabalhamos os belos sons e ritmos das palavras chinesas. Sabíamos que aquela seria uma amizade especial — um

laço que garantiria nossa sobrevivência emocional pelos anos seguintes.

Naquele ano, as diferentes academias da universidade selecionaram um número ainda maior de estudantes, e o conjunto de edifícios no campo ficou pequeno demais para acomodar a todos. Então, madame Mao mandou que cada academia retornasse à sua antiga localização na cidade. Fomos orientados a levar nossos poucos pertences quando viajássemos para as três semanas de férias de verão com os operários de uma fábrica de roupas fora de Pequim, porque, na volta, iríamos para outro local.

Ao contrário da academia instalada no campo, as dependências na cidade eram menores e apertadas. Meninos e meninas ocupavam alas diferentes no segundo piso de um prédio de três andares, ficando oito estudantes em cada quarto pequeno. Dormíamos em quatro camas tipo beliche, com uma pequena gaveta para guardar os pertences. O que não coubesse na gaveta deveria ficar embaixo da cama. Teríamos de compartilhar aqueles quartos sem conforto até o dia da formatura.

Havia também uma nova diretora e novos professores. Logo no primeiro dia, soubemos que teríamos um novo professor de balé: Xiao Shuhua.

O professor Xiao era um homem baixinho, de ar jovial. Os outros professores o chamavam pelo apelido Woa Woa, "bebê".

— Estou entusiasmado por poder trabalhar com vocês — ele disse na primeira aula. — Embora seja seu professor, sou também amigo de vocês. Vamos trabalhar e aprender juntos e assim tornar as aulas agradáveis ao máximo. Não pretendo ensinar apenas passos de balé; também quero que aprendam a apreciar a dança. O balé é a mais bela forma de arte do mundo. Espero que, no fim do curso, tenhamos todos a mesma admiração pela dança. Devemos conhecer todos os nossos pontos fortes e fracos. Fiquem sabendo que o seu novo professor de balé não consegue girar. Faço as piores pirouettes

do mundo! De temperamento alegre e agitado, o humor e as emoções do professor Xiao dependiam do desempenho dos alunos. Ele nos incentivava a anotar diariamente nossos erros, nossas realizações, nossas descobertas e até mesmo novas combinações de passos. Não tolerava preguiça e falta de dedicação e ficava furioso quando esquecíamos a sequência dos movimentos ou não atendíamos às correções individuais que fazia. Mas também sabia elogiar e reconhecer. Magro e com bom condicionamento físico, era capaz de belíssimos saltos. Carregava sempre com ele um caderno no qual anotava em detalhes todas as combinações.

Embora o professor Xiao não tivesse uma grande capacidade de fazer piruetas, estava disposto a melhorar o desempenho dos alunos nesse movimento. Foram meses de aulas seguidas para aprender. Fazíamos quinze minutos de barra e depois pirouettes no restante do tempo. O primeiro aspecto que tivemos de trabalhar foi o medo de praticar o movimento. Às vezes, eu saía da aula com a impressão de que todo o universo girava à minha volta. Muitas noites, sonhei que fazia várias piruetas seguidas; a sensação era incrivelmente prazerosa — um "sonho de painço", como em uma fábula a que o professor Xiao sempre recorria e era muito conhecida na China.

Um pobre estudante chinês, a caminho da capital para participar da competição anual de conhecimento promovida pelo imperador, viu-se sem dinheiro. Ainda longe de Pequim, ele não tinha como alugar um cavalo. Cansado e faminto, passou diante de uma casa pequena e malconservada, de onde, porém, vinha um cheiro delicioso de comida. Decidiu bater à porta e pedir um pouco. Foi atendido por uma senhora que, de tão pobre, só tinha a oferecer um pouco de sopa de painço. Agradecido, ele entrou e se acomodou em um canto, para esperar que a comida ficasse pronta. O cansaço era tanto que imediatamente ele pegou no sono, sonhando ter vencido a competição e, com o prêmio, passado a viver rico e feliz, com muitas esposas, concubinas e filhos. Acordou com a sensação de que era

tudo verdade. Só caiu em si ao perceber a sopa de painço cozinhando na panela; lembrou que era um homem comum e que o sonho fora bom demais para ser verdade.

"As coisas boas não vêm com facilidade" era uma frase sempre repetida pelo professor Xiao, o que me fazia pensar em sua dificuldade com as piruetas. Praticamos os três giros consecutivos durante mais de um ano. Parecia que nunca conseguiríamos. O equilíbrio perfeito em meia-ponta, a posição das mãos, a posição altiva da cabeça, o giro de ambas as pernas, as costas eretas, a postura dos ombros — todos os elementos precisavam estar coordenados. Tantos detalhes a lembrar! Por muito tempo, tudo levava a crer que jamais faríamos mais de três piruetas. Mas o professor Xiao não desistia; praticava conosco incansavelmente, dia após dia.

Nas duas primeiras aulas, ele não pareceu me notar. Tímido e fisicamente miúdo, eu imaginava perceber nele a incredulidade pela escolha de um garoto tão sem graça. Durante a terceira aula, porém, ele pareceu observar algo diferente em meu olhar e começou a tentar descobrir que tipo de garoto era eu. Quanto mais sabia sobre mim, mais se interessava. Concluiu que eu prestava atenção na aula, já que era capaz de lembrar todas as palavras que ele dissera. Então, despertou meu interesse pelo balé.

Percebeu que eu rendia muito mais quando incentivado gentilmente, ao contrário da gritaria tão comum entre os professores da Academia de Dança de Pequim. Reparava em todos os meus progressos e fazia questão de que eu soubesse disso. Delicada e gradualmente, foi me familiarizando com as dificuldades do balé, estimulando-me e dando apoio na insegurança e na inadequação; assim, conseguiu fazer com que eu saísse do fundo da classe e chegasse à primeira fila.

Naquele ano, além das muitas aulas de balé, começamos a estudar história e geografia. A geografia internacional foi abordada

superficialmente. O professor procurou falar o mínimo possível da América, e ninguém levava suas aulas a sério. Apesar de querer muito aprender sobre outros países, eu procurava esconder meu interesse. As aulas de história também tratavam principalmente da China, mas estas me fascinavam ao relatar a ascensão e queda das diferentes dinastias — Tang e Ming em especial — com sua arte, sua porcelana, sua medicina e sua maravilhosa poesia.

Também tivemos uma nova professora de política, Chen Shulian, mas suas aulas tratavam apenas da história do comunismo e das ideias políticas de Mao. Era quase nada o que sabíamos a respeito do que acontecia fora da China. Aprendemos um pouco sobre Marx, Engels, Lênin e Stálin, mas apenas como pano de fundo para as grandes realizações políticas de Mao.

— Nosso chefe Mao foi o único a colocar em prática a filosofia comunista de Marx. Ele vai nos levar ao primeiro estágio do comunismo — Chen Shulian nos disse certa vez.

— Estamos chegando ao primeiro estágio do comunismo? — perguntou um aluno.

— Sim, mas a estrada é longa. Ainda temos muito o que trabalhar. — Qual é o estágio final do comunismo? — perguntou outro aluno. — Ah, é o definitivo país das maravilhas! Não há fome, nem distinção entre as classes, nem longas horas de trabalho. A igualdade é total. Todos trabalham com afinco e dividem os ganhos igualmente. Não há ganância nem preguiça. Não há fraudes nem injustiças. Todos têm o melhor. É a completa felicidade!

A visão de Chen Shulian era como morfina aplicada a um doente. Ela nos dava uma razão para suportar as dificuldades. Retratava o chefe Mao como o maior estrategista político que já existira, o homem capaz de superar todos os inimigos políticos. Ela seguia rigorosamente os textos. Eu achava monótono, mas considerava uma aula importante para quem quisesse ser um verdadeiro comunista.

Chen Shulian deve ter causado boa impressão em seus superiores, pois foi indicada para chefe dos professores no ano seguinte.

Naquele ano, minha aula preferida foi a de dança folclórica chinesa. Eu gostava das brincadeiras do professor Chen Yuen. Às vezes, ele nos levava para caçar cigarras ou rãs nos campos de arroz, com a ajuda de lanternas. Nos fins de semana, íamos até seu quarto para fritar as cigarras e as pernas das rãs em um pequeno fogareiro elétrico. Seu hobby era a fotografia e, frequentemente, solicitava ajuda aos alunos.

No entanto, na primeira metade daquele ano, a personalidade de Chen Yuen mudou repentinamente. Passou a brincar menos. Deixou de organizar atividades fora da escola.

Abandonou a fotografia. Tornou-se introvertido e triste. Eu não entendia e perguntava o que havia de errado. "Nada de errado" era sempre a resposta. Até que, um dia, ele desapareceu. Ouvimos dizer que tinha práticas homossexuais. Fora mandado para uma fazenda de criação de porcos, onde deveria purificar a mente. Na China de Mao, a homossexualidade era considerada uma ofensa grave.

Um ano mais tarde, assim como desapareceu, Chen Yuen reapareceu subitamente — como carpinteiro, porém. Tinha perdido a reputação, o cargo de professor, a mulher e a posição na sociedade. E o mais importante: estava humilhado. Sua ligação com a dança fora interrompida. Ele passara a pertencer à classe mais baixa da China e tinha todos os movimentos monitorados. Era obrigado a escrever uma autocrítica semanal e relatar seus progressos ao Comitê de Monitoramento do Partido Comunista da academia. Nunca mais o vi sorrir.

Mas os infortúnios de Chen Yuen não ficaram nisso. Em um domingo, usando uma serra elétrica, perdeu três dedos da mão. Como não havia indenização, teve de pagar as despesas médicas. Depois do acidente, não pôde mais usar a serra elétrica e acabou

encarregado da limpeza dos banheiros. Até para um garoto como eu, era insuportável assistir a tamanha perda de dignidade.

Chen Yuen foi substituído por Ma Lixie, um homem baixinho, magro e animado, que falava muito alto e tinha o hábito de esfregar vigorosamente as palmas das mãos antes de demonstrar um exercício, como se o gesto lhe desse coragem ou inspiração. Aprendi muito com Ma Lixie. Suas demonstrações eram perfeitas. Ele nos ensinou a dança coreana do grou, incentivando-nos a descobrir sua essência, a estudar cada movimento dos olhos e até dos cabelos, de modo que nos sentíssemos como as penas de um pássaro. Ele nos desafiava a pensar o impensável, a explorar o inexplorável — a ser melhores que ele. O verde vem do azul, mas é mais forte. Ele nos incitava a optar pelo verde.

Naquele ano, conheci outro estudante, Chong Xiongjun, um jovem alto e com espinhas no rosto, dois anos mais velho que eu, vindo de um dos subúrbios de Pequim. Um dia, depois do almoço, ele me convidou a passar o domingo com sua família.

— Eu gostaria, mas não sei se o professor vai deixar. À tarde, procurei um dos chefes políticos e pedi permissão para ir à casa de Chong Xiongjun. Segundo ele, meus pais precisariam escrever uma carta de autorização. A academia não poderia se responsabilizar, caso algo me acontecesse. E, ainda assim, só poderia me ausentar uma vez por mês.

Com a lentidão do serviço chinês de correios, a resposta de meus pais levaria pelo menos três semanas para chegar.

Afinal, a resposta de meus pais, escrita pelo segundo irmão, Cunyuan, consentia que eu fosse à casa de Chong e dizia da satisfação de todos — e da niang, em especial — pelo fato de eu ter uma família para visitar.

Xiongjun e eu saímos às 8 horas, no domingo seguinte. Para ir até o distrito onde ele morava, precisamos pegar três ônibus. Quando lá chegamos, eram quase 10 horas. A avó de Xiongjun, que nos

esperava do lado de fora, abraçou-o fortemente e disse o quanto sentia sua falta. Xiongjun a chamava de Lau-Lau. Velhinha e baixa, com os pés enfaixados, enxergando pouco e quase sem dentes, ela me lembrou a Na-na. Ao me ver, abriu um sorriso: — Pode me chamar também de Lau-Lau! Os Chongs viviam em um conjunto de prédios baixos, dispostos de maneira bem parecida com a comuna Li. A diferença era um espaço mais amplo entre os prédios, todos em blocos de concreto, inclusive o piso dos apartamentos.

O apartamento dos Chongs tinha três cômodos. O primeiro era utilizado como cozinha, sala de jantar e sala de estar. Nos outros dois, um de cada lado, ficavam os quartos. Em vez de portas separando os cômodos, havia cortinas pretas de algodão. O banheiro era um só, do lado de fora, compartilhado por cerca de vinte famílias.

Fiquei sabendo que os pais de Xiongjun trabalhavam em uma fábrica de vidro local. O pai dele me lembrou meu dia — um homem trabalhador e de poucas palavras. A mãe parecia um pouco mais jovem que o marido e, assim como a niang, era a alma da família.

Depois do chá, jogamos cartas. O nome do jogo era "Protegendo o Imperador", o que me preocupou um pouco, pois me pareceu antirrevolucionário. A seguir, ajudei a mãe de Xiongjun a preparar bolinhos. Ela ficou surpresa: — Vejam só como são bonitos os bolinhos de Cunxin! Aposto como são gostosos também! -Ma, se continuar a deixar meu amigo sem graça, ele não vem mais! — disse Xiongjun.

Aquela foi a primeira vez em que bebi cerveja. Como não havia geladeira, a bebida estava na temperatura ambiente, e o primeiro gole foi só espuma.

— Gostou? — perguntou Xiongjun, rindo, ao me ver engasgar.

— É assim que eu gosto, quente — respondi. Depois do segundo copo, porém, já estava meio tonto. Além da cerveja e dos bolinhos, tivemos um prato à base de peixe fresco, preparado com molho de

soja, vinagre e temperos, bem cozido até que as espinhas ficassem macias o bastante para serem comidas. A mãe de Xiongjun cozinhava bem e via-se que a refeição tinha custado bastante dinheiro. A situação financeira daquela família era nitidamente superior à da minha: dois salários sustentavam cinco pessoas. A comida era farta.

Depois do almoço, o pai de Xiongjun nos levou para conhecer a fábrica de vidro onde trabalhava. Lá, vi centenas de milhares de bolas de gude cristalinas agrupadas em pilhas altíssimas. Máquinas especiais aqueciam e esticavam o vidro, formando filamentos a ser trabalhados. Eu adorava jogar bola de gude, mas era um brinquedo caro. Perguntei ao pai de Xiongjun se poderia levar uma daquelas como lembrança, para mostrar em casa. Sem uma palavra, ele foi consultar o porteiro e voltou com a resposta: eu podia encher as mãos de bolinhas.

— Verdade? Ele confirmou. Fiquei animadíssimo. Ia ser uma surpresa e tanto! Poderia levar para os irmãos, os primos e os melhores amigos. Com as bolinhas brilhando nas mãos, olhei para o pai de Xiongjun e perguntei mais uma vez: — Tem certeza? Ele confirmou novamente e sorriu. Eu não cabia em mim de contentamento. Era como se as bolas fossem de ouro.

Aquele foi o melhor domingo que tive desde o dia em que deixei minha casa. Os Chongs me fizeram sentir parte da família. Antes de sairmos, a mãe de Xiongjun me entregou um saquinho de tâmaras.

— Espero que goste. Você vai voltar aqui, não é? — perguntou com sinceridade, apertando minha mão.

Fiz que sim, todo satisfeito. Como gostaria de poder visitar minha família todos os domingos, também...

Mal aguentei esperar a visita seguinte, daí a um mês. Depois da segunda visita, porém, as passagens de ônibus tinham consumido todo o meu dinheiro. Eu não poderia pedir mais aos meus pais.

Então, quando Xiongjun me convidou pela terceira vez, dei uma desculpa: disse que não me sentia bem.

Apesar de desapontado, ele foi sozinho. No mês seguinte, nova desculpa. — Você ainda é meu amigo? — ele perguntou.

— Claro que sou. — Não gostou da minha família?

— Não seja bobo. Claro que gostei da sua família — respondi, lamentando não poder dizer-lhe a verdade.

— Os elogios da minha mãe deixaram você sem graça? — ele insistiu.

— Não, a sua mãe é maravilhosa.

— Então, por que não vai comigo? Eles vão pensar que brigamos, que não somos mais amigos e vão reclamar comigo. Vamos, todo mundo quer ver você novamente! Meus olhos se encheram de lágrimas.

Desviei o olhar e revelei: — Não posso gastar com a passagem. Só tenho 8 ivanes para o ano todo. Não posso pedir mais.

— Por que não me disse? Tenho dinheiro para as duas passagens. Minha família vai me matar se souber que você não foi por não ter dinheiro e eu não paguei a sua passagem! Vamos logo, senão o ônibus fica muito cheio! Saímos às 9 horas. As filas no ponto de ônibus eram tão longas que só chegamos à casa de Xiongjun por volta de meio-dia. Mas valeu a pena: como nas vezes anteriores, o dia com os Chongs foi pleno de afeto e alegria.

— Os bolinhos não ficam tão bons sem a ajuda de Cunxin — disse a mãe de Xiongjun na hora do almoço.

À tarde, antes de irmos embora, ela me entregou 2 ivanes: — Para pagar a passagem quando vier outra vez. Mas venha mais cedo, para me ajudar com os bolinhos.

Eu não queria aceitar, mas ela insistiu: — Estes são os 2 ivanes mais bem empregados de toda a minha vida. Aceite! Xiongjun e Bandido tornaram-se meus amigos mais chegados. Minha ligação com todos os membros da família Chong se fortaleceu. Tudo o que

faziam por Xiongjun faziam por mim também. Nos anos seguintes, continuei a visitá-los regularmente. Eles praticamente se tornaram minha família adotiva.

Quando voltei a Qingdao para passar com a família o ano-novo e as férias, levava comigo um boletim escolar com conceitos muito melhores. O ano-novo chinês, sempre minha época favorita, tornara-se ainda mais especial, já que era a única oportunidade de rever a família e os amigos. Meus pais e irmãos nunca puderam me visitar em Pequim: somente uma passagem de ida e volta correspondia à metade do salário mensal do dia.

Os Chongs mandaram alguns doces de Pequim e um saco de chá de jasmim como presentes para minha família. As bolinhas de gude fizeram sucesso entre meus irmãos e amigos.

— São as mais bonitas que já vi! — disse Jing Tring. — Ele correu para fora, para mostrar orgulhosamente as bolinhas aos amigos. À noite, ao dormir, guardou-as embaixo do travesseiro.

Minha família ficou emocionada com a generosidade dos Chongs e repartiu os doces e o chá com parentes e amigos. Restou apenas um pote para o ano-novo. A niang comentou ser aquele o melhor chá que já havia tomado.

Como sempre, as férias em casa passaram rapidamente. Meus pais e irmãos me cobriram de afeto. Suas vidas não tinham mudado muito desde o ano anterior, mas me pareceu haver um certo atrito entre Cunyuan, meu segundo irmão, e nossos pais. Poucos dias antes da minha volta a Pequim, meus pais pediram a Cunyuan que escrevesse uma carta de agradecimento aos Chongs, pela atenção que me davam. Cunyuan teve de reescrever a carta várias vezes, porque meus pais não concordavam com as palavras que ele empregava. A dois dias de minha partida, diante da niang sentada sobre o kang depois do jantar, Cunyuan leu sua última versão.

— Se não gostarem, escrevam vocês mesmos! — ele disse aborrecido. — Está melhor que a anterior, mas ainda não é

suficientemente profunda. Você não poderia dizer alguma coisa do tipo "Sua generosidade nos tocou de tal modo que lhes faríamos uma reverência, caso estivessem aqui", mas sem usar essas palavras?

— Por que não arrancam o coração e mandam para eles por Cunxin? — Cunyuan perguntou já zangado.

— Eu faria isso, se tivesse alguém para lhe dar umas palmadas no traseiro depois que eu me fosse — a niang respondeu.

— Se quer mesmo demonstrar seus agradecimentos aos Chongs, por que não dá Cunxin para eles, como fez com Cunmao?

— Cuidado com o que diz! — ela advertiu com a expressão carregada.

— Porque seria o último que a senhora daria — Cunyuan continuou. — Ele é a joia da coroa da nossa família.

— Vocês todos são meus tesouros. Amo cada um de vocês e preferia morrer a dar algum dos meus filhos!

— Sei!

— Sei o quê? Por acaso fiz menos por você? — a niang perguntou.

— Fez sim! A senhora deixou os seus outros filhos perseguirem seu futuro. E eu nem ao menos pude me casar com a pessoa que amo! — Cunyuan já estava gritando. — Por que tenho de ficar em casa? Por que não posso ir para o Tibete?

— Já não lhe explicamos? Precisamos de você aqui! — disse o dia, interferindo na discussão.

Cunyuan olhou para o dia e hesitou. O que um pai dizia era definitivo. Mas Cunyuan estava emocionado demais e não se conteve.

— Eu sou o único a ser sacrificado! Por que não admitem logo que eu sou o menos importante dos seus filhos?

— Você é capaz de repetir o que acabou de dizer? — o dia perguntou calmamente.

Via-se que ele fazia um grande esforço para controlar a raiva.

— Eu disse... Pai! O dia se adiantou e esbofeteou Cunyuan com tamanha força que quase lhe quebrou o queixo.

— Repita as palavras ingratas que disse à niang, se tiver coragem! — Dizendo isso, o dia desceu do kang e investiu contra o segundo irmão.

— Parem com isso! Parem com isso! — pediu a niang, colocando-se entre eles.

Surpreso, Cunyuan mantinha a mão no rosto. Em um momento, porém, caiu em si e recuou.

O dia ainda fervia de raiva. — Não posso acreditar que temos um filho tão ingrato! A niang só chorava:

— O que eu fiz de errado com ele? Onde foi que eu errei? Ficamos os três sem ação, mergulhados em tristeza. As acusações que Cunyuan fizera à niang me revoltavam. Se não tivesse visto, não acreditaria. Por que meu irmão agira daquele modo? Mas eu lamentava por ele. Tinha ouvido dizer que o governo central precisava de mais jovens dispostos a ir para o Tibete, e o irmão mais velho, Cuncia, havia sugerido aos meus pais que deixassem Cunyuan partir. Pensei que a questão estivesse resolvida.

A niang passou o resto do dia triste e chorosa. — Há quanto tempo isso vem acontecendo? — perguntei, quando ficamos sozinhos.

— Desde que o seu irmão mais velho escreveu do Tibete, há alguns meses.

— E por que não o deixam ir?

— Ele começou a trabalhar. Precisamos do dinheiro dele para sobreviver. Faz pouco tempo que o seu irmão mais velho viajou. Como podemos abrir mão de Cunyuan? O melhor seria que se casasse com aquela moça boa e calma que a sua tia apresentou — ela disse com um suspiro.

— E ele não poderia mandar dinheiro do Tibete? — perguntei.

— Nunca recebemos um só fene de seu irmão no Tibete. Ele mal consegue se alimentar com o que o governo paga.

Ficamos em silêncio. Eu compreendia, então.

— Você tem muita sorte por ter o que comer e, agora ainda mais, por ter conhecido a família Chong, que o estima tanto! — a niang continuou. — Nunca se esqueça da sua origem. Trabalhe duro e construa a sua vida. Não olhe para trás! Aqui, só existe fome e sacrifício! Cunyuan só voltou para casa daí a dois dias. Eu estava preocupado e sabia que meus pais também estavam. Ele chegou na manhã em que eu ia partir de volta a Pequim. Parecia mal, como se não tivesse dormido desde o momento da discussão.

O desjejum transcorreu em silêncio. — Tenha cuidado. Seja bonzinho. Obedeça aos professores — o dia me disse, antes de sair para o trabalho.

Logo depois, Cunyuan montou na bicicleta do dia e disse que estaria de volta atempo de me levar à estação ferroviária. Mais ou menos duas horas mais tarde, ele voltou e me entregou um pequeno embrulho em papel pardo.

— Só abra quando estiver no trem — disse. Reconheci a embalagem da única loja de departamentos da comarca. Sabia que, naquelas duas horas, ele tinha ido até lá.

Quando chegou a hora de partir, a niang nos acompanhou até o portão.

— Escreva assim que chegar, para que eu não fique preocupada! — E, voltando-se para Cunyuan, continuou: — Tenha cuidado, principalmente nas ruas estreitas. Se vir um caminhão, pare.

— Por que o cuidado? — Cunyuan resmungou. — Niang, já vou — eu disse, tentando aliviar a tensão. Com os olhos cheios de lágrimas, ela não respondeu. Eu hesitei. Pensei que talvez devesse ter pedido às amigas dela que fossem até lá.

Como sabia que Cunyuan queria ir cedo, acomodei-me na parte de trás da bicicleta e acenei para a niang, para os parentes e para os

vizinhos. Consegui conter as lágrimas. Talvez estivesse distraído com a situação de Cunyuan, mas, dessa vez, a partida foi um pouco mais fácil. Ele foi pedalando a toda velocidade, como se quisesse deixar para trás a raiva e a frustração.

Quando chegamos à estrada principal, perguntei a Cunyuan como estava. Ele não respondeu; apenas aumentou a velocidade. Mais ou menos na metade do caminho, parou e disse: — Vamos conversar. Só então entendi por que ele fizera questão de sair mais cedo. — Lamento que você tenha assistido àquilo tudo — disse, enquanto puxava a bicicleta para o canto.

Cedo, quando o dia saiu para o trabalho, fazia muito frio, mas então o sol já havia aquecido um pouco. O trem só chegaria pelo menos daí a umas duas horas. Estávamos bem adiantados, portanto. Cunyuan pegou um saquinho com tabaco, enrolou um cigarro e se agachou perto de um poste de concreto.

— Está tudo bem? — perguntei, para quebrar o silêncio. Nada. Ele apenas soprava a fumaça furiosamente. Pelo ritmo da respiração, eu podia dizer que suas emoções eram como um mar bravio. De repente, jogou fora o cigarro, enterrou a cabeça nas mãos e chorou. Sem saber como confortá-lo, aproximei-me e toquei em seus ombros.

— Por que eu? — perguntou. — Eu nunca devia ter nascido. Eu me senti impotente. Não sabia o que dizer.

Levantando a cabeça, ele continuou: — Por que os nossos pais não me ouvem e não me deixam ir para o Tibete? Por que não me deixam casar com a pessoa que amo? O que eu fiz para merecer esse tratamento? Que futuro eu tenho aqui? Devo me contentar em trabalhar no campo pelo resto da vida? A ida para o Tibete é minha única oportunidade de fazer alguma coisa diferente. Pelo menos, eu teria um emprego garantido pelo governo e conheceria outros lugares! Olhe para nosso irmão mais velho, olhe para você! E depois, olhe para nós! — Gostaria de poder dar o que você quer. E se conversasse com eles mais uma vez? Ele balançou a cabeça: — Fiz de

tudo para convencê-los a me deixar ir para o Tibete e a me casar. Eles não querem perder mais um da força de trabalho da família.

Enrolou outro cigarro e continuou, como se falasse para si mesmo: — No verão passado, mergulhei no açude da Colina do Norte. Pensei em ficar embaixo da água para sempre. Talvez no outro mundo tivesse uma vida melhor — suspirou. — Por que temos de viver neste mundo? É uma vida sem graça! Acordo todo dia ainda no escuro, para trabalhar no campo, chova ou faça sol, no frio e no calor, com o estômago vazio, sete dias na semana, cinquenta e duas semanas no ano, sem um domingo sequer de descanso. Só chego em casa para dormir. Só encontro conforto nos sonhos, isso quando não tenho pesadelos. Às vezes, estou tão cansado que não consigo lembrar o que sonhei. Tenho 24 anos. Este sofrimento não tem fim! Agachado ao lado dele, fiquei escutando, com o coração cheio de tristeza. Gostaria de possuir uma fórmula mágica que resolvesse todos os seus problemas, mas sabia ser impossível. Em toda a China, milhões de jovens sofriam da mesma agonia e do mesmo desespero.

— Chega de falar de mim — ele disse afinal. — Como está se saindo na academia? Está mais feliz? — Estou melhorando. Mas ainda sinto saudade de casa. Às vezes, sinto falta até mesmo das dificuldades — respondi.

— Aqui não existe nada para se sentir falta. Daria tudo para estar no seu lugar.

— Por que não trocamos? — provoquei, tentando animá-lo. — A Academia de Dança de Pequim morreria de rir se visse minhas pernas arqueadas! Mas conhecer Pequim seria um privilégio. Volte para lá e se esforce. É a oportunidade da sua vida, com que os seus irmãos só podem sonhar.

Depois de uma pequena pausa, mudando de assunto, perguntou: — Ainda gosta de lutas de grilos? Fiz que sim. Por que, de repente, ele me perguntava sobre lutas de grilos? — Lembre-se de como se

sente quando o seu grilo sai vencedor. Já pensou na situação do grilo que perde? Confirmei com a cabeça. -Às vezes, parece que eu sou o grilo perdedor e não consigo escapar. A vida é o grilo vencedor, que combate até me derrotar e, aos poucos, me devora. Já teve essa sensação? Novamente, confirmei com a cabeça. — Sempre pensei que, se lutasse, acabaria encontrando uma saída, mas já não tenho certeza. Estou lutando contra a vida, a vida que me deram, e não a que desejo.

Eu não sabia o que dizer. O desespero dele me deixou sem fala. Pouco depois de chegarmos à estação, o trem barulhento logo se aproximou da plataforma. Alguns colegas que já vinham nele puseram a cabeça para fora, e meu irmão passou minha bagagem para eles.

Era hora de partir. Ficamos alguns momentos somente olhando um para o outro. Tinha vontade de abraçá-lo, mas esse não era o tipo de gesto comum na China entre pessoas de sexos opostos e muito menos entre pessoas do mesmo sexo. Trocamos apenas um aperto de mão formal.

— Já vou — eu disse. Enquanto o trem se afastava, pude vê-lo enxugar as lágrimas. Estiquei a cabeça pela janela e acenei. Ele ficou lá, como uma estátua, até o trem sumir de vista.

Eu me acomodei no assento, ao lado dos colegas. Respondi às perguntas deles a respeito das férias, mas a voz triste de meu irmão ainda me ecoava nos ouvidos. De repente, lembrei-me do pacote que me dera. Ao desembrulhar, vi que era uma caixa de doces de sorgo, junto com um bilhete escrito apressadamente: "Estes doces são para a família do seu amigo Chong Xiongjun, como prova da gratidão de seus seis irmãos. Nossos sinceros agradecimentos. Desculpe pelos dois últimos dias. O que quero da vida vai ser sempre apenas um sonho distante. Esqueça, por favor." Perdi o controle. Bem que tentei esconder com um lenço as lágrimas que me escorriam pelo rosto, mas os colegas perceberam e se preocuparam.

— O que há de errado? Eu não sabia o que dizer. — Só quero ficar sozinho. Assim, eu me vi procurando responder às perguntas irrespondíveis de Cunyuan. Pensei no grilo que, quase morto, embora sem força e condições físicas, tentava escapar daquele que o atormentava e me senti mal. Fui invadido por uma enorme onda de compaixão por meu pobre irmão aprisionado.

O pesar pelo destino de Cunyuan acompanhou-me por toda a viagem de volta a Pequim. Repetia para mim mesmo que tinha de haver uma solução. No fundo, porém, sabia que não havia. O problema dele era a própria pobreza. Somente então comecei a me dar conta de quanto eu era privilegiado por ter saído de Qingdao. Por mais que meus irmãos trabalhassem e persistissem, pouco mudaria. Provavelmente, ainda estariam na mesma situação dali a vinte, trinta ou cinquenta anos.

Quando o sol se pôs e as estrelas começaram a brilhar, fui invadido pelo cansaço e pedi ao meu amigo Fu Xijun que trocássemos de lugar, para que eu pudesse encostar-me à janela.

Naquele momento, com um choque, tomei consciência de que jamais poderia voltar à vida de antes. Sempre sentiria falta da companhia de meus irmãos e do amor de meus pais, mas sabia que meu futuro estava à frente, e não no passado. Aquela viagem à cidade natal destruíra de vez a fantasia de uma vida ideal no campo, que eu sempre julgara possível. O que acontecia na mente do meu segundo irmão era muito pior do que a falta de comida, a fome. Era a morte da alma. Se não tivesse saído, eu cumpriria o mesmo destino.

Dormi um sono intranquilo durante a viagem. Trocamos de lugar várias vezes, para que todos tivessem oportunidade de encostar-se à janela. Nas três últimas horas, porém, não preguei os olhos. Pensava no ano anterior e nos desafios do futuro. Uma voz misteriosa sussurrava em meus ouvidos: "Cunxin, você é um privilegiado. Você tem sorte. Vá em frente. Não tenha medo e não olhe para trás. Atrás,

não existe nada, a não ser o amor incondicional da sua família que sempre o incentivará a prosseguir." Pela primeira vez, não era a voz do meu irmão, nem do dia, nem da amada niang. Era a minha própria voz.

13

跳舞

As PALAVRAS DO PROFESSOR XIAO

Na primavera chinesa de 1974, quando eu tinha 13 anos, a Academia de Dança de Pequim foi convidada a comparecer à praça Tiananmen, para ouvir um pronunciamento do amado chefe Mao.

Nem em meus sonhos mais ambiciosos, eu havia previsto uma oportunidade daquelas! Na noite anterior, não consegui dormir. Somente ouvira a voz de Mao pelos alto-falantes da comuna ou pelo rádio, na academia. Havia decorado muitas de suas frases do Livro Vermelho e guardava na cabeceira quatro grossos volumes contendo as teorias comunistas — os princípios orientadores de minha vida. Que sorte haver nascido na era do chefe Mao, nosso deus vivo! E estava para vê-lo e ouvi-lo em pessoa! De repente, uma sensação de vergonha se abateu sobre mim. Eu não era digno de tamanha honraria. Rolei na cama a noite toda, repetindo mentalmente as primeiras palavras que aprendera na escola: "Longa, longa vida ao chefe Mao." Quando bem pequeno, eu acreditava piamente que ele estivesse sempre acompanhado por deusas e cercado de nuvens, como um verdadeiro deus.

No dia da reunião, acordei muito cedo, cheio de energia. Às 6 horas já estava pronto, vestido com meu melhor casaco ao estilo

Mao.

O trajeto até a praça Tiananmen consumiu mais ou menos uma hora. Felizmente, não enjoei. De longe, já se ouvia um barulho ensurdecedor: tambores, pratos, cometas — instrumentos de todos os tipos misturados à gritaria febril de slogans de propaganda. Guardas de segurança nos conduziram em meio a um mar de bandeiras vermelhas, um oceano de gente. Lembrava um enorme carnaval. Uma celebração da alegria.

Parecia ter havido uma organização meticulosa. Por toda parte, policiais controlavam rigorosamente qualquer movimentação. Nada poderia prejudicar aquela demonstração nacional da união de um povo em sua devoção ao chefe Mao. Todos os grupos tinham lugares marcados. Não havia assentos. A tarefa de organizar milhões de pessoas em uma praça leva tempo; por isso, vários grupos distraíam o povo com música ou performances. A animação era contagiante; as emoções, febris. Eu jamais vira uma multidão envolvida em tal atmosfera de sinceridade e afeto. Tratava-se do momento mais feliz da vida daquela gente. E, para reforçar a ideia da divindade de Mao, o dia estava brilhante e ensolarado.

Depois de algumas horas, chegou o momento ansiosamente esperado: Mao, madame Mao, o resto da Gangue dos Quatro, o primeiro-ministro Zhou Enlai e muitos outros líderes do governo central apareceram no pódio do Portão da Paz Celestial. Ocupando até os limites mais distantes da praça, a multidão saudava, aplaudia e pulava como um animal enlouquecido. O chão vibrava sob meus pés. O mundo inteiro ouviria! Milhões gritavam em coro "Longa, longa vida ao chefe Mao!" Todos usavam braçadeiras e lenços vermelhos. Havia milhares de flâmulas e bandeiras vermelhas com a inscrição "Longa, longa vida ao chefe Mao". As pessoas cantavam e dançavam agarradas ao Livro Vermelho.

Eu me sentia parte integrante do povo que aclamava um ser divino. Estava tão orgulhoso de pertencer à Guarda Jovem de Mao!

A emoção me levou às lágrimas. Ao olhar em volta, percebi que muitos choravam também, de alegria e orgulho. Depois de um tempo que me pareceu interminável, o chefe Mao pediu que a multidão se aquietasse. Todos obedeceram imediatamente.

Mao falou durante meia hora, no máximo. Sua voz familiar e sedutora nos chegava através dos muitos alto-falantes espalhados pela praça. Aplausos calorosos o interromperam várias vezes. As pessoas se levantavam e se sentavam, subindo e descendo como uma multidão de ioiôs. Os aplausos às vezes eram mais demorados que o pronunciamento que os motivara. O forte sotaque da província de Hunan me dificultava a compreensão, mas eu não me importava; assim como toda a população, sabia que suas palavras seriam meticulosamente estudadas pelos meses seguintes.

Horas depois do pronunciamento de Mao, ainda permanecíamos na praça, cantando e dançando de pura alegria.

Passado pouco tempo do evento solene na praça Tiananmen, fizemos outra excursão, dessa vez a uma região nos arredores de Pequim chamada Pingu. Segundo nos disseram, o solo de Pingu era semelhante ao de Dajai, onde havia uma plantação-modelo. Lá, cultivavam-se árvores frutíferas e várias culturas em terrenos montanhosos e rochosos. Dizia-se que o presente mais valioso que alguém poderia dar a Dajai era um balde de terra.

Àquela altura, a tendência a conviver com os camponeses para aprender com eles estava no auge. Além das pequenas árvores e dos dois baldes de terra, cada estudante foi incentivado a encher um bolso de terra, para simbolizar a dádiva mais preciosa.

Eu estava animadíssimo com a viagem a Pingu. Imaginava os campos verdejantes de trigo e milho subindo pelas encostas, as frutas saborosas pendendo dos galhos de árvores. Não havia como estar preparado para o desapontamento que se seguiu.

Durante as cinco horas de viagem até Pingu, as curvas e os ressaltos das estradas montanhosas me causaram um enjoo terrível.

Ao chegarmos, fiquei chocado ao ver apenas a terra nua das colinas e alguns pedaços de verde salpicados na paisagem. Muitos turistas estavam lá, prestando homenagem aos grandes milagres daquele lugar inspirado em Dajai. No entanto, havia mais visitantes do que plantações. Um guia local nos mostrou fotografias de colheitas abundantes de trigo e milho, mas não me convenci. Eu era um garoto do campo e sabia que nada cresceria naquelas rochas — nem mato. Ainda que a terra levada por nós fosse jogada sobre as pedras, a primeira chuvarada levaria tudo embora. Claro que não ousaria questionar as ordens de Mao, mas fiquei pensando se ele já teria visitado pessoalmente lugares como aquele.

Na segunda metade daquele ano, o chefe do Partido da Juventude Comunista de nossa academia sugeriu que eu me inscrevesse como participante — um verdadeiro privilégio. Somente os estudantes mais devotados politicamente eram convocados. Fiquei lisonjeado e surpreso.

Depois de entregar ao partido minha solicitação de inscrição, tive entrevistas individuais com três líderes e ainda precisei ler um volumoso manual no qual eram enfocados os ideais comunistas que já conhecia, pela leitura do Livro Vermelho. Quando a comissão se convenceu da minha capacidade, indicou dois membros do partido como uma espécie de padrinhos. Um deles era meu amigo Fu Xijun.

Depois do voto final de todos os membros do partido, os cinco novos integrantes, inclusive eu, se perfilaram sob a bandeira da China, segurando à altura do rosto o Livro Vermelho, e prometeram lealdade: — É com orgulho e por vontade própria que entro para o Partido da Juventude Comunista. Juro amar o chefe Mao, o Partido Comunista, meu país, meu povo e meus colegas. Responderei ao chamado do partido e seguirei rigorosamente suas regras. Os interesses do partido virão à frente dos meus. Estou pronto a doar, inclusive a vida, em prol desta causa gloriosa. Somos dedicados ao

princípio de suportar as dificuldades e permitir que outros apreciem o fruto do nosso trabalho.

Naquele momento, tornei-me oficialmente membro do Partido da Juventude Comunista. Minha vida passou a ter um propósito: servir ao glorioso comunismo. Mais uma vez, experimentei a poderosa sensação de integração, de estar mais perto de Mao e de madame Mao, de ser recebido de braços abertos pelo partido. De recomeçar.

Levei a sério meu papel de integrante da Juventude Comunista. Aquele era meu destino político, traçado desde o nascimento. Faltava menos para que eu me tornasse um membro pleno do Partido Comunista: meu sonho político final. Poderia, então, contribuir mais efetiva e entusiasticamente para a agenda do partido e fazer a diferença.

Mas a política mudava constantemente em torno de nós; Mao sabia que a Gangue dos Quatro era incapaz de administrar as questões financeiras da China. Além disso, sentia-se cada vez mais ameaçado pela popularidade de Deng Xiaoping. A reputação de Deng Xiaoping espalhava-se rapidamente. Dentro dos muros da academia, porém, a influência de madame Mao ainda era soberana e somente ela controlava nossa educação política.

Nosso desenvolvimento político deixou madame Mao satisfeita, mas não se podia dizer o mesmo em relação ao padrão da dança que praticávamos. O vice-ministro da Cultura — um bailarino ex-diretor do Balé Central da China e famoso por assumir o papel principal em Destacamento Vermelho de Mulheres, o balé-modelo de madame Mao — foi encarregado de fazer alguma coisa a respeito. Destacou Zhang Ce, outro bailarino, também ex-diretor do Balé Central, para a vice-diretoria de nossa academia, com a missão de melhorar o padrão técnico dos alunos. Zhang Ce levou um de seus antigos professores, Zhang Shu, para chefiar o departamento de balé.

Zhang Shu era um dos criadores do balé chinês, junto com Chiu Ho e Chen Lueng, e considerado um dos maiores experts em dança

de toda a China. Era um homem de baixa estatura e temperamento equilibrado. Frequentemente assistia a nossas aulas e, de vez em quando, nos ensinava. Ele me notou desde o início e descobri que havia recomendado ao professor Xiao prestar atenção em mim.

Certo dia, pouco depois da chegada de Zhang Shu, eu estava deitado, lendo a história do Rei Macaco — um clássico chinês e uma das poucas que tínhamos permissão para ler. De repente, notei algo embaixo do colchão; coloquei a mão e senti as formas de um livro fino. Parecia muito antigo e, ao folhear, percebi que era escrito em um idioma estrangeiro. Claro que não entendi uma palavra sequer, mas as muitas fotografias — todas de posições do balé — me fizeram pensar que se tratava de um tipo de livro escolar. Nele, viam-se adolescentes de corpos maravilhosos em poses demonstrativas. Fiquei especialmente impressionado com um rapaz fazendo um arabesco. Usava camiseta leve de malha parecida com as nossas, com meia-calça preta, meias brancas e calçados apropriados. O corpo era bem proporcionado e bem colocado, a postura perfeita. Não parecia mais velho que eu. Desejei ser tão bom, um dia, que pudesse posar para um livro como aquele, ensinando à próxima geração de bailarinos.

Não sabia ao certo quem havia colocado o livro sob meu colchão; apenas tinha uma leve desconfiança. Sabia, porém, o perigo que representava. Quem quer que o tivesse colocado ali certamente gostaria que eu mantivesse segredo.

A chegada de Zhang Ce e Zhang Shu à academia marcou o início de um novo foco na técnica. Houve uma redução nas matérias acadêmicas, em favor das aulas de dança. Assim como Zhang Shu, outros professores experientes, antes acusados de direitistas, foram reabilitados e chamados de volta. Um deles era um especialista em balé russo, que falava muito bem o inglês e tinha traduzido diversos libretos russos para o chinês. Durante o tempo que passara no

campo, fora obrigado a executar as tarefas mais repugnantes, para expiar seu único crime: o conhecimento das artes do Ocidente.

Nessa mesma época, outro "antirrevolucionário" chegou à academia, vindo dos campos de lavagem cerebral. Era um afinador de pianos, de cerca de 50 anos, com grandes orelhas de abano. Os motivos de sua volta foram as constantes reclamações dos professores quanto à afinação dos pianos e o fato de não haver outro profissional disponível que não fosse considerado direitista ou antirrevolucionário. O afinador tocava e afinava os pianos o dia todo, trabalhando sem parar. Ao terminar o período, saía de cabeça baixa, como se tivesse medo de, afinados os pianos, ser mandado de volta aos serviços de limpeza.

O especialista em balé russo não teve tanta sorte. Era obrigado a varrer, lavar e esfregar o chão, as paredes e os banheiros. Certa vez, mandaram-no empurrar um carrinho de mão que alguns alunos enchiam de terra e estrume de cavalo. Outros, que assistiam, começaram a chamá-lo "direitista sujo", acusando-o de lento e preguiçoso. Não consegui suportar. Não sabia que crime ele cometera, mas via-se que, depois de algumas viagens, estava exausto. Então, ofereci-me para ajudar.

— Obrigado, meu jovem — ele disse baixinho. — De nada — respondi.

— Como se chama?

— Li Cunxin.

— Vou me lembrar sempre — disse profundamente agradecido. No dia seguinte, na reunião política, fui chamado de fraco, por sentir pena do direitista.

— Eu não tive pena dele — menti. — Só queria completar logo a tarefa, para ajudar os camponeses.

Na segunda metade daquele ano, a academia testou alguns estudantes de música vindos de várias regiões da China e que já haviam recebido treinamento. Nunca entendi por que não foram

mandados à academia de música, em vez de ficarem mal acomodados em cômodos pequenos, no próprio estúdio. Um dos violinistas do grupo, Liu Fengtian, era um bom cabeleireiro. Várias vezes pedi que cortasse meu cabelo, já que não podia pagar um profissional. Foi a primeira vez em que isso foi feito com uma tesoura. Antes, os próprios colegas de quarto tentavam ajeitar os cabelos uns dos outros com máquinas cegas, que embaraçavam tudo, não deixando outra alternativa a não ser arrancá-los. Nem é preciso dizer que o resultado não era dos melhores, mas ficávamos gratos assim mesmo. Portanto, antes da chegada de Liu Fengtian, um corte de cabelo representava uma experiência dolorosa.

Sua paixão pelo violino era notável. Eu gostava de vê-lo praticar na quadra de esportes. Ele tornou-se um dos meus amigos mais chegados.

Foi no terceiro ano do curso que minha atitude em relação à dança finalmente mudou. Pela primeira vez desde que chegara à academia, ia confiante às aulas de balé. Comecei a executar bem dois passos novos e difíceis: o giro no ar e a pirueta tripla. Com o incentivo delicado do professor Xiao, fiz progressos notáveis. Eu me esforçava e prestava atenção a cada palavra que ele dizia. Procurava entender a essência de suas correções e anotava diariamente as descobertas que fazia. Ainda que não fosse minha vez, praticava ao lado ou atrás do primeiro grupo, e a rapidez com que me desenvolvi surpreendeu professores e colegas.

O progresso no balé contribuiu para que eu melhorasse também em outras matérias, especialmente em acrobacia, inclusive no salto para trás, que antes tanto me assustava. Certa vez, porém, eu executava um desses, certo de que os professores estivessem atrás de mim, prontos a me apoiar. Mas não estavam. Tiveram a atenção desviada para outro aluno. No meio do salto, percebi isso e entrei em pânico. Caí, batendo as costas e a cabeça com toda a força no

chão de madeira coberto apenas com um carpete fino e puído. Perdi os sentidos.

Quando voltei a mim, vi-me cercado por rostos ansiosos de professores e colegas. A cabeça e o pescoço latejavam de dor.

Eles me conduziram até a cama e me recomendaram dormir. Na hora do almoço, Bandido e Fu Xijun me levaram uma tigela de sopa de macarrão com um ovo: tratamento especial dispensado a quem estivesse doente. Para isso, era preciso uma recomendação expressa do médico da academia.

Não houve atenção dos oficiais, cuidados médicos ou radiografias. Pediram que eu retomasse a rotina de exercícios à tarde. Mas a dor no pescoço era intensa e persistente.

No domingo, fui, como sempre, visitar os Chongs. Vendo meu sofrimento, levaram-me a consultar uma senhora de 75 anos — a curandeira local — que massageou meu pescoço com muita força, fazendo-o estalar. A dor desapareceu em poucos dias, mas o pescoço nunca mais foi o mesmo. Apesar das contusões, os professores de acrobacia acreditavam no trabalho sob condições difíceis. Certa vez, levaram-nos para praticar cambalhotas e saltos na neve. Felizmente, o professor Xiao reclamou com a diretora da academia, e as aulas na neve não se repetiram.

Poucas semanas antes dos exames de meio de ano, o professor Xiao se estendeu um pouco mais, e eu, desesperado para ir ao banheiro, fiquei com apenas alguns minutos para isso, antes da aula seguinte. Como sempre, a fila era enorme e me atrasei para a aula de Gao — movimentos da Ópera de Pequim. Quando cheguei, ele interrompeu a música.

— Aí vem meu aluno premiado, com sua grande cabeça de vento! Por que se atrasou? — perguntou aos gritos.

Eu tinha intenção de pedir desculpas e explicar o motivo do atraso, mas, para minha grande surpresa, as palavras que me saíram da boca foram completamente diferentes: — Não sou cabeça de

vento! Eu tenho cérebro! A raiva era tanta que me tirou o fôlego e me fez gaguejar. — Saia da sala! Fora! Não volte nunca mais! — ele disse apontando a porta furioso.

Corri para o alojamento e sentei-me na cama. Não houve lágrimas; só a vontade de matá-lo. Ele me acusara injustamente e me ofendera. Não tinha sequer notado meus progressos dos últimos meses — e provavelmente nunca notaria.

Mas eu não podia ficar ali parado. Talvez ele relatasse o fato à diretoria. Era preciso agir — e rápido.

Corri à sala do professor Xiao. Eu o encontrei lendo sozinho. Embora gaguejando, consegui contar o que acontecera. Ele ouviu atentamente.

— Sente-se — disse quando terminei. — Compreendo a sua revolta e acho que o professor Gao está errado. Ele não deveria ter ofendido você. Vou relatar à diretora Xiao o que me contou. Se o professor Gao for procurá-la, pelo menos ela ficará conhecendo os dois lados da história, mas se ligará mais a mim que a você. Antes que eu vá procurar a diretora, porém, gostaria que você fizesse algo para mim.

— O quê? — perguntei, preocupado.

— Quero que converse com o professor Gao.

— Não quero chegar perto dele! Ele me odeia! — protestei, levantando-me da cadeira.

— Eu sei que vai ser difícil, mas quero que tente. Já disse ao professor Gao como se sente quando ele o chama por apelidos? Ele só faz isso com você? As perguntas do professor Xiao me fizeram pensar. Eu não era o único alvo dos gritos e das ofensas do professor Gao.

— Sente-se, Cunxin — continuou o professor Xiao. — Vou lhe contar uma história.

Um dos guardas do palácio do imperador procurou um professor, pedindo-lhe que o tornasse o melhor arqueiro da face da

Terra. O professor mandou-o embora, mas o guarda voltou nos dias seguintes e tornou a pedir. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, ele insistiu.

A chuva e a neve não o impediam de voltar a pedir ao professor que o fizesse o melhor arqueiro do mundo. Depois de um ano, impressionado com a perseverança e determinação do guarda, o professor resolveu aceitá-lo como aluno. Como primeira tarefa, disse-lhe que pegasse um arco pesado e ficasse segurando. Em poucos minutos, os braços do guarda começaram a tremer de cansaço. O professor, então, o fez carregar pesos em ambas as mãos diariamente. Depois de algum tempo, o arco parecia ter o peso de uma pena em suas mãos. Certo dia, o guarda perguntou quando iria aprender a atirar flechas. O professor respondeu que ele ainda não estava pronto e perguntou-lhe em seguida se via alguma coisa no céu. Por mais que se esforçasse, o guarda não conseguia enxergar coisa alguma. O professor, então, pediu que ele olhasse para uma aranha muito pequena em uma árvore distante e se concentrasse nela, com um olho de cada vez. Aos poucos, o guarda foi enxergando a aranha claramente e, quando abriu os dois olhos, ela lhe pareceu tão grande quanto o escudo com que ele se protegia. Então, o professor disse que já podia ensiná-lo a atirar flechas. E o guarda se tornou o melhor arqueiro da face da Terra.

— Lembre-se, Cunxin, de que nada é impossível — encerrou o professor Xiao.

Deixei a sala cheio de esperança. Assim que terminou o tempo da aula seguinte, fui à sala do professor Gao. Ele vinha saindo, carregado com tigelas e palitos, a caminho do refeitório, para o almoço.

— Professor Gao, posso lhe falar por um minuto?

Ele me olhou zangado:

— Seja breve. Entre aqui. — Assim que fechei a porta, ele perguntou: — Por que chegou atrasado à aula de hoje?

— Estava no toalete — respondi.

— E por que ninguém mais se atrasou? Você foi o único a precisar ir ao toalete?

— Tentei ser rápido, mas estavam todos ocupados. Desculpe.

— Se demonstrasse pela dança o mesmo entusiasmo que tem pelos toaletes, teria alcançado um padrão de dança muito melhor. Tudo bem, aceito as suas desculpas. Agora, vá almoçar!

Ele se levantou para sair, mas eu não me mexi.

— Professor Gao, posso lhe dizer mais uma coisa? — perguntei.

— O que é? — ele perguntou com impaciência.

— Não gosto quando me chama de garoto com cabeção de vento. E se eu o chamasse de professor com cabeção de vento?

A cor do rosto dele foi de vermelho a verde e vermelho novamente. Ele caiu sentado.

— Sei que não me saio muito bem na sua aula e que meu padrão de dança é baixo — continuei —, mas eu sentia muita saudade de casa. Agora, minha atitude mudou. Quero ser um bom bailarino. Espero que me dê uma chance e julgue meu trabalho daqui por diante.

Ele ficou sem fala. Só respondeu depois do que me pareceu um longo tempo:

— Desculpe se chamei você de alguma coisa que não devia. Se for um aluno aplicado, isso não vai mais acontecer. Mais alguma coisa?

— Não.

Eu me levantei e já ia saindo quando ele perguntou: — Cunxin, acha que vai conseguir dar saltos acrobáticos — os split jumps — no dia do exame?

— Vou, sim — respondi. Desci os degraus da escada de três em três. Eu me sentia leve. Queria voar e cantar como um pássaro. Corri para o setor do refeitório onde os professores almoçavam. O professor Xiao estava na fila, para receber o almoço. Toquei

delicadamente em seu ombro. Ele sorriu para mim e eu sorri de volta. Ambos sabíamos o que aquilo significava.

A confrontação com o professor Gao foi minha primeira tentativa, em toda a vida, de resolver sozinho um problema. Antes que eu o enfrentasse, o problema parecia um tigre de verdade; depois, transformou-se em um tigre de papel. Comecei a crescer em autoconfiança.

No início de junho, todas as aulas serviam de preparação para os exames de meio de ano. Os oficiais da academia estariam presentes, o que provocava uma competição acirrada entre os professores, em especial no departamento de balé. O terceiro e o quarto anos eram decisivos, pois os mestres selecionavam entre os alunos os melhores talentos — aqueles que receberiam mais investimento em tempo e atenção. Os exames colocavam à prova nossos nervos: não era fácil apresentar-se diante de vinte ou trinta professores e oficiais e mais trinta ou quarenta estudantes. Naquele terceiro ano, pela primeira vez em um exame, alguns professores começaram a me notar, especialmente Zhang Shu, o chefe do departamento de balé. Senti que tinha ido bem e fui procurado pelo professor Xiao, que disse: — Muito bem, Cunxin. Estou orgulhoso de você. Sua dedicação nos últimos seis meses deu resultado. Espero que continue assim.

Naquela tarde em que enfrentei o professor Gao, enquanto todos faziam a sesta, fui até um dos estúdios praticar split jumps para o exame de movimentos da Ópera de Pequim. Tinha problemas com aquela acrobacia. Nem Bandido sabia o que havia de errado. Devíamos sentar no chão com as pernas abertas e saltar, ficando de pé novamente, sem usar as mãos. Só metade da turma conseguia fazer isso; eu não fazia parte desse grupo, mas tinha de conseguir. Dera minha palavra ao professor Gao.

Alonguei as pernas na barra e comecei a praticar. Depois de algumas tentativas frustradas, fiz uma descoberta: antes de começar o movimento, minhas mãos já se preparavam para me proteger. A

falta de autoconfiança não dava oportunidade ao corpo. Então, experimentei fazer o movimento com as mãos atrás da cabeça. Como meu corpo caísse para o lado, girei para fora a perna que ficava à frente e corrigi o equilíbrio. Em seguida, concentrei a atenção em saltar sem usar as mãos. Isso foi muito mais difícil de superar. Em todas as tentativas, só sentia dor nos tendões, sem conseguir descobrir quais músculos da perna utilizar para me levantar novamente. Simplesmente, precisava usar as mãos.

Muitas tentativas depois, o progresso ainda era nenhum. Mas eu continuava repetindo: "Dei minha palavra ao professor Gao! Dei minha palavra!" A dor e a frustração aumentaram. Sentia raiva de mim. Por várias vezes, quase desisti. Em desespero, dei socos em minhas coxas: "Suas estúpidas! Por que não são mais inteligentes? Por que não sabem o que fazer?" Como bater nas coxas não foi suficiente para aplacar minha raiva, dei socos na barra, que tremeu e vibrou em protesto. "É, você pode me ajudar", disse à barra. Agarrei-a com as duas mãos e fiz os split jumps embaixo dela.

De início, usei as mãos para saltar, mas, aos poucos, fui confiando menos na força dos braços e, um a um, descobri quais músculos das pernas eram necessários. Finalmente, soltei a barra e executei o movimento.

Eu estava exultante. Corri ao centro do estúdio e fiz sp/itjumps, um atrás do outro. Parecia louco. Até a dor nos tendões era suportável. Mal podia acreditar que tinha conseguido.

Com as roupas molhadas de suor, desci as escadas correndo e, silenciosamente, entrei no dormitório sem que ninguém notasse.

No exame daquela tarde, completei com sucesso os split jumps. Ao notar a expressão de incredulidade de Gao Dakun, não pude evitar um sorriso de triunfo.

Durante os meses seguintes, cada progresso, cada realização, por menores que fossem, significavam vitórias em batalhas de uma guerra maior. Eu me esforcei ao máximo em todas as aulas, e não

somente nas do professor Gao. Ele passou a me tratar com respeito e nunca mais me chamou de "cabeção de vento".

A partir de então, minha autoconfiança só aumentou. Os conceitos das matérias melhoraram muito. Do professor Xiao, recebi "bom"; e de Gao, "acima da média". Mas eu sabia que tinha um longo caminho a percorrer. Queria estar entre os melhores da turma. Não sabia de quanto tempo precisaria para isso, mas conseguiria, com certeza. A imagem do arqueiro da fábula do professor Xiao estava gravada em minha mente, a me conferir determinação.

Naquele ano, Pequim teve um de seus piores outonos desde nossa chegada, em 1972. Para substituir o combustível, em falta havia anos, praticamente todas as árvores da cidade tinham sido cortadas e transformadas em lenha. O vento forte varria o solo nu, cobrindo tudo com o que chamávamos de "poeira de Pequim". Quando a ventania começava, evitávamos ao máximo sair à rua. Se fosse indispensável, precisávamos usar máscaras brancas como proteção. Alguns usavam também óculos de sol, mas nunca pude ter tal luxo. Ao voltarmos da visita à família de Xiongjun, aos domingos, sempre trazíamos as máscaras imundas de poeira e poluição. Mas não havia outra alternativa: se não usássemos, chegaríamos ao fim do dia com uma tosse terrível que nos faria expelir um muco escuro.

No ano seguinte, quando voltei para casa para as férias de ano-novo aproveitei para visitar Cunsang, o quarto irmão, no navio de guerra então fundeado em Qingdao. Era fevereiro de 1975. Fazia um ano que ele estava na marinha e era estimado por superiores e colegas. O comandante man dou que o cozinheiro me preparasse uma refeição deliciosa. Para fazer jus à refeição, porém, eu deveria me apresentar para a tripulação no grand(convés de metal. Tudo o que fiz foi recebido com aplausos, mas eu dirá que meus pliés e arabesques os deixavam entediados; as cambalhotas os movimentos de artes marciais eram muito mais interessantes. O que mais os

impressionou, porém, foi saber que eu tinha visto o chefe Mao e conhecido madame Mao em pessoa.

Depois do almoço, sentei-me com Cunsang na beirada do convés, com as pernas para o lado de fora. Era um belo dia de inverno, e o sol nos aquecia a cabeça. Perguntei se ele gostava da vida de marinheiro.

— Não. Detesto — ele respondeu simplesmente. Disse que sentia falta de casa e da namorada, Zhen Hua, e não suportava mais ficar longe dela. O período de serviço era de quatro anos; ainda faltavam dois, portanto, para terminar. Seus mentores políticos queriam que ele se inscrevesse no Partido Comunista. Segundo eles, Cunsang seria então promovido, mas precisaria, para isso, permanecer na marinha por um período superior a quatro anos.

Cunsang disse que não serviria por mais de quatro anos. Queria casar-se com Zhen Hua assim que desse baixa. Então, para minha surpresa, inclinou-se para a frente e, em um movimento cheio de graça, mergulhou no mar. O convés ficava muito, muito acima da superfície da água. Ele me convidou a fazer-lhe companhia, mas só de olhar eu ficava petrificado. Um dos marinheiros, um colega de Cunsang, providenciou para que eu vestisse um calção e uma camiseta de algodão branco e, em seguida, me fez descer até a água com o auxílio de uma corda. Em poucos minutos, eu tiritava de frio e tinha os lábios arroxeados. Cunsang pediu aos colegas que me içassem de volta, mas ainda nadou por meia hora. Fiquei sentado no convés, enrolado em toalhas, tremendo sem parar. Aquela foi a única vez em que ele me falou de sua infelicidade.

O professor Xiao passou alguns dias do período de ano-novo em Qingdao e aproveitou para fazer uma visita surpresa à minha família, movido pelo desejo de conhecer melhor seus alunos. Eu completara três anos de estudo, tendo Xiao como professor havia um ano e meio.

Ele chegou em nossa casa exatamente quando íamos começar a almoçar. Os pratos especiais de ano-novo tinham sido consumidos e não havia tempo nem dinheiro para comprar outros ingredientes. O dia estava em casa para o almoço e tanto ele quanto a niang ficaram envergonhados de servir sobras ao professor.

— O senhor se importa de esperar uma meia hora, enquanto lhe preparo uma refeição melhor? — perguntou a niang.

— Por favor, tia, não vim aqui para isso e nem estou com muita fome.

O professor Xiao pulou sobre o kang e sentou-se com as pernas cruzadas em posição de lótus, entre Cunfar e mim.

— Vim justamente sem avisar, para que não me preparassem uma refeição especial. Quero comer o que vocês comem normalmente. Assim, posso saber com certeza como vivem.

Isso significava inhames secos, alguns pedaços de pão de milho, nabo em salmoura e sopa de sorgo. O professor começou a refeição pelo pão.

— Muito gostoso! — disse gentilmente. A niang, porém, levou o elogio a sério e imediatamente pôs um monte de pedaços de pão diante dele.

— Não, não! Eu não como muito! Além disso, quero provar de tudo. O que é isto? — perguntou com entusiasmo.

"Oh, não!", pensei. "Isso não!"

— Inhame seco — respondeu a niang. Ele engasgou no primeiro pedaço e precisou tomar uma boa porção de sopa de sorgo para engolir o inhame. Mas a sopa de sorgo também não tinha um gosto muito bom. Eu achei a situação engraçada, mas não ousaria rir.

Depois do almoço, levei o professor Xiao para uma volta pela vila. Ele ficou impressionado com a pobreza em que vivíamos.

— Cunxin, você pensa muito na família quando está em Pequim?

— Penso, sim, principalmente quando estou comendo carne, peixe, arroz ou frutas. Gostaria de poder ajudá-los.

— Você pode — disse o professor.

— Como?

— Trabalhando arduamente e tornando-se o melhor bailarino que puder! Faz um ano e meio que o observo. Não tenho dúvida de que possui a força interior necessária a um bailarino especial. A força de caráter dos seus pais está em você. É a qualidade mais valiosa que alguém pode possuir. Se estiver em dúvida sobre a sua capacidade, pense nos seus pais e no que eles têm passado. O desejo de ajudá-los é seu incentivo para trabalhar com afinco. Cunxin, quero muito fazê-lo ver o balé através dos meus olhos, perceber as sutilezas de cada passo, a elegância de cada movimento. O balé é uma das formas de arte mais refinadas do mundo!

— Mas não consigo dar grandes saltos ou giros! Na verdade, não tenho nada que me faça um grande bailarino — respondi.

— Cunxin, nada é impossível para um ser humano determinado. As imperfeições físicas são superadas mais facilmente que as deficiências mentais. Lembra-se da fábula do arqueiro? Nada é impossível quando se põe coração e alma! Vamos deixar a sua família orgulhosa! Torne-se um bom bailarino, o melhor que puder! A partir do próximo ano, só espero de você o melhor.

Sem dúvida, a fábula do arqueiro, contada pelo professor Xiao, me impressionara. Daquele dia em diante, porém, passou a ser uma verdadeira força inspiradora. Sempre que encontrava dificuldades ou obstáculos, como os split jumps, eu recorria à fábula para buscar inspiração: trabalho árduo, determinação e perseverança. As palavras do professor Xiao me deixaram marcas profundas. Naquele dia, tive certeza de ser importante para ele.

14

跳舞

MOMENTOS DECISIVOS

Em fevereiro de 1975, voltei à Academia de Dança de Pequim para o quarto ano de estudo. Certa manhã, o professor Xiao me chamou à sua sala. — Cunxin, você foi um ótimo aluno no ano passado. Estou muito satisfeito com seu trabalho e seus progressos. Espero que mantenha esse desempenho. Não deixe que influências externas o tirem do caminho.

Fiquei imaginando por que o professor me dizia aquilo. Ele pareceu hesitar, mas continuou: — Talvez eu não seja seu professor por muito tempo, Cunxin. Existe quem não me considere suficientemente bom. Algumas dessas pessoas têm o poder de pedir minha substituição. Não há muito o que eu possa fazer.

Ele fez outra pausa e percebi que tentava conter as lágrimas. — Quero que saiba que, embora eu não esteja aqui, deve continuar a trabalhar com o mesmo empenho. Você tem um futuro brilhante à sua espera, com certeza.

Meu coração se apertou. Não suportaria perder o professor Xiao. Ele era meu mentor, meu único mentor, o único professor em quem sentia poder confiar — quase como um pai.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? Ele negou com um gesto. — Tentei convencê-los, mas tudo depende dos oficiais da academia. Agora, vá para a aula, senão vai se atrasar.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Estava contando com o professor Xiao para aquele ano. Com ele, eu aprendera a amar a dança. Ele era o único capaz de me levar ao sucesso.

— Cunxin — ele disse quando eu já abria a porta para sair —, gostaria que, neste ano, se concentrasse nos saltos, quer eu seja ou não seu professor. Não estou falando de saltos comuns. Quero dizer saltos brilhantes, colossais. Os giros podem esperar até o ano que vem.

Concordei e, com um aperto no estômago, corri para a sala de aula. Mas a voz do professor Xiao continuou a ecoar na minha cabeça. Não sabia o que seria de mim, caso perdesse o professor Xiao. "Não posso perdê-lo", repeti para mim mesmo inúmeras vezes.

Depois do almoço, fui procurar Zhang Shu, o chefe do departamento de balé. Ele gostava de mim e me ouviria com certeza.

— Professor Zhang, o professor Xiao é ótimo, o melhor que eu já tive — disse.

— De que está falando, Cunxin? — ele perguntou, franzindo a testa. Não querendo comentar as revelações do professor Xiao acerca de uma possível demissão, inventei rapidamente uma história: — Ouvi dizer que podemos perder o professor Xiao.

— Não se preocupe. Ainda não foi tomada nenhuma decisão. Todo professor gosta de ensinar a um aluno talentoso. Não pense nisso. Concentre-se nos estudos — ele disse com um sorriso gentil.

— Mas o professor Xiao é tudo para mim! Sem ele, vou acabar voltando para a comuna. Ele me fez gostar de balé! Ele me mostrou a beleza da dança. Sem ele, estou perdido!

— O que pensam disso os seus colegas? Eles estão de acordo?

— Sim, cem por cento! — respondi sem hesitação.

— Muito bem. Vou levar seus sentimentos em consideração.

Deixei a sala de Zhang Shu sem saber se minhas palavras teriam algum efeito, mas havia decidido fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para manter o professor Xiao. As semanas e os meses se passaram e Xiao continuou a nos dar aulas, o que me deixou satisfeito.

Com o estímulo do professor Xiao, trabalhei os saltos diariamente. Eu me esforçava ao máximo durante as aulas, mas sabia que os progressos eram lentos. Alguns professores diziam que, com meus pés chatos, jamais conseguiria dar grandes saltos. Mas o professor Xiao nunca perdeu a fé, e eu nunca perdi a determinação.

Durante aquele ano, o professor Xiao continuou a trabalhar conosco as piruetas e, finalmente, superei minhas dificuldades. Eu me sentia bem: era capaz de fazer três piruetas consecutivas harmoniosamente. Certo dia, depois da aula, o professor Xiao disse:

— Cunxin, de agora em diante, quero vê-lo fazer cinco piruetas. Nada de três, apenas!

Pensei que estivesse ouvindo mal.

— O senhor quer dizer quatro piruetas?

— Não. Quero dizer cinco — ele respondeu com ar desafiante. — Não pense; faça. Um dia, ainda vou vê-lo fazer dez piruetas.

Meu queixo caiu. Eu não sabia se ria ou se chorava. "Deve ser brincadeira", pensei. Mal havia acabado de conseguir fazer três piruetas sem medo de cair, e ele vinha falar em dez! Loucura completa!

— Cunxin — ele disse, como se lesse meus pensamentos —, para ser o melhor, é preciso primeiro ter a ousadia de tentar! Nada é impossível para quem não tem medo. Não quero que seja o melhor da turma; quero que seja o melhor do mundo.

Vários dias depois, as palavras do professor Xiao ainda soavam em meus ouvidos. Ele falava de um padrão de dança muito, muito acima do meu, um verdadeiro sonho. Não, dez piruetas, nem pensar! Como poderia um camponês de 14 anos vir a ser o melhor

do mundo? Mas o desafio do professor Xiao foi como uma semente plantada. Daquele dia em diante, eu teria um objetivo e uma visão. Queria ser o melhor bailarino possível.

Naquele ano, a academia foi escolhida para participar de uma importante apresentação pública, a primeira diante de madame Mao. Dançaríamos um trecho do mais famoso balé chinês, O Destacamento Vermelho de Soq, Mulheres, que eu considerava absolutamente brilhante. Nele mostrava-se a bravura do exército do chefe Mao, e os bailarinos davam saltos e giros portando armas, bandeiras e granadas. Lindo! Toda a academia entrou em êxtase por conta da futura apresentação. A disputa por um papel era acirrada. O papel do herói Chang Qing, um capitão do Exército Vermelho, foi entregue a Bandido. Eu estava entre os cinco escolhidos para fazer o camponês, o "menino gorducho". O nome nada tinha a ver com a aparência e, ao final do processo de seleção, restamos eu e um garoto um pouco mais velho. Fui o segundo, mas ainda assim, feliz.

Chen Lueng, meu primeiro professor de balé, ficou responsável pelos ensaios. Certa vez, quando ensaiávamos, resolveu fazer uma troca de posições: passei a ser o primeiro, e o garoto mais velho, o segundo. Foi uma surpresa para nós dois. Bandido ficou muito satisfeito por mim, mas pude perceber o desapontamento nos olhos do outro garoto. Aquilo me fez mal. Eu havia tomado dele algo precioso. Procurei Chen Lueng depois do ensaio e disse que ficaria feliz com o segundo papel.

— Cunxin — ele disse —, a vida nem sempre é justa. Como artista, você tem de ser honesto com a sua forma de arte. Você é melhor do que ele e merece ser visto. Se eu não fizer o que acho melhor para nossa forma de arte, estarei falhando como professor. Se não quer ser o melhor, pare de dançar agora.

No fundo, eu sabia que Chen Lueng tinha razão. Suas palavras mexeram comigo. Sabia também que o balé é uma forma de arte

baseada na honestidade. O público reconhece um bom bailarino a quilômetros de distância.

Procurei o outro garoto e disse a ele quanto sentia por ter tomado seu lugar.

Aquela foi a primeira virada na minha carreira. Fiz o máximo para fazer jus ao papel. Os professores me notavam cada vez mais. A posição conquistada não somente representou a rara oportunidade de uma apresentação diante de madame Mao: foi um fator de autoconfiança.

O papel do menino gorducho não apresentava maiores dificuldades técnicas. O mais complicado eram alguns olhares fatais para "abrilhantar a presença". A cena que apresentaríamos a madame Mao tinha o título de Chang Qing Zhi Lu ou "Chang Qing indicando o caminho". Na entrada, eu e Bandido pisávamos o palco com os passos fortes da Ópera de Pequim. Então, eu saltava dramaticamente diante dele, com uma arma nas mãos, e lançávamos olhares fatais para a plateia. Não podia haver nenhum movimento extra, sequer um piscar de olhos. Em seguida, eu tinha de fazer um gesto meio embaraçoso: coçar a cabeça, já que a arma deixara de estar oculta. Isso sempre provocava risinhos na plateia, e fiquei sabendo que até madame Mao achara graça no gesto. Então, ensaiei inúmeras vezes, de modo que saísse o mais convincente possível.

Naquele ano, comecei a me sair melhor também em outras matérias, especialmente em chinês. Passei a gostar das aulas e do professor, Shu Wen, um verdadeiro intelectual. Ele nos ensinava com paixão.

Certa vez, estudávamos em sua aula uma fábula cujo texto ocupava cerca de meia página. Shu Wen levou uma semana inteira para nos fazer entender o significado e a complexidade da história. Tratava-se de um fazendeiro que deixara passar a época do plantio, esperando que um coelho cego batesse a cabeça em uma árvore e morresse. Isso tinha acontecido uma vez, e o fazendeiro pensava

que, se a situação se repetisse diariamente, nunca mais lhe faltaria alimento.

— Descobri como ter comida sem qualquer esforço! — ele garantiu à esposa. — Vou trazer um coelho por dia para casa, e teremos carne sempre! Nenhum coelho cego apareceu, porém. Quando ele se convenceu de sua tolice, era tarde demais: a época do plantio se esgotara, e também as economias da família.

Assim como acontecera com outras histórias, a essência dessa fábula me marcou. Nada vem facilmente. Não há como cortar caminho. As coisas só acontecem quando se trabalha por elas. O tempo deve ser valorizado.

Naquele ano, depois dos exames de meio de período, acomodamo-nos em círculo no chão, e o professor Xiao leu os relatórios dando conta dos progressos de cada aluno. Em seguida, tivemos de fazer uma avaliação do desempenho do professor Xiao. Alguns alunos criticaram os gritos do professor, que, humildemente, pediu desculpas. Mas, quando o brigão Li Ming o acusou de favorecer a Fu Xijun e a mim, ele desabafou: — Eu me orgulho de minha integridade e da justiça com que trato os alunos. Qualquer progresso merece elogio e estímulo. Xijun e Cunxin fizeram grandes progressos. Aprenda com eles! O rosto de Li Ming corou e sua expressão era de desalento. Eu não sabia se ele estava sem graça, com raiva ou envergonhado. Talvez fosse tudo isso ao mesmo tempo. Eu fiquei embaraçado com o elogio do professor Xiao diante da turma, mas não posso negar que gostei de ser reconhecido e que suas palavras representaram um grande incentivo.

Na segunda metade daquele ano, começamos as aulas de pas-de-deux. Eu gostava das aulas — eram a única oportunidade de tocar as garotas. No início, garotas e garotos ficavam em lados opostos no estúdio. Em seguida, o professor organizava os pares, de acordo com altura e porte físico. Eu torcia para fazer par com as garotas de que

gostava, claro, já que era o mais perto que chegávamos delas. Assim que a música terminava, voltávamos a ficar separados.

Outra novidade na segunda metade do ano foram os filmes a que assistimos. Eram filmes russos antes proibidos. O objetivo da exibição dos filmes não era ensinar aspectos técnicos ou artísticos, mas levar-nos a criticar o enredo. Giselle, por exemplo, contava claramente a história de uma sociedade capitalista falida. Criticamos incansavelmente a camponesa Giselle, cuja única ambição na vida eram as joias e o estilo de vida dos ricos. Analisamos a adoção de vis objetivos materiais. Rimos da ingenuidade de seu amor pelo enganoso príncipe Albrecht. Que tola e repulsiva fora ela... Dar as costas ao camponês que a amava sinceramente! — Vê-se que esse balé foi concebido por um capitalista — comentou nosso chefe político. — Ele glorificou os ricos e retratou as camponesas como verdadeiras prostitutas. Que contraste com nossos balés-modelo! Para nós, heróis são os representantes de nossas três classes! Éramos todos fiéis filhos de Mao e concordávamos sinceramente com o chefe político, mas eu não podia deixar de admirar em segredo a dança brilhante de Albrecht. O bailarino Vladimir Vasiliev, do Bolshoi, e as imagens de sua atuação me deixaram sem fôlego.

Durante a Revolução Cultural, quase todas as novas criações em arte eram projetos conjuntos. Muitos trabalhos precisavam ter um líder do Partido Comunista como um dos principais criadores ou jamais sairiam do papel. Os balés chineses, em geral, tinham mais de um profissional atuando na área de coreografia, cenário, iluminação e criação. Com isso, o resultado sempre parecia a soma de várias partes que não se encaixavam. O individualismo era firmemente desencorajado. O Destacamento Vermelho de Mulheres, que apresentáramos para madame Mao, foi um desses casos: levou oito anos para ficar pronto. Depois de conhecer o belo Giselle, porém, comecei a duvidar do brilhantismo do nosso espetáculo.

Foi na época atribulada de preparação para os exames de fim de ano, em janeiro de 1976, que morreu o primeiro-ministro Zhou Enlai. Várias seções de recordação e reflexão foram organizadas na academia, para comemorar suas grandes contribuições à China. Fiquei surpreso ao ver muitos professores chorando.

Pouco depois da morte de Zhou, Deng Xiaoping foi preso. Mao indicou Hua Guofeng para assumir o cargo de primeiro-ministro, mas logo ficou patente sua fraqueza como líder. Ele era um seguidor, um fantoche de Mao e da Gangue dos Quatro. Esta logo organizou uma campanha de ((condenação a Deng Xiaoping", afirmando ser ele um antigo direitista cuja motivação era corromper — e talvez derrubar — o sistema comunista. Alguns de seus discursos foram publicados e tomei conhecimento de uma de suas frases mais famosas: Bu guan shi bai mao hai shi hei mao, zhuo dao lao shu jiu shi hao mao (Não importa se o gato é branco ou preto; se caçar ratos, é um bom gato). Mas nem todos aderiram completamente à campanha de "condenação a Deng Xiaoping". Na verdade, a campanha quase fracassou. Começaram a circular rumores acerca de possíveis amantes de madame Mao. Ela frequentemente tinha a companhia de um belo ex-bailarino, de um ex-cantor de ópera, de um ator de cinema ou de um campeão de pingue-pongue. As pessoas começaram a reparar. Dava para sentir uma onda de ressentimento se formando contra a Gangue dos Quatro.

Mais ou menos nessa época, começamos a treinar outro modelo de balé e fui escolhido para o papel principal. A dança recebeu o nome de As Crianças das Campinas, uma história à Lei Feng, que tratava da nova geração sob o comando de Mao e de sua devoção à causa. O Balé Central da China enviou alguns bailarinos de maravilhosa habilidade técnica para nos ensinar os passos. Entre eles, estava "a bolinha pula-pula", um bailarino famoso pelos giros e saltos que dava. Seu exemplo era tão poderoso que fiz o voto de, um dia, atingir o mesmo padrão.

Ensaiamos um ato do balé durante vários meses e fizemos uma apresentação no teatro da academia. Recebi algumas críticas positivas — um de meus maiores fãs era um dos cozinheiros! Até então, eu não fazia ideia dos diferentes aspectos de uma apresentação nem tinha medo de subir ao palco. Mas isso mudou de repente quando, uma semana mais tarde, fomos enviados a Tangjing, cidade industrial próxima a Pequim, para uma apresentação pública. Na noite de estreia, meu cérebro ficou absolutamente vazio. Não conseguia pensar, não sabia o que fazia no palco, nem me lembro do que aconteceu depois. Tinha consciência, apenas, de ter esquecido os passos. Pelo olhar do partner, percebi que eu estava estático. Foi meu primeiro episódio de terror de palco, aos 14 anos. Inesquecível! Depois da apresentação, Zhang Shu, o chefe do departamento de balé, lançou um importante projeto que iniciamos em 1976. Deveríamos criar um espetáculo do início ao fim — o primeiro projeto desse tipo da academia. Estávamos todos entusiasmados com as apresentações. O balé contava a história de um casal de irmãos adolescentes cujos pais são presos pelo exército Guomindang e enforcados em uma árvore simbólica — Hai Luo Sha. Esse foi o nome dado ao balé. Depois da morte dos pais, os bravos jovens são separados e ingressam em facções diferentes do Exército Vermelho. No fim da história, eles voltam reunidos no exército de Mao e matam os assassinos dos pais.

Fiquei absolutamente surpreso ao ser escolhido para o papel principal. De repente, era alvo da inveja de toda a academia. A pressão foi imensa, mas nem em meus sonhos mais ousados previ a oportunidade de dançar em uma nova criação.

A coreografia nos tomou seis meses de ensaios diários. Os novos passos eram repetidos, e os movimentos eram trabalhados incansavelmente até realizarmos o que os coreógrafos tinham em mente. Eu trocava três ou quatro malhas ensopadas de suor a cada dia. Minhas pernas começaram a ter cãibras. Um dos coreógrafos

chegou a me conseguir algumas xícaras de água morna com açúcar, para recuperar as energias. Açúcar era uma raridade na China — uma verdadeira iguaria.

O papel era tecnicamente dificílimo. Eu me empenhava ao máximo, mas os vários atos do balé foram coreografados por diferentes profissionais, o que me obrigava a ouvir instruções de três pessoas ao mesmo tempo! Tudo muito confuso! Mudanças foram feitas até o último minuto, e, na noite de estreia, diante de milhares de olhos, os nervos me pregaram uma peça: deixaram meus músculos entorpecidos. Comecei a tremer. As pernas ficaram fracas. Já me sentia exausto mesmo antes de a cortina se abrir. Na entrada grandiosa, eu deveria executar uma explosiva série de saltos gigantescos, mas minhas pernas pareciam fiapos de macarrão suspensos no ar. No segundo ato me saí melhor, mas, como os movimentos mais difíceis do meu personagem eram na primeira parte, o intérprete do chefe Mao acabou recebendo os aplausos mais calorosos.

Minha desilusão foi imensa. Eu tinha desapontado toda a academia, além de decepcionar o chefe Mao e a madame Mao. Pedi desculpas aos três coreógrafos. No dia seguinte, procurei Zhang Shu e perguntei como poderia dominar os nervos.

— Experiência. Somente a experiência vai ajudar — ele disse. No fim daquele ano, aconteceu a primeira e única vez em que fomos visitar o exército baseado nos arredores de Pequim. Havia várias divisões de elite. Fomos separados em grupos de dez, e cada um deles entregue à responsabilidade de um soldado, que atuaria como mentor, acompanhando e instruindo os alunos. Devíamos seguir a mesma rotina rígida dos soldados. Acordávamos às 5 horas e tínhamos cinco minutos para lavar o rosto, trocar de roupa e estar em fila no local de revista da tropa. Estávamos acostumados à rotina também rígida da Academia de Dança de Pequim, mas acordar às 5 horas era difícil. Antes do desjejum, fazíamos exercícios físicos.

Praticávamos dança sobre qualquer superfície plana que conseguíssemos encontrar e, pelo resto do dia, acompanhávamos as atividades de treinamento dos soldados. Aprendemos a marchar, girar, parar e correr ao estilo militar e até a cair e rastejar sob o fogo inimigo e tanques imaginários. Em poucos dias, alguns estudantes tinham arranhões pelo corpo todo. Aprendemos ainda a empunhar armas, o que, segundo nos disseram, seria importante para nossos balés, políticos. Alguns dias foram dedicados ao treinamento de tiro ao alvo, que exigia muita concentração. Quando, porém, sentia os olhos cansados, eu me lembrava do arqueiro da história contada pelo professor Xiao e praticava mais ainda.

Uma atividade em que não consegui me sair bem, por mais que tentasse, foi o lançamento de granadas. Apesar de o treinamento não utilizar artefatos verdadeiros, depois de alguns dias adquiri uma dor incômoda na articulação do ombro. Em data preestabelecida, faríamos o lançamento de uma granada falsa, apenas para avaliar a precisão, e depois atiraríamos uma verdadeira. Eu me enchi de coragem, imaginei um grupo de inimigos diante de mim, em uma situação de vida ou morte, e lancei a granada com toda a força.

A granada caiu bem longe do alvo, embaraçosamente longe. Não chegou nem a vinte metros. Mas não fui o único; muitos dos colegas também não alcançaram a distância esperada. Por via das dúvidas, os oficiais da academia prudentemente cancelaram o lançamento das granadas verdadeiras.

Com exceção do tiro ao alvo, não apreciei minha experiência militar. Passei o tempo todo desejando estar de volta à rotina da academia. Queria retomar os saltos e as piruetas.

Nesse mesmo ano, fui eleito um dos três membros do comitê do Partido da Juventude Comunista e vice-capitão da minha turma. Certo dia, um oficial do Partido Comunista me chamou à sala dele na academia e disse: — Cunxin, você teve uma boa atuação no Partido da Juventude Comunista. Deu um ótimo exemplo a todos os

estudantes. Embora seja ainda muito jovem para ingressar no partido, gostaria que começasse a pensar no assunto. Os membros do Partido Comunista são o que há de mais puro e sólido em matéria de fidelidade ao comunismo. Vejo em você a força mental para isso. O partido gostaria de cuidar da sua formação, tornando-o um verdadeiro membro do Partido Comunista, um líder que levante a bandeira do país a cada dia, a cada hora, a cada minuto. As responsabilidades são enormes, mas os membros do Partido Comunista são uma espécie gloriosa de ser humano.

Concordei respeitosamente, mas saí da sala confuso. Ingressar no Partido Comunista era o sonho de todo jovem. Quanto aos membros do partido serem uma espécie gloriosa de gente, porém, tinha certas dúvidas. Havia realmente indivíduos especiais, como o professor Xiao e Zhang Shu. Mas havia outros em cuja companhia eu não gostaria de estar, como alguns chefes políticos. Além disso, o interesse pelo balé me deixava pouco tempo para participar de longas reuniões. Ultimamente, eu vinha apressando o desenvolvimento das reuniões do Partido da Juventude Comunista que presidia, o que me rendeu a crítica de estar negligenciando minhas responsabilidades. Quando comentei com o professor Xiao e com Zhang Shu a respeito do conflito entre as longas reuniões e a prática da dança, ambos me aconselharam a não abrir mão de minha posição política. Segundo disseram, seria importante para meu futuro artístico. Mais tarde, muito mais tarde, compreendi que estavam certos.

Pouco depois da morte de Zhou Enlai, um forte terremoto sacudiu Tangshan, cidade a cerca de 180 quilômetros de Pequim, conhecida pela exploração de minas de carvão. Os números oficiais deram conta de mais de duzentos mortos e mais de cento e cinquenta feridos. Alguns consideraram o abalo um mau presságio, um sinal da aproximação de tempos difíceis e agitação. Era o auge de um verão intenso, a época de preparação para os exames de meio

de período. Havia milhares de desabrigados, e os hospitais de diversas cidades estavam lotados. Em Pequim, alguns prédios antigos também desabaram. Como o prédio da academia era antigo, tivemos de desocupá-lo e viver temporariamente em tendas no parque Taoranting.

Foram dois dias de tremores. Uma chuva torrencial não dava trégua. O estoque de plástico para cobertura esgotou-se nas lojas de Pequim. Abandonamos o prédio da academia com tanta pressa que alguns colegas saíram apenas com a roupa do corpo. A noite era úmida e gelada, e havia racionamento de comida: apenas biscoitos e pão duro durante dois dias.

Cunyuan, meu segundo irmão, apresentou-se como voluntário no hospital de Qingdao, para cuidar das vítimas do terremoto, que chegavam de trem. Segundo contou, elas chegavam tão traumatizadas que qualquer ruído mais forte as assustava. Certa vez, no meio da noite, alguém deixou cair ao chão uma bolsa de água quente, que estourou. As pessoas entraram em pânico e começaram a correr de um lado para outro, em busca de abrigo, o que abalou o prédio. Tentando controlar a situação, uma enfermeira fez soar um apito. Pior ainda. O pânico se transformou em puro terror. Desesperadas, algumas pessoas se atiraram pela janela, tentando escapar, e encontraram a morte.

E então, mais tarde, naquele ano, o impensável... Nosso amado chefe Mao morreu. A China parou. A nação inteira ficou de luto. Era começo de setembro, lembro-me de estarmos reunidos na quadra de esportes diante de um alto-falante e de ouvirmos do sucessor de Mao, Hua Guofeng, a comunicação do falecimento. O choro foi geral. Lembrei-me da morte de Na-na. Dessa vez, porém, o pranto era como uma experiência religiosa mesclada a um certo medo. Eu venerava o chefe Mao. Seu nome foi a primeira palavra que aprendi na escola. As frases do famoso Livro Vermelho estavam gravadas em meu cérebro. Eu teria morrido por ele. E então, ele se foi.

No dia seguinte, Bandido e eu procuramos um canto sossegado para comentar a terrível notícia. O futuro da China parecia incerto. A morte de Mao só poderia significar uma enorme insegurança. Como um jovem Guarda Vermelho, eu estava tomado pela tristeza. Sentia-me perdido. Não que a China, antes, fosse cheia de vivacidade; mas, naquele momento, era pura desolação.

— Logo a China estará mergulhada no caos total — disse Bandido desanimado. — Vai haver guerra civil. Talvez haja hostilidades. Devemos estar preparados.

— Para onde você iria, se quisesse tornar-se guerrilheiro? — perguntei ao acaso.

— Voltaria para as montanhas da província de Shandong, é claro!

— Não sei se gostaria de deixar o balé e viver nas montanhas pelo resto da vida — respondi.

— Onde está a sua coragem? Então o chefe Mao não passou anos combatendo em guerrilhas?

— Sim, mas não é preciso ser guerrilheiro para servir à causa comunista. Nossa melhor arma é o balé — argumentei.

Bandido não se convenceu: — Somente as armas garantem o resultado final.

Nossa discussão filosófica sobre guerras, comunismo e política continuou por algum tempo, até que ele perguntou:

— Muito bem. Quem você acha que vai ser nosso próximo líder?

— Não sei. O que você acha? — devolvi a pergunta.

— Hua Guofeng, a escolha do próprio chefe Mao. Quem mais? — ele respondeu.

Eu ri. — Acho que o próximo líder da China vai ser alguém com mais apoio militar!

— E Hua Guofeng não tem apoio militar? Não acha que o chefe Mao teria providenciado isso antes de morrer?

— Não sei. Hua Guofeng veio do nada. Não tem história militar. Conversamos sobre os líderes do governo central que teriam uma

história militar. Encontramos três. De repente, perguntei: — E quanto a Deng Xiaoping?

— Sshhh! — Bandido olhou em volta, para se certificar de não haver alguém por perto que pudesse ter ouvido. — Está maluco? Ele caiu em desgraça! Sua reputação está manchada para sempre! Além disso, se o chefe Mao não gostava dele, nós também não devemos gostar.

Ficamos mergulhados em nossos pensamentos. Eu sabia que as ideias dele faziam algum sentido, mas não concordava inteiramente.

— Deng Xiaoping administrou muito bem a economia e tem uma história militar — eu disse.

— Como sabe que ele administrou bem a economia? — O padrão de vida melhorou na minha cidade. Era verdade. O padrão de vida de minha família tinha melhorado gradualmente sob a liderança de Deng. Além disso, algumas decisões sobre o plantio foram devolvidas aos camponeses.

— Você acha que madame Mao pode ser nossa próxima líder? — Bandido perguntou.

Fiz que não com a cabeça. — Não ouviu falar dos amantes dela? — Você acredita nisso? — Não, mas, se existem rumores a esse respeito na própria academia dela, o que não estarão as pessoas dizendo em toda a China? Um mês depois da morte de Mao, em 6 de outubro de 1976, a academia sofreu outro choque. A notícia chegou casualmente. Madame Mao fora presa junto com os outros membros da Gangue dos Quatro. Eu me senti uma criança abandonada.

A Gangue dos Quatro foi afastada rápida e facilmente. Nem os militares, nem os policiais os apoiaram. Na academia, a rotina continuou, exceto pelos chefes políticos, que foram afastados, o que significava menos estudos de política e mais tempo para a prática da dança.

Hua Guofeng não tentou mudar a orientação que Mao tinha dado ao país. Nos primeiros seis meses de seu governo, tudo

continuou como antes. Mas todos sentiam que a mudança era inevitável. Os militares adotaram uma postura discreta, mas poucos sabiam o que se passava realmente.

Enquanto isso, minha dança atraiu a atenção do vice-diretor Zhang Ce. E, de repente, eu não era apenas o "queridinho do professor Xiao e de Zhang Shu", mas o favorito de Zhang Ce. O exame de fim de ano foi tão tranquilo que eu o teria repetido várias vezes, mesmo com as incertezas em relação ao futuro da China. Enfim, estava confiante.

15

跳舞

A MANGA

Faltava pouco para eu completar 16 anos. Foi nessa época que o médico da academia disse que seria preciso retirar minhas amídalas. Segundo ele, seria a melhor solução, pelas repetidas infecções ao longo dos anos. Fui colocado em uma lista de espera de três meses. No dia indicado, fui para o hospital. Deveria ficar sem comer nem beber até a hora da cirurgia, marcada para as 9 horas. O médico, porém, só chegou ao meio-dia. Uma enfermeira espetou algumas agulhas de acupuntura em meu corpo — a anestesia chinesa. Eu não fazia a menor ideia do que ia acontecer.

Durante uma hora, o tempo que durou a cirurgia, a dor e a sensação de estar sendo cortado não desapareceram. Eu sentia o sangue me descer pela garganta. Era como se o médico usasse uma faca cega. Lembrei-me dos pobres porcos de minha cidade natal, que eu via serem abatidos quando eu estava a caminho da escola, ou voltando para casa.

Quando deixei a sala de cirurgia, estava exausto. Não conseguia falar e parecia ter uma bola grande e quente entalada na garganta.

A enfermeira me levou de volta ao quarto, onde Bandido, Fu Xijun e Xiongjun esperavam por mim. O três haviam saído

furtivamente da academia para me visitar, levando dois recipientes térmicos cheios de picolés. Eu adorava sorvete, mas não conseguia engolir. Minha garganta latejava sem parar. Ainda assim, Bandido insistiu que eu chupasse um ou dois, para diminuir o inchaço. Ele havia passado pela mesma cirurgia no ano anterior e disse que eu devia agradecer pelo fato de o médico ser habilidoso e a tecnologia médica ter melhorado desde então.

Que avanços tecnológicos eram aqueles? Agulhas que não adiantavam nada? Bisturi cego? Eu não conseguia imaginar como poderia ser pior. Ainda assim, fiquei calado — falar seria doloroso demais.

Naquela noite, não pude dormir. A dor era terrível e não havia analgésicos. Como gostaria que a niang estivesse lá para me dar conforto! Julho de 1977: nosso sexto ano na Academia de Dança de Pequim. Naquela ocasião, ofereceram-nos duas opções: passar em casa as três semanas de férias de verão ou permanecer na academia, praticando.

Escrevi aos meus pais, dizendo que preferia ficar. Claro que eu sentia falta deles e queria muito revê-los: o som dos grilos, a caça às libélulas, os bolinhos da niang, tudo me tentava. Mas era a primeira vez que me sentia feliz em ficar.

Exatamente naquelas três semanas, começou uma campanha pela prisão dos seguidores da Gangue dos Quatro. O vice-ministro da Cultura foi preso, junto com outros ministros importantes da área cultural. A diretora Xiao e Zhang Ce, vice-diretor da academia, também foram presos. Nunca vou esquecer a expressão de desespero de Zhang Ce ao atravessar os portões. Ele nada havia feito de errado: caíra em desgraça apenas por ter sido apontado por seguidores de madame Mao. Tensão e incerteza pairavam no ar.

Entretanto, eu estava determinado a impedir que os acontecimentos me desviassem de minha arte. Tinha de me

concentrar. Zhang Shu e vários outros professores também ficaram e pedi que me ajudassem a praticar.

Certa vez, eu estava no estúdio treinando giros quando o professor Xiao apareceu:

— Como vai, Cunxin?

— Bem. Não pensei que estivesse por aqui. — Tive uma ideia que pode ajudá-lo nas suas piruetas.

Eu treinava, mas não tinha conseguido fazer cinco piruetas consecutivas. O professor Xiao sabia de meu treino extra durante as férias, mas, depois de menos de meia hora, eu só parecia piorar, e estava cada vez mais frustrado.

— Por que sou tão incompetente? Por que não consigo fazer cinco piruetas? — perguntei, deixando-me cair ao chão.

— Se fazer cinco piruetas fosse fácil, não acha que todos os bailarinos do mundo fariam? Cunxin, já comeu manga?

— Não — respondi, tentando adivinhar o que ele queria dizer.

— Manga é uma fruta maravilhosa, com um gosto único! Só é encontrada em algumas regiões do mundo e, assim mesmo, em determinada época do ano. Quero que pense nas piruetas como se fossem mangas. Se eu lhe desse uma manga agora, o que faria?

— Comeria.

— Que apressado! — ele disse, rindo.

— Por quê? O senhor não comeria?

— Para que tanta impaciência? Entendo que quisesse provar o gosto da fruta, mas o melhor é o processo: primeiro, admirar a forma, observar a cor, sentir o cheiro, tirar a casca, cortar em pedaços. Talvez, provar a casca e o caroço. E só então a satisfação final: a polpa. É isso. É preciso aproveitar cada etapa do processo, experimentar as várias camadas, aproveitar tudo. Quero que você trate as piruetas do mesmo modo. Ouse! Descubra o segredo e a essência das piruetas. Se não passar por todas as etapas para depois chegar à polpa, outro fará isso. Então, faça você! O professor Xiao e

sua manga me despertaram a imaginação. Eu me desafiei a ir adiante, a experimentar novas sensações. Com paixão, comecei a apreciar cada etapa do processo.

Era a primeira vez que eu tinha três semanas na academia só para mim. Passava a maior parte do tempo treinando e, às vezes, acordava tarde, perdendo o desjejum. Ia ao parque Taoranting para correr em volta do lago e observar as pessoas praticando tai chi. Nas horas vagas, jogava xadrez e cartas com outros estudantes. Aproveitei também para visitar os Chongs. E, um dia, pude ficar no chuveiro por meia hora! As três semanas me deram tempo de pensar no futuro e refletir sobre o passado. A imagem do menino triste e introvertido, com medo de ter de passar o dia inteiro equilibrando-se sobre sapatilhas de ponta, me fazia rir. Difícil acreditar que, menos de seis anos depois, eu era vice-capitão da turma, um dos chefes do Partido da Juventude Comunista e tinha como objetivo a excelência na dança. Os desafios vencidos me deixavam orgulhoso.

As três semanas passaram depressa. Usei cada minuto. Mal podia esperar pelo segundo semestre. Tinha estabelecido metas ainda mais ambiciosas para mim e queria aproveitar toda e qualquer oportunidade de alcançá-las.

Os estudantes que tinham ido para casa voltaram, e as aulas foram retomadas. Algum tempo depois, Yu Fangmei, um bailarino formado pela Academia de Dança de Pequim — amigo íntimo do professor Xiao —, chegou do Japão levando de presente para o departamento de balé uma televisão, um aparelho de vídeo e algumas fitas, novidades de que jamais havíamos sequer ouvido falar. As fitas mostravam balés dançados por Barishnikov, Nureyev, Margot Fonteyn e até por bailarinos formados nos Estados Unidos, inclusive Gelsey Kirkland. Somente os oficiais e os professores da academia tinham acesso a esse material, como "fonte de referência". Não era permitido expor os estudantes às "influências perniciosas" do Ocidente.

Pouco tempo depois da visita de Yu Fangmei, passei pelo professor Xiao no corredor.

— Gostaria que você visse a dança de Barishnikov! — ele disse. Eu pouco sabia daquele astro, o novo fenômeno da dança mundial.

— É melhor que Vasiliev? — perguntei.

— Sim! É sim, do ponto de vista técnico. Jamais vi um bailarino tão espetacular! — exclamou o professor Xiao entusiasmado.

— Eu poderia, de algum modo, assistir a esse vídeo? — sugeri cheio de esperança.

— Já conversamos sobre isso, mas os oficiais se preocupam com as influências capitalistas. Vou falar novamente com o professor Zhang.

Daí a dois dias, durante o ensaio da tarde, os alunos mais antigos foram chamados ao estúdio do terceiro andar. Ao entrar, logo notei a televisão e o aparelho de vídeo sobre uma bancada, em frente aos espelhos.

Zhang Shu esperou que todos se acomodassem. — Barishnikov é hoje, provavelmente, o mais notável bailarino do mundo. O único objetivo da exibição desses vídeos é permitir que vocês aprendam com ele, que percebam qual é o padrão atual de dança. Não é, repito, não é para que copiem o estilo de vida ocidental! Ao assistir ao desempenho de Barishnikov, vão entender o quanto é preciso trabalhar para atingir o mesmo padrão. Hoje, vamos mostrar *O Quebra-Nozes* e *The Turning Point*, duas produções do próprio Barishnikov.

Fiquei encantado com Barishnikov. Jamais vira algo semelhante a O Quebra-Nozes. Que beleza de música! Barishnikov e sua partner, Gelsey Kirkland, dançavam com uma perfeição que nunca julguei possível. Durante os cinco minutos de intervalo entre um vídeo e outro, ninguém saiu da sala: tínhamos medo de perder o lugar. "Impossível haver algo semelhante a O Quebra-Nozes", pensei. Engano meu. O vídeo com *The Turning Point* deixou-me boquiaberto,

hipnotizado. Não conseguia tirar os olhos da tela. Cada um de seus saltos e piruetas incríveis fazia meu coração saltar. Os movimentos eram graciosos, a execução brilhante. Pela primeira vez na vida, eu assistia a um espetáculo realmente extraordinário.

A partir de então, minha paixão pelo balé foi total. Ousei acreditar que, se Barishnikov dançava daquele jeito, eu também conseguiria. Tinha a impaciência dos garotos de 16 anos. Fui dominado por um senso de urgência. Descartei os antigos padrões e adotei novos. Eu deixaria orgulhosos não somente os meus pais, mas toda a China.

Passei a almoçar mais depressa, de modo a poder voltar logo ao estúdio para praticar. Acordava às 5 horas, todos os dias. Amarrava sacos de areia aos tornozelos para subir ou descer os quatro andares do prédio onde ficava o estúdio. Praticava saltos, ocupando cada pedacinho vago do estúdio, em uma verdadeira obsessão. Queria voar como os pássaros e as libélulas — daí ter escrito a palavra "voo" nas sapatilhas. Bastava dispor de uma superfície plana e alguns minutos para fazer exercícios. Alguns achavam que eu estivesse louco, mas pouco me importava. Meu desejo era um só: dançar como Barishnikov.

No fim de 1977, o sexto ano de estudo, depois de tanto exercício, prática e determinação, minha habilidade nos saltos tinha melhorado bastante, mas eu ainda não era o melhor. Sabia ter um longo caminho a percorrer. Foi então que o professor Xiao me lançou um desafio: melhorar os giros.

Para mim, um giro não era um movimento natural, mas minha nova fonte de inspiração me fez trabalhar cada vez com mais afinco. Estabeleci metas impossíveis.

Certa noite, tive uma ideia. Enquanto todos dormiam, fui para o estúdio levando uma vela e uma caixa de fósforos. Deixei a vela acesa em uma extremidade da sala e comecei a praticar. A luz era fraca. Minha ideia era que, se conseguisse executar os giros no

escuro, em um ambiente iluminado seria muito mais fácil. Além disso, não poderia acender as luzes, pois chamaria a atenção dos professores, que não iam gostar de me ver acordado até tão tarde. E assim continuei, noite após noite, incansavelmente. Ao fim do período, tinha deixado marcas no piso do estúdio, de tanto praticar.

Muitos se surpreenderam com meu rápido progresso — mas não o professor Xiao. Certa vez, ele me surpreendeu praticando os giros depois da ordem de apagar as luzes. Pensei que fosse me repreender, mas, em vez disso, além de considerar natural meu esforço, tomou a iniciativa de dizer que aquele seria um segredo nosso. Nessa mesma época, reconhecendo que meu split — movimento que consiste em sentar-se no chão com as pernas abertas — não era perfeito e sabendo da importância de ser flexível, passei a trabalhar mais o alongamento. Cheguei a passar uma noite acordado em posição de split, mas de manhã precisei da ajuda dos colegas para sair da cama, pois não sentia as pernas. Em uma ocasião, um dos professores me disse que eu tinha coxas grossas demais e que, por isso, jamais faria um papel principal. Fiquei deprimido por longo tempo e cheguei a enrolar plástico nas coxas para ver se a transpiração as deixava mais finas.

Eu praticava cinco vezes por dia — ao acordar, antes da aula, na hora da sesta, à tarde e depois do jantar, antes de dormir —, enquanto a rotina dos outros alunos era praticar uma vez por dia. Quando acabavam as camisetas secas, treinava com o tronco nu. Até as sapatilhas ficavam empapadas de suor.

— Eu me considerava um aluno dedicado, pois praticava três vezes por dia, mas cinco vezes nunca tinha ouvido falar! — reconheceu o professor Xiao. — Mas cuide da saúde. Ainda quero vê-lo dançar muito! Àquela altura, Hua Guofeng, o sucessor de Mao, estava em prisão domiciliar, e Deng Xiaoping assumira a liderança do povo chinês. A mudança de atitude dentro da academia foi notável. Antes, Deng Xiaoping fora criticado por seu slogan sobre o

gato que caça ratos; naquele momento, porém, a ideia voltava com força total. Ele dava importância à adoção de um ou outro sistema, desde que fosse bom para a China.

A academia recebeu uma nova diretora, Song Jingqing, que decidiu acrescentar mais um ano de curso aos seis que tínhamos cumprido — só nos formaríamos em fevereiro de 1979. Segundo ela, perdêramos muito tempo estudando política, em vez de dança. A diretora Song considerou importante dedicar um ano inteiro à busca da excelência técnica.

No início de 1978, começamos a sentir o impacto das reformas de Deng Xiaoping. Ele foi o primeiro a ousar afirmar que seria errado seguir ao pé da letra todas as palavras de Mao. Além disso, determinou que fossem interrompidos os estudos e as campanhas políticas. Havia céticos entre os membros do Partido Comunista e em outros grupos. A Revolução Cultural deixara marcas terríveis. Por que acreditar em uma nova política? A China estava insegura e sem disposição para reagir.

Foi no último ano na academia que começamos a praticar abertamente nossa forma de arte sem sermos acusados de exagero. A pressão política se arrefeceu. Grupos, filmes e livros ocidentais previamente selecionados começaram a aparecer. Ler um livro estrangeiro ou assistir a um filme colorido vindo de outro país virou mania. Tínhamos ansiedade de conhecer o Ocidente. Se nos caísse nas mãos um livro com seis capítulos, chegávamos a copiar tudo à mão, embaixo do cobertor, sob luz fraca, somente para passar adiante. Que sede de literatura estrangeira e que fascínio pelo mundo ocidental! A política de Deng Xiaoping foi como um sopro de ar fresco na academia, mas, a princípio, soou um tanto estranha. As reuniões do Partido da Juventude Comunista, antes quinzenais, foram reduzidas para mensais, e ninguém questionou. Meu conflito entre o comparecimento aos encontros do partido e a prática do balé estava resolvido. As tentativas de conquistar novos membros para o

Partido Comunista perderam a força, e os líderes políticos já não tinham a mesma influência. A busca de bens materiais, antes considerada uma doença capitalista, começou a assumir um significado diferente. Não sei se pelo fato de a Academia de Dança de Pequim ser um dos baluartes de madame Mao, de quem recebeu influência longa e poderosa, demoramos um pouco a aceitar francamente a nova orientação política de Deng. Para mim, porém, aquele Ultime, ano de estudo foi o melhor de todos. Assistimos a filmes de balé russo, como Flor de Pedra, Lago dos Cisnes e Spartacus. Conhecemos estrelas famosas do balé, como Galina Ulanova, Maya Plisetskaya e, é claro, Vladimir Vasiliev. Fomos autorizados a assistir até mesmo ao famoso desertor russo Rudolf Nureyev dançando com Margot Fonteyn, uma das bailarinas mais respeitadas do mundo. As imagens inspiradoras desses bailarinos extraordinários permaneceram em minha mente por muitas semanas.

Só então, quando ler livros vindos do Ocidente tinha deixado de ser crime, perguntei ao professor Xiao se havia sido ele quem colocara a publicação sobre balé embaixo do meu colchão, no terceiro ano do curso.

— Você gostou? — ele perguntou sorrindo.

— Obrigado — agradeci do fundo do coração.

Final de 1978. Poucos meses antes da formatura. Em um sábado à noite, os professores organizaram uma festa no estúdio de dança do quarto andar e convidaram todos os alunos antigos. Foi um baile, não uma festa comum. Havia roupas coloridas, vestidos longos, gente que eu não conhecia — até alguns altos funcionários do Ministério da Cultura. Pendurado no teto, um objeto redondo estranho, parecido com uma mina terrestre, girava lentamente, lançando sobre o salão centenas de formas e cores diferentes. Que maravilha! Estávamos absolutamente extasiados. Os dançarinos

conduziam as parceiras com elegância. O astro principal era o professor Xiao, que, com seu estilo, atraía todas as moças.

Depois de observar por algum tempo, tomei coragem de pedir a uma professora que me mostrasse como dançar valsa. Ela explicou os movimentos básicos dos pés e disse que o cavalheiro deveria conduzir a dama. Entendi, mas acabei pisando nos pés dela; passei toda a dança me desculpando.

Poderia ter desanimado, mas gostei da primeira experiência. Jamais ouvira música tão bela e romântica. Seria impossível sob o comando de madame Mao; a valsa teria sido considerada uma influência perniciosa a ser banida junto com outras formas de lixo ocidental. Mas as coisas mudaram. Havia um sopro revigorante e único de liberdade.

Outras mudanças aconteceram. Cada vez mais, tínhamos um número maior de filmes estrangeiros para assistir. Usávamos os expedientes mais criativos para entrar nas salas de exibição fortemente guardadas. Ingressos eram falsificados, perucas e bigodes eram surrupiados do guarda-roupa da academia. Depois de entrar, fazíamos de tudo para assistir a mais uma sessão: cortinas, portas, a tela de projeção e até os banheiros serviam de esconderijo. Anos de isolamento da cultura ocidental e de repressão sexual finalmente encontraram uma válvula de escape.

Certa vez, Bandido emendou cuidadosamente os pedaços de alguns ingressos já usados. Então, clareamos os cabelos, para que parecessem grisalhos, e entramos na sala de exibição sem sermos percebidos. O local já estava com todos os assentos ocupados. Eu e Bandido nos esgueiramos na escuridão e nos sentamos no chão do corredor central. Só teríamos ensaio às15 horas, tempo suficiente para assistirmos ao filme e voltarmos à academia. Mas nenhum dos dois tinha relógio.

— Lujun — falei baixinho —, como vamos saber a hora de ir embora?

— Não se preocupe — ele disse confiante. — Eu tenho um relógio interno.

Eu pretendia acrescentar alguma coisa, mas a projeção começou. Era um filme norte-americano sobre um triângulo amoroso, que recebeu em chinês o título de É Doloroso Dizer Adeus. Dois tradutores — um homem e uma mulher — munidos de microfones iam traduzindo as falas, mas, um tanto incompetentes, perdiam boa parte delas, deixando a plateia frustrada na tentativa adivinhar o que diziam os atores.

O colorido das roupas que as mulheres usavam nos filmes me deixava impressionado. Muito diferente do modo de vestir das chinesas. Ficava pensando se os sapatos de salto alto seriam confortáveis. A mim, pareciam tão ruins quanto as sapatilhas de ponta.

Algumas atrizes eram belíssimas, mas eu as achava todas muito parecidas. Foi naquele filme que vi um beijo pela primeira vez. Meu coração se acelerou e o sangue ferveu. Como seria beijar alguém... de verdade?

16

跳舞

A MUDANÇA

O relógio interno de Bandido não funcionou. Quando o filme terminou, já estávamos atrasados para o ensaio. Tivemos de correr até a academia e trocar de roupa rapidamente.

Íamos chegando ao estúdio quando ouvi a voz do professor Xiao. Meu coração se apertou. Ele era a última pessoa no mundo que eu queria aborrecer.

O professor Xiao voltou-se, olhou para nós sem alterar a expressão e continuou a ensinar à turma. Completamente sem graça, fuzilei Bandido com o olhar; queria pegar seu relógio interno e quebrar em mil pedaços.

— Cunxin, vá a minha sala depois do próximo intervalo — o professor Xiao disse no fim do ensaio.

Passei toda a segunda parte do ensaio pensando no que diria ao professor. Se contasse a verdade, ele certamente ficaria desapontado com a minha indisciplina. Quando bati à porta da sala, ainda não sabia o que dizer.

O professor Xiao foi direto ao ponto: — Por que se atrasou?

— Fui ao cinema — gaguejei. Eu tinha de dizer a verdade.

— Estava desconfiado disso. Mas o fato de me dizer a verdade não diminui meu desapontamento.

— Desculpe, professor Xiao. Pretendia voltar a tempo, mas, quando percebi, estava atrasado. Prometo que não vai acontecer de novo.

Ele me olhou atentamente por alguns momentos. — Cunxin, se tivesse acontecido com outro aluno, não me surpreenderia. Mas estou extremamente surpreso e desapontado por ter sido você! Não questiono a sua dedicação, mas o seu bom senso. Não me importa que assista a centenas de filmes nas horas de folga, mas aulas e ensaios são oportunidades de aprendizagem! Concordei. Eu sabia que estava errado. E então, com outra entonação, ele perguntou:

— Qual era o filme?

— Um filme colorido.

— Qual o nome?

— Algo como É Doloroso Dizer Adeus — respondi baixando a cabeça.

— Alguma cena de nu? — perguntou sério.

— Não. Somente beijos.

— Muito bem. Pode ir.

Ele meneou a cabeça ao falar, mas pude perceber um leve sorriso. Eu estava satisfeito por ter sido honesto. Não poderia mentir para ele. Não para o professor Xiao.

O cinema não era a minha única distração naqueles últimos meses. Estava encantado com uma garota de Xangai chamada Her Junfang. Fazia algum tempo que vínhamos trocando secretos olhares apaixonados. Quando notei que ela correspondia aos meus olhares, o coração quase me saltou do peito.

Certa noite, combinamos de nos encontrar no estúdio escuro. Percebi que ela estava pouco à vontade. Meu rosto queimava. O ar parecia tão pesado que chegávamos a ter dificuldade de respirar. Se os professores nos descobrissem, seríamos expulsos.

— Como passou o dia de folga? — perguntei baixinho.

— Bem. E você?

— Bem. Trouxe uns doces de sorgo para você — respondi.

— Obrigada. Eu gosto. Trouxe uns bolos de Xangai para você. Chegamos mais perto um do outro. De repente, ficamos gelados: ouvimos o ruído da porta da sala de Zhang Shu sendo aberta. Meu coração quase parou.

Para alívio dos dois, o som dos passos foi se afastando. Como dispúnhamos apenas de alguns minutos, trocamos nervosamente os presentes e saímos do estúdio na ponta dos pés.

Quando finalmente me sentei na, beira da cama, tendo nas mãos os presentes de Her Junfang, ainda trazia o coração agitado como um mar revolto. Eu me odiava por ser tão covarde, por não ter aproveitado a oportunidade para abraçá-la. Como pudera esquecer as palavras apaixonadas que I4via decorado? Nunca mais conseguimos nos encontrar.

Mais ou menos na mesma época, Bandido me confessou estar apaixonado por uma colega de turma, Zhou Xiaoying. Mas, em seus esforços para se aproximar da menina, acabou por dar atenção a uma colega dela, que se encantou por ele. Durante uma hora, discutimos o que poderia ser feito, mas não chegamos a nenhuma conclusão.

— Acho que seria melhor uma conversa frente a frente, de modo que ela percebesse os seus sentimentos e a sua sinceridade — eu disse.

Ela nunca concordaria em me encontrar a sós! É tímida demais! Eu a amo de todo coração, com o sentimento mais puro que pode haver sobre a face da Terra. Gostaria de abrir meu coração para ela.

Eli não sabia da intensidade do amor de Bandido por Zhou Xiaoying.

— Você falaria com ela? — ele perguntou de repente.

— Está maluco?

— Por favor! Se não puder tê-la, eu me mato! Vendo lágrimas em seus olhos, concordei:

— Está bem, eu falo com ela. No dia seguinte, porém, ele havia mudado de ideia. — Ela vai pensar que eu não tenho coragem. E a sua carreira política pode ficar prejudicada, se alguém souber. Em vez disso, vou escrever uma carta com sangue.

Poucos dias depois, eu o encontrei e logo reparei que trazia um curativo em um dedo.

— Você escreveu mesmo a carta com sangue? — perguntei.

— Escrevi! — ele respondeu animado. — Acho que, assim, ela vai acreditar em minha paixão. A sorte está lançada.

Zhou Xiaoying, porém, nunca respondeu à carta. Tanto ela quanto a colega passaram a lançar olhares furiosos a Bandido sempre que o encontravam, como se ele as tivesse traído.. Bandido ficou arrasado. Eu sabia o quanto ele a amava, mas não tinha como ajudá-lo. Durante anos, ele tentou conquistá-la, mas sem resultado.

Àquela altura, afora as visitas que fazia aos Chongs, eu aproveitava praticamente todos os momentos para me exercitar. Meus diários estavam cheios de anotações que eu fazia depois de cada exercício. Aprendi mais naquele ano do que em todos os anos anteriores juntos.

Quando nos preparávamos para a formatura, a China recebeu a visita do London Festival Ballet, uma das primeiras companhias profissionais a receber convite para se apresentar sob a "política de portas abertas" de Deng Xiaoping. Eles se apresentaram no teatro da academia, e só se falava no "pessoal de nariz grande", os estrangeiros.

Eu tinha problemas em distinguir um "narigudo" de outro. Para mim, eram todos parecidos, tanto em filmes quanto pessoalmente. Para estabelecer a diferença, tinha de me lembrar das roupas que vestiam. Se houvesse troca de roupa entre as cenas, ficava todo atrapalhado. Também me davam a impressão de falar depressa

demais, sem vírgulas nem pontos. Entre os estrangeiros, estava Mary McKendry, uma bailarina de 18 anos, que me viu executar a Dança dos Três Meninos.

O Festival Ballet apresentou Giselle e dois programas combinados, inclusive o famoso *Étude*, de Harald Lander, e, felizmente, não precisávamos mais analisar o conteúdo político do espetáculo. Gostaria de poder assistir a uma grandiosa apresentação daquelas todos os dias. A disciplina e a interpretação artística dos bailarinos "narigudos" logo conquistaram nosso respeito. *Étude* era um dos balés de maior dificuldade técnica que eu já vira; senti vontade de dançá-lo, de conhecer melhor a cultura ocidental, de trabalhar com aqueles grandes coreógrafos.

A preparação para os exames nos tomou mais de três meses, e todos se aplicaram ao máximo. A média final determinaria em que companhia iríamos dançar. Para o Balé Central da China, seriam indicados os melhores; os outros seriam enviados a cidades distantes, para fazer parte de grupos de canto e dança.

Um mês antes do exame final, fui procurado pelo professor Xiao, que disse: — Alguns professores consideram que entreguei muitos solos a você. A maioria dos alunos vai fazer um ou dois. Apenas um vai fazer três solos. Acho que seis é demais. Não quero queimar a sua imagem.

— Mas eu quero fazer os seis!

— Tem certeza? Porque, depois que eu submeter o programa à apreciação de Zhang Shu, vai ser muito difícil mudar.

— Tenho certeza de que sou capaz — respondi confiante.

Ele pensou por alguns momentos.

— Está bem. Mas lembre-se: procure descobrir o segredo da execução de cada movimento com o mínimo de esforço. Dançar é isso.

A preparação de seis solos para o exame final era uma tarefa difícil, mas eu pensava nas palavras do professor Xiao e procurava

entrar nos detalhes de cada passo, buscando chegar à polpa da manga. Cada solo exigia diferentes abordagens: artística e técnica. O primeiro fazia parte de um dos balés-modelo de madame Mao, A Moça de Cabelos Brancos, que eu devia dançar como se carregasse nas mãos uma granada, esquivando-me das balas inimigas com movimentos rápidos e vigorosos. Eu me dediquei aos dois solos políticos, mas minha verdadeira paixão eram os clássicos ocidentais. Nestes, porém, tive problemas com um giro duplo no ar, que devia executar com boa altura e terminar de joelhos no chão, tudo isso em um piscar de olhos — um grande desafio. Meu joelho direito estava esfolado e sangrando, de tanto ir ao chão. A todo momento, eu arrancava pedaços de pele. E também fiquei com dores nas canelas pelo esforço em tentar acertar o cabriole duplo de Giselle. As imagens de Barishnikov, Nureyev e Vasiliev eram minha constante inspiração. Com o cabriole duplo, porém, todas as manobras tentadas anteriormente falharam. Eu ainda não estava sentindo nem o gosto da casca da manga. "Trabalhe mais, você tem de chegar à polpa", repetia para mim mesmo.

Poucos dias antes do exame, fiz uma descoberta. Tinha de mudar drasticamente a distribuição do peso no ar e inclinar o corpo ao máximo para trás — o máximo que minha flexibilidade permitisse. Quando finalmente consegui, a sensação foi indescritível.

Executei os seis solos, apreciando cada passo. Depois de sete anos de estudo na academia, era capaz de fazer oito, às vezes dez piruetas consecutivas. E então, ali estava, entre os representantes da última geração de bailarinos de Mao, prestes a me formar.

Para nossa apresentação de formatura, a academia queria recriar O Lago dos Cisnes pela primeira vez desde a Revolução Cultural. Era uma tarefa difícil: todos os registros de balés ocidentais, inclusive aquele, tinham sido destruídos. Retirar um solo de Giselle era uma coisa; reproduzir um balé em sua totalidade era outra completamente diferente. Os professores precisaram recolher trechos

de apresentações feitas muitos anos antes, mas o milagre da colaboração resultou em uma produção completa. Tive a emoção de ser escolhido como um dos três intérpretes do príncipe Siegfried, e me concentrei inteiramente nos ensaios.

Focado nas metas estabelecidas por mim, trabalhei os pontos fracos e, quando o professor encarregado da preparação finalmente decidiu quem ficaria com o papel principal na noite da estreia, fui o escolhido.

Durante um dos ensaios, perguntei ao amigo Liu Fengtian o que achava de minha interpretação. Ele disse que estava bem, mas não ocidental o bastante: parecia mais um camponês fingindo ser príncipe. Eu sabia que ele tinha razão. Na verdade, não tinha ideia de como deveria fazê-lo. O problema não eram os passos, mas o comportamento da realeza europeia. Nem os professores sabiam qual seria a postura dos nobres. Só sabíamos de nossos camaradas e de causas políticas; os valores representados por um príncipe entravam em conflito direto com os valores comunistas.

Sem outra ideia, assisti a alguns filmes russos antigos, para observar o andar, o movimento de braços e pernas e o olhar de um nobre. Cheguei a fazer permanente em meus cabelos lisos — o departamento de caracterização cuidou disso — para que pudesse parecer e me sentir como um príncipe. Mas como conseguiria um jovem camponês da China compreender a arrogância, a paixão e o amor de um príncipe do Ocidente? Afinal, sempre nos tinham ensinado a esconder as emoções.

Dancei *O Lago dos Cisnes*, na noite de estreia, no Salão de Exposições de Pequim. A apresentação correu bem, mas não consegui me livrar da imagem do príncipe camponês, por isso não fiquei satisfeito. Meu objetivo era mostrar um personagem tão bom quanto os bailarinos do Ocidente. Sabia, porém, que o príncipe teria de estar dentro de mim. Somente a experiência e a maturidade me

levariam a ser um belo príncipe, e não um jovem e pobre camponês brincando de faz de conta.

Pouco tempo depois dessa apresentação, ocorreu um fato que mudaria minha vida para sempre.

Oficiais do Ministério da Cultura nos informaram da chegada do diretor artístico do Houston Ballet — coreógrafo excelente e professor brilhante. Sua missão era oferecer um curso avançado a duas turmas da academia. Ele fazia parte da primeira delegação cultural a sair dos Estados Unidos para visitar a China comunista. Seu nome: Ben Stevenson.

17

跳舞

A CAMINHO DO OCIDENTE

Vinte alunos, inclusive eu, foram selecionados para frequentar as aulas de Stevenson. Ele parecia gostar das aulas que dava na academia, e eu apreciava sua abordagem.

Comparado ao treinamento limitador a que estávamos acostumados, seu estilo era muito mais livre e natural. Ele abordava a dança principalmente pelo aspecto artístico, com ênfase na fluidez e na naturalidade dos movimentos, em lugar da rigidez da técnica. Era um mestre fascinante e inspirador. Meu corpo se sentia bem em suas aulas.

Depois da segunda aula, Ben ofereceu à academia duas bolsas de estudo para o curso anual de verão na Houston Ballet Academy, no Texas. Que notícia incrível! Uma oportunidade de sair da China, de conhecer o Ocidente! Era inacreditável! Mas Ben foi avisado de que não poderia escolher quem iria: a seleção seria feita pela própria academia. Teríamos de esperar para saber.

Em março, Ben entregou a carta-convite aos oficiais da academia, avisando que os bolsistas deveriam chegar a Houston em julho.

Então, os dois alunos foram escolhidos. Um deles chamava-se Zhang Weiqiang. O outro era eu.

Ficamos paralisados, assim como todos. Seria verdade? Ir para os Estados Unidos? Eu? Na verdade, os oficiais da academia não levaram o convite muito a sério, porque consideravam difícil que conseguíssemos passaporte e visto com tanta rapidez. Até que, semanas mais tarde, receberam um telefonema do Ministro da Cultura. Nenhum deles sabia que Ben Stevenson tinha amigos poderosos nos Estados Unidos. Um deles, George Bush, tinha acabado de visitar a China como primeiro enviado dos Estados Unidos, depois de Richard Nixon, em 1972. E sua mulher, Barbara Bush, era curadora do Houston Ballet. Além disso, o governo chinês respeitava o casal e sabia de seu grande apreço pelo balé. George Bush desenvolvera um bom relacionamento com Deng Xiaoping: suas ligações políticas com certeza contribuíram para que fosse aceito o oferecimento da bolsa de estudos.

E assim aconteceu. Zhang Weigiang e eu recebemos em pouco tempo a permissão do Ministro da Cultura para viajar a Houston.

Assim que pudemos, nós dois fomos ao serviço de emissão de passaportes em Pequim. O policial nos entregou formulários para preencher, com a instrução de que devíamos escrever nossos nomes em chinês e em inglês. Nós nos entreolhamos. Não tínhamos nomes ingleses.

— Então, escrevam em pinyin — instruiu o policial. Pinyin foi uma escrita criada pelo governo chinês para ajudar os estrangeiros a pronunciar nomes chineses, mas baseada na pronúncia latina, e não na inglesa. Eu não tinha a menor ideia de como escrever meu nome em pinyin. Então, coloquei primeiro o nome de família, como se usa na China: Li Cunxin.

— Esta é a sua verdadeira data de nascimento? — o policial perguntou ao ler o formulário.

Eu tinha escrito 10 de janeiro de 1961. — É, sim. O que quer dizer com "verdadeira"?

— É pelo calendário chinês ou pelo calendário oficial? — ele perguntou. Minha família sempre seguira o calendário chinês, nunca o oficial. Jamais me ocorrera que as agências do governo seguissem o mesmo calendário do resto do mundo.

— Nada feito — disse o oficial, ao ouvir minhas explicações. — Precisamos da data pelo calendário oficial. Trate de descobrir, para podermos emitir o seu passaporte.

Mas aquela data era a única que eu conhecia. Meus pais também não saberiam, já que, no campo, a maioria dos bebês nasce em casa; os arquivos locais só registram a data pelo calendário chinês. Os camponeses não utilizavam o calendário oficial para coisa nenhuma. Somente muito mais tarde descobri que a data oficial do meu nascimento era 26 de janeiro.

Zhang sabia a data oficial de seu nascimento. Seu formulário foi aprovado.

Comecei a entrar em pânico. Estava a ponto de chorar. Tinha de conseguir passaporte e visto a tempo de frequentar o curso de verão em Houston. Não podia perder aquela oportunidade! Então, pedi ao policial: — Por favor, camarada. Que diferença faz a data exata do meu nascimento? Não tenho tempo para investigar. Vou perder a oportunidade de servir ao país! Ele hesitou, mas acabou concordando. Respirei aliviado. Em questão de dias, nossos vistos foram aprovados pelo consulado dos Estados Unidos em Pequim. Fomos invadidos por uma onda de euforia, mas depois, veio o pânico. Zhang e eu não falávamos inglês. Como entender o que diziam os americanos? Um instrutor inglês nos deu um curso rápido, começando pelo alfabeto e terminando com algumas expressões simples, como "sim", "não", "bom-dia", "olá" e "adeus".

Assim como fizera para decorar os termos franceses do balé, usei palavras chinesas para me orientar na pronúncia do inglês, mas o resultado soou meio ridículo — uma espécie de "chinglês". Não tinha ideia de como me faria entender.

Tivemos ainda de comparecer ao Ministério da Cultura para receber instruções dos oficiais. O encontro com Wang Zichtng, o chefe do Departamento de Educação, foi breve. Com voz gentil e persuasiva, ele nos disse: — Dediquem-se enquanto estiverem lá. Mostrem como os chineses trabalham. Aproveitem a oportunidade. Tragam o que aprenderem.

Resistam às influências capitalistas e não abram mão do bom senso comunista.

Ele nos apertou as mãos e passou à assistente a tarefa de continuar a preleção.

— Sejam sempre gentis. Se não entenderem o que lhes disserem, concordem e sorriam. Nunca digam "não". Jamais. "Não" é uma palavra negativa. As pessoas podem ficar ofendidas.

Para encerrar, ela nos aconselhou a não permitir que as perniciosas influências ocidentais prejudicassem a pureza de nossa mente comunista. Tudo o que disséssemos ou fizéssemos seria uma representação da China e do povo chinês.

Em seguida, levou-nos a uma sala com prateleiras, onde havia gravatas e ternos usados, todos ao estilo ocidental. Segundo ela, recorriam àquele pequeno acervo, principalmente, delegações do governo em missões no exterior. Apesar de, até então, só termos vestido túnicas ao estilo Mao, fomos aconselhados a escolher algumas roupas. Experimentamos quase todos os ternos, mas ficavam grandes demais em nossos corpos esguios. Acabamos escolhendo os menores, mas ainda assim sobrava tecido nos ombros e era preciso enrolar as mangas. Pegamos também duas gravatas e uma mala cada um.

Para nossa completa surpresa, Zhang e eu nos tornamos notícia em todo o país. Fazíamos parte do primeiro intercâmbio oficial de artistas entre a China e os Estados Unidos, desde que Mao assumira o poder em 1949.

Pela primeira vez depois que saíra de casa, anos antes, telefonei aos meus pais. Liguei da sala da diretora Song. Cunyuan, o segundo irmão, foi ao telefone da comuna para atender.

— Cunxin! O que aconteceu? — ele perguntou preocupado. Meu telefonema era um sinal de que havia acontecido algo extraordinário.

— Nada! Vou passar seis semanas nos Estados Unidos! Fez-se silêncio por alguns momentos. — Verdade? Está brincando! — ele disse. — Não. É sério! Vou para os Estados Unidos com um colega.

— Meu irmão vai para os Estados Unidos! — ele gritou para as pessoas em volta.

Deu para ouvir as exclamações de alegria. — Não posso acreditar! — ele continuou. — Estados Unidos! Ouvi dizer que lá todo mundo anda armado. Se não gostarem de você, eles atiram. E todos têm carro. A niang está aqui.

— Jing Hao! — disse a niang.

— Niang, como vai? — perguntei, feliz por ouvir a voz dela.

— Estou bem. É verdade que vai para os Estados Unidos? — perguntou ansiosa.

— É, sim. Vou viajar dentro de poucos dias.

— Ah! E por que não avisou antes? Podíamos ter mandado maçãs e camarões secos para comer na viagem.

— Vou de avião. Ouvi dizer que não permitem levar comida.

— De avião? Quase não acredito! Meu filho vai andar de avião! Mais uma vez, pude ouvir as exclamações de alegria e alguém dizendo: — Pergunte a ele quantas horas são de viagem.

— Diga que vamos ter de ir primeiro a Tóquio, a capital do Japão, e depois são umas vinte horas até os Estados Unidos.

— Tenha cuidado. Não se aproxime daquela gente perigosa. Não é lá que matam os negros? — ela perguntou ansiosa.

— Vou com um colega. Um toma conta do outro. Já conheço o professor que vai nos dar aula em Houston. O nome dele é Ben.

Parece boa pessoa.

— Mas tome cuidado. Esses estrangeiros são violentos! São diferentes de nós. Não confie neles.

Eram compreensíveis as preocupações de minha família em relação aos Estados Unidos. Durante anos, ouvimos falar do perigo representado pelo Ocidente, em especial pelos Estados Unidos. As notícias que nos chegavam só falavam de abusos contra os negros, violência nas ruas, uso de armas de fogo. Mesmo eu, que tinha lido alguns livros sobre o Ocidente depois da queda da Gangue dos Quatro e desconfiava do que aprendera no passado, estava apreensivo.

Entretanto, não poderia imaginar que aquela conversa com a niang e com Cunyuan seria a última em muitos anos.

Nos dias que antecederam nossa partida, toda a academia foi tomada por grande agitação. A todo momento, éramos cumprimentados por professores e colegas. Fomos chamados novamente à sala da diretora Song. Ela era toda sorrisos. Mais uma vez nos aconselhou a estudar muito, a mostrar aos americanos a ética do nosso trabalho, a não envergonhar nossa nação, a não permitir que influências ocidentais contaminassem nossos sólidos valores comunistas.

Finalmente, chegou o dia da partida. De manhã, oito dos meus amigos, inclusive Bandido, Chong Xiongjun e o violinista Liu Fengtian foram a um café próximo à academia e compraram carne de cabeça de porco, linguiça, picles, melancia e algumas jarras de cerveja quente. A cerveja teve de entrar escondida: se os professores nos pegassem, estaríamos em apuros. Durante duas horas, antes que o jipe da academia nos levasse para o aeroporto, aproveitamos a comida e o companheirismo. Ficamos conjecturando como seriam os Estados Unidos. Prometi que contaria tudo quando voltasse.

— Não vá deixar que uma garota nariguda o prenda por lá! — disse Bandido.

Eu sabia o quanto ele gostaria de me acompanhar até o aeroporto. Na hora da partida, os amigos disputaram quem levaria nossas bagagens para o jipe. No tumulto, Bandido colocou disfarçadamente um papel em minha mão, dizendo: — Leia no avião. Guardei depressa o papel no bolso. Colegas, professores, todos vieram se despedir. O professor Xiao estava emocionado. Apertando minhas mãos, desejou boa viagem.

— Cunxin! Cunxin! Sei que você vai nos encher de orgulho! Traga novos conhecimentos! Estou ansioso para compartilharmos suas descobertas! O último a se despedir foi Bandido. Com os olhos cheios de lágrimas, ele não conseguiu falar.

— Seis semanas passam depressa! — eu disse.

Quando o jipe se afastou, a última imagem que vi foi o rosto de Bandido banhado em lágrimas.

Era a primeira vez que eu pisava em um aeroporto, a não ser pelo aeroporto militar abandonado, na vila onde morava, aonde costumava ir quando menino, para recolher carvões usados. O aeroporto de Pequim não se parecia em nada com o que eu imaginava. Era estranhamente sossegado, em comparação à grande atividade da estação ferroviária — cada coisa em seu lugar.

Chegamos tão cedo que o balcão do check-in ainda nem estava aberto. Zhang Shu, o chefe do departamento de balé, aproveitou para nos levar até uma pequena cantina, onde comprou uma Coca-Cola para cada um de nós. Tínhamos ouvido falar muito de Coca-Cola — a mais bem-sucedida invenção do mundo ocidental. Não podíamos acreditar que estávamos para provar aquela bebida. Engolimos avidamente um primeiro e grande gole. Depressa demais. Quase sufoquei com o gás. Zhang Weiqiang também. Olhamos um para o outro e caímos na risada. Nossa primeira experiência ocidental, um ícone americano. Um fiasco, definitivamente.

Antes de passarmos pelo controle de imigração, despedimo-nos do professor Zhang. Eu e Zhang Weigiang estávamos por nossa conta. Sentados na sala de espera, olhamos um para o outro. Não sabíamos o que fazer. Do lado de fora, havia um grande avião com a inscrição "China Airlines". Era a primeira vez que via um daqueles de perto — enorme, impressionante. Como uma coisa tão pesada podia levantar voo? Na hora do embarque, fomos acompanhados por um pessoal com uniforme da empresa aérea até o ônibus que nos levaria à pista. De perto, o avião parecia ainda maior.

Eu me senti um inseto.

Subimos as escadas e, ao entrarmos, fomos recebidos por uma lufada de ar fresco. Achei agradável, mas fiquei pensando de onde viria. E como o avião era grande por dentro! Fileiras e mais fileiras de assentos coloridos! Depois de encontrar nossos lugares, ficamos nervosamente à espera de que acontecesse alguma coisa. E, quando aconteceu, quase perdi o fôlego. Pela janela, via os motores em aceleração. Com o coração aos saltos e o estômago apertado, não sabia se ria ou gritava. Nunca imaginara passar por aquela situação! Estava tão agitado que me sentia acima das nuvens! Ali ia eu, deixando para trás nossa grande nação de comunistas e a segurança da ideologia e de crenças imutáveis. Quanto orgulho! O avião alcançou altura e, superado o choque da decolagem, comecei a explorar e a investigar o que havia em volta. Filmes! Música! E uma comissária a nos servir arroz com peixe, macarrão japonês... Ela nos perguntou que tipo de bebida íamos querer. Escolhi algo chamado Sprite.

Fomos tratados como reis. Eu me sentia mal sendo servido e deixando que outra pessoa tivesse todo o trabalho. O que diria a niang? Então, ofereci-me para ajudar a lavar os pratos. Ela me olhou com uma expressão estranha e agradeceu.

"Deve ser um sonho de painço", pensei. Bom demais para ser verdade. Mas me belisquei e doeu. Eu me sentia uma formiga em

uma panela quente: não conseguia ficar quieto. Explorando o bolso nas costas do assento da frente, encontrei um saco com luxos inimagináveis: escova e pasta de dentes, meias e máscara para dormir. Zhang e eu guardamos como lembrança até mesmo o safei), card com a fotografia do avião. O que a niang e suas colegas de costura pensariam daquilo? Jamais poderiam imaginar! Olhando em volta, reparei que a maioria dos passageiros parecia ser de chineses, provavelmente funcionários do governo. Muitos deles nos lançaram olhares surpresos, sem dúvida tentando adivinhar como dois jovens estudantes teriam conseguido o privilégio de viajar ao exterior. Se era difícil aos funcionários do governo deixar o país, o que dizer de estudantes como nós! Com a excitação da decolagem, eu me esqueci do papel que Bandido me havia entregue na despedida. Dentro de um envelope branco, estava escrito um poema: O amor que habita os corações de irmãos de sangue não diminui com a partida de um deles. Não é preciso fortuna nem dinheiro, apenas simplicidade e respeito, para fortalecer o amor em seus corações.

Pensei nos sete anos de dificuldade e solidão passados na academia. Sem Bandido e sua amizade, a vida teria sido insuportável.

Nem senti passarem as três horas de voo até Tóquio. Fomos instruídos a desembarcar e esperar durante duas horas no aeroporto. Custava a crer que tivesse ido tão longe em tão pouco tempo. Mais uma vez, Zhang e eu não sabíamos o que fazer. Com medo de deixar o setor de embarque e perder o voo, ficamos por ali à espera de sermos chamados a subir ao avião novamente. Por acaso, dei uma olhada na lista de preços da lanchonete: uma xícara de café custava três dólares. Fiz as contas rapidamente: mais ou menos a metade do salário mensal do dia! Quem sabe eu me enganara? Tornei a calcular. Estava certo! Em estado de total assombro, li e reli a lista de preços.

Desta vez, atravessamos uma espécie de túnel que nos levou diretamente a um avião da Northwest Airlines, sem necessidade de

subir escadas. Este era ainda maior que o primeiro. Muito maior. Segundo nos disseram, tratava-se de um Jumbo. Impressionante! As fileiras de assentos pareciam intermináveis. Ainda estupefatos, fomos conduzidos a um segundo piso. Travesseiros e cobertores repousavam organizadamente sobre os assentos e havia ainda mais brindes e safei), cards, que guardamos como lembranças. Encontramos também revistas — que não sabíamos ler, mas nos encantaram pelas imagens. A fotografia de um carro ocupava duas páginas, junto da indicação "US$35". Eu e Zhang concluímos que devia ser a quantia paga pelos americanos para ter um carro magnífico como aquele.

Mais ou menos a metade dos passageiros era composta de estrangeiros. Percebi que algumas mulheres usavam um perfume forte que me incomodava.

A combinação de melancia e cerveja em minha festa de despedida me rendeu muitas idas ao toalete, provavelmente fazendo com que a comissária pensasse haver algo de errado com o rapazinho chinês.

Eu não conseguia acreditar que estivesse naquele avião gigantesco a caminho do Ocidente. Acima das belas e densas nuvens, sentia-me no sétimo céu. Em nossa excitação, nem Zhang, nem eu sabíamos o que nos aguardava.

18

跳舞

A PERIGOSA AMÉRICA CAPITALISTA

O avião iniciou a descida, atravessando as nuvens. Estávamos para aterrissar em Chicago. De repente, lembrei-me das poucas páginas de um livro que, muitos anos antes, encontrara em uma rua da comuna — um trecho da história de um magnata do aço de Chicago. Queria saber se as informações contidas no livro, que despertaram a curiosidade em meu coração e em minha mente, eram verdadeiras. Queria conhecer o Tigre de Papel.

Zhang e eu desembarcamos, recolhemos a bagagem e ficamos ali, em nossas roupas grandes demais, olhando ao redor. Só conhecíamos Ben Stevenson. Como reconhecer a pessoa que iria nos receber? Enquanto os passageiros iam e vinham, nós ficávamos cada vez mais nervosos. E se ninguém aparecesse? De repente, vi algumas pessoas atrás de um vidro, no andar de cima. Entre elas estava Ben, pulando e sacudindo os braços para chamar nossa atenção. Trazia nas mãos um cartaz com meu nome escrito em chinês. Que alívio! Fomos encontrá-lo assim que passamos pelo serviço de imigração.

— Ni hao — ele disse, usando uma das poucas expressões em chinês que havia aprendido.

— Hello — respondi, usando uma das poucas palavras que sabia em inglês.

Ben nos fez algumas perguntas, às quais tentei responder com as palavras do dicionário que levava comigo, para mostrar quanto estava pasmo com tudo o que via. Para ele, porém, bastava nos ver satisfeitos. Quando não entendíamos o que dizia, sorríamos e concordávamos. Desde então, o dicionário se tornou meu melhor amigo. Decorei algumas exclamações, como "Caramba!" e "Céus!", que serviam a várias situações. Aprendi também algumas palavras da propaganda e expressões comunistas que poderiam ser úteis. Embora meu inglês não fosse nada bom, o de Zhang era pior ainda e acabei atuando como seu intérprete.

Embarcamos em outro voo, dessa vez para Houston. Com Ben ao nosso lado, começamos a relaxar. Do alto, pude apreciar a paisagem e reparei em como era tudo verdinho e dividido ordenadamente em quadrados desenhados por estradas e ruas em linha reta. Vimos também quadrados azuis, que Ben, com gestos, nos explicou serem piscinas.

Entre risadas, custamos a acreditar que pudesse haver tantas piscinas em uma área tão pequena. O contraste com a pobreza da China era tal que mais uma vez pensei na prosperidade dos Estados Unidos e nas histórias que nos contaram.

No aeroporto de Houston, fomos recebidos por Clare Duncan, diretora da Houston Academy Ballet, e por dois membros do conselho do Houston Ballet: Preston Frazier, um homem alto e de fala mansa, e Richard Holley, um homem de estatura mediana e voz possante. Como presentes de boas-vindas, eles nos deram flores nativas do Texas e chapéus de caubói. Ficamos hesitantes. Não sabíamos se devíamos aceitar. Não confiávamos neles. Como minha posição política era superior à de Zhang, tomei a iniciativa e disse a ele que aceitasse. Foi a primeira vez que recebi flores.

Os sorrisos felizes dos americanos nos intrigavam. Não deveria ser assim. Havia algo de errado. Eles eram nossos inimigos. Os rostos sorridentes eram só fachada, provavelmente. "Vou descobrir logo, logo", pensei.

O aeroporto estava surpreendentemente frio, como o interior do avião. Pensei que a informação sobre a temperatura em Houston estivesse errada; ainda bem que tínhamos casacos. O agradável ar fresco não durou muito, porém. Assim que saímos do aeroporto, fomos envolvidos por uma massa de calor úmido, como um cobertor molhado. Eu respirava com dificuldade. Felizmente, Betty Lou Bayless, que Ben nos apresentara como membro do conselho de balé, nos levou para seu carro, onde o ar também era fresco. Betty Lou era uma mulher elegante, de expressão gentil e bondosa. O carro dela era tão confortável, tão macio... Pela primeira vez, eu entrava em um carro. Que privilégio! Na China, apenas altos funcionários do governo podiam contar com aquele luxo. Meu coração palpitava de emoção.

Quando passamos pelo centro de Houston e vi recortada contra o céu a espetacular silhueta dos modernos edifícios de escritórios, veio à minha mente uma ideia: se Houston parecia tão próspera, como seriam Nova York e Chicago? Nada daquilo combinava com a imagem decadente, sombria e deprimente dos Estados Unidos que o governo chinês nos transmitira. O que eu via eram edifícios altos, ruas largas e limpas, espaços arborizados e bem cuidados. O comportamento de nossos anfitriões podia ser falso, mas eles certamente não haviam construído tudo aquilo apenas para nos impressionar. Eu estava confuso. A afirmativa de que os Estados Unidos eram a nação mais pobre do mundo e a China a mais rica só podia ser mentirosa. O oposto me parecia mais plausível. Ainda assim, estava confiante de que, a qualquer momento, encontraria motivos para odiar aquele país.

Chegamos a uma casa ampla em um condomínio cercado de muros e com guardas no portão. Zhang e eu fomos levados a atravessar uma porta corrediça de vidro — e meu queixo caiu...

Estávamos em um salão enorme, incrivelmente bonito, pintado em tons pastel, com sofás e cadeiras combinando, tendo grandes espelhos e o piso coberto por um carpete bege, alto e macio. À esquerda, vi uma cozinha que fez meu queixo cair ainda mais. Além da geladeira encostada à parede, que tinha a minha altura e uma largura onde caberiam quatro de mim, havia um fogão elétrico e duas pias. Isso para não falar em outros equipamentos, cuja utilidade eu sequer imaginava. A cozinha era simplesmente imensa, repleta de armários de madeira nas paredes e sob a bancada. O mundo ocidental teria enlouquecido? Cheguei a pensar que as pessoas do Ocidente talvez contassem com um robô para lhes limpar o traseiro quando usassem o banheiro. Levei um susto atrás do outro. Quanta novidade! Até o cheiro do ar parecia diferente.

Ben nos mostrou tudo e, em seguida, conduziu-nos ao andar de cima, onde ficavam os quartos. O nosso tinha duas camas de solteiro, um pequeno closet e o mesmo carpete maravilhoso do andar de baixo. Cômodas e mesinhas com lâmpadas ladeavam as camas. E havia um banheiro privativo, com uma banheira na qual cabia uma pessoa! Eu jamais usara uma daquelas. Não podia ser melhor que o chuveiro. Impossível! Naquela primeira noite, os anfitriões nos convidaram a jantar em um restaurante típico da nossa terra: The Mandarin. Fomos saudados em um chinês malfalado por uma moça muito maquiada, em um vestido comprido de seda preta, que me lembrou as cantoras da Ópera de Pequim. Só não gostei do perfume forte. Ela parecia ter usado o vidro todo! O restaurante estava cheio, mas fomos conduzidos a um reservado. Clare Duncan e os dois senhores que havíamos conhecido no aeroporto — o calmo Preston e o agitado Richard — já estavam lá, bem como dois amigos de Ben: Jack e Márcia. Ben e Richard contaram piadas, fazendo todos rirem.

Mas Zhang e eu não esquecíamos estar diante de seis possíveis inimigos da classe. Não sabíamos que atitude tomar. Na China, sob o regime de Mao, eles seriam presos ou mortos somente por sua riqueza. E, no entanto, estavam ali, relaxados, rindo e brincando sem nenhuma preocupação.

Bebemos duas ótimas cervejas da marca Tsingtao, fabricada em minha cidade natal. Era a primeira vez que experimentava uma daquelas. Com o passar do tempo, baixamos a guarda e aderimos à diversão. Ben pediu vários pratos deliciosos, inclusive pato à moda de Pequim, que eu nunca havia provado. Uma delícia! Eu mal podia crer que estava nos Estados Unidos, diante de dois ícones chineses — a cerveja e o pato. "Vão pensar que é mentira quando eu contar", pensei. Reparei ainda que os ocidentais sempre se referiam à capital da China como "Pequim", e não como "Beijing" — que é mais comum entre os chineses.

Muitos pratos depois, Ben perguntou se ainda estávamos com fome. Como não entendemos o que ele disse, recorremos ao expediente ensinado pelos oficiais da academia: sorrimos e dissemos "sim". E a comida não parava de chegar à mesa. Até que eu coloquei as mãos na cabeça e exclamei: — Caramba! A risada foi geral. Sem saber como resolver a situação, procurei a dona do restaurante e pedi: — Poderia, por favor, dizer a Ben que pare de pedir comida? Nosso estômago vai explodir! — Mas ele ainda não pediu a sobremesa — ela disse. — Que sobremesa?

— Um doce. Na China, vocês não comem doce depois das refeições? Os americanos adoram.

Era a primeira vez que eu ouvia falar em sobremesa. Terminado o jantar, vi tantas sobras na mesa que perguntei a Ben se poderia levar. Eu não suportava desperdício.

Pensava na fome que havia na China.

Todos pareciam admirar nossos corpos esguios, e eu não entendia por quê. Na China, magreza era sinal de pobreza; o gordo

era visto como alguém com dinheiro suficiente para comprar comida. Mais tarde, descobri que, naquele país, as pessoas se hospedam em clínicas caríssimas para perder peso. Eu poderia ajudar: bastaria levá-las à China e fazer com que se alimentassem exclusivamente de inhame seco durante algum tempo.

Quando voltamos ao nosso quarto, tomei meu primeiro banho. A água me percorreu o corpo e acalmou os nervos. Deixei que escorresse sobre meu rosto e a soprei como uma criança. Mesmo assim, não sabia se preferia o chuveiro ou a banheira. Já a cama foi outra história. Aquele colchão macio demais era muito desconfortável! Ao acordar na manhã seguinte, tive de me beliscar para ver se era verdade o que estava vivendo. A voz de Ben, chamando do andar de baixo para o desjejum, me convenceu.

Eu estava nos Estados Unidos. Ia ficar por seis semanas.

Ben já havia preparado bacon e ovos.

— Querem alguns muffins? — ofereceu.

— Não, obrigado — respondemos prontamente. Eu e Zhang trocamos olhares horrorizados, sem entender por que ele nos fazia uma oferta tão repugnante. Dessa vez, quem ficou surpreso foi Ben:

— O que há de errado? Com a ajuda do dicionário, expliquei: — Muffin, em chinês, quer dizer "bosta de cavalo".

Ele soltou uma gargalhada. — Primeiro "caramba" e agora "bosta de cavalo". Já vi que vamos nos divertir um bocado neste verão.

Então, Ben nos ofereceu suco. Para encher os três copos, precisou de umas dez laranjas! Eu me senti um criminoso, bebendo aquele suco precioso. Minha família sequer tinha visto uma laranja em toda a vida. E bacon, torradas, manteiga e geleia também eram novidades. Comemos muito. Ben ficou surpreso com a rapidez com que devoramos tudo, precisou fritar mais ovos e abrir outro pacote de bacon. Era como se tivéssemos passado dezoito anos sem comer.

Depois do café da manhã, fomos a pé até a Houston Ballet Academy, que ficava a pouca distância da casa de Ben. A academia

ocupava o mesmo prédio antigo de tijolos onde estava situada a Houston Ballet Company. Havia quatro estúdios de porte médio.

Clare Duncan, a diretora, percorreu o prédio conosco e nos apresentou a professores e alunos. Sendo o primeiro dia do curso de verão, reinava um certo movimento, que nos deixou completamente confusos. Além de acharmos as pessoas todas parecidas, não conseguíamos decorar seus nomes.

— Aula de balé, quando? — perguntei a Ben, com a ajuda do dicionário.

A música e os alunos dançando despertaram minha vontade de começar.

— Se quiserem, podem começar hoje — ele respondeu. Só entendi a palavra "hoje", mas foi o bastante. Observando os alunos que se exercitavam nos estúdios, reparei que todos os rapazes vestiam meia-calça preta, camiseta branca, meias e sapatilhas. Minha única meia-calça — azul-clara — fora presente de um professor, que por sua vez a recebera de um bailarino inglês. Zhang tinha uma branca, sabe-se lá vinda de onde.

— Sem calças — eu disse a Ben, depois de encontrar a palavra "calças" no dicionário.

— Vocês não precisam de calças para a aula — disse ele confuso. — Calças, calças! — repeti apontando para as pernas e fazendo um plié.

— Vocês só precisam de... Ah, meia-calça! — Sim! Eu não tinha certeza do que ele dissera, mas, como parecia ter entendido, sorri também.

Ben logo providenciou para que fôssemos a uma loja especializada, acompanhados por Stephanie, administradora da companhia. Para isso, entregou a ela dinheiro suficiente para a compra de duas meias-calças, de suportes e de sapatilhas para cada um de nós — mais de 400 dólares. Fiz as contas imediatamente: 200

dólares — a minha parte — correspondiam a mais de dois anos de salários do dia! Como justificar aquela despesa?

— Zhang, sabe quanto tudo isso vai custar? — perguntei.

— Não. Quanto?

— Mais de mil ivanes!

Zhang custou a se recuperar do susto.

Quando voltamos das compras, outra das diretoras do Houston Ballet, Louisa Sarofim, estava à nossa espera para almoçarmos em um restaurante próximo.

Pela forma como o dono do restaurante se dirigiu a Louisa, logo vi que íamos almoçar com mais uma inimiga da classe. O restaurante era incrivelmente elegante e fresco, com flores naturais por toda parte.

Cada um de nós recebeu um cardápio. Consegui ler apenas os preços. Nada custava menos de 14,95 dólares. Como a conta seria paga por Louisa, pensei em pedir o que fosse mais barato, para não dar má impressão. Quando comentei com Zhang a ideia, ele disse que faria o mesmo.

Escolhemos dois dos pratos mais baratos do cardápio. Não fazia a menor ideia do que iria comer, mas, em um restaurante daquele nível, certamente não me deixariam passar fome.

Em alguns minutos, o garçom me trouxe um prato de salada verde e colocou diante de Zhang um prato de sopa. Ainda me lembro do olhar que Zhang me lançou. Forcei um sorriso e desviei os olhos rapidamente.

— Tudo em ordem? — Ben perguntou preocupado.

— Tudo! — respondi com animação. Zhang apenas fez que sim com a cabeça. Louisa provavelmente pensou que comíamos pouco para manter a forma. Espetei o garfo em uma das folhas e provei salada pela primeira vez na vida.

— Gostoso! — disse, para encorajar Zhang.

— Gostoso — ele repetiu, forçando-se a terminar a sopa. Felizmente, o garçom não parou um só momento de abastecer a mesa com pão.

Louisa nos levou de volta ao estúdio e Clare Duncan mostrou onde ficava o vestiário masculino. Vesti a meia-calça que havia comprado pela manhã. Era bem mais macia e confortável do que aquela que havia trazido da China.

Ao entrar, encontramos o estúdio cheio de alunos, que se afastaram para nos ceder espaço na barra central. Então, Ben chegou. Lembro que vestia uma camiseta onde se lia "London" e calça preta de um tecido que parecia seda. A energia e a paixão com que ensinava serviam de inspiração a todos. Durante a aula, fiquei atento aos outros alunos e, para minha surpresa, concluí que estávamos todos mais ou menos no mesmo nível. Nossa técnica era bastante precisa, o que só podia ser resultado da disciplina rígida do treinamento chinês.

Havia alunos da Inglaterra, do Canadá e de outros países, sem dúvida devido à fama internacional de Ben como professor, coreógrafo e diretor artístico. As atividades tomavam o dia todo: aulas de balé, interpretação, dança moderna, pas-de-deux e condicionamento físico, além de oficinas de coreografia. Eu não tinha nenhum conhecimento de dança moderna, mas as aulas de danças folclóricas chinesas e de movimentos do tai chi nos serviram de base. A aula de condicionamento físico era diferente: baseava-se em algo chamado Pilates e logo vi que me ajudaria a compreender o funcionamento do corpo e a lidar com as dores e as deficiências do físico.

Todos pareciam interessados em fazer amigos. Embora eu e Zhang não conseguíssemos decorar os nomes dos colegas nem entender o que diziam, fomos tratados com afeto por eles. Além de tudo que nos ofereciam, recebíamos 50 dólares por semana, a título de ajuda de custo. Nem em sonhos eu imaginara possuir tal quantia!

Oito meses de salário do dia! Procurei economizar ao máximo, para poder ajudar a família quando voltasse à China.

Logo descobrimos que Ben, além de bom cozinheiro, gostava de diversão. Assim, estávamos sempre cercados de gente, o que, de nossa parte, significava muitos gestos de concordância e inúmeros sorrisos. Zhang e eu também fazíamos sucesso na cozinha. Estávamos, porém, tão acostumados ao trabalho manual que raramente usávamos a máquina de lavar pratos ou a de lavar roupas. Certo dia, logo depois do café da manhã, Ben pediu que colocássemos a roupa suja na máquina e girássemos o botão, já que estava atrasado para uma reunião de diretoria. Quando abri o armário para pegar o sabão em pó, encontrei várias caixas. Naturalmente, escolhi a maior e usei o sabão generosamente. Em questão de minutos, toda a cozinha estava coberta de espuma, e eu, em pânico.

Na segunda semana de nossa estada em Houston, fomos convidados para um almoço por Barbara Bush, amiga de Ben. Foi em sua bela casa que vi pela primeira vez uma piscina coberta. Ela se desculpou pela ausência do marido, que tivera de comparecer a um comício pela campanha presidencial, na Califórnia.

Eu me senti honrado em conhecer Barbara, mas o fato de ser casada com um homem de atitudes pouco discretas me fez suspeitar de suas intenções políticas. Iria ela tentar corromper nossas convicções? Fui mentalmente preparado e me surpreendi com a recepção generosa e cordial que tivemos. Barbara não parecia mulher de político.

Elegante e bondosa, referiu-se sempre à China com respeito. Lembrou-me a niang.

Quando nos transmitiram o convite, houve a recomendação de que levássemos trajes de banho. Como não tínhamos, foi mais um artigo que Ben teve de comprar para nós. Enquanto Barbara e Ben conversavam animadamente, eu e Zhang nadávamos na piscina

aquecida de uma das mulheres mais poderosas dos Estados Unidos. Nem em sonhos eu poderia prever aquela situação.

Barbara tinha um cachorrinho chamado Fred, que ela adorava. Chegara inclusive a levá-lo em sua viagem à China, acompanhando o marido.

Falando dele como se fosse um filho, ela nos contou de sua inteligência. Fiquei pensando que, em minha cidade natal, ele provavelmente seria servido no jantar.

Também fomos algumas vezes à casa de Louisa Sarofim. Eu não conseguia acreditar em tanta riqueza. Quando vi o jardim, a piscina e tudo o que havia em volta, pensei estar em um parque muito bem conservado. Ao entrar na casa, fiquei diante de um dos mais belos quadros que se possa imaginar. Mais tarde, Ben me disse que os quadros da casa valiam milhões de dólares. Um milhão de dólares? Número vultoso demais para ser compreendido por um jovem camponês recém-chegado da China. Ela provavelmente era mais rica do que um deus, mas, gentil e despretensiosa, amava o balé e se orgulhava das conquistas do Houston Ballet.

As vultosas quantias que giravam em torno do balé nos Estados Unidos me deixavam boquiaberto. Havia dinheiro em toda parte. Certa vez, vi um dos membros da diretoria deixar uma nota de cem dólares na mesa do jantar, como gorjeta. Claro que corri a perguntar-lhe se havia esquecido o dinheiro lá. Ele simplesmente fez que não e seguiu em frente. Fiquei atônito. Mais de um ano de trabalho duro do dia deixado sobre a mesa, simplesmente. Às vezes, ouvia falar de centenas de milhões de dólares. Aquelas palavras não existiam em meu vocabulário. O hiato financeiro e cultural era grande demais para ser entendido.

Logo na primeira semana do curso, Ben nos matriculou em um curso de inglês e comecei a aprender de dez a quinze palavras por dia, que anotava em um papel. Aonde quer que fosse, levava comigo a lista de palavras e aproveitava todos os momentos para estudar,

principalmente quando ia ao banheiro. Meu inglês melhorou rapidamente e acabei sendo o tradutor de Zhang. Ele deveria ter passado mais tempo no banheiro, com certeza.

Eu era constantemente surpreendido pela liberdade que o povo americano gozava. Certa vez, no vestiário, um aluno de Nova Orleans reparou no bóton de Mao que eu trazia preso à sacola com o material da aula.

— Você gosta de Mao? — perguntou.

— Sim, eu amo o chefe Mao! — respondi levando o punho ao coração.

— Pois eu não gosto do presidente Jimmy Carter. Não o considero um bom presidente.

— Não bom? Jimmy Carter? — perguntei surpreso.

— Não bom — ele confirmou, fazendo um gesto com o polegar para baixo.

— Shh! — Olhei em volta nervosamente. — Não tem medo de ouvirem você falar assim do grande líder? — perguntei em meu inglês de iniciante.

— Não. Por quê? Posso dizer o que quiser sobre o presidente. Estamos nos Estados Unidos.

— Se eu falar mal do chefe Mao, posso ser preso ou morto — expliquei em um sussurro, fazendo um gesto com o dedo em torno do pescoço.

— Está brincando!

— Verdade! — confirmei.

— Você sabe... — ele continuou. — Ronald Reagan, o governador da Califórnia, quer ser o próximo presidente. Ele foi ator em Hollywood.

— Ator? Como não conhecia a palavra "ator", procurei-a no dicionário. Um ator querendo ser presidente dos Estados Unidos? Tinha traduzido errado, com certeza.

Nas semanas seguintes, Ben usou uma música de George Gershwin para coreografar uma dança que seria apresentada por mim e por Zhang. Tivemos muita dificuldade em entender o que Ben queria que fizéssemos. Nossa dificuldade de relaxar e de entender o que ele dizia deixava Ben frustrado. Saltos e piruetas não eram problema; o difícil era ir de uma extremidade a outra do estúdio sem fazer ponta ou girar os pés para fora. Ben chegou a sacudir nossos braços, dizendo: "Relaxe! Relaxe!" "Assim ele vai deslocar nossos ombros", pensei. Quando, afinal, pegamos a ideia de Ben, tudo ficou mais fácil e natural. Era como se não estivéssemos dançando, mas eu percebia o desenrolar da música de Gershwin e a coreografia integrada a ela.

Ao fim das seis semanas de curso, eu tinha aprendido a relaxar e começava a fazer amigos entre os colegas, os bailarinos da companhia, os apreciadores do balé e membros da diretoria. Todo fim de semana, tinha de me apresentar ao consulado chinês. Um dos cônsules era Zhang Zongshu, cuja esposa atuava como tradutora.

Cabia a eles a tarefa de cuidar de nós.

Ben resolveu perguntar ao cônsul Zhang se eu poderia voltar aos Estados Unidos para uma temporada com a companhia.

Mais uma vez a influência de Ben foi decisiva. O cônsul Zhang enviou um parecer favorável ao Ministro da Cultura e recebi permissão para retornar por um ano ao Houston Ballet dali a apenas dois meses. Havia possibilidade de estender o convite a Zhang Weiqiang.

Recebi a ideia de retornar à América com um misto de alegria e ceticismo. Estava tão agradecido ao governo chinês pelo que me havia concedido... A mim, um camponês! O comunismo era mesmo maravilhoso.

Para aproveitar nossos últimos dias nos Estados Unidos, Ben nos levou a conhecer Washington e Nova York. Em Washington, só o que fizemos foi tirar fotografias em frente à Casa Branca e ao Kennedy

Center. Para falar a verdade, fiquei meio desapontado. Esperava encontrar numerosos guardas armados ao longo dos portões e dos muros, como em Pequim. No entanto, havia apenas uns poucos guardas junto de um portão pequeno, todos parecendo muito à vontade — tanto que não se importaram quando nos aproximamos para bater fotografias.

Em Nova York, ficamos hospedados com dois amigos de Ben ligados ao cinema. Eles tinham dois cãezinhos magrelos e engraçados, que pareciam cantar quando um dos donos tocava piano. Outros que, em Qingdao, teriam virado refeição.

Ben nos fez correr de um lado para outro, de modo que pudéssemos conhecer o maior número possível de atrações em Nova York. Fomos com ele às torres gêmeas, ao Empire State, à Estátua da Liberdade, ao Central. Park, ao setor de teatros. Tudo me surpreendeu e me impressionou naquela cidade fervilhante: os prédios gigantescos, a quantidade de carros, a limpeza, em comparação com Pequim. Mas as pequenas coisas me deixaram ainda mais encantado. Um amigo de Ben nos mostrou o que chamou de "caixa automático". Fiquei sem fala ao ver a máquina cuspir notas de 20 dólares. Em Houston, eu conhecera muitos aparelhos elétricos, mas dinheiro saindo da parede... nem em meus sonhos mais loucos! Como qualquer turista com pouco dinheiro, compramos lembranças, como bótons com a inscrição "I Love New York", cartões-postais e canecas decoradas com maçãs. Meu souvenir preferido era uma camiseta com minha foto estampada e a legenda "I Love New York" — presente de Ben. Para nós, os preços em Nova York eram altíssimos. Tudo servia de motivo para que eu estabelecesse comparações com a China e pensasse na vida pobre da família.

Depois da visita a Nova York, retornamos a Houston; ainda tínhamos dois dias antes de voltar à China. As pessoas nos encheram de presentes, e as dúvidas me assaltavam o coração a cada despedida. Ben se orgulhava de ter sido responsável pelo primeiro

intercâmbio cultural entre China e Estados Unidos e fez da nossa estada uma experiência altamente positiva. Ele foi atencioso e gentil, generoso e protetor. Eu sabia que jamais poderia retribuir o interesse que demonstrara por nossa arte.

Assim, quando nos despedimos dele no aeroporto, sentíamos a tristeza de estar deixando um amigo especial.

No avião, pensei na possibilidade de voltar a Houston em apenas dois meses. Lembrei-me de como me sentia em relação aos Estados Unidos e ao povo norte-americano antes de viajar. E acabei rindo de minhas suspeitas iniciais.

O que mais me ocupou o pensamento, porém, foram as imagens sombrias e assustadoras da sociedade capitalista, então substituídas por outras completamente diferentes.

O inimigo que a China mais odiava e o sistema representado por ele me deram o que eu mais desejava. Estava assustado e confuso. Em que acreditar, afinal? No que o comunismo me ensinara ou no que acabava de ver e viver? Por que o chefe Mao, madame Mao e o governo chinês nos contavam mentiras sobre os Estados Unidos? Por que éramos tão pobres na China? E por que eles eram tão prósperos? Durante toda a viagem, procurei afastar as dúvidas. Tentei me convencer de que minha fé no comunismo continuava inabalável, mas sabia que estava me enganando. Sabia também que tinha de acreditar no que o governo chinês queria que eu acreditasse — ou fingir, pelo menos. Tudo isso me deixou ainda mais assustado. Eu não deveria questionar minhas crenças comunistas e jamais pensei que fosse fazê-lo um dia. Por isso, repeti incansavelmente para mim mesmo que estava feliz por voltar à China, pois lá viviam meus pais, meus irmãos, meus amigos e meus professores. Lá, estavam minhas raízes. Eu era o peixe, e a China, o lago. Eu não poderia existir em outro lugar.

Mas as dúvidas persistiam. Eu tinha provado da liberdade e não poderia me enganar quanto a isso.

19

跳舞

ADEUS, CHINA

A primeira coisa que fiz ao retornar à Academia de Dança de Pequim foi contar as minhas descobertas ao professor Xiao, a Zhang Shu, a Bandido e a todos os colegas: o pas-de-deux de Gershwin, a técnica de Martha Graham, o condicionamento físico. Eu não conseguia conter a excitação e o entusiasmo. Decidi, porém, não comentar o quanto havia gostado dos Estados Unidos. Não mencionaria, em especial, a sensação de liberdade. Queria muito contar a eles, mas sabia que isso daria às autoridades um motivo para impedir minha volta à América. Eu não me arriscaria. Como diz um antigo ditado chinês: "O vento leva as palavras para outros ouvidos." A liberdade experimentada nos Estados Unidos me vinha à memória constantemente. Na China, seria impensável desafiar o chefe Mao e a autoridade absoluta de seu governo. Os direitos individuais não existiam. Tudo nos era imposto: o que fazer, quanto trabalhar, quanto receber, onde viver e quantos filhos ter. Minhas crenças comunistas entravam em choque com as lembranças da América, ainda tão vivas. E se eu tivesse a mesma liberdade? O que faria com minha arte? Procurei convencer-me de que, se tivesse passado mais tempo nos Estados Unidos, certamente acabaria por

descobrir aspectos negativos do capitalismo que me fariam detestar o país. Ainda assim, surpreendia-me o fato de seis semanas produzirem um efeito de tal intensidade. Como era possível um período tão curto abalar dezoito longos anos de comunismo? Sem o chefe Mao, eu estava perdido. Ele era meu deus. Mas eu ainda morreria pelo chefe Mao? Já não tinha certeza.

Àquela altura, comecei a questionar determinados aspectos de nosso treinamento em balé. Sentia-me frustrado com a falta de liberdade de pensamento dos professores.

A sensação de ser um animal aprisionado voltava a me incomodar. Mal podia esperar que se passassem os dois meses, quando então voltaria aos Estados Unidos para continuar meu aprendizado.

Logo que voltamos à China, Zhang e eu tratamos de elaborar um relatório sobre a viagem para submeter à diretora Song e ao ministro da Cultura.

— Que tal nos encontrarmos nesta noite para fazer o relatório? — perguntei a Zhang.

— Ah, escreva você. Eu confio. Insisti, argumentando que precisava da colaboração dele para dar ao relatório uma forma que não despertasse suspeita nos oficiais.

— Escreva o que tiver de escrever — ele disse. — Eu entendo. A confiança de Zhang me deixou satisfeito, mas eu gostaria que ele ajudasse a apontar aspectos negativos da viagem — o que eu não conseguia fazer de modo algum. Então, decidi inventar alguma coisa sobre "as detestáveis influências capitalistas". Primeiro, descrevi a rotina diária na Houston Ballet Academy e as novas experiências nas aulas de Ben. Em seguida, enfatizei a boa vontade que Zhang e eu havíamos despertado em relação à China e passei a retratar os aspectos negativos de nossa curta permanência nos Estados Unidos. Apontei a proprietária do restaurante — procedente de Taiwan — como inimiga de nossa classe, com seu perfume forte, sua

maquiagem carregada e seu sorriso forçado; descrevi uma comunidade negra nos arredores de Houston vivendo em casas decadentes e cheias de goteiras, em meio a moscas, mosquitos e sujeira; disse que apenas uns poucos privilegiados viviam em casas luxuosas, equipadas com aparelhos de ar condicionado; lamentei pelos negros pobres da América; e terminei enfatizando a superioridade do sistema comunista e dos princípios valorizados pelo chefe Mao.

— Ótimo! Obrigado, Cunxin! — Zhang elogiou entusiasmado, ao ler o que eu escrevera.

Mas eu não estava satisfeito; não gostava do que havia feito. Ao entregarmos o relatório e devolvermos os ternos, as gravatas e as malas que nos haviam emprestado, o representante de Wang Zicheng pediu que devolvêssemos qualquer ajuda de custo recebida nos Estados Unidos. Zhang e eu levamos um susto.

— Gastamos quase todo o dinheiro em comida enquanto estávamos lá! — argumentei, sem revelar que havia comprado presentes para a família e para os amigos.

— Quero que tragam aqui amanhã, sem falta, cada dólar que tenha sobrado — ele exigiu.

Assim, como bons e honestos guardas vermelhos, entregamos ao ministro no dia seguinte todo o dinheiro restante. Fiquei muito desapontado. Pretendia levar o dinheiro para meus pais; eles precisavam muito mais do que o ministro.

A volta aos Estados Unidos em tão pouco tempo significaria a impossibilidade de visitar a família até o ano seguinte. Sabendo como deviam estar ansiosos por notícias minhas, escrevi uma carta: "Vou sentir muito a falta de todos, principalmente na véspera do ano-novo. Vou erguer meu copo de cerveja Tsingtao em terras distantes e beber à sua saúde e felicidade. Vou ajoelhar e tocar o chão três vezes com a testa, em sua homenagem. Se espirrarem, saibam que é porque mencionei seus nomes.

Espero que compreendam o quanto gostaria de estar aí contando o que aconteceu na viagem. As novidades são muitas, não caberiam nesta carta. Por favor, tenham paciência e esperem mais um ano. Então, estarei de volta. Trouxe presentes, que levarei no ano que vem. Junto com esta, vai um safei)] card com a fotografia do avião em que viajei. Voar sobre as nuvens é a coisa mais linda do mundo. Espero que, um dia, possam viajar também. Recebam todo o amor que há em meu coração. Quero dizer à niang que sinto falta dos bolinhos e da comida deliciosa dela. Nenhum dos pratos caros que comi nos Estados Unidos se compara aos bolinhos dela." No terceiro dia depois de nossa chegada, Zhang Shu, o chefe do departamento de balé, pediu-me que desse uma aula a todos os professores da academia, mostrando o que havia aprendido. Dar aula aos professores? Apesar do meu nervosismo, tudo correu bem. Continuei a participar da maior parte dos ensaios e das aulas práticas, enquanto esperava para reaver meu passaporte, recolhido pelo ministro assim que chegamos.

Fiquei feliz em rever meus bons amigos da academia, especialmente Bandido, a quem dei um bóton de Nova York e alguns postais de cidades que eu havia visitado.

Ele não sabia se poderia usar o bóton em público, mas ficou contente assim mesmo.

— Como se lê isso? — ele perguntou, apontando para a inscrição. — Gostaria de conhecer Nova York!

— Você vai — afirmei, sabendo, porém, o quanto seria difícil.

— Não se apaixonou por nenhuma nariguda enquanto estava lá? — perguntou de repente.

— Não seja bobo! Claro que não! O que há com você? Ainda pensando em Zhou Xiaoying?

Ele abanou a cabeça com tristeza.

— O que fez no resto das férias? — perguntei para desviar o rumo da conversa.

— Fui ver meu pai e minha mãe. Eles perguntaram por você. Ficaram tão orgulhosos de saber que tinha viajado para os Estados Unidos! Pediram que eu o levasse a Hezi para uma visita.

Hezi era a cidade natal de Bandido. Dizia-se que Confúcio fora enterrado lá, fato que deixava Bandido orgulhoso.

— Irei quando voltar dos Estados Unidos, no ano que vem.

— O que você realmente achou de lá? — ele perguntou.

Eu hesitei. Não sabia o que dizer. Queria falar da liberdade que havia experimentado, mas sabia que isso o deixaria abatido.

— As ruas são largas e limpas, há muitos carros e prédios altos e as pessoas têm um bom padrão de vida — respondi. — Mas o melhor de tudo foi Ben. Ele é bom e gentil, além de ótimo professor.

Em seguida, falei sobre a Casa Branca, Nova York, o caixa automático e os aparelhos eletrônicos. O que mais interessou a ele foi o caixa automático.

— Você viu alguém andando armado pela rua?

— Não. Mas eu não queria mais falar. Disse esperar que ele um dia visse tu(com os próprios olhos e mudei de assunto.

Quase no fim da segunda semana, meu visto chegou de Houston. Fi imediatamente tentar reaver meu passaporte. Ao chegar à repartição, porém, recebi do representante do ministro da Cultura uma notícia arrasadora:

— Cunxin — ele disse despreocupadamente —, acabo de receber um ordem do gabinete do ministro. Ele mudou de ideia e recusou a sua solicitação de passaporte.

Eu não podia acreditar no que ouvia.

— O ministro está preocupado com possíveis influências ocidentais. Você é muito jovem.

— Mas eu já estive lá e não recebi nenhuma influência! O senhor leu nosso relatório?

— Li, sim. Está muito bom.

Mas o ministro já decidiu. Deixei o prédio em total desânimo. Assim que cheguei à academia, corri à sala da diretora Song.

— Diretora, a senhora sabia? — perguntei.

— Soube nesta manhã.

— Por quê? — insisti.

— O ministro acha você muito jovem para viajar sozinho a um país tão perigoso — ela respondeu.

— Mas o ministro tinha permitido enquanto eu estava lá! Eu tenho de voltar! Para aprender mais e servir melhor ao nosso país!

— Entendo os seus sentimentos. Também estou desapontada. Mas você deve confiar na decisão do Partido. Não questione o acerto da decisão do ministro. E agora, volte às suas atividades normais. Você é apenas uma pequena parte da causa comunista. Esqueça os seus desejos pessoais. E, se me der licença, tenho trabalho a fazer.

Deixei a sala frustrado e com raiva e me encaminhei para fora da academia. Àquela altura, os estudantes antigos tinham mais liberdade de ir e vir, por isso o guarda não tentou me deter. Eu não sabia aonde ir ou o que fazer; só queria tempo para pensar. Então, comprei um ingresso para o Taoranting Park. Fui andando cada vez mais depressa e comecei a correr, sem ideia ou propósito, procurando afastar o que me oprimia o coração e a mente. Corri como um tigre cego e apavorado. Era como se um dia lindo de repente se tornasse escuro e assustador. Eu só conseguia ver uma estrada sem fim, que não chegava a lugar nenhum, fechando-se em um círculo de miséria. O coração saltava, as pernas fraquejavam, o ar faltava. "Preciso sair", repetia para mim mesmo.

Ao longo da borda do lago havia muitos salgueiros-chorões. Eu ainda gostava das árvores, mas, desde que a academia se mudara para a cidade, eu não sentia necessidade de me confessar com elas — como fazia antes, aos 11 anos, sofrendo com saudade de casa. Naquele momento, porém, ao ver os salgueiros-chorões em meio à brisa, tive vontade de me refugiar neles novamente. Escolhi um não

muito alto, subi em um galho e me ajeitei sob as folhas. Pela primeira vez em cinco anos e meio, conversei com a árvore. Como podia minha oportunidade de voltar aos Estados Unidos escapar tão de repente? Aquelas seis semanas memoráveis, tudo o que eu vira e vivera...

A América era real. Ela estava lá, e eu tinha visto. As viagens de avião, os carros, os chapéus de caubói, o bife sangrento, a salada crua, as aulas de balé, a música de Gershwin... Estava tudo ainda tão vivo e próximo... E então, o chão desaparecia debaixo dos meus pés. Tentei de todas as maneiras imaginar o motivo pelo qual o ministro mudara de ideia repentinamente. Teria sido o relatório? Teria eu escrito muitas coisas boas sobre os Estados Unidos? Teria Zhang ficado com ciúme e feito um comentário desfavorável ao ministro? Ou seria verdadeira a explicação do representante? Eu não encontrava respostas, mas faria de tudo para descobrir a verdade. "Calma, Cunxin", disse a mim mesmo. "Pense em um meio de convencer o ministro." Voltei à academia bem a tempo do jantar.

— O professor Xiao está à sua procura! — Bandido gritou, assim que me viu.

— Está tudo bem? Você está com uma cara horrível.

— Não me deixaram voltar aos Estados Unidos — respondi.

— Por quê?

Não consegui responder. As lágrimas me fecharam a garganta. Corri até a sala do professor Xiao.

Assim que fechei a porta atrás de mim, ele me abraçou dizendo:

— Já soube. Sinto muito. O que primeiro me surpreendeu foi o abraço. Abraçar não era um gesto comunista.

— Por quê? Por quê? Por quê? — solucei. — O que eu fiz de errado?

— Sente-se — ele disse, puxando uma cadeira e acendendo um cigarro. — Segundo a diretora Song, o ministro acha você muito jovem para ficar um ano no Ocidente.

— O senhor acredita que essa é a razão verdadeira?

— Parece a única explicação razoável.

— Mas ele havia concordado enquanto eu estava lá! Por que mudou de ideia?

— Não sei. Eu e o professor Zhang fizemos a mesma pergunta.

— Existe algum meio de descobrir? — perguntei.

— Você não desiste, hein?

Fiz que não com a cabeça.

— O professor Zhang e eu convencemos a diretora Song a enviar uma petição ao ministro, tentando fazê-lo mudar de ideia. Não sei se vai dar certo. Tudo o que podemos fazer é esperar.

— Obrigado, muito obrigado, professor Xiao.

— Não me agradeça. Você tem de agradecer ao professor Zhang. Foi ele quem falou durante a maior parte do tempo. Ele e eu observamos o quanto a sua dança melhorou com um curso de apenas seis semanas. Então, imagine em um ano! Perder essa oportunidade seria um erro imperdoável.

Ben Stevenson pode dar a você o que não temos condições de oferecer. Agora, vá jantar, senão vai desaparecer.

Passou-se uma semana sem nenhuma manifestação do ministro. Até que, em uma terça-feira, Zhang Shu me chamou a sua sala. O professor Xiao já estava lá. Assim que entrei, percebi que receberia más notícias.

— Cunxin — começou Zhang Shu —, acabamos de ser informados de que nossa petição foi recusada. Sinto muito.

Meu coração sangrou de dor. Fiz de tudo para conter as lágrimas.
— Cunxin — disse o professor Xiao —, decidimos lhe dar três semanas de licença para visitar a família. Você não vê os seus parentes há quase dois anos. Tenho certeza de que estão sentindo a sua falta.

— Obrigado — disse e disparei pelo corredor. Uma porta para um mundo inteiramente novo se fechava diante de mim, e nada

havia a fazer. Eu só queria me deitar.

Estava cansado e arrasado. Assim como havia feito em minha primeira noite na academia, sete anos antes, atirei-me na cama e cobri a cabeça com a colcha da niang.

A possibilidade de carreiras brilhantes no balé e na política deixou de ter importância. Minha insegurança ressurgiu, eliminando toda a determinação e a força mental.

Ao mesmo tempo, eu não entendia por que o fato de não viajar aos Estados Unidos me afetava tanto. Ficava com raiva de mim por ser egoísta. Já tinha ido uma vez; devia estar satisfeito e agradecido. Mas uma voz mais forte se impunha sobre todas as outras em minha mente: "Eu quero voltar. Quero estudar com Ben. Quero melhorar minha técnica e, o mais importante, experimentar mais uma vez aquela preciosa liberdade." De repente, pulei da cama e corri à sala do professor Xiao.

— Professor Xiao, sabe onde mora o ministro Wang?

— Sei. Por quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

— Quero vê-lo.

— Não acredito que o receba, ainda que vá à casa dele. Acho melhor ir até o ministério e marcar uma entrevista.

— Não acredito que me deixem falar com ele no ministério. Já recusou meu caso duas vezes, e a entrevista seria marcada para daqui a muito tempo. Eu tenho pressa.

Além do mais, ele não é um tigre, portanto não vai me devorar, vai? — argumentei, lembrando o que o próprio professor Xiao me dissera, certa vez, a respeito do professor Gao.

— Você e sua boa memória — ele disse. — Nunca vou subestimar a sua memória e a sua determinação — dizendo isso, escreveu o endereço do ministro em um pedaço de papel e me entregou. — Boa sorte.

Na noite seguinte, peguei dois ônibus e, quarenta e cinco minutos mais tarde, cheguei à residência do ministro Wang.

Era um prédio imponente, de portão de ferro e muros altos. Havia uma guarita onde ficava um guarda armado com uma metralhadora semiautomática.

— Olá, camarada — saudei o guarda, procurando demonstrar segurança. Sou Li Cunxin, da Academia de Dança de Pequim. Vim ver o ministro Wang.

— Tem hora marcada? — ele perguntou.

— Não — respondi honestamente. — Se não marcou hora, desista.

— Só desejo falar com ele por um minuto. É urgente.

— Sem hora marcada, nada feito. E saia daqui, senão mando prendê-lo.

Eu me afastei, aborrecido e humilhado. Um camarada não devia tratar o outro daquele jeito.

Na noite seguinte, porém, voltei. Tinha havido troca de sentinela. — Olá, camarada. Sou Li Cunxin, da Academia de Dança de Pequim, e estive nos Estados Unidos representando a China. Fui avisado de que deveria ver o ministro Wang esta noite — menti.

— A que horas é o seu encontro com ele? — o guarda perguntou. — Não tenho certeza. Foi marcado pelo pessoal da academia.

— Espere um pouco. Como é mesmo o seu nome?

— O sobrenome é Li.

Como Li é um sobrenome muito comum na China, havia a possibilidade de que algum outro Li tivesse marcado uma entrevista com o ministro.

"Tomara que ele não pergunte o meu primeiro nome", pensei.

— Qual é o seu nome? — Infelizmente, a pergunta. — Cunxin. — Não há nenhuma entrevista marcada para esta noite. Tem certeza de que é hoje? O ministro foi a um banquete, vai voltar tarde.

— Desculpe. Devo ter-me enganado com a data. Obrigado. Dizendo isso, caminhei até o final da rua, dobrei a esquina, sentei-me em uma soleira de pedra e fiquei esperando a volta do ministro.

Para ajudar a passar o tempo, tirei do bolso uma lista com vinte palavras novas em inglês que precisava memorizar. Em seguida, ensaiei o que iria dizer: tudo isso sem tirar os olhos da rua, onde o carro do ministro poderia surgir a qualquer momento.

Por volta da meia-noite, continuava no mesmo lugar, cansado e tremendo de frio, e nem sinal do carro do ministro. Para me aquecer, corri até o ponto, onde embarquei no último ônibus da noite. Tendo perdido o outro que faria a conexão, dei mais uma corrida, esta de meia hora, até chegar à academia. Aproveitando que o guarda adormecera, escalei o portão como um gato e entrei.

No dia seguinte, depois da aula, o professor Xiao me chamou a sua sala.

— Cunxin, estou preocupado. Por que não desiste? Fiz que não e contei o que havia feito nos dois últimos dias. — Não vou desistir enquanto não explorar todas as possibilidades — respondi decidido.

Percebi que o professor estava emocionado. — Cunxin, eu já o conheço há vários anos e nunca duvidei da sua determinação. Neste caso, porém, você não está lidando com fatores internos, mas com uma situação que não pode controlar. Como uma pulga tentando derrotar um elefante. Descanse. Vai haver outra oportunidade no futuro.

— Não existe outra solução? O professor Xiao fez que não: — O ministro raramente volta atrás em suas decisões. Ele tem outras preocupações muito mais sérias do que o seu caso.

Ainda assim, não desisti. Na terceira noite, voltei à casa do ministro Wang. Levei uma lista de quarenta palavras para decorar e mais agasalhos. Estava disposto a esperar a noite toda, se necessário.

O guarda, o mesmo da primeira noite, me cumprimentou: — Olá, camarada. Marcou hora desta vez?

— Um dos meus professores marcou com o representante do ministro, para esta noite, às 19 horas e 30 minutos — respondi aparentando despreocupação.

— Espere aqui. Senti o coração saltar e o rosto queimar. Eu me odiava por ter de mentir. Se não estivesse tão escuro, o guarda teria percebido a mentira somente pelo meu rosto corado.

Poucos minutos mais tarde, ele voltou: — Você não sabe nem mentir! Volte para casa e não venha aqui sem ter marcado antes. Senão, vou lhe dar um tiro! Notei, porém, que o guarda estava com humor melhor do que na primeira vez.

— Camarada, me desculpe por ter mentido, mas eu preciso ver o ministro Wang, nem que seja por um minuto.

Contei a ele por que desejava ver o ministro. Pedi que se colocasse em meu lugar e me desse uma chance.

— Prometo que só vou tomar um minuto do tempo dele — completei. — Tudo bem. Mas não sei a que horas o ministro volta nem se vai concordar em receber você.

Dessa vez, não precisei me esconder no final da rua. Fiquei andando de um lado para o outro, decorando as quarenta palavras em inglês e ensaiando pela centésima vez o que diria ao ministro.

Pouco antes das 22 horas, o guarda me chamou: — Xiao Li, vou deixar o serviço à meia-noite. Se o ministro não tiver voltado, não garanto que o meu substituto permita que fique por aqui.

— Compreendo. Ele hesitou por instantes, depois perguntou: — Como é lá nos Estados Unidos?

— O que você quer saber?

— Qualquer coisa — ele respondeu interessado.

Falei dos carros, dos prédios altos, do caixa automático...

— As pessoas tiram dinheiro de uma máquina na parede? — ele perguntou, achando aquilo divertido.

Tive o cuidado de não demonstrar muito entusiasmo. Quando disse que os guardas da Casa Branca não usavam armas, ele ficou ainda mais surpreso:

— Você deve estar brincando!

— Não, é verdade. Lá, a segurança é fraca.

— E a Casa Branca? É branca mesmo?

— É — respondi, tentando manter um ar de desinteresse.

— Não posso acreditar que deixaram um bailarino chinês chegar tão perto! Apesar da penumbra, dava para perceber a expressão de incredulidade do guarda. Para que não lhe restasse dúvida sobre meu compromisso com o comunismo, falei do desprezo que sentia pelos inimigos de nossa classe e da minha simpatia pelos americanos pobres. Mas pude perceber que ele se interessou mesmo pelos caixas automáticos.

Mais ou menos uma hora mais tarde, dois faróis apontaram no fim da rua.

— Saia da frente, lá vem ele — o guarda disse, posicionando-se na direção do motorista.

Não consegui ouvir o que eles conversaram. Sei apenas que o carro do ministro entrou e o guarda fechou o portão atrás dele.

— Lamento, Xiao Li, o ministro não quer receber você. Meu coração palpitava. — O que disse a ele?

— Disse que você vem aqui há várias noites, mas tudo que ele respondeu foi: "Mande-o embora." Ele me pareceu aborrecido.

Saí caminhando sob a iluminação fraca da rua. Meu mundo tinha desabado. Aquela era minha última chance, a derradeira. Eu jamais voltaria à América. Estava derrotado.

"Como você foi ingênuo, pensando que a sua vida significasse muito para a causa comunista! Acha que um líder importante como o ministro Wang perderia um só segundo pensando em um simples camponês?" Que tolice acreditar que, na China, todos eram iguais! Tantos anos seguindo a doutrina comunista e, no entanto, aos olhos do ministro, eu não significava coisa alguma. Ele nem se deu ao trabalho de dirigir um olhar a um pobre rapazinho patético! Pensei com amargura no ministro se afastando em seu carro reluzente. Lembrei de, na escola, ouvir dizer que Mao não comia carne de

porco e fazia questão de passar pelas mesmas dificuldades que seu povo sofria. A raiva me fez ferver o sangue.

Naquele momento, fiquei convencido de que a China era como qualquer outra nação. Não havia igualdade, apesar do apoio inabalável que, por muitos e muitos anos, seu povo dera a Mao sem questionar. Que opção teríamos? A mídia era totalmente controlada pelo governo. Não havia como escapar à lavagem cerebral. "Cunxin, você foi manipulado por todos esses anos. É hora de acordar. O governo e o ministro Wang não se importam com você. Cuide-se. Só se vive uma vez." Voltei à academia e só consegui dormir quando o dia clareava. Não ouvi a primeira campainha nem acordei quando Bandido me sacudiu, chamando para o almoço. Perdi as aulas da manhã e os ensaios da tarde. Mal percebi quando alguém colocou a mão na minha testa e disse: "Cunxin está com febre." A garganta latejava. Os ossos doíam. O corpo todo queimava. O mais doloroso, porém, era a lembrança da noite anterior. Somente o sono poderia aplacar minha tristeza e minhas crenças abaladas.

Agarrei-me à colcha da niang como se fosse uma tábua de salvação.

Finalmente, ouvi as vozes do professor Xiao e de Bandido: — Acorde, Cunxin, acorde! Forcei meus olhos a se abrirem e encarei aqueles rostos amigos e preocupados.

As lágrimas me escorreram pela face, então comecei a soluçar descontroladamente.

— Deixem-me em paz! Quero voltar aos meus sonhos. — Cunxin, agora me escute — disse o professor Xiao. — Encare isso como um jogo: você pode simplesmente desistir ou continuar a jogar, para ver o que acontece. Você tem diante de si uma vida longa e uma bela carreira. Haverá triunfos e reveses, com certeza, mas, se desistir agora, nunca sentirá o gosto da manga.

Meus olhos iam do rosto do professor Xiao ao de Bandido e vice-versa. Os soluços não cessavam. Era como se raiva, desapontamento,

orgulho ferido e crenças despedaçadas quisessem sair de dentro de mim ao mesmo tempo.

No dia seguinte, na sala da diretora Song, telefonei para Ben Stevens o n — Não posso ir — disse a ele. — O líder encarregado do assunto disse não.

Meu coração voltou a sangrar de dor. Ele me fez algumas perguntas que não entendi. Só consegui identificar as palavras "por que", "desapontado" e "triste". Várias vezes pedi-lhe que repetisse. Até que ele gritou ao telefone:

— Você! Vem! Mais tarde!

— Não. Líder diz não. Escrever. Carta.

Em seguida, dei outro telefonema, este para minha vila.

— Quinto irmão, sou eu, Cunxin. Estou voltando para casa.

— Como assim? Não ia voltar à América?

— Não vou mais.

— Por quê? Alguma coisa errada?

— Nada de errado. Eu explico quando chegar. Diga aos nossos pais que não gastem dinheiro em comidas especiais para mim — completei.

— Está tudo bem mesmo? Você fez alguma coisa errada?

— Não fiz nada de errado. Está tudo bem. O ministro da Cultura me acha muito novo para viajar sozinho. Tenho de ir agora. Volto a telefonar assim que comprar a passagem de trem.

Desliguei rapidamente. Não queria que ele percebesse que eu estava chorando.

Passei os dois dias seguintes muito sentimental. Assim que o sol se punha, corria para a cama, puxava a colcha da niang até a cabeça e chorava.

Como pretendia passar três semanas em casa, comprei a passagem de trem. Na mesma tarde, porém, estava dando uma olhada no Diário do Povo quando uma manchete me chamou a atenção: “O sr. Wang, ministro da Cultura, vai chefiar uma

delegação à América do Sul por cinco semanas." Abracei o jornal como e tivesse encontrado um tesouro, e corri à sala do professor Xiao.

— Professor Xiao! Professor Xiao! Leia isto!

— Já li. O ministro vai à América do Sul por cinco semanas. O que há demais nisso?

— Quem vai assumir enquanto ele estiver fora? — perguntei.

O professor Xiao entendeu. Descemos juntos ao segundo andar e batemos à porta da sala de Zhang Shu.

— Pode ser que haja um meio de Cunxin viajar para os Estados Unidos — disse o professor Xiao.

Zhang Shu, a princípio, não deu muita importância, mas, ao ler a manchete do jornal, ficou sério. — Podemos insistir com o vice-ministro para que permita a viagem de Cunxin! — insistiu o professor Xiao.

Zhang Shu ficou relutante:

— Talvez o vice-ministro não queira assumir a responsabilidade, sabendo da recusa do ministro Wang.

— Não podemos insistir com todos os cinco vice-ministros? — perguntei.

Os dois se entreolharam e riram. — Seria muito difícil, mas não impossível — acrescentou o professor Xiao.

Eles discutiram sobre quem teria mais influência no ministério e decidiram por Lin Muhan, um respeitado intelectual que, por sua fama de direitista, passara maus bocados durante a Revolução Cultural. Ele era então responsável pela área da educação e um defensor ferrenho das pessoas talentosas. Zhang Shu considerou que Lin Muhan poderia ser um bom aliado. Naquela noite, escrevi à minha família adiando a visita.

Foram mais de duas semanas de intensos esforços. Anos mais tarde, o professor Xiao me contou que chegara a ir com Zhang Shu à casa de Lin Muhan, em uma tentativa final de convencê-lo. Naquela

ocasião, o professor Xiao fez uma promessa ao ministro: em cinco anos, o balé chinês seria o melhor do mundo.

Eles conseguiram. Lin Muhan se reuniu com os outros ministros e assinou a permissão para que eu passasse um ano nos Estados Unidos.

Com o passaporte nas mãos, fui ao consulado dos Estados Unidos em Pequim e, em poucos dias, recebi o visto. Tornei a telefonar para Ben, o coração em festa:

— Posso ir! Passagem de avião, por favor!

Dois dias depois, recebi um telefonema da Northwest Airlines confirmando minha reserva. Eu viajaria em três dias.

Aqueles três últimos dias foram de uma atividade febril. Todos os amigos queriam estar comigo. Na noite do último sábado, o professor Xiao convidou a turma toda para ir ao seu apartamento e nos preparou uma refeição deliciosa. Todos colaboraram no preparo e na arrumação. Ele fez até mesmo uma salada de ovos, maçãs e batatas. Brindamos e dissemos: Gan bei! O professor Xiao tomou a palavra: — Quero propor dois brindes. O primeiro a todos vocês, por suportarem por mais de cinco anos e meio meus gritos e reclamações. Talvez, esta seja nossa última reunião.

Tenho orgulho de ser seu professor e desejo que tenham toda a sorte do mundo. Vocês são a última geração de bailarinos do chefe Mao e de madame Mao. Estudaram sob as regras de disciplina mais rígidas que se possa imaginar, mas isso lhes dará uma vantagem sobre os outros. Vocês serão os últimos bailarinos de uma era.

O professor Xiao fez uma pausa para controlar a emoção, depois continuou: — Vou fazer uma previsão ambiciosa. Não haverá treinamento igual ao que vocês tiveram. A sua arte ocupará para sempre um lugar de destaque na história do balé da China — mais uma pausa. — O segundo brinde é à viagem de Cunxin aos Estados Unidos. Espero que ele respeite o passado e caminhe para o futuro. Que aperfeiçoe sua forma de arte. Que a China se orgulhe dele. Gan

bei! Aquele foi, realmente, o último encontro da turma com o professor Xiao.

Eu estava felicíssimo com a viagem, mas gostaria de, antes, ver minha família. Tinha saudade dos meus pais e dos meus irmãos, da niang principalmente, mas não podia arriscar-me a voltar a Qingdao. Havia a possibilidade de o ministro mudar de ideia. Teria de me contentar em ver a família dali a um ano.

Naquele domingo, visitei minha família adotiva, os Chongs, e provei pela última vez seus deliciosos bolinhos. À noite, Bandido, Liu Fengtian, Chong Xiongjun e alguns colegas de turma organizaram uma festa de despedida na academia. O ambiente era de alegria e confraternização, mas pairava no ar certa tristeza; ninguém sabia se nos encontraríamos novamente.

Assim, em novembro de 1979, um mês depois da data originalmente marcada, deixei a China pela segunda vez. Eu não desconfiava que só voltaria dali a muitos, muitos anos.

Parte 3

O OCIDENTE

20

跳舞

DE VOLTA À TERRA DA LIBERDADE

Quando o avião alcançou altura, minha única sensação era de cansaço. Os últimos meses tinham sido de muito desgaste. Até o momento final, temi que o governo chinês mudasse de ideia, me arrancasse do avião e me obrigasse a permanecer em Pequim para sempre.

A ideia de ser impedido de deixar a China me apavorava. Desejava desesperadamente a liberdade de expressão que, em meu país, me negavam. Queria conquistar o mundo do balé. Aquela era minha chance. Não teria mais de dançar pelos ideais comunistas de Mao. Poderia dançar por mim, por meus pais, pelos professores e pelos amigos que deixara na China. A influência comunista se enfraquecia rapidamente.

Janie Parker, uma das principais bailarinas do Houston Ballet, foi ao aeroporto de Houston esperar por mim. Meu contato com Janie fora breve, quando o curso de verão estava quase terminando, mas eu me lembrava de sua personalidade radiante. Fiquei feliz ao revê-la.

Em meio à atmosfera perfeita do outono, Janie me levou em seu carro à casa de Ben. Pensei no ar pesado e poluído de Pequim e abri a janela, deixando que o ar fresco e limpo de Houston soprasse meus longos cabelos ondulados. Por um momento, tive a impressão de estar sonhando. Impossível estar de volta.

Respirei fundo. Senti meu espírito em liberdade. A previsão era de que eu ficasse lá por doze meses, mas, desde a chegada, soube que minha segunda visita aos Estados Unidos seria uma experiência muito diferente. Depois do contato com o ministro da Cultura e do tempo que tivera para pensar no que vira no Ocidente, minhas convicções estavam completamente abaladas. Naquele momento, tive certeza absoluta de haver sido manipulado durante anos pela propaganda comunista do chefe Mao. Minha contribuição à causa não tivera nenhuma importância. Eu fora apenas um entre mais de um bilhão de chineses usados como fantoches políticos e me sentia traído por isso.

O primeiro mês da estada em Houston foi de ensaio e erro: uma sucessão de novas experiências e descobertas. Ben me recebeu novamente em sua casa e continuei a estudar balé e inglês incansavelmente. A lista de palavras novas ia comigo a toda parte. Como se não bastassem as aulas e os ensaios durante o dia, as noites eram dedicadas a acompanhar a intensa vida social de Ben. Só me sobravam a hora do banho e os minutos passados no toalete, para decorar novas palavras em inglês. Pelo menos, dia sim, dia não eu procurava fazer anotações no diário e, depois de algum tempo, tinha um vocabulário 50% em chinês, 30% em inglês e o restante em termos franceses de balé.

Assim que cheguei a Houston, Ben iniciou os ensaios para O Quebra-Nozes. Sua interpretação, completamente diferente da versão de Barishnikov, a cujo vídeo eu assistira em Pequim, me encantou de pronto. Nela havia a liberdade de expressão que eu tanto buscava. Fiz dois solos, ambos com uma dança linear, sem interpretação, mas gostei assim mesmo: era a primeira vez que dançava com os bailarinos da companhia.

Foi por causa de O Quebra-Nozes que reparei em Lori Langlinais. Era uma talentosa bailarina e uma bela moça, cheia de vida em seus 20 e poucos anos. Sua risada contagiosa me lembrou a niang. Logo ficamos amigos e, apesar da dificuldade de comunicação nas primeiras semanas, ela se tornou como uma irmã mais velha. Quase sempre nos tratávamos por "grande ballerina" e "grande ballerino" Logo fiz muitas amizades, inclusive Keith Lelliott, outro bailarino hospedado por Ben, e a primeira bailarina Suzanne Longley. Com a aproximação do Natal, Preston Frazier, um dos amigos de Ben — então também meu amigo — comprou-me um livro infantil, que li avidamente, com a ajuda do dicionário. Por meio do texto e das gravuras, fiquei sabendo que um homem de longas barbas brancas chamado Papai Noel chegaria em um trenó puxado por onze renas, todas com nomes estranhos. A primeira de que aprendi o nome foi Rodolfo, em associação a Rudolph Nureyev. O que mais me surpreendeu, porém, foi saber que Papai Noel descia pelas chaminés das casas e colocava presentes nas meias das crianças! Parecia uma versão capitalista de Lei Feng, o soldado humilde exaltado por Mao como exemplo de comunista. Só podia ser propaganda ocidental! E o mais incrível: Jesus era filho de uma virgem! Pelo que aprendi, porém, o Natal estava ligado a compras. Com meu limitado dinheirinho da bolsa de estudos, aproveitei a ida com Ben a um famoso centro comercial e, faltando apenas três dias até a festa, comprei alguns presentes para os amigos americanos. As lojas estavam apinhadas, com os fregueses comprando loucamente e

depois abrindo caminho na multidão, carregando sacolas e mais sacolas. Por toda parte, havia árvores de Natal com sinos, fitas, guirlandas e outros enfeites.

Incrível! Mas havia algo ainda mais surpreendente: o modo como se gastava dinheiro. Em apenas duas horas, Ben gastou cerca de cinco mil dólares em presentes! Sessenta e cinco anos de salários do meu pai — uma vida inteira de trabalho estafante! Minha família viveria por meio século com a quantia que Ben gastara em um só dia.

Era incompreensível. Eu estava chocado e triste. Como podia haver tal desigualdade no mundo? A festa de Natal na casa de Ben foi um megaevento com mais de quarenta convidados, entre amigos, bailarinos e alunos. Havia presentes para todos. Eu mesmo encontrei um, deixado por Papai Noel dentro da meia que eu havia pendurado perto do espelho da sala. Se não havia lareira, por onde ele teria entrado? Secretamente, porém, no fundo do coração, desejei poder trocar alguns daqueles presentes por dinheiro e mandar para minha família. Era como se ali estivessem representados anos de trabalho de meu pai.

O jantar de Natal foi um banquete: um peru enorme, um presunto reluzente, bandejas de batatas, bolos e pudins. Nem quis pensar em quanto aquilo tudo teria custado: seria doloroso demais. Embora repetisse para mim mesmo que devia aproveitar o momento, o pensamento sempre voltava aos inhames secos e à sobrevivência de minha família.

Outras situações nos Estados Unidos representaram um choque para mim. Certa vez, um amigo de Ben, Richard, me levava para casa em seu carro, um belo Mercedes-Benz, quando reparei que ele vestia um elegante paletó esporte com reforços nos cotovelos.

— Somente os pobres usam roupas remendadas — disse a ele. Richard achou graça. Então, perguntou o que eu mais gostaria de fazer, aproveitando a estada no país.

— Dirigir um carro — respondi. — Pois venha. Sente-se aqui. — Mas eu não sei! — É fácil. Basta apertar o pedal e prestar atenção na estrada. Passei para o assento do motorista e, nervoso, fiz o que ele ensinara. O carro acelerou imediatamente. Surpreendido pela velocidade, pisei o pedal com mais força ainda. Richard agarrou o volante e conseguiu alcançar o freio com o pé. Paramos a poucos metros do que parecia um grande fosso.

— Caramba! Meu coração quase sai pela boca! — foi só o que consegui dizer.

Minha segunda experiência ao volante foi na Disney, dessa vez em um carrinho de golfe. Dorio, outro primeiro bailarino, insistiu para que eu tentasse. "Mais fácil que dirigir um Mercedes", pensei. Mas estava errado. Por mais que eu apertasse o acelerador, o carro andava muito lentamente, já que estávamos em uma subida. Dorio dizia que eu pisasse com mais força, o que realmente fiz. Quando, porém, chegamos ao alto da ladeira, o carro pegou velocidade e, antes que me desse conta, passávamos entre duas árvores e mergulhávamos em um lago. Dorio disse que eu não tinha que me preocupar; mais tarde, ele me ensinaria a dirigir.

Passados o Natal e as apresentações de O Quebra-Nozes, Ben convidou alguns bailarinos — inclusive eu — para passar alguns dias em uma casa de praia, em LaPorte, a cerca de uma hora e meia de Houston, para celebrar o ano-novo de 1980. Foi uma festa maravilhosa, com champanhe a noite toda e um rosbife muito saboroso preparado por ele. À meia-noite, todos se desejaram xin nian kuai le (feliz ano-novo) e tomaram resoluções para os doze meses seguintes — perder peso, por exemplo.

Depois de tanta festa, tanto champanhe e boa companhia, queria ficar um pouco sozinho. Levando uma taça, saí sem ser percebido e fui caminhar pela praia. Pensei na niang, no dia, nos irmãos e nos amigos que deixara. Que estariam eles fazendo naquele momento?

Pensariam em mim? Como seria o novo ano deles? Desejei que, pelo menos, houvesse mais comida.

Naquele verão, o curso atraiu ainda mais alunos que no ano anterior. Meu amigo Zhang Weiqiang conseguiu permissão do ministro da Cultura para voltar, acompanhado de três outros alunos da Academia de Dança de Pequim. Fiquei muito feliz em vê-los e saber que também tinham conquistado a oportunidade de visitar o Ocidente.

Nessa época, conheci uma garota de 18 anos que vinha da Flórida: Elizabeth Mackey. A princípio, não a havia notado, tantos eram os alunos na turma; até que um dia ela se sentou ao meu lado para fazer os exercícios de solo. De perto, comecei a reparar em seus cabelos longos, em seu perfume sutil, no som de sua respiração.

Durante todo o curso de verão, volta e meia fazíamos a mesma aula. Meu coração batia mais forte quando nossos olhos se encontravam. Tinha vontade de me aproximar, mas uma voz interior me dizia: "Não seja bobo. Elizabeth é uma garota gentil. Ela olha assim para todos. Pense em como Bandido sofreu por causa de um amor não correspondido. Concentre-se na dança. Ela é bonita demais para você." Realmente, eu tinha outras preocupações. Certo dia, Ben me ligou e disse: — Li, Billy está com dor nas costas. Você gostaria de substituí-lo, dançando com Suzanne Longley nesta noite?

— Eu? Dançar com Suzanne? De verdade?

Fiquei com o coração aos saltos. Billy era o principal bailarino da companhia. Ele e Suzanne eram os artistas convidados daquela noite, quando dançariam o pas-de-deux de Ben, em Die Fledermaus, com a Houston Grand Opera, em uma apresentação ao ar livre.

— Mas eu não conheço os passos! — gritei ao telefone.

— Eu ensino. Venha depressa. Estamos esperando por você. Com as mãos trêmulas, joguei as roupas de ensaio em uma bolsa e fui correndo até o estúdio. Levei mais de três horas para aprender todos os passos e, quando terminamos, já era fim de tarde. Mal tivemos

tempo de comer alguma coisa antes de ir para o teatro fazer o ensaio de palco, marcado para as 18h30. Nunca, em toda a vida, me sentira tão nervoso.

— Li, você está seguro? Porque ainda pode dizer "não" — falou Ben.

— Estou bem!

— Não está nervoso? — Suzanne perguntou.

— Nem um pouco — menti.

Realmente, eu não estava nervoso; estava apavorado. E se esquecesse a coreografia? E se a plateia vaiasse? E se me atirassem objetos? Os americanos fariam isso? "Cunxin, lembre-se de respirar e seguir a música. E, aconteça o que acontecer, não deixe Suzanne cair." Quando a orquestra tocou a música do nosso pas-de-deux, Suzanne me lançou um sorriso radiante. Devolvi um sorriso forçado. "Vamos lá", pensei. Ali, seriam postos à prova os sete anos de treinamento sob madame Mao. "Lembre-se dos seus pais. Lembre-se do professor Xiao. Lembre-se de Bandido e do povo chinês." Suzanne e eu surgimos no palco. As pernas me obedeceram. Não esqueci a coreografia. Ainda assim, estava tão nervoso que não sabia se havia dançado bem. Só fiquei sabendo pelo abraço apertado de Suzanne e pelos aplausos entusiásticos da plateia.

No dia seguinte, Ben leu para mim as críticas nos jornais: surgira um novo astro da dança, da China para o mundo.

Depois da segunda apresentação, houve um jantar para comemorar. Foram tantos os cumprimentos que demorei para terminar a refeição. O garçom, com um sorriso gentil, me perguntou: — Está satisfeito, senhor? Com meus fracos conhecimentos em inglês, confundi "are you done, Sir?" com "are you a dancer?", o que me deixou ainda mais orgulhoso — até o garçom assistira ao espetáculo! Contente com o sucesso, senti um desejo irresistível de ir até a academia. Tinha a remota esperança de encontrar Elizabeth por

lá. Afinal, não era dia de aula. Para minha surpresa, ao passar por um pequeno estúdio, eu a vi praticando sozinha.

— Olá — ela cumprimentou.

Com o coração acelerado, entrei timidamente. — Pensei que tivesse saído com Ben — ela disse.

— Onde estava?

— Em um lugar chamado "Gufton".

— Você quer dizer "Galveston"?

— Isso, Gulfston!

Ela riu. — E por que voltou aqui?

— Estou com umas pelotas.

— Pelotas? — ela estranhou.

— Sim. Veja.

Ela riu novamente.

— Chama-se urticária.

— Ah... — Quer ir a algum lugar? Eu tenho carro.

— Não, obrigado — respondi, mas mudei de ideia em seguida. — Quero, sim! Gostaria de ir a Chinatown, assistir a um filme de Bruce Lee. Você me leva?

Elizabeth tinha 18 anos. Fiquei nervoso ao sair da academia ao lado dela. Tinha medo de que alguém visse e contasse a Ben, mas procurei parecer calmo e natural.

Para esperar a hora do filme, entramos no café em frente ao cinema — um que tinha mesinhas quadradas cobertas com toalhas de plástico. Era a primeira vez que ficava a sós com uma garota da minha idade, alguém de quem eu gostava. E tão bonita...

— Se quiser, pode me chamar de Liz. E você? Como os seus amigos o chamam?

— Cunxin — respondi.

— Que bonitinho!

— Quer dizer "guarde meu coração inocente".

— Cunxin, Cunxin — ela repetiu. — É muito bonito! Quantos anos você tem?

— Dezenove.

— E quantos irmãos e irmãs?

— Sexo irmãos — respondi.

— Não é "sexo", é "seis".

— É muito parecido. O que quer dizer "sexo"?

— Talvez eu possa explicar mais tarde.

Percebi que ela estava sem graça.

— Inglês é difícil. Em chinês, os verbos são sempre iguais. Em inglês, variam conforme o tempo e a pessoa.

— Realmente! Em inglês, os verbos mudam o tempo todo. Deve ser difícil para um chinês. Mas vamos, senão perdemos o começo do filme.

Havia pouca gente no cinema. Tive dificuldade de me concentrar, com Elizabeth sentada ao meu lado. Gostaria de conhecê-la melhor, mas não acreditava que pudesse ter qualquer interesse especial em mim. Daí a minha surpresa quando, depois do filme, ela aceitou o convite para jantarmos juntos.

Fomos a um restaurante chinês pequeno e barato. Apesar da dificuldade de comunicação, gostávamos da companhia um do outro. Pedi comida chinesa autêntica: intestinos de porco e lesmas do mar. Minha intenção era impressioná-la, mas ela parecia estar sem apetite. Com o passar do tempo, fui ficando mais à vontade. Pena ter de deixá-la.

Quando nos aproximávamos da casa de Ben, pedi a Elizabeth que parasse o carro para que eu pudesse saltar. Não queria que o guarda nos visse juntos. Se ele contasse que eu tinha um relacionamento com uma americana, Ben ficaria em uma situação difícil; seria obrigado a relatar o fato ao consulado chinês, que me mandaria de volta imediatamente.

Elizabeth parou o carro a um quarteirão de distância do condomínio de Ben e perguntou: — Quando nos veremos novamente?

— Não sei — respondi segurando a mão dela. O sangue me ferveu nas veias. Foi um beijo longo, interrompido apenas pela luz dos faróis de um carro que passou em sentido contrário.

Tudo estava acontecendo depressa demais. Eu precisava de tempo para pensar. Dei um adeus rápido e saltei do carro.

— Você vai me telefonar, não vai?

Respondi que sim e tomei o caminho da casa de Ben.

Elizabeth era minha primeira namorada. Eu me sentia livre. Mal podia acreditar que conquistara uma mulher tão bonita. Sentia um grande orgulho por isso, mas também um forte senso de responsabilidade. Sabia do perigo que representava nosso relacionamento secreto. Contara somente para Lori. Ela, que lamentava minha volta à China, às vezes tentava convencer-me a ficar nos Estados Unidos, mas eu não concordava. Poucas semanas depois, Lori me convidou para um domingo de churrasco na casa dela. Lá, conheci seu marido, Delworth, um empresário texano do setor de petróleo, que mascava fumo e bebia bourbon. Somente a eles contei o quanto gostava de Elizabeth e a pena que sentia por voltar à China. Meu comentário não tinha nenhuma intenção, mas eles se acharam na obrigação de fazer alguma coisa. Delworth ligou para a University of Texas e pediu que lhe indicassem um bom advogado especialista em questões de imigração. O indicado foi um homem chamado Charles Foster.

No dia seguinte, Lori e Delworth me levaram ao escritório de Charles Foster, no centro de Houston.

O advogado disse que havia lido a meu respeito em um jornal. Em sua opinião, eu poderia pleitear o green card com base em meus méritos artísticos. Ele mencionou também que o governo chinês reconhecia as leis internacionais relativas a casamentos.

Eu me lembro de como me senti inseguro — não em relação ao amor de Elizabeth, mas pelo fato de o advogado me parecer jovem demais e por não conseguir entender tudo o que ele dissera.

Apesar das explicações de Lori e Delworth, saí bastante confuso do escritório. Era verdade que amava Elizabeth e que não queria mais viver em um mundo sem liberdade.

Mas meus pais estavam na China; lá viviam meus parentes e amigos. E eu sabia o quanto poderia contribuir para o crescimento do balé em meu país.

Foi então que me percebi dividido entre duas vidas, sem saber que rumo tomar.

21

跳舞

ELIZABETH

Eu estava em Houston havia onze meses, mas meu relacionamento com Elizabeth tinha poucas semanas. Contudo, eu não podia negligenciar o trabalho.

Certa vez, durante um ensaio de pas-de-deux de O Corsário com Suzanne, eu deveria executar um novo movimento, em que a levantava com uma só mão. Quase terminado o ensaio, senti uma contração no ombro e uma dor aguda a descer pelo braço. Sustentei Suzanne com a mão esquerda, mas vi estrelas e, por alguns minutos, só houve sofrimento intenso.

Ben e Suzanne se preocuparam. Fui para o vestiário aplicar gelo no ombro. Tinha certeza de estar com um deslocamento na articulação e provavelmente havia distendido músculos e tendões, mas preferi não procurar um médico. Não queria que Ben pensasse ser aquele um problema sério; eu temia ser afastado do grupo.

Meu ombro ficou inchado por vários dias. Para disfarçar, usei camisas de mangas compridas. Como não conseguia sustentar a partner, inventei desculpas. Acabei desenvolvendo uma tendinite séria no tendão de Aquiles esquerdo e dor na canela direita. Sabia que estava exigindo demais de mim e que poderia agravar as lesões.

Mas sabia também que, se quisesse alcançar o padrão de Barishnikov e Vasiliev, deveria trabalhar ainda com mais afinco. Dor nenhuma iria me derrotar.

A coreografia de Ben incluía uma série de seis assemblés duplos para meu solo em O Corsário. Se estava difícil fazer apenas um, imagine seis. Toda vez que os pés davam impulso, meu corpo girava no ar como um camarão no espeto.

— Não faz sentido provocar uma lesão. Se não está funcionando, vamos mudar — disse Ben.

— Não, Ben, por favor. Dê-me alguns dias — pedi. Apesar das dores, queria praticar no fim de semana seguinte. Deixar de executar o que Ben tinha em mente seria uma frustração para mim. Assim, pedi emprestada a um dos bailarinos a chave do estúdio e me tranquei lá por dois dias, analisando e exercitando cada movimento em todos os detalhes: ângulo do salto, tempo, distribuição do peso, velocidade — tudo. Em alguns momentos, a dor era terrível, mas eu me lembrava das mangas do professor Xiao; queria provar todas as camadas. No exercício, repeti os movimentos muitas vezes e caí outras tantas, mas a imagem do arqueiro e de sua perseverança me levavam a prosseguir.

Somente no fim da tarde de domingo, eu descobri: o segredo estava no ângulo e na velocidade da primeira perna. Vibrei de alegria. Naquele momento, acreditei que nada era impossível.

O Corsário foi um grande sucesso. Meu assemblé duplo e a difícil sustentação da partner saíram ótimos. A plateia pediu bis. Eu não sabia o que é um bis, nem estava preparado. Os operários já começavam a montar os cenários para o espetáculo seguinte. Então, inesperadamente, Ben subiu ao palco e pegou o microfone. À frente da cortina, anunciou que, aproveitando a permissão do governo chinês, eu ficaria mais tempo na cidade e fora promovido à posição de solista do Houston Ballet.

"Devo estar sonhando", pensei. O cônsul sênior Zhang Zongshu, que estava na plateia naquela noite, ficou satisfeito pela glória que tal sucesso representava para o povo chinês e disse que faria o possível para estender minha estada. Seu relatório ao governo chinês seria altamente positivo. Assim, o governo me concedeu mais cinco meses de permanência, que o sindicato confirmou.

Passei então a ser uma celebridade em Houston. Era tudo muito estranho. As pessoas me abordavam em restaurantes, lojas, ruas e estacionamentos. Apesar da fama instantânea, eu tinha de trabalhar com afinco — não podia perder meu objetivo de vista. A não ser pela melhora das lesões, tudo seguiu como antes. Zhang e eu continuamos hospedados com Ben, e mantive em segredo meu namoro com Elizabeth. Meus sentimentos eram um misto de frustração, por não poder vê-la mais frequentemente, e culpa, por estar traindo Ben e a China. Preferia não ter gostado tanto dela. A convivência com o desejo e a culpa me sufocava, mas não havia outra opção. Quem quer que soubesse da situação estaria em perigo. Eu não queria isso para a minha família ou meus amigos. A solução era ficar quieto.

O tempo pareceu voar e logo estávamos em abril de 1981; faltava menos de um mês para meu retorno à China. Aproximava-se a apresentação do Houston Ballet em Nova York, para a qual eu e Zhang nos preparávamos.

Eu era o segundo no papel do solitário e arrogante príncipe em lhe Lady and the Fool. A primeira vez em que ouvi falar desse balé foi uma semana antes da apresentação em Nova York. Sem nenhum aviso, Ben me pediu que o ensaiasse com os bailarinos principais. De tão surpreso, cheguei a pensar que fosse engano.

A primeira entrada do príncipe seria durante um baile da alta sociedade. Eu teria de surgir pelo fundo do palco e avançar entre duas fileiras de pessoas que o admiravam em silêncio. Para mim, dar

aqueles poucos passos era como pisar em brasas. Tudo me parecia estranho e pouco natural.

— Li, você está muito doce e delicado — disse Ben, interrompendo o acompanhamento do pianista. — Volte e faça de novo. Quero mais arrogância.

Fiquei sem ação. Tinha 20 anos e ainda não sabia qual deveria ser a atitude de um príncipe arrogante. Ben me fez repetir tantas vezes que, quando ensaiei com o restante do grupo, tinha as roupas ensopadas de suor. Mas valeu a pena. Perdi a inibição. Acabei gostando de encarnar o príncipe arrogante que, na China comunista, seria considerado nocivo. Então, ali estava eu, representando o personagem com orgulho. Minha dança tinha sofrido uma alteração fundamental.

As duas semanas em Nova York me permitiram sentir melhor a cidade. E me apaixonar. Fiz amigos em toda parte. Nova York estava cheia de artistas, com vários cursos disponíveis. Não faltavam bailarinos, professores e coreógrafos. Fazendo um curso na School of American Ballet, encontrei George Balanchine e Jerome Robbins, dois dos mais respeitados coreógrafos do mundo. O famoso professor dinamarquês Stanley Williams dava aula naquele dia, e muitos bailarinos do New York City Ballet estavam lá, inclusive Peter Martins, um verdadeiro astro. Para mim, um camponês de Qingdao, era emocionante.

Em outra ocasião, lembro-me de dar uma espiada no estúdio do American Ballet Theater e ver Barishnikov se exercitando na barra. Mal podia acreditar nos meus olhos! Estava diante do artista que tanto admirava! Que miúdo ele era! Como podia um corpo tão pequeno conter tanto talento? No dia seguinte, no mesmo estúdio, vi Natalia Makarova sentada no chão, fazendo alongamento. E, daí a dois dias, tive Gelsey Kirkland como companheira de barra — a mesma fada açucarada a que eu assistira em vídeo, dançando brilhantemente com Barishnikov em *O Quebra-Nozes*. Jamais

esqueceria a beleza de seu trabalho: a perfeição dos movimentos, a precisão dos detalhes. Estava conhecendo pessoas e vivendo experiências que povoavam meus sonhos na China. E Nova York era o centro de tudo.

Durante as duas semanas que passei em Nova York, Elizabeth e eu nos comunicamos por um número secreto de telefone. Senti sua falta o tempo todo. A ideia de deixá-la e voltar à China tornava-se insuportável. Os deveres diante da pátria, a responsabilidade com a família e o anseio pela liberdade vivida no Ocidente entravam em conflito. Pensei estar decidido a voltar à China, mas passei a hesitar. O que teria a China para me oferecer? O Destacamento Vermelho de Mulheres? Uma voz me dizia: "O mundo da dança está aí para ser explorado e conquistado. Você tem o amor de uma bela americana. O que mais quer? Não volte." Mas logo me vinham à lembrança meus pais, meus irmãos e meus amigos. E quanto aos professores Xiao e Zhang? E o relacionamento de Ben com o governo chinês? Se eu ficasse, poderia destruir quem tinha feito tanto por mim.

Foi nesse estado de espírito de confusão e culpa que voltei a Houston, apenas três dias antes da data marcada para meu retorno à China. Zhang e eu passamos a manhã comprando presentes para levar, e à tarde encontrei Elizabeth a dois quarteirões da casa de Ben.

— Que saudade! O que há de errado? — ela perguntou, ao notar meu desconforto.

— Nada errado — disfarcei. — Vamos ao cinema em Chinatown. Primeiro, passamos em uma lojinha onde comprei para Preston Frazier um prato decorado chinês, como presente de despedida, e um anel de jade para Elizabeth.

— Em nome da nossa amizade — eu disse. Ela me olhou com ternura e agradeceu. No cinema escuro, o filme de Taiwan com legendas em inglês já havia começado. "Esqueça o filme e vá para a casa dela", uma voz interior me dizia. "Não faça isso, senão vai mergulhar em uma confusão maior ainda", dizia outra voz.

Meia hora depois do filme, estávamos na cama do apartamento alugado, composto de quarto e sala onde Elizabeth morava, vivendo nosso amor apaixonado. 'Assim é demais. Você a ama. Fique." No fim da tarde, liguei para Lori. — 0i, grande ballerina! Eu e Elizabeth podemos ir aí para conversar?

— Li, grande ballerino! Claro que sim! Quando é que vocês vêm?

— Pode ser agora?

— Agora? Tudo bem, venham. O apartamento de Lori ficava a meio quarteirão de distância do prédio de Elizabeth. Chegamos em pouco tempo.

— Quero me casar com Elizabeth — eu disse a Lori e Delworth assim que entramos.

Lori nos abraçou com carinho. Tinha os olhos marejados, de tão feliz. Em seguida, porém, ficou séria:

— Já contaram a Ben?

— Ainda não. Não sei como nem quando vou contar. Ele não vai ficar satisfeito. Quando descobrir, vai querer nos matar. Ele gosta demais da China.

— Quem se importa com isso? Vamos fazer uma festa de casamento! — exclamou Delworth.

— Não há tempo. Volto para a China daqui a dois dias — eu disse.

— Bom, vocês podem se casar diante do juiz. Isso se resolve em algumas horas. Delworth e eu podemos ser testemunhas — sugeriu Lori.

Assim, às 10 horas da manhã seguinte, nós nos tornamos marido e mulher na corte do condado de Harris. Elizabeth me deu um beijo rápido, enquanto Lori e Delworth aplaudiam.

Assinados os documentos, saímos os quatro, naquele belo dia de abril. "Estou casado com Elizabeth", pensei. Mas, em seguida, uma ideia invadiu minha mente: "O que fiz a Ben?"

— Quando você vai contar ao Ben? — Elizabeth perguntou.

— Não sei. Hoje, não. Hoje à noite, vai haver uma grande festa. Amanhã, talvez.

Ben e a companhia tinham planejado uma festa de despedida para mim e Zhang naquela que seria nossa penúltima noite nos Estados Unidos.

— Vamos ter nossa primeira noite juntos — ela disse. — Mal posso esperar.

— Ben vai ficar zangado. Não sei o que ele vai fazer. Eu estava desorientado. Não conseguia parar de pensar que havia feito algo pelas costas de Ben. Mais uma vez, o sentimento de culpa superava a felicidade.

— Não tenha medo — disse Elizabeth. — Temos um ao outro. Você pode dançar em qualquer lugar. Podemos dançar juntos na Flórida. Vão adorar você lá! — É, temos um ao outro — repeti. Era verdade. Tínhamos um ao outro. Nenhum dos dois sabia, porém, o quanto isso seria importante, logo no dia seguinte.

Havia mais de cem convidados, entre bailarinos e amigos, na festa que Ben nos ofereceu naquela noite, no estúdio principal. Elizabeth também foi. Todos nos deram presentes e desejaram felicidades. Eu tinha vontade de gritar: "Estou casado! Não volto para a China amanhã! Levem seus presentes de volta!" Mas não podia fazer isso. Forcei uma expressão agradecida a todos e continuei a fingir.

Pela primeira vez, eu dançava com Elizabeth. — Esta é nossa dança de núpcias — ela sussurrou. — Está feliz?

Fiz que sim, mas não me sentia confortável sendo o centro das atenções.

Lori e Delworth também estavam lá; éramos quatro fingindo que nada de especial havia acontecido. Lori me deu de presente um bóton com a inscrição "Não deixe que os perus acabem com você" e a figura de um monte de titica de de ave, tendo um peru em cima e outros em volta, com ar ameaçador. Não entendi o que aquilo

significava, mas prendi o bóton à roupa assim mesmo. Na manhã seguinte, véspera de meu retorno à China, logo que Bei e Zhang saíram, telefonei para Elizabeth na casa de Delworth. Os dois, junto com Lori, foram ao meu encontro e recolheram meus pertences. Então, do apartamento de Lori, fiz a ligação que mais temia.

— Alô? — Ben atendeu.

— Quero lhe contar uma coisa — eu disse diretamente. — Eu me casei. Não vou voltar à China.

Silêncio do outro lado da linha. Somente depois de alguns segundos, a resposta:

— Não, Li, você não fez isso. Com quem?

— Elizabeth Mackey.

— Elizabeth? Vocês não podem estar casados! Você volta para a China amanhã!

— Ben, escute. Eu amo Elizabeth. Ela é minha mulher. Mais tarde, quando tiver dinheiro, vou com ela para a China. Mas não amanhã.

— Não acredito! Você está destruindo uma porção de vidas! Nunca mais poderá voltar à China!

Suas palavras me cortaram o coração. Eu sabia que tudo aquilo era verdade. Seria responsável pelo sofrimento de outras pessoas. Conhecia as negociações de Ben com o governo chinês para que outros bailarinos fossem estudar nos Estados Unidos. Com minha atitude, todos os seus planos estariam arruinados. Senti-me levado por um redemoinho que somente o destino sabia onde iria dar. Não tinha como pensar nos planos de Ben.

A voz de Ben tomou um tom mais persuasivo:

— Li, por que está fazendo isso? Você pertence à China. Você é chinês. Não pode ficar aqui! Nem conhece Elizabeth direito!

— Eu amo Elizabeth. Estamos casados e felizes.

— Não seja bobo! Vocês não estão casados. Onde foi o casamento?

Senti que a conversa não nos levaria a lugar nenhum.

— Ben, tenho de ir.

— Li, onde você está? — ele insistiu.

Não adiantava prosseguir. Desliguei e enterrei a cabeça nas mãos. Elizabeth, Lori e Delworth pareciam consternados.

— O que ele disse? — Lori perguntou. Procurei repetir tudo que Ben dissera, mas estávamos muito emocionados. De uma coisa eu tinha certeza: não haveria futuro para mim no Houston Ballet. Isso me fazia sofrer. Era como esperar para ser executado. Somente o amor de Elizabeth e a amizade de Lori e Delworth me confortavam.

O telefone tocou. Era Ben. — Não, Li não está aqui — Delworth respondeu.

— Posso falar com Lori?

— Ela também não está — Delworth disse e desligou.

Depois de cinco minutos, uma batida forte na porta. Era Clare Duncan.

— Olá, Delworth. Posso falar um minutinho com Li?

— Ele não está aqui — Delworth repetiu. — Tem certeza?

— Eu tenho cara de mentiroso?

Clare foi embora. Outros cinco minutos, e o telefone tocou novamente.

— Delworth, pare com isso — Ben insistiu. — Eu sei sue Li está aí, Clare viu a bagagem dele no seu carro. Ela esvaziou os pneus. A situação dele é séria. Preciso falar com ele urgentemente.

Delworth me passou o telefone.

— Ah, Li... Estou acabado! Perdi tudo! O cônsul acha que planejei isso, que eu sou o culpado! Você estragou tudo! Nunca poderei entrar na China!

— Sinto muito, Ben. O que posso dizer?

— Quero que diga que foi um engano e que vai voltar para a China. Se tomar essa decisão agora, tudo continuará como antes.

Conversei com o cônsul Zhang. Ele disse que você ainda será recebido como herói. Não haverá problema.

— Se quer viver na China, vá você — eu disse.

— Li, o mínimo que tem a fazer é explicar a situação ao consulado. Diga a eles que não tenho nada a ver com isso. Fará isso por mim?

— Faço, sim.

— Então, diga ao cônsul Zhang que vai se encontrar com ele — encerrou Ben.

— Acho que não deveria ir — Lori e Elizabeth concordaram.

— Disse ao Ben que iria. Não vou mudar de ideia. — Então, vamos chamar Charles Foster. Eu sabia que aquela era a ideia mais sensata. Charles se surpreendeu com meu telefonema, já que não nos falávamos desde nosso primeiro e único encontro, doze semanas antes.

Ao saber do casamento, ele me cumprimentou, mas, quando comentei o pedido de Ben para que fosse ao consulado chinês, desaconselhou francamente.

— O consulado é considerado território chinês. É melhor encontrá-lo em terreno neutro, como um restaurante.

— É perigoso um encontro no consulado? — perguntei nervosamente.

— Pode ser perigoso, sim. Telefonei imediatamente para Ben, dizendo que preferia encontrar os funcionários do consulado em um restaurante.

— Se quer mudar o local do encontro, ligue você para eles — foi a resposta.

Assim fiz. O cônsul Zhang me pareceu surpreendentemente calmo e gentil ao telefone.

— Cunxin, somos como uma família. Compreendemos o que você fez e por quê. Só quero ter uma conversa rápida com você. Não

vai levar mais de cinco minutos. Em seguida, estará livre para viver e ser feliz com a sua esposa.

Fomos Lori, Elizabeth e eu, com Delworth na direção, ao consulado chinês em Montrose Boulevard. Ao chegarmos, encontramos Charles à nossa espera. Assim que entramos, o portão de metal se fechou atrás de nós.

Meu coração se apertou. Deveria ter seguido o conselho de Charles. Já me sentia um prisioneiro da China.

22

跳舞

A DESERÇÃO

Fomos conduzidos a um salão de reuniões, onde já nos aguardavam Ben, Clare Duncan, Jack e o advogado do Houston Ballet. Estavam lá, também, o cônsul Zhang, sua esposa, que atuava como tradutora e intérprete, e vários outros funcionários do consulado. Só faltava o cônsul-geral.

Fiquei surpreso ao ver meu amigo Zhang, que me pareceu tenso e contrariado. Quando nossos olhares se cruzaram, ele rapidamente baixou os olhos.

Eram quase 18 horas. Ben, Clare e Jack já vestiam roupas adequadas à festa de despedida a que iriam em seguida, em casa de Louisa.

Olhei em volta. Já conhecia a sala, das vezes em que fora lá nos fins de semana para me apresentar. Era uma sala quadrada e ampla, as paredes decoradas com fotografias da China em preto-e-branco e caracteres chineses. Junto da parede, havia algumas cadeiras que, havendo necessidade, podiam ser acrescentadas aos sofás que ocupavam o centro. Eu ainda trazia no casaco o bóton de Lori: "Não deixe que os perus acabem com você." A atmosfera estava tensa. Um funcionário fez sinal para que Elizabeth e eu nos sentássemos. Os

outros funcionários pareciam à vontade, mas Ben estava visivelmente furioso: nem sequer olhou para mim.

Chá e refrigerantes foram oferecidos e estabeleceu-se uma conversa amena sobre a China e as relações com os Estados Unidos. Charles e eu não entendíamos; não se tocava no assunto pelo qual estávamos ali! Os funcionários pareciam muito satisfeitos com o andamento da reunião. Eu transpirava e tremia. Estava apavorado. Não suportaria aquele suspense por muito tempo.

Então, um dos funcionários pediu a Charles e a Jack que os acompanhassem até outra sala. Eu preferia que Charles ficasse a meu lado, mas ele me lançou um olhar tranquilizador. Mais tarde, disse-me que a situação lhe parecera normal, já que ele era meu advogado, e Jack era o do Houston Ballet. Eles teriam uma conversa sobre a minha situação, poupando os outros dos desagradáveis aspectos legais.

Para nós que ficamos na sala, porém, a impressão foi outra. Era como se os funcionários do consulado quisessem manter a conversa, para nos distrair, enquanto iam aos poucos afastando meus amigos.

As pessoas foram desaparecendo uma a uma e, a cada um que saía, mais eu apertava a mão de Elizabeth. Em pouco tempo, só restávamos na sala eu, Clare, Zhang, Elizabeth e dois funcionários. Em determinado momento, o cônsul Zhang pediu que todos se retirassem, para que pudesse conversar a sós comigo. Elizabeth se recusou. Pedimos que Clare e Zhang ficassem conosco, mas eles foram praticamente empurrados para fora. Os quatro guardas de segurança vieram em nossa direção, fazendo com que gritássemos instintivamente. Clare e Zhang olharam para trás e gritaram também.

Nossos gritos ecoaram pelo prédio. Em poucos segundos, os quatro guardas chineses me separaram de Elizabeth. Tentei afastá-los, mas estava completamente indefeso diante de profissionais treinados. Eles rapidamente imobilizaram meus braços e pernas,

carregaram-me para o andar de cima e me trancaram em um cômodo onde havia apenas duas camas de solteiro e um pequeno móvel.

Com muito medo, eu respirava com dificuldade.

Enquanto isso, no andar de baixo, Charles Foster se deu conta do que acontecia e exigiu ver seu cliente.

Daquele momento em diante, a situação mudou completamente. O funcionário do consulado ordenou a Charles, em voz alta e estridente, que se sentasse. Ele estava em território chinês e devia obedecer às ordens. Os empregados que serviam as bebidas deixaram as bandejas e assumiram uma posição defensiva, bloqueando a porta. Charles forçou passagem, mas foi empurrado de volta. De lá, ele ouvia meus gritos: "Socorro, estão me levando! Socorro!" Quando Charles e Jack foram mandados de volta à sala, estavam todos lá, menos eu.

Do andar de cima, eu ouvia os guardas conversando. — Eu poderia ter matado o bastardo! — disse um deles. Fiquei apavorado. Guardava na memória as execuções a que assistira, quando criança, durante a Revolução Cultural. Em um lampejo, vi minha própria morte. Sentia-me desesperadamente só. Ninguém me salvaria. Era só uma questão de tempo: eles me apontariam uma arma na cabeça ou me forçariam a voltar para a China, onde sofreria uma morte lenta e humilhante, em uma das mais cruéis prisões do país.

Tentei pensar na niang e em seu sorriso doce. Tentei pensar no dia e em suas histórias simples. Tentei pensar em Elizabeth, em seu perfume. Pensei em Bandido e em seu poema sobre irmãos de sangue. Mas nada me confortava.

Pela janela estreita, olhei e vi lá embaixo uma piscina. Era alto demais para pular. Impossível escapar. A morte naquele momento seria mais simples e mais rápida do que em uma prisão chinesa.

De repente, a porta se abriu e o cônsul Zhang entrou. Sentou-se na outra cama, diante de mim, e forçou um sorriso sem conseguir

disfarçar a tristeza. Olhou-me diretamente nos olhos, como um jogador de xadrez buscando a melhor estratégia. Tive vontade de desviar o olhar, mas, para não parecer que estava fraquejando, devolvi o sorriso.

Por alguns momentos, apenas olhamos um para o outro. Eu suava abundantemente. O silêncio era insuportável. Se ficasse ali por mais tempo, meu coração explodiria. Precisava fazer alguma coisa! O que dizer ao cônsul Zhang? O que havia a dizer? Afinal, o resultado seria sempre o mesmo: eu era um pulha, um desertor, o mais odiado dos traidores.

Finalmente, o cônsul Zhang quebrou o silêncio:

— Cunxin, o que você fez? — o tom foi calmo. Aparentemente, haveria muitas respostas possíveis, mas eu sabia que nenhuma seria satisfatória.

— Nada — respondi.

— Você compreende o que fez? — dessa vez, ele foi mais incisivo.

— Compreendo. Eu amo Elizabeth e me casei com ela. Isso é contra a lei?

— Sim. Você foi contra a vontade do seu governo e, na China, isso é ilegal. Você é um cidadão chinês! O governo não reconhece o seu casamento. E você ainda é muito jovem para saber o que é amor.

— Cônsul Zhang, meu advogado, o dr. Foster, me disse que a China reconhece, sim, as leis internacionais relativas ao casamento. Eu me casei nos Estados Unidos, e a lei deste país deve ser observada. Quanto ao meu amor por Elizabeth, é uma questão pessoal que não vou discutir com o senhor.

Ele se enfureceu: — Acredita que uma estrangeira possa realmente amar um chinês? Os estrangeiros vão usar você, abusar de você e depois jogar fora como lixo! — Como o senhor pode saber o que é ser amado por uma estrangeira Por um segundo, ele pareceu

não saber o que responder. — Sabe de algum casamento entre um chinês e uma americana?

Não consegui lembrar nenhum.

— Ainda é tempo de mudar de ideia. Você pode dizer a Elizabeth que cometeu um engano e quer desistir.

Ele falava como se me sugerisse um ato de grande heroísmo. — Não — respondi. — Não quero me divorciar de Elizabeth. Quero passar o testo da minha vida com ela.

— Não estamos falando de divórcio. Ao que consta, você nunca se casou. Nós não reconhecemos o seu casamento como legítimo. Quem decide a sua vida não é você; é o Partido Comunista! Você é um cidadão chinês. Tem de seguir as leis chinesas, e não as leis americanas.

— Perdi a paciência.. — Se pensa que o dr. Foster me enganou, vamos perguntar a ele agora.

O cônsul Zhang pareceu perplexo: — O dr. Foster e os seus amigos foram embora. Eles não gostaram do que você fez! Você está sozinho. Eles não são mais seus amigos. Nós somos seus amigos. Tudo isso será esquecido, se voltar à China conforme o planejado. Você será amado e respeitado pelo seu povo! Nem por um momento acreditei no que o cônsul Zhang disse sobre meus amigos. Achava que tinham sido expulsos do consulado e que o governo chinês prometeria qualquer coisa para ter-me de volta.

Ouviu-se uma batida na porta, e o cônsul Zhang saiu por instantes. Percebi que conversava em voz baixa com outro homem, mas não entendi o que diziam. Então, ele voltou. Via-se que a custo controlava a raiva ao dizer: — Quero que pense no que conversamos. Volto já. Senti alívio quando a porta se fechou atrás dele. Precisava me refazer, recuperar a coragem. Estava exausto, mas sabia ser aquele apenas o início de uma noite longa e estressante.

Poucos minutos depois, a porta foi aberta novamente. Dessa vez, entrou um dos vice-cônsules-gerais. Era um homem mais velho,

pouco mais alto, que falava com forte sotaque do sul. Muito gentil, ofereceu-me algo para beber, que delicadamente recusei. Ele, então, passou a enumerar os muitos benefícios que minha família receberia caso eu voltasse para a China.

— Pense em seus pais e em seus irmãos. Como devem estar orgulhosos! Não vai querer desapontá-los, não é? Não vai querer criar problemas para eles, vai? Era o que eu mais temia. Nunca me perdoaria se, por minha causa, acontecesse algo terrível a minha família. Que razão havia para que meus parentes fossem envolvidos? O responsável por minha educação era o governo chinês, não os meus pais.

— Eu me separei da minha família aos 11 anos. Não tenho nada com eles nem eles têm nada comigo.

Minha intenção era deixar a família fora da questão. Afinal, meus pais e meus irmãos não tinham a menor ideia do que eu estava fazendo.

— Você é propriedade da China — o vice-cônsul-geral continuou. — Nós lhe demos tudo. Temos o poder de fazer o que quisermos de você. Não queremos perder nosso astro do balé! Para o seu próprio bem, você tem de ouvir o que dizemos. O partido sabe o que é bom para você. Acredite no partido. Não se lembra mais do que recebeu? Esqueceu as juras diante da bandeira do Partido da Juventude Comunista? Eu me lembrava dos anos e anos de mentiras sobre o Ocidente; do ministro Wang se recusando a me ouvir sobre a volta aos Estados Unidos; da falta de liberdade; da pobreza desesperadora, de cuja glória e riqueza tentavam nos convencer.

— Não quero falar sobre o partido — respondi.

— E não espere que o partido o ouça! O partido não ouve quem quer que seja! As pessoas é que têm de ouvir o partido! Quem o ajudou a se casar? — perguntou de repente. — Foi Ben?

— Não. A decisão foi minha.

— Diga a verdade! — ele elevou a voz. — Já temos os fatos. Não subestime o seu governo! Foi Ben? Alguém do governo dos Estados Unidos? Alguém do governo de Taiwan? Em outras circunstâncias, eu teria dado uma boa risada. O que ele sugeria era completamente ridículo.

— Ninguém me ajudou. Eu teria vindo ao consulado, se houvesse algo a esconder ou tivesse recebido ajuda de alguém daqui ou de Taiwan? Eles não teriam me prevenido? — perguntei.

— Quem pergunta aqui sou eu! Quem o ajudou?

— Não ouviu o que eu disse? Ninguém me ajudou. Não respondo mais nada — encerrei.

A conversa com o vice-cônsul-geral ainda se estendeu por uma boa meia hora, mas pouco falei. Ele foi então substituído por outro funcionário, que levou mais meia hora tentando me convencer e obter respostas. Era como o jogo das cadeiras: a cada meia hora entrava um novo interlocutor. Nenhum deles fez qualquer progresso. Estranhamente, depois do medo e do desespero do início, eu ficava cada vez mais calmo. Afinal, o que teria a temer alguém que estava prestes a perder a vida? Durante o interrogatório, várias vezes toquei a cicatriz do ferimento no braço, que tanta ansiedade causara a meus pais, quando eu era um bebê, e passara a simbolizar, para mim, o amor da niang. Ao tocar a cicatriz, sentia-me amparado. Ela me dava coragem e me fazia lembrar de onde vinha e aonde queria chegar.

Em nenhum momento, lamentei o que havia feito. Sentia-me em paz comigo mesmo. Elizabeth era meu primeiro amor. O nosso não fora um casamento de conveniência. Eu sabia que poderia ficar nos Estados Unidos por meus méritos artísticos. Charles me dissera isso em nosso primeiro encontro. Ainda assim, lamentava por meus pais. Ainda não tinha enviado a eles um dólar sequer.

Senti as lágrimas me apertando a garganta. Minha pobre e querida niang! Já tinha sofrido o bastante. Pensei em seu rosto

marcado e em como se sentiria se nunca mais me visse. Como eu a amava! Era a niang mais inocente e afetuosa da face da Terra. Ela me dera tanto, e eu nada tinha para retribuir. O desespero de perder um dos filhos queridos certamente a mataria.

Pensei também nos professores que tanto tempo e esforço me dedicaram, esperando que, um dia, eu pusesse o balé chinês no mapa do mundo. Teriam esperado em vão. Eu jamais os veria. Mas estava determinado a impedir que os funcionários do consulado vissem minhas lágrimas ou percebessem minha fraqueza.

No andar de baixo, no salão principal, todos permaneciam em suspense. Os funcionários do consulado voltaram à abordagem anterior, oferecendo bebidas, em meio a uma conversa aparentemente despreocupada. Charles me contou mais tarde que ficou lá, confuso, até que não se conteve: — Espere aí. Meu cliente foi levado não sei para onde. Não posso falar pelos outros, mas eu não saio daqui enquanto não o soltarem. Vocês estão violando a lei dos Estados Unidos! — Não compreendo, dr. Foster — disse o cônsul Zhang aparentando surpresa genuína. — O senhor nos garantiu apoiar as boas relações entre China e Estados Unidos.

— E apoio, realmente — Charles respondeu. — Pois bem. O que é bom para a China e os Estados Unidos é que Li volte para o país dele. Senão nossas relações serão abaladas, bem como uma possível temporada do Houston Ballet na República Popular da China.

— Embora estejamos todos de acordo com o senhor quanto às relações entre China e Estados Unidos, há um problema: neste país, quem decide é Li.

Os dois, então, tiveram uma discussão longa e quase filosófica sobre direitos individuais versus direito coletivo. Charles mais tarde me confessou que, se não estivesse tão preocupado com minha segurança, teria sido uma discussão interessante. Ele trabalhava com a hipótese de me manterem lá a noite toda e, pela manhã, me levarem ao aeroporto e me embarcarem para a China.

Ben e meus amigos se recusaram a deixar o consulado sem que eu fosse junto. Então, os funcionários apagaram as luzes, suspenderam os biscoitinhos, o chá e os refrigerantes. Somente o uso do banheiro foi liberado.

Cerca de trinta minutos mais tarde, os funcionários voltaram. As tentativas gentis de persuasão foram substituídas por palavras frias e ameaçadoras.

Eles resistiram. Àquela altura, os rumores a respeito de minha detenção no consulado haviam chegado à festa de Louisa. Às 22 horas, todos começaram a suspeitar que algo terrível tivesse acontecido. Duas pessoas em especial se interessavam em descobrir a verdade: Anne Holmes e Carl Cunningham, críticos de dança do Houston Chronicle e do Houston Post, que planejavam fazer uma entrevista comigo naquela noite. Vendo que o tempo passava e eu não aparecia, resolveram pedir ajuda a alguns membros da diretoria do Houston Ballet. Descobriram então que eu era mantido no consulado contra a vontade.

Com o passar das horas, um número cada vez maior de pessoas se reuniu na entrada do consulado. O cônsul Zhang pediu a Charles que fosse lá fora conversar. Que ironia, pensou Charles: a pequena multidão incluía alguns repórteres, e o cônsul parecia confiar nele para negociar com a imprensa.

Anne e Carl estavam entre as pessoas reunidas à porta do consulado. Charles disse apenas estar havendo uma discussão, que logo levaria à solução do impasse. Ele acreditava que, se contasse a verdade, poderia tornar a situação ainda mais explosiva.

Ao voltar, Charles disse ao pessoal do consulado: — Há gente da imprensa lá fora que se recusa a ir embora sem conhecer o desfecho do caso. Eles vão fazer isso repercutir.

Para surpresa de Charles, os funcionários insistiram em que ele, como advogado, deveria saber controlar a imprensa. Charles riu e

explicou: — Estamos nos Estados Unidos. Aqui, nem os advogados controlam a imprensa.

À 1 hora, depois de horas de interrogatório, eu estava exausto e faminto. A cabeça latejava. Não conseguia mais raciocinar. Não comera absolutamente nada desde a manhã anterior. Pedi algo para comer. Já nem me importava se colocassem pílulas para dormir ou veneno na comida. Precisava me alimentar.

Trouxeram-me sobras de arroz frito e uma cerveja Tsingtao, uma mistura de salgado e doce que me lembrou a comida de casa. Pelo menos sentiria o gosto da terra natal antes de deixar este mundo.

Depois que me alimentei, tentaram reiniciar o interrogatório, mas expliquei que meu cérebro não suportaria. Pedi que me deixassem em paz ou me matassem de uma vez. Estava decidido: não voltaria à China.

Para minha surpresa, eles concordaram. Apenas destacaram um guarda para ficar ao meu lado, de vigia. Para que pensassem que eu estava dormindo, fingi ressonar.

Mas o guarda não se deixou enganar; mandou que eu parasse com aquilo, e passamos os dois a noite acordados.

Enquanto isso, Charles tinha uma conversa definitiva com Anne e Carl à porta do consulado. Eles queriam detalhes; sabiam ser aquela um história para primeira página. Charles pediu que esperassem até que tudo estivesse resolvido, mas Anne e Carl lembraram seu dever de informar e o prazo para o fechamento das matérias do jornal.

Charles, então, entrou e pediu para usar o telefone. A primeira ligação, às 2 horas, foi para o juiz federal Woodrow Seals, um senhor mal-humorado cuja indicação fora feita pelo presidente John E Kennedy.

— Charles, é bom que seja importante — o juiz avisou ao atender. Depois de ouvir uma breve explicação, o juiz combinou um encontro para as 6 horas, no Palácio da Justiça, junto com o

presidente do tribunal do distrito sul do Texas, John Singleton. Charles, em seguida, telefonou a seu assistente, para que preparasse os documentos.

Foi então que, sem que os funcionários do consulado percebessem, ele fez uma ligação de importância crucial: para o Departamento de Estado. Afirmando tratar-se de assunto importantíssimo, pediu para falar com a autoridade responsável pela China. Na conversa que se seguiu, ele defendeu a posição de que o governo dos Estados Unidos deveria intervir. Para isso, lembrou o caso de Simas Kudirka, um marinheiro lituano embarcado em uma traineira soviética suspeita de espionagem em águas norte-americanas no início da década de 1970. Kudirka pulou do convés da embarcação onde estava para a da Guarda Costeira, sendo depois resgatado à força por marinheiros soviéticos. Daí resultou uma longa investigação que concluiu pela corte marcial para todos que haviam permitido a retirada de Kudirka.

Charles conhecia bem a história porque quando, mais tarde, Kudirka chegou aos Estados Unidos, foi recebido por ele em Houston. Charles também sabia das normas internas do Departamento de Estado no que dizia respeito à repatriação forçada de estrangeiros, em especial para países comunistas. E tinha certeza de haver sido convincente em sua argumentação.

Desconfiados, os funcionários do consulado disseram a Charles que não poderia mais falar ao telefone. Como sabia que precisava cuidar da preparação dos documentos legais, ele pediu para se retirar. Faltava pouco para as 6 horas, e queria agilizar os procedimentos.

Com a saída de Charles, os funcionários mandaram que todos os ocidentais fizessem o mesmo. Determinados a me ver são e salvo, todos se recusaram. Ainda mais irritados, os chineses desligaram a luz e os telefones.

Os jornais da manhã já estavam nas bancas. Charles se surpreendeu ao ler a manchete: "Consulado chinês mantém oito americanos reféns." Do escritório, seguiu para o Tribunal de Justiça, levando consigo os documentos legais, prontos para serem assinados.

O juiz federal Woodrow Seals e o presidente do tribunal John Singleton estavam à espera, conforme o combinado.

— Charles, espero que saiba o que está fazendo — disse Singleton. — Bem, não temos muito tempo. Então, é preciso agir da melhor forma possível.

Documentos assinados, Charles telefonou para Chase Untermeyer, assessor executivo do então vice-presidente George Bush, e mais uma vez referiu-se à história de Kudirka, dizendo tratar-se de um assunto importante.

— Chase, a mulher do vice-presidente Bush, Barbara, é curadora do Houston Ballet. George Bush precisa saber que o consulado chinês mantém prisioneiro um bailarino do Houston Ballet, Li Cunxin.

Charles sabia que o vice-presidente tomaria providências. Chase imediatamente entrou em contato com George Bush, que pediu para chamar James Lilley, então integrante do Conselho de Segurança Nacional como especialista em questões asiáticas. Lilley, mais tarde, seria nomeado embaixador dos Estados Unidos na China.

Assim, Charles retornou ao consulado acompanhado de um oficial de justiça federal, para fazer cumprir dois mandados: um para que o cônsul-geral me apresentasse e outro proibindo que eu fosse levado para fora do país. A aglomeração na porta do consulado estava ainda maior, em especial gente da imprensa. Um homem muito parecido com Clark Kent aproximou-se de Charles e sussurrou em seu ouvido: — O consulado está cercado. Temos a planta do prédio. Não há como tirá-lo daí.

Era um agente do FBI. Charles bateu à porta e foi atendido por um funcionário, que disse: — Não há ninguém aqui. Pelo resto do dia, Charles fez várias tentativas infrutíferas de levar o oficial de justiça a entregar os mandados. Entre elas, recebeu telefonemas de Washington e do Superior Tribunal Federal. O número de agentes do FBI começou a crescer.

Foi quando Charles recebeu outro telefonema, este de James Lilley, da Casa Branca: o presidente Reagan queria informações sobre o andamento do caso. Em seguida, um representante do Departamento de Estado ligou, pedindo a Charles que voltasse ao consulado e dissesse que os telefones deveriam ser religados, pois a embaixada chinesa precisava entrar em contato para transmitir instruções.

Por volta das 16 horas, Charles estava novamente dentro do consulado, diante do cônsul Zhang, que, quase em lágrimas, perguntou se teria mesmo de me liberar.

— Sim. Não há outra solução. Se não soltar Li, as coisas só vão piorar.

Àquela altura, já havia umas duzentas pessoas do lado de fora. As principais redes de notícias mandaram representantes, com câmeras portáteis ou sobre caminhões-plataforma.

O estacionamento da farmácia Walgreen, bem ao lado, foi transformado em um miniestúdio. Isolado no segundo andar do prédio, eu não fazia ideia do que acontecia.

Passava pouco das17 horas quando o cônsul Zhang tornou a entrar no cômodo onde eu estava e perguntou: — Cunxin, para o seu próprio bem e pela Ultima vez: você vai voltar para a China? Aquele era um momento decisivo em minha vida. Eu estava preparado para o pior.

— Não. Não vou voltar. Pode fazer comigo o que quiser. Ele me olhou longa e duramente e, afinal, falou: — Lamento que tenha escolhido este caminho. Tenho a certeza de que vai se arrepender.

Sinto tê-lo perdido para a América. Você é agora um homem sem povo e sem pátria. Mas vou lhe dar um aviso: lá fora, há muitos repórteres; o que disser a eles, tanto agora quanto no futuro, terá consequências diretas sobre a sua família na China. Pense bem antes de falar ou fazer qualquer coisa. Estaremos de olho em você.

Eu mal podia acreditar no que acabara de ouvir. Ia ficar livre! De repente, senti pena do cônsul Zhang. Compreendi que ele representava a vontade do governo e tinha a obrigação de fazer o que considerava melhor para o país e o Partido Comunista. A diferença era que ele teria de voltar e, provavelmente, nunca mais deixaria a China. Ele fora gentil comigo durante minha permanência em Houston.

— Sinto muito, cônsul Zhang — disse com sinceridade. Tive a impressão de ver um lampejo de simpatia em seu olhar. Sem nenhuma palavra, ele me levou para baixo, ao encontro de Charles e Elizabeth.

Abracei e beijei Elizabeth, repetindo o quanto a amava. Com um abraço, agradeci a Charles. Ele era um homem de grande integridade. Eu não poderia ter encontrado um ser humano melhor: arriscou a própria reputação para me salvar a vida.

Eu preferia não falar com os repórteres, mas Charles sabia que eles não me deixariam em paz enquanto eu não dissesse alguma coisa. Assim, às 17h30, diante das câmeras e de um mar de microfones, sob o clarão dos flashes e tendo Elizabeth ao lado, consegui fazer um pronunciamento simples: — Estou muito feliz de poder ficar neste país, junto da minha mulher. Espero, no futuro, contribuir para a arte da China e a dos Estados Unidos.

Tudo o que eu via era uma multidão e luzes piscando sem parar. O clic contínuo das câmeras sendo acionadas juntava-se às perguntas dos repórteres, vindas de todos os lados. Apertei a mão de Elizabeth. Não conseguia mais pensar. Só queria sair dali.

A princípio, fomos seguidos por alguns carros de reportagem, ávidos por um pronunciamento exclusivo. Mas Delworth dirigiu sua BMW em tal velocidade que deixou todos para trás, exceto um; quando avançávamos um sinal vermelho, ele fazia o mesmo. Delworth acabou perdendo a paciência: parou o carro e pegou uma arma no porta-luvas. Eu só conseguia imaginar mais uma manchete: "Desertor chinês envolvido em tiroteio." A situação era outra, porém. Dois homens saltaram e mostraram seus distintivos do FBI.

— Sr. Cooksin, o FBI gostaria de levá-lo e a sua esposa para um local seguro. Estão em perigo. O governo dos Estados Unidos tem obrigação de garantir a sua integridade. O governo chinês pode tentar uma retaliação. Compreendem? Concordei com um gesto. — Onde é o local seguro? — perguntei. O agente sorriu. — É uma casa confortável, em local secreto, sob a guarda do FBI. Haverá alguém para servi-los vinte e quatro horas por dia. É tão segura quanto a Casa Branca. Vão gostar.

— Obrigado, mas não quero ir. Sou livre, agora. Deixe-me em paz. — Estará correndo um grande risco — advertiu o agente. — Eu sei, mas não posso viver me escondendo.

Sem mais o que dizer, ele me passou um número de telefone para o qual eu deveria ligar se me sentisse em perigo.

— Só por precaução — disse. — O FBI vai segui-lo até estar convencido de sua segurança.

— Não quero ninguém atrás de mim. — Não se preocupe. O senhor nem vai notar — ele encerrou sorrindo.

Exatamente como prometido, se fui seguido nos meses seguintes, não percebi uma vez sequer.

Minha história foi contada em todos os jornais, redes de televisão e estações de rádio. Recebi uma enxurrada de convites para filmes, livros e entrevistas, além de ofertas para me integrar a companhias de balé de todo o mundo. Até mesmo jornais chineses tentaram

contato, prometendo generosamente, em troca, férias em local à minha escolha. "Sim, desde que seja na China", pensei.

23

跳舞

VIDA NOVA

Aceitei apenas um convite: participar do programa *Good Morning America*. Queria explicar a situação de uma vez por todas e corrigir falsas histórias. Não queria que minha fama de desertor encobrisse a fama de bailarino.

Ao saber que a filha e o genro estavam trancafiados no consulado chinês, a mãe de Elizabeth voou da Flórida para Houston. Com o desfecho da situação, as duas planejavam nossa mudança para a Flórida, onde começaríamos vida nova. Na verdade, não sabíamos bem o que fazer. Ainda não estávamos recuperados do estresse dos últimos dias.

Na manhã em que iríamos viajar, recebi um telefonema de Ben.

— Li, conversei com o consulado chinês. Nem eles, nem o sindicato se opõem a que você fique no Houston Ballet. Então, quero lhe oferecer o posto de solista.

Fiquei exultante! Pensei que Ben fosse nutrir ódio eterno por mim. Estava certo de jamais voltar a trabalhar com ele.

— E quanto às suas relações com a China? — perguntei cheio de culpa.

— Não sei. Eles têm me tratado com frieza. Você era a última pessoa que eles esperavam que fosse capaz de desertar. Nada os convence de que eu não tive nenhum envolvimento.

— Vai me perdoar, um dia?

— Claro. Não estaria lhe oferecendo um contrato se não conseguisse perdoar.

Assim, Elizabeth e eu deixamos de lado, pelo menos por algum tempo, os planos de viajar à Flórida e comecei imediatamente os ensaios da nova coreografia de Ben para Peer Gynt. Fui recebido de braços abertos, o que me deixou ainda mais feliz.

Contudo, não tinha nenhum conhecimento nos Estados Unidos fora de Houston. Meu inglês era ainda muito limitado, e eu estava longe da família. Contávamos apenas com o apartamento de quarto e sala de Elizabeth, cujo contrato acabaria em alguns meses.

Alugamos, então, um apartamento de dois quartos, próximo aos estúdios de balé. Era nosso primeiro lar de verdade. O lugar estava mal conservado, o aparelho de ar condicionado era pouco eficiente e barulhento e não havia telas nas janelas para proteger dos mosquitos. Mas éramos felizes.

Lori e Delworth continuaram a cuidar de Elizabeth e de mim. Eles frequentemente nos convidavam para jantar. Delworth chegou a preparar uma fritada chinesa, certa vez, mas exagerou no molho de ostras. Em outra ocasião, preparei alguns pratos à moda da niang. Ele nunca mais fez incursões na cozinha chinesa. Em vez disso, como se eu fosse um irmão mais novo, iniciou-me na cultura americana: íamos a bares ao estilo caubói e a casas noturnas. Bons tempos aqueles! Somente depois de passado algum tempo do incidente no consulado é que Ben voltou a agir com naturalidade comigo, oferecendo-me solos e papéis principais, já que eu era, então, membro permanente da companhia. Minha técnica melhorava sempre. Meses depois, ele me indicou para o difícil pas-de-deux de Don Quixote, que seria apresentado em uma turnê nacional.

Com a aproximação do Natal, Elizabeth e eu finalmente fomos à Flórida. Eram nossas primeiras férias, desde o casamento. Ficamos hospedados com a mãe dela em West Palm Beach e fomos visitar o pai e a segunda esposa.

Lamentei saber que os pais de Elizabeth eram divorciados. Ela fora criada em uma família de classe média. O pai tinha uma pequena gráfica, e a mãe trabalhava como recepcionista da West Palm Beach Ballet School. Muito diferente do tipo de vida que eu conhecia.

Apesar do amor de Elizabeth, do trabalho com o Houston Ballet e da preciosa liberdade, eu não conseguia afastar uma nuvem escura que me envolvia o coração. Comecei a ter pesadelos: eu era fuzilado em um paredão, junto com toda a família — assim como vira acontecer na comuna. Acordava aos gritos, coberto de suor, tendo Elizabeth debruçada sobre mim, dizendo: — Está tudo bem. Está tudo bem. Eu temia pelo que pudesse acontecer à minha família e aos amigos. Temia o pior. E me odiava por ter exposto ao perigo aqueles a quem amava. Como sofria ao pensar que não tornaria a vê-los! Tudo me emocionava e me fazia pensar neles. A boa comida a que tinha acesso me lembrava sua luta pela sobrevivência; a mãe de Elizabeth me lembrava a niang; crianças brincando nos parques me lembravam as brincadeiras com os irmãos e os colegas. A chuva me fazia pensar se ainda teriam de recolher rapidamente os inhames postos a secar ao ar livre. Estava tomado pela saudade e pela culpa. Sem que eu percebesse, Elizabeth se tornou vítima de meu sofrimento emocional. Minha válvula de escape era a dança.

Àquela altura, eu fazia enormes progressos, e Elizabeth se esforçava como bolsista. Mas Ben nunca chegou a considerá-la uma estrela em potencial, e isso a levou à desilusão. Estava convencida de que ele não a perdoava por ter-se casado comigo. Estava dividida entre a carreira dela e a minha.

Eu sentia tanto!... Elizabeth era uma garota corajosa, determinada e sociável. Nós nos víamos como Romeu e Julieta com final feliz. No entanto, por mais que nos esforçássemos, as dificuldades da vida interferiam em nosso relacionamento. Evitávamos falar do problema. Tínhamos medo de nos machucar. Eu me dedicava a entender a cultura americana, mergulhava egoisticamente no mundo da dança e me preocupava com coisas sem importância, como cuidar para que as contas estivessem pagas e os pratos lavados.

Em uma ocasião, depois de um dia duro de ensaio, encontrei o apartamento às escuras.

— Liz? — chamei.

Ninguém respondeu. "Deve ter saído", pensei. Acendi as luzes e vi os pratos do café da manhã ainda empilhados dentro da pia. A raiva começou a ferver dentro de mim. Procurei algum bilhete, e nada. Peguei uma cerveja na geladeira e me sentei na sala, com pena de mim. Onde estaria minha mulher? E meu jantar? Por que ela não deixara um bilhete? Por que não lavara a louça, se tinha tanto tempo livre? A fome fez a raiva aumentar. Quebrei dois ovos em uma tigela para fazer com arroz, quando notei sobras em cima do fogão. Tinha-lhe dito que guardasse a comida na geladeira, para não estragar. Deveria esperar por ela para jantar? Certamente. Pela tradição, uma refeição em família é sagrada. Eu queria manter a tradição.

Depois de mais de uma hora de espera, comecei a me preocupar. Talvez ela tivesse sofrido um acidente. Liguei para Keith, o rapper que também se hospedara em casa de Ben e era amigo íntimo dela. Ninguém atendeu. “Tomara que nada de mal tenha acontecido”. Com o coração em suspenso, andei de um lado para outro no apartamento.

Por volta de 21 horas, Elizabeth voltou, toda satisfeita.

— Oi, querido! Já jantou?

A raiva cresceu dentro de mim.

— Onde você esteve?

— Saí com uns amigos, já comi alguma coisa. Por que está tão zangado?

— Por que estou zangado? Olhe esses pratos sujos na pia, o arroz no fogão. Parece uma casa de porcos! Nem jantar, nem um bilhete! Esto preocupado, com fome e com raiva!

— Ah, quer que eu cozinhe para você? É por isso que está tão zangado? Pois fique sabendo que não casou com uma cozinheira. Eu detesto cozinhar!

— Trabalho o dia todo e, quando volto para casa, só encontro sujeira! Você quer que eu ainda vá cozinhar, arrumar e lavar? O que faz o dia todo?

— Você não entende, não é? Eu quero dançar, e não cozinhar! Desde pequena, eu quero dançar. É a única coisa que quero fazer. A sua carreira vai de vento em popa, e você está muito satisfeito com os seus papéis principais. Você deita, dorme e tem lindos sonhos. E eu? — ela perguntou com lágrimas nos olhos.

A raiva me impedia de perceber o quanto eu era egoísta. Lindos sonhos? Ela por acaso se esquecera dos meus pesadelos? Elizabeth não fazia ideia do que eu estava vivendo.

— À noite, penso na minha família, na China...

Não consegui continuar. Como expressar a dor e o sentimento de culpa que me dominavam?

— Você não entende! — eu disse finalmente.

— Nós não nos entendemos! — ela gritou.

— É...

Na manhã seguinte, ainda estávamos ressentidos. Saí à noite para caminhar e esfriar a cabeça. Quando voltei, encontrei Elizabeth adormecida A raiva, aos poucos, foi cedendo lugar ao remorso. Mesmo assim, ficamos vários dias sem nos falar.

Aquele foi o começo do fim do nosso casamento. Eu queria que Elizabeth e Ben se entendessem. Desejava que ele a aceitasse na companhia. Para ela, porém, era difícil aproximar-se de Ben.

Elizabeth estava convencida de que, enquanto ele fosse o diretor artístico do Houston Ballet, não teria chance de ser contratada. Tentei ensinar a ela um pouco da minha técnica, mas, com nossa intimidade e meus fracos conhecimentos em inglês, as aulas sempre acabavam em frustração. Nossos momentos mais felizes eram aqueles em que dançávamos juntos na sala de casa. Gostaria de poder fazê-la feliz, mas percebia que ela se sentia sufocada, e eu não sabia como ajudar. Incentivei-a a continuar a carreira em outra companhia, mas com isso só consegui fazê-la pensar que queria me livrar dela. Elizabeth chegou a tentar, sem sucesso, o San Francisco Ballet e outros. Entre uma tentativa e outra, retornava a Houston, mas cada vez nos falávamos menos.

Cerca de um ano após nosso casamento, Elizabeth foi, afinal, aceita em uma pequena companhia de dança moderna em Oklahoma e começou a trabalhar imediatamente. Ela voltou a se entusiasmar. Estava feliz e animada com a nova oportunidade. Adorava dançar.

Até que, uma noite, ela me ligou de Oklahoma. — Li, quero o divórcio. Não posso dizer que tenha sido uma completa surpresa. — Se é o que quer... — murmurei com tristeza. — Em breve, vou até aí buscar minhas coisas. Sinto muito, Li. Eu amei você de verdade.

Não culpo Elizabeth pelo fracasso do nosso casamento. O culpado fui eu, que a decepcionei. Falhei como marido. Sem entender o amor na cultura ocidental, recolhi-me a um casulo e, desalentado, afastei-me dos amigos. Duvidava que desse certo uma união entre oriental e ocidental. Não era o que tinha ouvido do cônsul Zhang, aquela noite, no consulado? O que poderia ter feito para salvar nosso casamento? Nós nos amávamos e tínhamos um ao outro. Mas nos perdemos. "Culpa do destino", pensei. O destino me pregara uma peça. A lembrança da união feliz de meus pais só me deixava ainda mais triste e envergonhado.

Não havia volta. Como não tinha mais um lar, mergulhei no balé. Dançar era só o que sabia fazer — minha garantia de sobrevivência no mundo ocidental.

No primeiro ano depois do divórcio, dividi o apartamento — e o aluguel — com um estudante. No ano seguinte, fiz a mudança para outro, este de um quarto, e passei a ter meu próprio espaço.

Em maio de 1982, eu me preparava para viajar a Londres pela primeira vez. Ben criara uma coreografia de um pas-de-deux para As Quatro Estações, de Vivaldi, especialmente para ser dançado por mim e por Janie Parker, na temporada de gala do Sadler's Wells Royal Ballet.

Janie chegara ao Houston Ballet em 1976, depois de se encantar com o talento e as coreografias de Ben. Apesar dos protestos de George Balanchine e do diretor artístico da companhia em que dançava, ela o seguiu até Houston.

Janie possuía lindos pés e longas e belas pernas. Quando fazia ponta, suas pernas pareciam alongar-se. Sua dança era exuberante, e ela, assim como eu, preferia os balés românticos.

Aquela seria nossa primeira parceria, o que me deixava apreensivo. Uma das duas principais bailarinas do Houston Ballet, Janie ficava um pouco mais alta do que eu quando fazia ponta. Para ter certeza de que seria capaz de sustentá-la com segurança, passei por um programa de condicionamento físico.

Estava ansioso para chegar a Londres, Paris, Washington, Londres — as capitais simbólicas do mundo ocidental. Conhecia Londres por fotografia, mas experimentar ao vivo a atmosfera da grande cidade seria maravilhoso.

Assim como acontecera em meu primeiro contato com os Estados Unidos, a chegada a Londres foi um choque. Já imaginava que o governo chinês também nos tivesse mentido a respeito da Inglaterra, mas ainda assim fiquei surpreso com tanta riqueza e prosperidade. A grandiosidade do palácio de Buckingham me deixou sem fala.

Onde estava a pobreza cruel, a cidade sombria e infeliz? A imagem da Inglaterra que nos passaram fazia a China parecer um céu. Para meu horror, a verdade era o contrário.

Enquanto estivemos em Londres, chuviscou uma vez ou outra, mas o sol, quando surgia, mostrava a cidade em sua beleza gloriosa. Os jardins floridos meticulosamente cuidados, as mesas dos cafés ao longo das ruelas, as avenidas largas e movimentadas — que bom se pudesse ficar mais tempo para aproveitar tudo aquilo! Tínhamos, porém, uma programação exaustiva e passávamos a maior parte do tempo entre o hotel e o teatro. Ainda assim, conheci Picadilly Circus e o Parlamento, assisti à troca da guarda do palácio de Buckingham e encantei-me com os detalhes do Big Ben. Certa vez, Ben me levou a uma casa de chá, onde me fez provar creme de leite azedo. Naquele fim de tarde, lembrei-me de quando vi o London Festival Ballet se apresentar em Pequim, em 1979. Parecia ter acontecido séculos atrás! Antes de minha deserção, Ben vinha negociando com o governo chinês a ida de alguns integrantes do Houston Ballet até a China. Esse era um de seus grandes sonhos.

Depois que desertei, todos pensaram, inclusive ele, que as negociações estivessem encerradas. Para surpresa geral, o governo chinês deu sinal verde para que Ben levasse o plano adiante. Os bailarinos do Houston Ballet e os chineses tinham mais ou menos o mesmo padrão de habilidade, e o encontro foi um sucesso. Como esperava, não tive permissão para ir — nem ousaria.

O relacionamento entre Ben e a China voltou a ser cordial depois da viagem, o que me deixou satisfeito. Continuava a me preocupar com as possíveis implicações da deserção sobre minha família, por isso fiquei vários anos sem escrever ou telefonar, com medo de criar problemas. Quando, afinal, resolvi enviar uma carta, não recebi resposta, o que deixou meu coração ainda mais apertado.

Depois de um ano e meio de minha deserção para o Ocidente, o Houston Ballet embarcou em uma nane de seis semanas pela

Europa: Itália, Suíça, França, Espanha, Luxemburgo e Mônaco. Era a primeira vez que eu pisava na Europa continental.

Gostei de todos os lugares por onde passamos. Epernay foi um deles. Nosso empresário agendou duas apresentações, mas avisou que o palco era pequeno, irregular e inclinado. Durante o ensaio da tarde, ficou patente que seria impossível acomodar todo o elenco de *Étude*; Ben precisou retirar alguns bailarinos das cenas maiores. Com um dos papéis principais, tive de procurar a parte mais regular do palco para fazer meus giros. Depois do ensaio, Ben reuniu o grupo:
— Sei que estamos na cidade onde se faz o melhor champanhe, mas espero que tenham a disciplina e a responsabilidade de não beber um só gole antes do espetáculo.

Nossa apresentação foi recebida com entusiasmo pela plateia. Mas não sei se pela inclinação do palco ou pelo efeito do champanhe, a verdade é que vi algumas pernas trôpegas naquela noite. Depois do espetáculo, o cônsul-geral britânico, um primo distante de Ben, ofereceu Moët & Chandon e Taittinger a toda a companhia, servidos em belos copos floridos pintados à mão. Todos beberam à vontade, e a festa durou até as primeiras horas da manhã seguinte.

De Epernay, fomos a Nice, de belas praias do Mediterrâneo e águas azul-turquesa. Pude ficar sentado em um café à beira-mar, observando as embarcações, conhecer as coleções de Matisse e Chagall e provar uma comida maravilhosa e vinhos tintos cujo sabor eu jamais julgara possível — encontrados mesmo nos restaurantes mais simples.

Na Itália, tivemos alguns dias livres e aproveitei para visitar Florença com três amigos. A cidade me impressionou. Inúmeros monumentos e esculturas, a história da família Médici, as obras-primas de Michelangelo, Brunelleschi, Donatello e Masaccio, a Piazza del Duomo e a Piazza della Signoria. Eu parecia criança em loja de doces. Fiquei tão extasiado que esqueci o almoço marcado

com amigos e me atrasei para o check-out no hotel. Se não corresse muito, teria perdido o trem para Veneza.

Todos estávamos ansiosos para conhecer Veneza. Uma amiga me disse, certa vez, que "para descobrir a beleza e o romantismo de Veneza é preciso andar, andar, andar". Ou, pelo menos, foi o que entendi. Então, andei e andei, de um local histórico para outro. Fiquei pasmo com o sino da Torre dell'Orologio, as pinturas incríveis, a riqueza das cores da cidade — o máximo de beleza e romantismo. O passado fazia parte do encanto e da história de Veneza. Mas aquela cidade tão antiga também me deixou triste; pensei na China e em tudo que fora destruído durante a Revolução Cultural.

Em meio a tanto encantamento, como sempre, eu me lembrei da família e dos amigos que deixara para trás. Como gostaria de partilhar com eles aquela comida deliciosa! Como gostaria que vissem o que eu via! Sabia, porém, que jamais teriam acesso à riqueza do mundo ocidental.

24

跳舞

UM SONHO SE REALIZA

Depois do fracasso no casamento e do sucesso da primeira turnê pela Europa, minha carreira progrediu rapidamente. Ben tinha um imenso talento como coreógrafo e professor. Ele se tornou meu mentor, e eu me dediquei inteiramente à dança. Eu respirava balé, precisava dele para viver. A liberdade me permitia fazer o que quisesse.

Sempre ficava surpreso ao ouvir comentários sobre a rigidez de minha ética de trabalho. Para mim, dançar era puro prazer. Queria praticar até durante os 15 minutos que tínhamos de intervalo — considerava aquilo o desperdício de um tempo precioso. E para que tantos feriados? E por que os estúdios não funcionavam nos fins de semana? Na China,não era assim. Afora o período do ano-novo chinês, só descansávamos no 1° de outubro, nascimento da China comunista, e no 1° de maio, dedicado ao trabalhador. No mais, era a rotina severa da Academia de Dança de Pequim, dia após dia.

Nos Estados Unidos, eu tinha liberdade, mas sabia o alto preço que ela me custara. Tinha perdido para sempre a niang, o dia, os irmãos, os amigos e o país. De vez em quando, a dúvida me assaltava. Era como se tivesse iniciado uma vida inteiramente nova,

sem nenhuma ligação com meus primeiros dezoito anos. Muitas vezes, desejei o abraço da niang, mas nem sabia se ainda estava viva.

Se pudesse ao menos ouvir a voz dos entes queridos, seria um alívio. De certa maneira, troquei a célula comunista por um outro tipo de célula: um mundo de dor e saudade — uma dor palpável, uma saudade real. Quando sozinho, pensando na niang, as lágrimas me embaçavam a visão e escorriam pelo rosto como chuva.

Aos poucos, com o passar de meses e anos, aprendi a guardar a tristeza só para mim, e ela foi me invadindo o coração. Vinham-me à lembrança as vozes, as brincadeiras, a comida escassa. Teria o dia ainda histórias para contar? Como estaria o segundo irmão? Teria, afinal, se casado com a moça apresentada por nossa tia? Estaria em paz? E Bandido? E os Chongs? O professor Xiao e Zhang Shu? Eu sentia falta das histórias do dia. Que saudade do carinho da niang, de sentir seu coração batendo, seu amor! Naqueles momentos, até a lembrança dos inhames secos não parecia tão ruim.

Havia outra preocupação: não queria ser como a maioria dos chineses que viviam em Houston e só se relacionavam com outros chineses. Não queria ficar à parte. Então, tentei ler em inglês. O primeiro livro foi Black Beauty, que ganhei de presente no Natal. "Uma história infantil sobre animais deve ser fácil", pensei. Mas foi muito difícil! Havia tantas palavras desconhecidas! Eu consultava o dicionário e anotava os significados no canto da página. A continuidade da história ficou prejudicada, mas mesmo assim chorei quando Beauty perdeu a mãe, como eu perdera a minha. Quando acabei de ler, as páginas estavam todas cheias de anotações.

Para me integrar, comecei a sair com garotas americanas. Certa vez, fui a uma festa de casamento com uma delas. Lá, ela me perguntou se eu queria coca.

— Não, obrigado. Prefiro cerveja. — Não quis dizer Coca-Cola. Eu ofereci cocaína. Eu tinha ouvido falar de cocaína. Diziam que era uma coisa ruim. — Não, obrigado.

Um amigo dela, então, perguntou se eu queria fumar. — Detesto o gosto de cigarro — respondi. Ele riu: — Não estou me referindo ao cigarro. Estou oferecendo erva. Fiquei completamente perdido. Só conseguia pensar em umas horríveis folhas de abóbora secas que experimentara com os colegas, na China. Mas, como todos em volta garantiam que eu me sentiria bem, resolvi experimentar. Dez minutos depois, não tinha sentido nenhuma diferença.

Então, pedi mais um.

Alguns minutos mais tarde, parecia que martelavam dentro da minha cabeça. Fui tomado por uma imensa tristeza. Meus pais, meus irmãos, Bandido, os amigos, o casamento fracassado, a deserção — tudo me veio à mente. Eu me senti aprisionado. Tinha de voltar para casa. Não sei qual caminho segui nem como cheguei. Só me lembro de estar deitado na cama, à 1 hora, pensando. Parecia haver um prego enorme cravado em minha cabeça. Todas as juntas do meu corpo doíam. Não sei a que horas peguei no sono, mas, quando abri a porta na manhã seguinte, lá estava a garota com quem tinha saído na véspera. Com o rosto muito vermelho, mal conseguia manter-se de pé. A lembrança da experiência me fez a cabeça doer ainda mais. Acabei com o relacionamento ali mesmo.

Naquele dia, durante o ensaio, pensei que fosse perder o equilíbrio e cair a qualquer momento. Estava meio zonzo. As palavras saíam de minha boca sem que eu tivesse controle.

Meu papel em Cinderela era o do bobo da corte. Do ensaio geral, à noite, só me lembro dos aplausos no final. Ben disse que foi meu melhor solo, e perguntou se eu conseguiria fazer exatamente igual na noite de estreia. Repetir? Claro que conseguiria! Apesar de não ter a menor ideia do que fizera! Foi a última vez que experimentei alguma coisa parecida com folhas secas de abóbora.

Com exceção das drogas, eu queria experimentar tudo o que o Ocidente tivesse a me oferecer. Descobri os filmes de faroeste, em especial os de John Wayne. Gostava da coragem demonstrada por

ele. Gostei também de Jornada nas Estrelas e dos filmes do 007. Assisti a espetáculos de ópera, a sinfonias, a concertos e a peças de teatro. Por meio de Ben, conheci gente extraordinária: Liza Minelli, Cleo Laine, Gregory Peck, Frank Sinatra, John Denver e outros. Fui a discotecas, mas não gostei muito. Eu me sentia um pássaro liberto da gaiola que podia voar em qualquer direção.

Meu amor pelo balé nunca se enfraqueceu. O Houston Ballet era minha casa, então. Os bailarinos, minha família. Eu me dedicava a cada dia, a cada apresentação, como se fossem os últimos. Em Ben, encontrava sentido e inspiração.

Ouvi dizer que, naquele ano, a China enviaria sua primeira delegação à competição internacional de balé a realizar-se no Japão. Perguntei a Ben se eu poderia ir representando a China. Ele recusou. Nossa agenda estava cheia demais.

Mais tarde, pedi a Ben para participar, como representante da China, da American International Ballet Competition, em Jackson, Mississippi, uma competição internacional de dança equivalente às Olimpíadas. Queria sentir em que nível estava minha técnica em relação aos padrões internacionais. Além disso, devia lealdade ao meu país — ou, pelo menos, aos meus primeiros professores.

Considerando-se que seria um modo interessante de mostrar o trabalho do Houston Ballet, foram inscritos quatro bailarinos, inclusive eu. Foi com orgulho que me declarei cidadão chinês: era um meio de retribuir aos professores — Xiao e Zhang Shu, em especial. Queria que Ben e a China se orgulhassem de mim.

Mais de setenta bailarinos, chegados de todas as partes do mundo, estariam competindo. Como solista, eu teria de dançar seis solos, com apenas três semanas de preparação. Estava inspirado. Para mim, o mais importante era trabalhar com Ben; quer conquistasse um prêmio ou não, já estaria ganhando.

No primeiro dia da competição, porém, aconteceu o inesperado: fui rejeitado pela delegação chinesa. Eu era um desertor, não mais

reconhecido como cidadão da China, ainda que continuasse a usar meu antigo passaporte. E o pior: meus ex-professores e colegas foram instruídos pelo governo chinês a não se comunicar comigo. Estava tão ansioso para vê-los e, de repente, era tratado como inimigo.

Fiquei arrasado. Tive vontade de retornar imediatamente a Houston, mas o presidente do comitê organizador disse a Ben que ficaria feliz em ter-me como representante dos Estados Unidos, embora não fosse cidadão americano. Aceitei, agradecido, mas foi difícil conter as lágrimas quando meus ex-professores e meus colegas, inclusive Zhang Weigiang, fingiram não me ver. Apesar de saber que eles tinham de obedecer às ordens do governo, não consegui evitar a tristeza. De vez em quando, entreouvia alguém me chamando de "bastardo desertor" ou "traidor sem coração". Eu fingia não perceber, mas ficava magoado. Cheguei a desejar não ter ido. Acordava no meio da noite, entre lágrimas, pensando em como fora ingênuo ao querer representar a China.

Durante a primeira fase da competição, simplesmente não consegui me concentrar. Caí durante o solo final do Pássaro Azul, de A Bela Adormecida, e por pouco não fui desclassificado. Sabia que havia dançado mal. — Viram como ele caiu de traseiro no chão? —, ouvi os professores chineses comentarem entre risadas.

Na segunda fase, os competidores teriam de apresentar dois solos contemporâneos. Eu tinha apenas dois dias para recuperar as forças mental e física e enfrentar um joelho inchado, o pescoço duro, uma tendinite e o menosprezo de meus colegas chineses. Recolhido em minha tristeza, sofri sozinho. Ben e os colegas do Houston Ballet perceberam que não fui bem nos ensaios. Eu buscava desesperadamente a força dentro de mim. A todo momento me perguntava: "O que você quer? Trocar de lugar com os seus colegas da China?" Lembrei a fábula do sapo que sonhava sair do poço onde

vivia. Aos poucos, eu me convenci de que somente uma pessoa poderia determinar o meu sucesso na competição: eu mesmo.

Minha apresentação na segunda parte foi bem melhor e comecei a recuperar a confiança. Pouco antes do início da terceira e última fase, um dos concorrentes chineses, Lin Jianwei, de Xangai, desapareceu. Ninguém conseguia encontrá-lo. Começaram a circular rumores de que talvez eu o tivesse ajudado. Minha situação em relação aos chineses ia de mal a pior. Fui procurado por agentes do FBI. Segundo disseram, a situação era extremamente séria. Cinco altos funcionários da embaixada chinesa em Washington estavam a caminho de Jackson e seria melhor que eu fosse embora o mais depressa possível.

— Não vou embora — disse a Ben. — Se eu for, vão pensar que ajudei o bailarino a desertar.

— Li, é sério! — ele insistiu. — Não adianta. Eu não vou! Quero terminar a competição! Assim, até o fim da competição nunca mais me deixaram sozinho. Eu estava sempre acompanhado de Ben ou de um dos colegas do Houston Ballet. Preferimos deixar o prédio da universidade e ir para um hotel. Sempre que abríamos a porta do apartamento, usávamos códigos secretos. A tensão era constante.

A terceira fase da competição estava em curso quando um dos cinco funcionários da embaixada chinesa em Washington solicitou um encontro comigo. Era Wang Zicheng, ex-chefe do Departamento de Educação do Ministério da Cultura. Ele me perguntou diretamente se eu havia ajudado Lin a desertar. Respondi que não tinha nenhum envolvimento com o episódio, e ele pareceu acreditar.

Para minha surpresa e apesar do drama que se desenrolava em torno, conquistei uma medalha de prata. Na categoria masculina, não houve medalha de ouro, porque os juízes não conseguiram chegar a um consenso sobre quem seria merecedor. A melhor colocação alcançada pela China foi a de Zhang Weiqiang: medalha

de bronze. Janie e Ben receberam medalhas de ouro, ela pela dança e ele pela coreografia.

Fiquei feliz não só por mim, mas também pelo balé da China. No fundo do coração, eu sabia que, não fosse por pessoas como o professor Xiao e Zhang Shu, jamais teria conquistado aquele prêmio. Dediquei a medalha ao professor Xiao. Somente muito mais tarde, fiquei sabendo das pressões que ele havia sofrido na Academia de Dança de Pequim por ter sido considerado o incentivador de minha deserção. Apesar de tudo, ele nunca perdeu a confiança em mim. Eu não esquecia suas palavras: "A força de caráter dos seus pais está em você. Se quer ajudá-los, seja o melhor bailarino que puder." Eu sabia o quanto o professor Xiao devia estar orgulhoso e feliz, mas eu compreendia que ele não demonstrasse seus sentimentos. Afinal, eu me tornara um desertor e um inimigo.

Poucos dias depois de encerrada a competição, desfez-se o mistério que cercava o desaparecimento de Lin Jianwei: ele pedira asilo político em Fort Worth, com a ajuda de um professor de balé. Eu estava limpo.

Secretamente, fiquei satisfeito que um astro do balé de Xangai seguisse os meus passos. Ao mesmo tempo, lamentava pelo fato de a China ter perdido dois de seus artistas no espaço de um ano, mas um sonho vale mais que tudo. Quando chegaria o tempo de não precisarmos fugir para trabalhar no Ocidente? Até quando continuaria a repressão política e aos artistas? Eu não tinha respostas. "Talvez não viva o suficiente para ver a China viver em liberdade", pensei.

Com o prêmio em dinheiro que recebi, dei entrada no pagamento de uma casa não muito cara — a minha primeira — localizada em um bairro histórico de Houston denominado The Heights, a apenas cinco minutos do distrito de teatros e a dez minutos dos estúdios do Houston Ballet.

Na época, eu nada entendia de cupins. A casa não sofria nenhuma reforma desde a década de 1940 e conservava os rodapés de madeira sobre um carpete verde-limão, gasto e malcheiroso. Na sala, o vazamento de um pequeno aparelho de ar condicionado havia danificado seriamente a madeira das vigas de sustentação. As telhas precisavam de substituição, os cupins haviam corroído os alicerces e a casa estava visivelmente inclinada. Fiação exposta, canos enferrujados, esgoto vazando, baratas, camundongos...

Um desastre! Mas eu não me importava. Tinha comprado minha primeira casa: o sonho capitalista. De repente, um jovem camponês recém-chegado da China, um ex-guarda vermelho comunista, era proprietário no mundo ocidental! Mal podia acreditar na facilidade com que eu havia conseguido.

Com a ajuda dos colegas do Houston Ballet, a casa foi reformada — ficou praticamente de cabeça para baixo — e logo tornou-se uma espécie de ponto de reunião dos bailarinos nas horas vagas.

Hoje, percebo que teria sido mais fácil e mais barato derrubar a casa e construir outra. Não fazia a menor ideia de como era uma casa de madeira — muito diferente daquela de pedra e de tijolo onde vivera com minha família na China. Mas nada me abalava o orgulho de ter minha própria casa e poder receber os amigos. Ben comentava brincando: "Os comunistas são os melhores capitalistas." Naquele mesmo ano, tirei carteira de motorista e comprei meu primeiro carro, um Toyota usado. Apesar do sentimento de realização, nunca deixei de pensar na comuna, na família, em sua casa tosca. O que pensariam meus pais da casa que eu acabava de comprar? E do carro? E da riqueza? Eu me sentia culpado por ter tanto.

Depois de um ano como solista, Ben me promoveu às primeiras fileiras. Aos poucos, minha fama de bailarino se espalhou pelos Estados Unidos e chegou a outros países.

O sucesso na dança fora além de meus sonhos mais ambiciosos. Mas eu não estava satisfeito; sabia que podia melhorar (com

liberdade, tudo seria possível). Eu era a pessoa de mais sorte em todo o mundo. A não ser, é claro, pela tristeza que sentia, pela sombra escura que me cobria o coração; talvez nunca mais visse meus pais.

Então, em meados de 1983, conheci Mary McKendry. Eu excursionava com o Houston Ballet em uma temporada de seis semanas pela Europa. Em Londres, apresentamo-nos no Sadler's Wells Theatre por quase duas semanas. Em uma das poucas noites livres antes da estreia, Ben convidou a todos para assistir ao London Festival Ballet, do qual fazia parte uma bailarina australiana. Ele raramente elogiava bailarinos de outras companhias; os dele eram sempre os melhores. Com Mary, porém, foi diferente: ele havia trabalhado com ela e a considerava extraordinária. Aceitei o convite por pura curiosidade, mas o que vi me impressionou. Gostei tanto de seu desempenho no papel principal de Four Last Songs, em uma coreografia de Ben, que voltei na noite seguinte para assistir a Cinderela. Mary era diferente; possuía qualidades especiais — rara, romântica e bela — com uma intensidade e uma entrega que me tocavam a alma. Eu me apaixonei imediatamente por sua arte.

— Existe alguma possibilidade de convidar Mary para fazer parte do Houston Ballet? — perguntei a Ben no dia seguinte. — Ela é maravilhosa! — Não acredito que ela aceite trocar Londres por Houston — ele respondeu.

No dia seguinte, estávamos no palco ensaiando Étude quando vi Mary entrar no teatro. Os cabelos soltos emolduravam-lhe o rosto. Ela procurou um assento e ficou assistindo aos ensaios.

Assim que tive um momento de folga, eu me aproximei dela: — Olá! Sou Li. Você deve ser Mary McKendry.

Ela confirmou. — Gostei muito das suas apresentações!

— Obrigada — ela respondeu brevemente, voltando a prestar atenção ao que se passava no palco.

Fiquei desapontado. Queria conversar, mas Mary não parecia interessada.

Com o orgulho ferido, voltei lentamente para o palco. Sou tímido e sempre tive problemas de comunicação com as garotas. Voltamos para Houston sem que eu tivesse outra oportunidade de falar com ela. Depois disso, muitas vezes pensei em Mary e em sua dança, mas passaram-se dezoito meses até que nos víssemos novamente.

De volta a Houston, começamos a trabalhar no maior espetáculo de balé do ano: A Bela Adormecida. Através de sua ligação com o Royal Ballet, Ben estabelecera uma amizade muito especial com Margot Fonteyn. Ela havia dançado algumas coreografias de Ben e tinha grande respeito por ele. Ben a convidava periodicamente a Houston para dar aulas especiais ou assistir a alguma estreia. Ela chegaria em breve. Desde que a vira dançar nos vídeos exibidos pela Academia de Dança de Pequim, eu tinha grande admiração por Margot. Mal podia acreditar que estava prestes a conhecê-la pessoalmente.

Margot Fonteyn era uma mulher elegante, graciosa até nos menores gestos. Certa vez, durante um jantar na casa de Ben, ela me perguntou sobre minha família. Segundo me disse, gostava muito do povo chinês e vivera vários anos em Xangai quando menina.

— Gostou de Xangai? — perguntei.

— Muito. Guardo boas lembranças de lá. Naquele tempo, era chamada a Paris da Ásia, uma cidade cheia de energia. Mas agora está tudo muito diferente — respondeu com tristeza.

Naquela noite, não consegui dormir. A breve conversa com Margot fizera crescer ondas de emoção dentro de mim. A lembrança da família e dos amigos teimava em não me deixar, trazendo com ela a tristeza. Minha carreira era um sucesso. Eu deveria estar feliz. Mas não estava. Meu sonho era ver a niang, ouvir sua voz, sentir seu amor. Fui tomado pelo desespero. A esperança de voltar a ver meus entes queridos parecia perdida. Não os esqueceria, porém: o carinho

da niang, sua fortaleza de caráter; o dia, homem trabalhador e de poucas palavras; as tias, os irmãos e primos. Jamais esqueceria meu lar.

No ano seguinte, levamos O Lago dos Cisnes ao Kennedy Center, em Washington D.C. Faltando dois dias para a estreia, Barbara Bush nos convidou, a mim e a Ben, para uma visita à Casa Branca pela manhã. A reunião foi em um dos salões menores de recepção, onde encontramos à nossa espera doces, chá e café.

— Olá, Ben, que prazer revê-lo! Ela nos abraçou na chegada. Era a mesma pessoa alegre e afetuosa de nosso primeiro encontro, cinco anos antes. Nada mudara, exceto que me tratava como um velho amigo.

— Li, sempre recebo notícias de seu sucesso na dança. Fico feliz de saber que as coisas deram certo para você.

— Agradeço à senhora e a George pelo que fizeram por mim — respondi.

— Não foi nada — ela falou, voltando-se para Ben. — E as suas aventuras na China?

— Tudo bem — Ben respondeu. — Eu gosto muito da China. O povo chinês é muito sincero e me respeita demais. Sempre que vou lá, volto com ânimo renovado. E a China mudou muito. Desde que Deng Xiaoping assumiu, o povo parece mais feliz. Agora, há mais liberdade. Ele está fazendo um ótimo governo.

Barbara, então, perguntou o que eu achava do novo governo chinês. Apanhado de surpresa, hesitei e olhei para Ben.

— Li não pôde mais voltar — Ben interveio em meu socorro. — Eu sei a falta que ele sente de todos que ficaram lá. Espero que um dia possa revê-los.

Barbara ficou pensativa. — De que cidade você é, Li?

— De Qingdao, a terra da cerveja.

— Boa cerveja e boa cidade — ela disse sorrindo e mudou o rumo da conversa.

Antes de irmos embora, Barbara nos levou a um passeio pela Casa Branca, o que me deixou muito honrado. Minha maior surpresa foi a simplicidade da decoração. Ali, ficava o centro do poder da América, o centro do poder do mundo. Onde estaria a grandiosidade? Onde o luxuoso palácio da força política? Comparada ao monumento ao chefe Mao, na praça Tiananmen, a Casa Branca era mesmo muito simples.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Ben e eu nos despedimos de Barbara com um abraço e corremos para o teatro; os ensaios nos esperavam. Durante todo o dia, porém, me ficou a sensação boa causada pela visita à Casa Branca e pelo contato com aquela mulher tão elegante, bondosa e afável. Qualquer comparação com o ministro da Cultura da China seria ridícula.

Dois dias depois, Barbara Bush e o vice-presidente George Bush convidaram o embaixador da China e o adido cultural Wang Zicheng para assistirem, como seus convidados, à nossa apresentação de O Lago dos Cisnes. Fiz o príncipe, o mesmo papel que tanto me deixara frustrado anos antes. Dessa vez, porém, eu me sentia um príncipe e dançava como tal. O personagem estava dentro de mim. Livre das inibições e impropriedades típicas de um camponês, não precisei de permanente nos cabelos para compor a figura de um nobre. O calor da recepção da plateia era visível.

Depois da apresentação, os Bush foram cumprimentar a companhia. George Bush parou em frente a mim e disse: — Ni hao, Li. Parabéns. Você esteve maravilhoso nesta noite. Virando-se para o lado, ele me apresentou ao embaixador chinês e a Wang Zicheng. Este eu já conhecia, pois fora ele quem dera a mim e a Zhang Weigiang as últimas instruções no Ministério da Cultura, antes de partirmos em nossa primeira viagem aos Estados Unidos.

Depois, voltamos a nos ver durante a competição de balé de Jackson.

— Somos velhos amigos. Como vai, Cunxin? — perguntou apertando-me a mão. — Parabéns! Você nos encheu de orgulho nesta noite! Teria tempo de ir à embaixada amanhã, tomar chá, pela manhã?

— Vou, sim, com todo o prazer — respondi surpreso pelo elogio e, mais ainda, pelo convite.

Na manhã seguinte, Ben foi comigo à embaixada. A lembrança do que tinha sofrido no consulado, em Houston, me fez sentir medo de ir sozinho. Wang Zicheng nos recebeu muito bem e orgulhosamente mostrou as críticas elogiosas do Washington Post à nossa apresentação. Em seguida, cumprimentou-me novamente pela contribuição à arte da dança e pela glória que representava para o povo chinês. E o mais importante: disse que, com a intervenção do vice-presidente Bush a meu favor, tinha revisto minha situação em relação à família. Segundo ele, a possibilidade de uma volta à China era ainda remota, mas tentaria obter do governo chinês permissão para que meus pais fizessem uma breve visita aos Estados Unidos. Nada prometeu, porém.

Conhecendo a China, eu sabia que o processo poderia demorar anos. Acreditei que Wang Zicheng estivesse apenas tentando agradar George Bush e me fazer ficar quieto.

Ainda assim, agradeci. O passar do tempo, porém, me apagou do coração a esperança de rever meus pais após cinco longos anos.

Mas eu estava errado. Poucos meses depois, recebi uma carta de Wang Zicheng. Ele havia conseguido que o governo chinês permitisse aos meus pais visitarem os Estados Unidos.

Trêmulo de alegria, com as lágrimas descendo pelo rosto, fiquei muito tempo com a carta nas mãos.

25

跳舞

CHEGA DE PESADELOS

Sozinho em casa, chorei não sei por quanto tempo, nem me importo.

Queria apenas viver aquela alegria maravilhosa. As lágrimas carregaram seis longos anos de tristeza insuportável. Tive vontade de subir às torres gêmeas e gritar, para que Nova York e o mundo soubessem o quanto eu estava feliz.

Não fazia a menor ideia da aparência que teriam meus pais depois de seis anos de vida muito dura. Naquela noite, trêmulo de ansiedade, disquei o número do telefone de minha antiga vila.

— Alô? Quero falar com Li Tingfang, por favor.

— Quem quer falar?

— Li Cunxin, seu sexto filho.

Percebi a hesitação do homem do outro lado da linha. Com medo de que desligasse, acrescentei: — Tenho permissão do governo central para receber a visita dos meus pais nos Estados Unidos.

— Espere um minuto. Eu podia ouvi-lo falar com outra pessoa ao fundo e então uma voz gritou mais que o alto-falante da vila:

— Li Tingfang! Li Tingfang! Telefone da América!

Eu mal controlava a alegria. Meu coração cantava. Cinco minutos me pareceram cinco horas. Minha ansiedade não tinha limite. Tomei um grande gole da cerveja Tsingtao que tinha na mão, mas nada me fazia parar de tremer.

Então, ouvi som de passos apressados.

— Eu primeiro!

— Está bem. Mas fale depressa! A voz de meu segundo irmão soou ao telefone:

— Cunxin!

— Erga... — consegui dizer com a voz embargada.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Nunca estive melhor! — consegui responder. — O dia e a niang vêm aí! Os irmãos estão todos aqui, menos o primeiro. Ele ainda está no Tibete.

Cunyuan foi interrompido por Cunmao: — Ni hao, Cunxin!

— Estou tão feliz de ouvir a sua voz! Como vão o quarto tio e a tia? — perguntei.

— Vão bem, mas estão ficando velhos.

— Diga a eles que os amo e sinto saudade! — Vou dizer. Cunmao passou o fone ao quarto irmão, que passou ao quinto, que, finalmente, passou ao meu irmão mais novo.

— Jing Tring!

— Onde você está? — ele perguntou. Antes que eu pudesse responder, ouvi a voz do quinto irmão dizendo:

— Que pergunta boba! Onde você acha que ele está? Na América!

— Estou em Houston, na minha casa — respondi. — Que horas são aí?

— 19h30.

— Estamos em horários diferentes! — ele disse incrédulo.

Ouvi mais risadas ao fundo.

— Sexto irmão, sentimos tanto a sua falta! Que bom que está vivo! — ele continuou.

— Também sinto a sua falta, Jing Tring. Eu ia continuar a falar, mas uma voz ansiosa se fez ouvir:

— Jing Hao!

Fiquei mudo de alegria. Era a niang. Afinal.

— Jing Hao, Jing Hao? — ela repetiu.

— Niang... — É você mesmo, meu sexto filho? Sua voz falhou, e ela começou a chorar. — Ah, meu filho! Pensei que isso não acontecesse antes de eu deixar este mundo! Estou tão feliz! Os deuses tiveram piedade. Agora, posso morrer em paz.

— Niang, o governo central permitiu que a senhora e o dia venham aos Estados Unidos! Vamos nos ver em breve! — Jing Hao, não me dê falsas esperanças... — Mas, niang, é verdade! A carta está na minha mão! Podem começar a tratar dos passaportes.

— Oh... Jing Hao disse que podemos ir vê-lo nos Estados Unidos! — ela contou ao resto da família, provocando um coro de aplausos. — Jing Hao, o dia vai falar.

— Niang, espere. Quero dizer... que a amo — eu disse. Tantas vezes quis dizer isso a ela, mas era a primeira vez que o fazia. Nenhuma resposta. E depois o som de seus soluços.

Meus pais só conseguiram receber os passaportes vários meses depois, mas o visto de entrada nos Estados Unidos foi concedido rapidamente. Charles Foster ajudou nos procedimentos de praxe, o Departamento de Estado já estava informado da situação, e a influência do vice-presidente contribuiu para apressar as coisas.

Enquanto tudo se resolvia, eu me preparava para a competição internacional de balé no Japão, em Osaka. Depois do sucesso de Jackson, Ben me incentivou a dançar com uma das novas estrelas do Houston Ballet, Martha Butler, de apenas 17 anos. De início, vi com certa reserva a escolha de Ben: considerava Martha muito jovem e

inexperiente para enfrentar as pressões de uma competição. Outra vez, eu estava errado...

A não ser por uma breve parada no aeroporto de Tóquio para trocar de avião na minha primeira viagem aos Estados Unidos, era minha primeira experiência no Japão; mais uma vez me encontrava em um próspero país industrial. Devido à falta de espaço no estúdio de Osaka, todos os dias tínhamos de viajar mais de uma hora no trem rápido para ensaiar em Kyoto.

Kyoto era uma das cidades mais belas e tranquilas que eu já tinha visto: templos budistas, jardins meticulosamente cuidados, espaços para meditação com música, água corrente, bambus e muita paz. E a comida — tão bonita e delicada, como pequenas obras de arte. O sushi chegava a parecer bonito demais para ser consumido.

No Japão, algumas tradições lembravam os costumes chineses e me trouxeram à memória os relatos do dia sobre a ocupação japonesa em Qingdao, durante a 2.a Guerra Mundial. Em Kyoto, eu estava perto da China, da família e dos parentes — a apenas três horas de viagem — e no entanto me sentia tão distante! Pensei que jamais poderia voltar a minha terra natal.

Depois do primeiro turno da competição, Martha e eu ficamos com a 26ª colocação, o que foi surpreendente se levarmos em conta que era a primeira vez em que ela atuava naquele tipo de ambiente profissional; aliás, nunca havia dançado um pas-de-deux clássico. Estava tão nervosa que manteve a boca aberta durante toda a apresentação. Um dos juízes disse que ela parecia um peixinho dourado.

No segundo turno, apresentamos um balé contemporâneo, com coreografia de Ben, em que eu devia carregar nos braços o corpo tristemente abandonado de Martha. Buscávamos uma saída, mas éramos empurrados de volta por uma força poderosa e invisível. Derrotadas todas as nossas esperanças de sobrevivência, encerrávamos a apresentação enlaçados, com movimentos lentos,

simbolizando a morte. Para conseguir o clima exato, fingi estar carregando o último sobrevivente de minha família, depois da destruição da vila em que vivia. Não tinha mais casa nem qualquer ente querido. Tínhamos apenas um ao outro. Às vezes, esses pensamentos eram tão dolorosos que eu rezava para que nunca acontecesse o que eu estava imaginando.

A qualidade do desempenho de Martha melhorava dia a dia, nas duas semanas da competição. Ela aprendia rápido, tinha grande força mental e impressionante beleza física. Eu sabia que seria uma artista maravilhosa. Para nossa surpresa, o júri internacional nos concedeu medalha de prata. Ben, mais uma vez, recebeu o prêmio de melhor coreografia. Foi emocionante. Competimos com bailarinos do Bolshoi, do Kirov e do Paris Ópera Ballet. Aprendemos muito e acertamos a parceria.

Ao voltar do Japão, Martha e eu começamos imediatamente a ensaiar O Quebra-Nozes. Sabendo por Ben que meus pais chegariam em um mês, pedi a Preston e a Richard que me ajudassem a pôr a casa em ordem.

— Que bagunça é esta? — Richard perguntou. Ele apontava para um amontoado bem no meio da sala: madeiras, um assento de vaso sanitário, telhas, sacos de cimento, ferramentas...

— São meus tesouros. Tudo o que está aí tem utilidade — respondi. — Sim, mas vai usar isto antes de os seus pais chegarem?

— Não tenho certeza.

Richard fez uma careta: — Jogue tudo isso fora!

Richard e Preston examinaram os materiais um por um e sumiram com quase todos os meus "tesouros". Depois, organizaram um mutirão do qual participaram bailarinos, operários, um eletricista, um carpinteiro, um bombeiro e até alguns membros da diretoria. Eles pintaram, consertaram, limparam...

e, ao fim de uma semana, a casa se transformara. Não ficou nem um pouco de serragem nos parapeitos das janelas. Mas não era tudo:

Richard me emprestou dois bambus plantados em um vaso grande; Ben comprou duas cadeiras antigas ao estilo mandarim; Preston mandou fazer um rodapé no Houston Museum of Fine Arts. Depois de tudo terminado, ficou parecendo uma casa de um milhão de dólares.

Ben e Preston assumiram também os preparativos para a viagem de meus pais; queriam que eu me dedicasse inteiramente a O Quebra-Nozes. Foi o que fiz.

Dois dias antes da chegada de meus pais, eu estava enlouquecido com as compras, principalmente de comida: todos os alimentos raros e preciosos com que nem sonhávamos na China: ovos, fungi, cogumelos secos, frutos do mar, carne de porco e de frango, arroz, cerveja Tsingtao e Maotai, o melhor vinho de arroz, acessível apenas aos altos funcionários do governo. Comprei frutas: maçãs, peras, laranjas, bananas, uvas e uma melancia inteira, que arrumei em duas travessas sobre a mesa de jantar. A geladeira ficou abarrotada. Comprei ainda camisas e suéteres de algodão grosso e uma cama futon, preocupado que eles, acostumados a uma cama dura no chão, não conseguissem dormir em um colchão macio. Eu não cabia em mim de ansiedade. Queria dar a eles tudo o que o Ocidente tinha a oferecer. Sabia que ficariam boquiabertos com o que iam ver.

Os ensaios finais de O Quebra-Nozes costumavam ser desgastantes, mas não daquela vez. Meu corpo esbanjava energia. Meus pés estavam leves. Eu era todo música e cor. Meu coração se abriu como uma flor de lótus. A simples ideia da chegada dos meus pais me enchia os olhos de lágrimas — lágrimas de felicidade.

Eu queria que a noite de estreia fosse mágica, não somente para o público, mas para os meus pais. Eles me veriam dançar pela primeira vez. Aliás, seria a primeira vez em que assistiriam a uma performance ao vivo. Eu faria o papel do príncipe. Naquela espera angustiante, ainda temia que o governo chinês mudasse de ideia e impedisse a viagem.

Passei várias noites acordado, pensando se o dia e a niang gostariam da América. Conseguiriam eles superar o choque cultural e aproveitar o tempo que passariam lá? O que fariam enquanto eu estivesse trabalhando? Dezoito de dezembro de 1984. O dia da chegada dos meus pais. Concentrado na apresentação que faria à noite, fiquei dividido entre o estúdio e o teatro. Somente o trabalho acalmava minha ansiedade. Dando por encerrados os ensaios, comecei a me maquiar à tarde. O pincel tremia em minhas mãos. O coração batia forte. Tudo me parecia estranho e novo. Impossível afastar da mente a imagem de todos os que eu deixara em casa.

Terminada a maquiagem, borrifei um pouco de glitter prateado nos cabelos, para sugerir flocos de neve. Enquanto o camareiro me ajudava a vestir a jaqueta, olhei minha imagem no espelho. Que pensariam meus pais de tudo aquilo? Afinal, eles vinham de outro mundo.

Pronto para entrar no palco, senti o calor dos refletores. Como reagiriam meus pais a tanta luz, aos aplausos de milhares de pessoas? Ficariam orgulhosos de mim? Hora de começar. Boca seca, respiração acelerada. O passar do tempo me deixava cada vez mais ansioso.

— Por que não começam? Algo errado? — perguntei ao assistente de palco.

— Nada. Estamos esperando um pouco porque algumas pessoas ainda não chegaram. Devem estar presas no trânsito.

A verdade era que o avião em que meus pais chegariam estava atrasado uma hora. Quando pisaram em solo dos Estados Unidos, passavam-se vinte minutos do horário marcado para o início da apresentação, e eu tinha os nervos em frangalhos. Minha amiga Betty Lou esperou-os no aeroporto, de onde um carro de polícia foi abrindo caminho até o teatro.

A notícia da chegada de meus pais se espalhou pela plateia. A população de Houston conhecia minha história, e, quando eles

finalmente apareceram, os aplausos explodiram.

Pobre niang! Pobre dia! Era a primeira vez que deixavam Qingdao, a primeira viagem de carro e de avião, e tudo no mesmo dia! E ali estavam eles, sob a iluminação ofuscante de um grande teatro, sendo aplaudidos por um mar de gente.

— Seis anos! Seis longos anos! — a niang repetia. — Finalmente, vou ver meu filho. Meu coração arde de alegria e de orgulho! Soube da chegada de meus pais pouco antes da explosão de aplausos. Que felicidade! Queria voar. Queria chorar. Queria vê-los imediatamente, mas era hora de começar.

Precisava esperar mais um pouco.

A plateia estava em êxtase. À minha aparição no palco, mais aplausos — como se me quisessem dizer que dançasse bem, em homenagem aos meus pais.

Minhas partners daquela noite eram Janie Parker e Suzanne Longley, que pareciam tão entusiasmadas quanto eu. O pas-de-deux criado por Ben era bastante difícil e nos criou problemas nos ensaios. Naquela noite, porém, não houve nenhum tropeço. Tudo correu às mil maravilhas, leve, sem esforço. Senti os movimentos mais sutis de minhas partners, e elas sentiram os meus. Consegui controlar os nervos e encontrei nelas minha fonte de energia. Meus saltos foram perfeitos: eu voava como um pássaro planando no céu. Tinha a impressão de que, se a música permitisse, eu ficaria no ar a noite toda. Eu era só alegria.

A plateia parecia hipnotizada. Dava para sentir a admiração. O esforço, as piruetas à luz de velas, os músculos e tendões doloridos — aquela noite fez tudo valer a pena. Quando a cortina desceu, no fim do primeiro ato, tive a certeza de haver conseguido uma de minhas melhores atuações — e diante dos meus pais! Tudo aquilo com que eu tivera medo de sonhar era, afinal, realidade.

Durante o intervalo, Ben levou a niang e o dia até a coxia. Fazia seis anos que não os via. Vestiam túnicas ao estilo Mao, abotoadas

até o pescoço, a niang em cinza e o dia em azul-escuro. Pareciam tão corretos, tão formais... Não combinavam com minhas lembranças. Estavam mais velhos, também, especialmente a niang, que trazia grisalhos os cabelos antes negros. O rosto tinha mais rugas, e ela passara a usar grandes óculos de armação escura. Os anos de dificuldades deixaram sua marca.

Em lágrimas, nos abraçamos, os três. Por longo tempo, ninguém falou. A niang pegou o lenço já ensopado de lágrimas.

— Não chore! Não chore! Está tudo bem agora! — ela repetia. Desejei que aquele momento, por tantos anos esperado, durasse para sempre.

Quando, finalmente, entrei no camarim, onde me prepararia para o segundo ato, percebi que a maquiagem tinha ficado quase toda no lenço da niang. Não me importei.

Valia mais receber seu amor e seu toque carinhoso.

Depois da apresentação, a niang e o dia voltaram aos bastidores. Via-se o orgulho com que me observavam receber os cumprimentos dos espectadores.

Finalmente, o dia, homem de poucas palavras, não se conteve e perguntou: — Por que você não está usando calças? Era a primeira vez que ele via alguém dançar de malha.

Ben e alguns amigos queriam organizar uma festa de boas-vindas para meus pais, mas preferi passar a noite a sós com eles, em minha casa.

O dia e a niang chegaram ao auge da felicidade quando os levei para casa dirigindo meu carro. Quando chegamos, eles mal podiam acreditar no que viam.

— Esta é a sua casa? — ela perguntou incrédula. Depois que confirmei, ela exclamou: — Mas é um palácio! Preparei para o jantar algumas das receitas preferidas da niang, seguidas de chá de jasmim. Conversávamos sem parar. Infelizmente, fiquei sabendo que ela desenvolvera diabetes e um problema cardíaco. A visão, antes

incrivelmente boa, também já não era a mesma. O dia, felizmente, estava forte como um touro, apenas um pouco surdo.

Tantas lembranças queridas, tantas histórias para contar... Eu queria saber tudo sobre os irmãos, suas famílias — tudo mesmo. Meus irmãos estavam todos casados, exceto Jing Tring. Eu já era titio: tinha sobrinhas e um sobrinho. Segundo meus pais, Deng Xiaoping tinha feito maravilhas pela economia chinesa.

— Não fosse pela política de portas abertas de Deng Xiaoping, continuaríamos na miséria.

Seu padrão de vida havia melhorado bastante. Cada um dos meus irmãos comprara um pedaço de terra da comuna, por um preço acessível, e construíra uma casa.

Eles contaram também do medo que sentiram com minha deserção. Ficaram sabendo pelo programa A Voz da América, transmitido em ondas curtas. "A China mudou mesmo", pensei. Quando eu vivia lá, ninguém possuía um rádio, muito menos de ondas curtas, quer vivesse na vila onde nasci ou em Pequim.

Os vizinhos disseram a meus pais que eu tinha dado as costas à China. Dois dias depois, alguns oficiais foram à casa de minha família. O dia estava no trabalho.

— A senhora sabe o que o seu filho fez? — perguntou um deles. — Ele deixou a pátria pela corrupção da América! A senhora, como mãe, devia se envergonhar de ter criado aquele bastardo! Os oficiais subestimaram a força daquela mãe. — Como pode me acusar? — ela respondeu zangada. — Vocês, do governo, levaram meu filhinho inocente! Desde que tinha 11 anos, vocês são responsáveis pela educação dele! E agora vêm cobrar o que eu fiz? Vocês o puseram a perder. Vocês são os responsáveis! Os oficiais ficaram sem fala. — A senhora terá notícias nossas — foi só o que disseram. A partir de então, meus pais tiveram a companhia do medo e do desespero.

Para defender minha honra, estavam dispostos inclusive a perder tudo e ir para a prisão. Alguns de meus parentes e amigos se

afastaram, por medo de serem envolvidos, mas os oficiais nunca mais voltaram.

— Depois que você desertou, sua niang passou a ter pesadelos — falou o dia. — Qualquer ruído mais forte à noite a deixava aterrorizada. Muitas vezes a vi chorando.

— Não fosse pelo desejo de voltar a vê-lo, meu coração teria sangrado até a morte! — disse a niang. — Tantas vezes rezei, pedindo para vê-lo pelo menos uma vez...

Agora, posso fechar os olhos e morrer em paz. Meu sonho se realizou. Sou a pessoa mais feliz da face da Terra! — E quanto ao senhor, dia? — perguntei. — Precisei ser forte. Mas tive medo de perder um dos meus filhos, aquele que nos dava tanto orgulho! Foi a primeira vez que o ouvi dizer que se orgulhava de mim. Eu bem sabia o quanto aquilo lhe custava e fiquei feliz.

— O dia emagreceu muito — voltou a falar a niang. — Seu rosto era o reflexo da tristeza e da agonia que o invadiam. Falava ainda menos. Consegue imaginar o dia falando menos ainda? Ele fazia mais barulho por baixo que por cima! — ela riu.

A niang me contou de um sonho recorrente que teve durante anos. Antes que eu fosse aceito pela Academia de Dança de Pequim, no final de 1971, ela sonhou com uma multidão envolta em neblina. Em meio à névoa, viam-se bailarinas lindas como deusas dançando no céu, vestidas de arco-íris, sob a luz das estrelas. Para ela, aquele sonho se realizara naquela noite, ao me ver dançar. O avião a levara ao sétimo céu. Vira as bailarinas do Houston Ballet dançando como deusas. Tinha o coração cheio de orgulho e de felicidade. Podia morrer em paz.

— Os seus movimentos no palco me pareceram muito difíceis — disse o dia. — Cheguei a ficar tonto, só de vê-lo girar! Não sei como conseguiu ficar de pé depois! Falamos sem parar. Tantas perguntas guardadas durante tantos anos! — Muitas vezes eu e o dia nos perguntamos se tínhamos agido bem, deixando que você fosse para

Pequim ainda tão novo. Quando recebemos a sua primeira carta, passei dias chorando. Ao saber que você lavava as próprias roupas, pensei: "O que fiz? Por que o incentivei a ir?" Você só tinha 11 anos! Passamos anos lamentando. Eu sabia que você sentia a nossa falta, embora procurasse não deixar transparecer. E ficaria pior ainda, se soubesse como nós estávamos.

Contei a eles da saudade terrível nos dois primeiros anos de estudo na Academia de Dança de Pequim, do desânimo em relação à dança, do medo de ser mandado de volta para casa e envergonhar a família. Falei também das vezes em que me abrigara nos galhos do salgueiro-chorão e de como me agarrara à colcha da niang e chorara escondido até dormir.

— Como conseguiu superar isso? — perguntou o dia. — Lembra-se da caneta que me deu? Ele riu e explicou: — Foi o meio que encontrei para incentivar você a estudar, a realizar todo o seu potencial. Desculpe se feri o seu orgulho.

— Não! Eu agradeço. Agradeço pelo que fez por mim. Gostaria de ter a caneta comigo, mas eu a perdi durante a primeira excursão que fiz com o Houston Ballet. Gostava muito dela.

— E a colcha? Ainda tem? — perguntou a niang. — Depois que desertei, os funcionários da academia a queimaram, junto com todos os meus outros pertences.

Ela apenas suspirou, mas deixou passar uma enorme tristeza.

Naquela noite, contei a eles tudo o que acontecera. Falei do casamento com Elizabeth, de Ben e da noite da deserção. Absolutamente surpresos, eles me ouviram em silêncio até o fim.

Somente então me perguntaram sobre Elizabeth, mas sem qualquer traço de censura.

— Elizabeth deve ser uma moça corajosa para ter-se casado com um chinês tão jovem — ela disse com simplicidade. — Existe um deus que toma conta de você e conduz a sua vida. Você é um rapaz de sorte.

Naquela noite, com meus pais dormindo a poucos metros de distância, eu me aninhei embaixo dos cobertores e dormi como um bebê. Pesadelos, nunca mais.

26

跳舞

RÚSSIA

Ainda naquela semana, Ben nos convidou — a mim e a meus pais — para jantar em sua casa. Minha boa amiga Betty Lou, que tinha ido ao aeroporto buscá-los, estaria lá também. Assim que nos cumprimentamos, Betty Lou me entregou um papel dobrado. Em princípio, pensei que fosse uma crítica a O Quebra-Nozes ou um recorte sobre a visita de meus pais aos Estados Unidos.

A carta fora escrita na véspera de Natal. No alto, à direita, vi o emblema dos Estados Unidos da América do Norte, tendo abaixo o timbre do vice-presidente.

Cara Betty Lou:

Obrigado por ter-me informado sobre a intenção dos pais de Li Cunxin, Li Ting Fang e Fung Rei Ching, de solicitar visto de turista em nossa embaixada de Pequim. Entrei em contato com funcionários do Departamento de Estado pedindo que confirmassem o fato. Fiquei satisfeito ao saber que os vistos foram concedidos em 13 de dezembro. Espero que façam uma boa viagem e aproveitem a estada com o filho.

Com os melhores votos,
Cordialmente,
George Bush

Minha visão ficou embaçada pelas lágrimas. As mãos tremiam. Dei um abraço longo e forte em Betty Lou. Então, ela pedira ajuda ao próprio vice-presidente! E ele encontrara tempo para cuidar de um assunto pessoal meu! Pensei no ministro da Cultura da China; ele não me dedicaria um minuto sequer de seu tempo.

Contei aos meus pais sobre a carta. Eles também ficaram surpresos. A niang só conseguiu balançar a cabeça e murmurar Zhi, zhi. Zhi...

— Fale sério, Jing Hao! O vice-presidente dos Estados Unidos se preocupando com dois camponeses da China?

O dia também meneou a cabeça e sorriu, concordando com a niang.

— Jing Hao está brincando. George quem? Sorri e apontei para Betty Lou. Ela concordou com a cabeça e sorriu de volta.

Eles entenderam. O vice-presidente! Dos Estados Unidos! Meus pais correram para Betty Lou e lhe deram um abraço apertado.

Nas semanas seguintes, enquanto eu trabalhava, meus pais eram levados por alguns de meus amigos a passear. Ou então ficavam em casa, simplesmente. Apesar da visão prejudicada, a niang continuava a costurar. Além disso, preparava comidas especiais para mim, enquanto o dia fazia pequenos consertos. Eles gostavam muito de cuidar do jardim. No amplo quintal dos fundos, plantaram mais de cinquenta roseiras! Todas as manhãs, sem falta, molhavam as plantas e arrancavam o capim. Jamais poderiam imaginar que, um dia, teriam direito ao luxo de plantar flores.

Meus pais seriam eternamente gratos a Ben pelo que fizera por mim. Certa vez, eles o convidaram para comer bolinhos e, para surpresa da niang, Ben apareceu com uma máquina de costura Singer para ela. Tanta generosidade e atenção a deixaram comovida. Mas ela teve medo de usar a máquina. Mais tarde, persuadida a fazer uma tentativa, seguiu as instruções cuidadosamente, mas quase costurou o dedo! — Não tenho jeito com essas coisas modernas. Levei a vida toda para aprender a costurar. Agora, precisaria de outra vida para aprender a lidar com isso! Ela acabou levando a máquina de costura para a China, mas deu de presente a uma das noras.

Meus pais simplesmente não conseguiam assimilar algumas situações: água quente em todas as casas, secadoras, máquinas de lavar roupa e de lavar louça. Apesar de todos os recursos disponíveis, a niang insistia em lavar tudo à mão. Ainda assim, ficava encantada com a água quente saindo da torneira. O que mais poderia querer? Um dos prazeres era esfregarem as costas um do outro durante o banho. E o dia passava horas esquadrinhando o sótão e o porão, em busca de vazamentos, examinando o boiler, o aquecimento central e os aparelhos de ar condicionado; parecia uma criança curiosa.

A geladeira foi outra novidade: eles ficaram surpresos com o tempo pelo qual os alimentos se mantinham frescos. Na China, a niang tinha de fazer compras todos os dias.

— Aqui, há mais comida chinesa que na China! — ela disse espantada. — E muitos dos ingredientes não se encontram lá de modo algum! Em um fim de semana, levei-os à loja de departamentos Macy's. — Se isto não é o céu, não sei o que é! — a niang disse, quase sem fôlego.

Tantas roupas a escolher, tanto de tudo! E escadas rolantes! As três semanas passaram depressa. Observando as reações dos meus pais, revia minhas próprias reações ao chegar aos Estados Unidos,

cinco anos antes. Que choque foram aquelas três semanas! As lembranças permaneceriam com eles durante dias, semanas, meses e mesmo anos.

Eu não queria que fossem embora. Achava pouco o tempo que passáramos juntos.

Em um dos últimos dias da estada de meus pais, levei-os ao elegante condomínio onde morava Charles Foster, um edifício alto em Galveston, a cerca de quarenta e cinco minutos de Houston. O condomínio fazia parte de um hotel cinco estrelas cuja equipe atendia ao apartamento de Charles. A niang e o dia se sentiram tão desconfortáveis sendo servidos por outra pessoa que faziam a cama todas as manhãs. A arrumadeira pensava que ninguém havia dormido lá.

Eles gostavam também de passear no cais e comprar, diretamente dos barcos de pesca, peixe ou camarão, que preparavam para comermos.

Dois dias antes do retorno deles à China, um de meus amigos nos emprestou a casa onde passava férias. Para percorrer a área em volta, era preciso usar carrinhos, como os dos campos de golfe — o mesmo que eu fizera mergulhar no lago, na Disney. Da primeira vez, eu dirigi, para mostrar como era, mas o dia aprendeu depressa; além do talento natural, ele contava com os anos de prática ao volante de um caminhão. A niang relutou, mas acabou embarcando. Na manhã do segundo e último dia que passamos na casa, acordei e não os vi. Ao olhar para fora pela janela, lá estavam eles, em dois carrinhos, rindo e correndo um atrás do outro, como crianças.

Aqueles foram dos momentos mais felizes de suas vidas.

O tempo passado nos Estados Unidos foi repleto de surpresas para meus pais. Eles, porém, assimilavam tudo calmamente, guardando na memória, para saborear quando voltassem à China. Não esperavam encontrar tanta prosperidade nem um povo tão amável.

Entre os preparativos para a partida, dei aos meus pais algum dinheiro, de modo que pudessem melhorar um pouco o padrão de vida. Mandei presentes para irmãos, cunhadas, sobrinhos, parentes e amigos. Cada um receberia uma lembrança, grande ou pequena. Com isso, eles ficaram cercados de malas. Havia relógios para meus irmãos, roupas para as cunhadas, cordas de pular de náilon para as crianças, canecas e camisetas com paisagens de Houston para amigos e parentes, uma garrafa de vinho Maotai para meu avô e outra para o tio mais velho e, ainda, a máquina de costura dada por Ben.

— Saímos da China pobres e vamos voltar ricos! — exclamou a niang. — Não falo das coisas materiais, mas da riqueza que levo no coração. Como você está bem aqui, como é querido e respeitado! Vamos lembrar esta viagem para o resto da vida. Somos realmente pessoas de sorte.

— Lembra a história do sapo dentro do poço? — perguntou o dia. Fiz sinal que sim. Eu me lembrava bem. — Obrigado por nos mostrar o que existe fora do nosso poço.

Se não fosse você, eu morreria ignorante. Vamos voltar para o poço, mas, pelo menos, experimentamos o tipo de vida que, um dia, Deng Xiaoping pode nos proporcionar na China. Vamos levar conosco lembranças boas e o afeto demonstrado por seus amigos americanos — ele disse.

Conversamos até depois de meia-noite. Tínhamos medo de que ficasse alguma coisa importante por dizer. A incerteza de um novo encontro pairava no ar. Foi quando, de repente, percebi como o dia se havia tornado um homem falante.

No dia seguinte, levei-os ao aeroporto. — Não sei quando nos veremos novamente — eu disse à beira das lágrimas.

— Mas, agora que o vimos e conhecemos os seus amigos, podemos deixar de lado as preocupações — tranquilizou a niang. —

Voltamos para casa felizes. Só espero que consiga rever os seus irmãos. Eles sentem muito a sua falta.

— Não sei se vão me deixar voltar lá. — Com a política de portas abertas de Deng Xiaoping, nunca se sabe — opinou o dia. — Quem poderia imaginar que viéssemos aqui?

— Vou sentir a sua falta — eu disse.

A niang me abraçou com força e pude sentir mais uma vez seu amor. Finalmente, eu os vi passar pelo balcão de identificação e desaparecerem. Fiquei ainda algum tempo por ali, olhando para o vazio.

Depois que recebi a visita de meus pais nos Estados Unidos, pude telefonar, escrever e mandar dinheiro para eles, sem medo de represálias. Só não podia viajar para a China. Os altos funcionários do governo chinês ainda se ressentiam pelo que acontecera naquela noite de abril de 1981, no consulado. Mas ao menos eu vira meus pais, e a tristeza já não pesava tanto.

Com a atenção novamente voltada para o balé, comecei a me preparar para outra competição, desta vez em junho, em Moscou. Sabia dos aspectos políticos envolvidos, e a experiência vivida na China me deixava cauteloso em relação a uma visita à Rússia, o que não anulava o fascínio pelos brilhantes bailarinos russos que eu havia conhecido através dos vídeos exibidos na Academia de Dança de Pequim. Eu queria ir. Havia um problema, porém: não era cidadão norte-americano, e o governo russo fazia restrições a alguém que desertara; mas eu conservava o passaporte chinês e queria representar os Estados Unidos. A Rússia perdera alguns de seus melhores bailarinos para o Ocidente — Nureyev, Barishnikov, Makarova e outros —, por isso detestava desertores.

Diante desse dilema, Ben e Charles iniciaram uma campanha maciça no Congresso e no Senado, para que fosse aprovada uma resolução especial, concedendo-me cidadania norte-americana antes do prazo estipulado.

Era uma tarefa complicada. Eu mesmo não tinha esperança. Em toda a história, foram poucos os casos, a maioria de competidores das Olimpíadas. Charles, porém, acreditou que houvesse chance, pela ligação com George Bush. Então, acenamos com a possibilidade de uma medalha de ouro na competição internacional de balé de Moscou. Os americanos adoram medalhas de ouro, inclusive de balé, e foram muitas as cartas de apoio que recebi. Devido aos trâmites burocráticos, não tínhamos tempo a perder.

Charles contatou congressistas, senadores, quem quer que exercesse influência política e pudesse apoiar a causa, de modo que o projeto fosse aprovado pela subcomissão de imigração do Congresso. Infelizmente, não houve tempo hábil para a aprovação pelo Senado. Mas foi encontrada outra solução: a American International Competition Association insistiu e conseguiu que as autoridades russas concordassem com a minha participação, representando os Estados Unidos. Ben e o pianista do Houston Ballet iriam comigo. Logo, estávamos a caminho de Moscou.

Claro que eu sabia da situação do povo russo vivendo atrás da cortina de ferro, mas ainda assim me surpreendi com seu anseio de liberdade. Era pior do que eu imaginava. O medo da KGB parecia presente em todas as mentes.

Um dia, fui à Praça Vermelha visitar o corpo preservado de Lênin. Não que me interessasse por seu papel de pai do comunismo ou algo assim, mas por curiosidade, como qualquer turista. Àquela altura, minhas antigas crenças comunistas estavam completamente descartadas.

Entrei no mausoléu, seguindo uma fila de turistas. Quando descemos, reparei nas paredes, no piso e no teto revestidos de granito preto e vermelho, bem polido. Era impressionante. Por toda parte, guardas permaneciam imóveis, como se não existíssemos. E lá estava Lênin, em seu caixão de vidro. Uma figura pálida e fantasmagórica; nem parecia real. Incrível que um homem tão

pequeno pudesse ter sido tão importante. Seus ideais comunistas formaram a base sobre a qual fui educado, e sua influência era sentida praticamente em todos os cantos da Terra. Olhando-o, pensei em Mao. Tinha visto o corpo preservado de Mao, também em um caixão de vidro, durante uma excursão organizada pela Academia de Dança de Pequim, e me lembrava de tê-lo achado muito feio. Mas a face distorcida de Lênin era ainda pior. Pensei em Na-na, em seu caixão no meio da sala, quando eu tinha apenas 8 anos.

Fiquei surpreso com as similaridades entre China e Rússia. A vida difícil, a falta de alimentos, as roupas sempre iguais, a diferença entre as taxas oficiais e o câmbio negro. Nos restaurantes, a comida também era racionada. Em duas ocasiões, tinha comido frango à Kiev nos Estados Unidos e pensei que na Rússia deveria ser ainda melhor — como o pato à moda de Pequim servido na China. Fiquei terrivelmente desapontado: era completamente diferente. Só o que não me desapontou foi o maravilhoso caviar russo, que eu comia sem parar, sobre torradas. Para mim, era fácil comprar, mas para os russos seria uma extravagância.

A competição em Moscou foi no palco do lendário Teatro Bolshoi — enorme, mas um pouco inclinado. Ao pisar nele, senti como se estivesse subindo uma ladeira. Quando fizesse minhas piruetas, o peso do meu corpo me levaria na direção da plateia. Seriam necessárias duas ou três semanas para que me acostumasse, mas a duração da competição não passaria de duas semanas. Os palcos americanos eram todos nivelados. Na Europa, a maior parte dos palcos tinha certa inclinação, mas a do Bolshoi era ainda mais pronunciada, o que foi desastroso para mim. Dois minutos antes que a cortina subisse para a primeira rodada de apresentações, eu ensaiava um grand jeté quando escorreguei, caí e bati com as costas no chão. A dor aguda que desceu pelo meu corpo, do pescoço até a parte inferior das costas, me fez ver estrelas.

Percebi imediatamente que se tratava de uma lesão séria, mas pensei em todo o esforço de Ben e dos habitantes de Houston para que eu chegasse ali. Era preciso continuar. Não poderia, de modo algum, desapontá-los.

Tentei resistir e recuperar a concentração. Antes, porém, que pudesse avaliar melhor a lesão, fui chamado ao palco: a apresentação ia começar. Minhas pernas vacilavam, em especial nos saltos, e as piruetas saíam incertas. Eu ouvia a música, mas só conseguia pensar na dor do pescoço e das costas. Só me lembro do esforço para levar o primeiro solo até o fim. Como gostaria de ter um analgésico! O anti-inflamatório tinha ficado no hotel; além disso, dificilmente haveria tempo para que fizesse efeito. Passei pelo solo de Giselle como quem atravessa a neblina e, antes que me desse conta, estava no palco novamente para dançar a cena do casamento de Copélia.

Com a dor nas costas cada vez mais intensa, decidi procurar um médico antes de começar a segunda rodada de apresentações. Segundo disse o médico, tratava-se de um espasmo muscular — nada que uma boa massagem não resolvesse. Espasmos musculares não eram novidade para mim, mas não daquele jeito. Não conseguia sequer amarrar os sapatos. Lembrei-me da dor que sentira ao lesionar os tendões durante uma aula de movimentos da Ópera de Pequim. Pelo menos, eu havia conquistado a liberdade de decidir: podia simplesmente abandonar a competição, arrumar as malas e voltar aos Estados Unidos.

Minha lesão fez com que Ben modificasse o solo clássico para a segunda fase. A dança foi tão simplificada que os juízes devem ter pensado que eu estivesse deliberadamente evitando movimentos mais difíceis. No solo de dança contemporânea, porém, fui chamado de volta ao palco inúmeras vezes, como jamais me acontecera em toda a carreira.

Somente os juízes russos não gostaram; disseram que a dança tinha motivações políticas: era anticomunista. Ben e eu ficamos perplexos.

Ao fim da segunda fase, sentia dificuldade até para me levantar da cama. A dor já chegava às pernas. Os analgésicos de ação reforçada só serviam para me deixar sonolento e com os músculos entorpecidos. Eu me forcei a continuar, apesar das dores, mas decidi que aquela seria minha última competição. Estava farto de política e de situações complicadas. As medalhas me davam certo reconhecimento internacional, é verdade, mas nada me acrescentavam como bailarino ou como ser humano.

Durante aquela competição, minhas dores não foram nossa única preocupação. Houve acontecimentos perturbadores. Ben e eu tivemos os quartos revirados. Alguns dos pertences dele sumiram, e meu despertador foi feito em pedaços. Eu me senti desconfortável, inseguro — como se fosse constantemente observado.

E então, terminadas as apresentações, as autoridades russas pediram para verificar o visto de entrada em meu passaporte. Disseram que poderia haver problemas.

A delegação dos Estados Unidos considerou mais seguro deixarmos Moscou e irmos todos até Leningrado para, de lá, embarcarmos de volta.

Fiquei feliz de ir a Leningrado. Assim poderia visitar o teatro Mariinsky, onde se apresentava o Balé de Kirov — cuja execução de A Bela Adormecida eu considerava inesquecível — e a Escola de Balé Vaganova. Tinha admiração especial por esta, cujo nome era uma homenagem ao criador do método de treinamento utilizado por mim.

Divulgados os resultados, fiquei com a medalha de bronze. Os juízes costumam entregar os certificados de premiação assinados por eles. O meu não tinha nenhuma assinatura. Não pude deixar de

pensar no ódio que os russos nutriam pelos desertores — o que, afinal, aos olhos deles, eu era.

Quando deixei a Rússia, tinha as costas completamente travadas, com dores cada vez mais intensas. Ainda assim, fui ao Chile, com Janie Parker, para uma apresentação marcada anteriormente. Foi quando uma notícia me deixou animado: Mary McKendry, do London Festival Ballet, iria juntar-se ao Houston Ballet como primeira bailarina.

— Jeano, é verdade que Mary McKendry vem aí? — perguntei ao gerente geral.

— É, sim. Uma sorte, não? — ele respondeu sorrindo. — Trate-a bem. Não podemos perdê-la.

Na manhã seguinte ao dia em que Janie e eu voltamos do Chile, encontrei Mary, e começamos imediatamente a ensaiar os papéis principais de A Bela Adormecida. Fazia dezoito meses que a tinha visto em Londres. Fiquei feliz por Ben nos ter feito dançar juntos. A dúvida era se minhas costas aguentariam.

Eu não sabia o que pensar de Mary. Ela me passava uma absoluta honestidade em suas opiniões — e em sua dança. Era uma perfeccionista, como eu.

Naquela primeira semana, deveríamos ensaiar um movimento que compreendia uma sequência de três "mergulhos". Mary girava duas vezes sobre uma ponta, e então eu a pegava pela cintura, fazendo-a mergulhar para a frente, terminando com o rosto a centímetros do chão e as pernas para cima. Este era um dos meus movimentos preferidos.

A dor nas costas, porém, me impediu. Ela insistiu para que eu procurasse um médico, mas não fui. Não queria perder a primeira oportunidade de dançar com ela. Assim, continuamos a trabalhar em outros movimentos durante a semana. Até que a dor se tornou insuportável. Depois de uma tomografia, os médicos concluíram que

havia duas — ou talvez três — hérnias de disco na parte inferior da minha coluna.

Com esse diagnóstico, disseram que eu deveria parar de dançar imediatamente: repouso absoluto até melhorar. Senão, poderia haver necessidade de cirurgia, com menos de 50% de probabilidade de sucesso.

Fiquei arrasado. Tinha perdido a primeira chance de dançar com Mary. E o mais assustador: estava diante da ameaça de nunca mais dançar.

Naquela noite, deitado na cama, pensei no que tudo aquilo poderia significar para minha vida. Dançar era só o que eu sabia fazer; só o que havia feito, desde os 11 anos. Para mim, o balé significava paixão, a própria identidade. Teria eu mais uma vez de enfrentar sozinho um futuro desconhecido? Eu era um pássaro abatido em pleno voo. Um tigre outra vez enjaulado. Fui tomado pela frustração e pelo desespero.

Sabia que só haveria um meio de me recuperar: adotar a mesma disciplina e determinação que dedicara ao balé. Assim, aprendi a meditar, a controlar a frustração e a dor. Era a única maneira de me superar.

Não queria me deixar dominar pela insegurança, mas desejava ter a niang perto de mim. Para que meus pais não se preocupassem, não comentei o que sentia; apenas pedi que tentassem conseguir permissão para visitar os Estados Unidos pela segunda vez.

Embora não me conhecesse bem, Mary me fez algumas visitas. Em uma delas, perguntou-me se eu tinha algum livro. Ela adorava ler e se surpreendeu quando eu disse que lera pouquíssimo. Então, contei-lhe minha experiência com Black Beauty.

— Leia algo mais curto e mais fácil, para começar. Não se preocupe com o significado exato de cada palavra. Mesmo para os ocidentais, às vezes é difícil entender.

Inglês é uma língua difícil. Tente captar a história, ainda que precise adivinhar. Você vai gostar de ler, prometo.

Assim, durante aproximadamente três meses, amigos e fás me levaram comida, fitas gravadas e livros. Segui o conselho de Mary. Comecei por textos curtos: artigos de jornal e pequenos livros de história. Em seguida, passei para os mais longos; Romeu e Julieta era um dos meus favoritos. Tentei ler O Hobbit, mas achei a linguagem complicada, apesar de considerar fascinantes os personagens de Tolkien.

Apresentado à literatura por Mary, não consegui mais parar de ler. Só lamentei não ter começado antes. Naqueles três meses de repouso na cama, fiz de tudo para manter a força mental. Mas eu tinha um plano secreto. O Houston Ballet ia se apresentar em Nova York em outubro — em menos de quatro meses, portanto. Ben e os médicos duvidavam de que eu conseguisse me recuperar até lá. Fiz tratamentos com acupuntura, homeopatia, medicina chinesa e um massagista maravilhoso, a quem Mary chamava de "o louco Charles". Ele garantiu que eu voltaria ao palco, mas o programa de fortalecimento dos músculos foi demorado e doloroso. Muitas vezes, cheguei a duvidar.

Aos poucos, porém, fui me recuperando. A hérnia de disco nunca desapareceu completamente, mas, com o fortalecimento dos músculos do abdome e das costas e a continuação dos exercícios, manteve-se sob controle.

Finalmente, voltei ao palco.

Mary e eu voltamos a dançar juntos, e logo nos tornamos bons amigos. Tínhamos afinidade na dança, nas opiniões e em outros aspectos da vida. Certa vez, depois do ensaio, Mary me convidou para jantar em seu apartamento. Cheguei com um pacote de seis cervejas, exatamente quando ela preparava o espaguete à carbonara.

— Posso ajudar? — ofereci.

— Não, obrigada! Relaxe! Vá tomando a sua cerveja. Está tudo sob controle — ela disse alegremente.

Dei uma espiada na cozinha — e vi o caos total. Havia uma panela enorme sobre o fogão, cheia de espaguete grudado. Era muito, muito mesmo. O suficiente para umas dez pessoas.

— Quantas pessoas vêm jantar? — perguntei casualmente.

— Ah, somos só nós dois.

Eu ri. — Perece que há comida para alimentar todo o exército de Mao!

Quando o jantar foi servido, o espaguete era um amontoado, e o molho não tinha gosto.

— Como aprendeu a cozinhar? — perguntei.

— Eu não sei cozinhar! Sou horrível na cozinha! Não está vendo? Minha mãe é ótima cozinheira, mas nunca prestei atenção ao que ela fazia. Desculpe se está um pouco grudado. É minha primeira tentativa com o molho à carbonara.

— Mas o gosto é bom — tentei confortá-la. — Quer mais? Ainda há muito. — Eu sei — respondi. Olhamos um para o outro e caímos na risada. Rimos sem parar. A primeira tentativa de me impressionar fora definitivamente um fracasso. Como esposa chinesa perfeita, estaria reprovada. Mas seus esforços e sua honestidade me conquistaram completamente. Passei a gostar dela ainda mais depois do desastroso espaguete à carbonara.

Meus pais só voltaram aos Estados Unidos em fevereiro de 1986, quatro meses depois da apresentação em Nova York, à qual eu dedicara todos os meus esforços pela recuperação. Àquela altura, Mary e eu já éramos mais que bons amigos. Seu amor pela literatura exerceu forte influência sobre mim, e eu adorava sua compreensão e curiosidade. Ela procurava aprender sempre, fosse na dança ou em qualquer dos aspectos da vida. Sua tremenda força interior e a solidez de seus princípios serviam de contraponto à minha teimosia. Ela me ensinava a todo momento.

Estávamos sempre juntos, fosse na minha casa ou na dela. Para evitar choques desnecessários, porém, decidimos que Mary não passaria a noite comigo enquanto meus pais estivessem em minha casa. Os valores tradicionais chineses não permitiriam que dormíssemos juntos sem estar casados. Meus pais jamais aprovariam.

Charles Foster conseguiu para meus pais um visto de permanência por seis meses. Como da primeira vez, ficaram emocionados ao me ver, mas, por estarem um tanto familiarizados com a América, aproveitaram muito mais, embora demorassem um pouco a superar o choque cultural. Sua bondade e seu amor pela vida fizeram deles o centro das atenções de meus amigos. Eles eram tão queridos, e eu ia tê-los por seis meses inteirinhos!

27

跳舞

MARY

Uma noite, convidei Mary para jantar conosco depois da apresentação. A niang preparou meus bolinhos preferidos. Quando acabamos de comer, era quase meia-noite.

Os dois já iam se deitar quando a niang me chamou e disse: — Jing Hao, diga a Mary que não vá para casa. É muito tarde. — Mas só temos duas camas. Onde ela vai dormir? — perguntei inocentemente.

— Você já é um homem. Ainda preciso dizer onde ela vai dormir?

— Não se importa se dormirmos na mesma cama? — perguntei corado de vergonha.

— Desde que se amem, não me importa o que façam.

Ela olhou para Mary e falou baixinho: — Claro que preferíamos que se casasse com uma moça chinesa que tomasse conta de você e cozinhasse bem, como deve fazer uma esposa, mas sabemos que estamos ultrapassados. Vejo que há algo especial entre vocês. Já atrapalhamos a vida do seu segundo irmão, arranjando uma esposa para ele. Não vamos interferir novamente.

Em seguida, falando em chinês, a niang se dirigiu a Mary, que se preparava para ir embora: — Não vá para casa nesta noite. É muito tarde. Antes que eu pudesse traduzir, percebi, pela expressão de Mary, que ela entendera tudo.

O pensamento liberal de meus pais me surpreendeu. Eu notava que eles gostavam de Mary, mas também sabia que, no fundo, tinham reserva quanto ao casamento do filho com outra ocidental, depois do fracasso com Elizabeth. Ainda assim, deixaram-me inteiramente à vontade.

A questão era que nem eu tinha certeza se conseguiríamos cruza nossos limites culturais com sucesso. As lembranças do casamento cor Elizabeth me perseguiam. Ao mesmo tempo, porém, sabia que Mary era diferente de todas as mulheres que conhecera até então. Ela possuía um compreensão rara da cultura oriental e uma enorme generosidade d espírito. Sempre me enchia de perguntas sobre minha infância, a família, a China e, em especial, sobre a vida na Academia de Dança de Pequim. Eu também perguntava sobre sua infância, a família e a Austrália. Tinha aprendido um pouco sobre outras terras nas aulas de geografia e sempre achei inconcebível que, em um país tão extenso, houvesse o mesmo número de habitantes de Xangai.

Mary estava em Houston havia quase um ano. Nossa amizade ficava cada vez mais forte, e meus pais cada vez mais gostavam dela. A certa altura, ela passou a me ajudar a comprar roupas.

— Gosta desta? — perguntou certa vez, pegando uma camisa da prateleira.

— Não, não seja ridícula! Eu nunca usaria isto! É muito... colorida — respondi horrorizado.

A camisa misturava cores berrantes em um padrão exagerado — demais para mim.

— Vai ficar bonito! Vamos experimentar — ela insistiu. Vesti a camisa e me olhei no espelho. Levei um susto. — Agora, sim, parece

um artista colorido — ela continuou.

— Eu sabia que você ficaria mais bonito com um pouco de cor. Pronto. A camisa é sua.

Continuei a me observar no espelho. Aos poucos, fui me recuperando do susto. Quanto mais olhava, mais gostava. Talvez, ela estivesse certa. Um pouco de cor me caía bem. Mas eram tantas as cores! Em comparação ao que eu usava na China — o casaco ao estilo Mao, as cores discretas —, era muita ousadia.

Dois dias depois, eu e Mary fomos convidados para jantar depois de uma apresentação. Decidi tomar coragem e vestir a camisa.

— Onde arranjou essa camisa? — Ben perguntou. — Está ótima!

— Foi Mary quem comprou — respondi orgulhoso.

Aquela camisa tornou-se a minha preferida. Cheguei até a usá-la para ir à Casa Branca, em visita a George e Barbara Bush.

Estabeleceu-se entre Mary e mim uma relação de harmonia, uma química. Mas sabíamos o quanto seria difícil o relacionamento entre dois bailarinos. Além das exigências da profissão, havia nossas ambições quanto à carreira. Uma força nos unia, porém. Eu a considerava especial e sabia que ela gostava de mim. Seria amor? Não tinha certeza.

Nessa época, Ben nos indicou para os papéis principais de Peer Gynt. Lembro-me como se fosse hoje do ensaio da seguinte cena: Peter é informado pela irmã mais nova de Solveig que a mãe dele está morrendo. Ele fica dividido entre voltar para vê-la ou ficar com sua amada Solveig. Era esse pas-de-deux que devíamos dançar.

Havia uma longa frase de uma bela música, intensamente triste. Mary e eu nos olhávamos e trocávamos um beijo de adeus.

Ambos tínhamos os olhos cheios de lágrimas. Ficamos parados, olhando um para o outro. Perdemos a noção do tempo. Naquele momento, soubemos que estava selada a união dos nossos destinos.

Aquele momento decisivo me fez tomar a resolução de pedir Mary em casamento. Na verdade, várias vezes me aproximei dela

com essa intenção, mas sempre recuei no último momento. Era como se eu lutasse contra uma força irresistível. Até que, um dia, pouco depois do nosso ensaio de Peer Gynt, fui convidado a me apresentar com o Pittsburgh Ballet em Giselle. Eu sabia que Mary jantaria com meus pais naquela noite. Telefonei para eles querendo saber se estava tudo em ordem.

— Mary está cuidando de nós. Ela é ótima moça! — disse a niang. Então, pedi para falar com Mary. — Como estão as coisas aí em Houston? — perguntei.

— Tudo bem. Seus pais são adoráveis! Comprei um pouco de acelga e carne de porco, e sua mãe fez uns bolinhos deliciosos!

— Mary, estou com saudade. Quero perguntar uma coisa... Eu falava com o coração aos saltos. Estava nervoso, não conseguia encontrar as palavras certas. Queria perguntar apenas "Quer casar comigo?", mas tinha medo. E se ela dissesse "não"? Continuei meio sem jeito, a voz trêmula: — Mary, você é especial. É a pessoa mais bonita da face da Terra. Sinto que você é um ser humano muito melhor do que eu. Às vezes, chego a pensar que não a mereço. Será que ainda vai me amar quando eu tiver uma longa barba branca?

— Li... — começou Mary com certa impaciência na voz. — O que está tentando me dizer?

Senti que a vontade dela era pedir "Vá direto ao assunto, pelo amor de Deus!" — Está tentando dizer que quer passar o resto da vida comigo?

— Sim! Acha que podemos ser felizes? — foi o máximo que consegui perguntar.

— Li, você é a pessoa que mais amo na vida. Vou amá-lo até morrer. Claro que podemos ser felizes.

Pedir Mary em casamento foi a atitude mais difícil e corajosa que tomei na vida. Eu me sentia nas nuvens. Tinha encontrado minha alma gêmea. A niang ficou felicíssima.

O dia também gostou, embora fosse mais comedido nas demonstrações de alegria.

Mary comunicou imediatamente aos pais nossa intenção de casar, e eles também ficaram satisfeitos. Sendo católicos, só lamentaram que a filha não pudesse ter um casamento tradicional, pelo fato de eu ser divorciado. Sabendo disso, um amigo meu, também católico, arranjou para que eu me encontrasse com o padre Monaghan.

Quando vi o padre Monaghan, um sujeito gorducho e simpático, de óculos e batina, hesitei. Achei-o comum demais em nada parecido com um mensageiro de Deus.

— Prazer em conhecê-lo, padre Mon... — comecei, em dúvida quanto à pronúncia.

— Monaghan — ele completou. — Qual é o seu problema? Contei tudo: o casamento fracassado com Elizabeth, a deserção — cuja história ele já conhecia —, meu amor por Mary, o desejo dos pais dela de vê-la casar em uma igreja católica.

— Mary o ama tanto quanto você a ama? — ele perguntou.

— Sim.

— Você tem alguma religião?

— Não. Nunca tive acesso a uma religião. A não ser o comunismo de Mao.

— Acredita em Deus?

Era a primeira vez que alguém me fazia essa pergunta. Na verdade, nunca havia pensado muito no assunto. Eu me lembrava de, quando criança, imaginar que houvesse deuses acima de nós e olhar para o céu, procurando ver um deles; eu me lembrava de empinar pipa, imaginando ser aquele um canal secreto de comunicação com os deuses, que receberiam meus pedidos. Pensei em todos os momentos decisivos da vida, quando me senti guiado por uma força poderosa, sem identificar o que fosse.

— Sim, acredito que exista um deus — respondi finalmente.

— Então, vou lhe fazer uma última pergunta. A mais séria de todas. Pense na resposta com calma.

Comecei a ficar nervoso.

— Para casar-se com Mary, você precisa ser católico. Está preparado para adotar o catolicismo como sua única religião para o resto da vida? Fiquei imóvel como uma estátua. O comunismo fora minha religião por mais de dezoito anos. Desde que o abandonara, nunca mais pensara a respeito de crenças religiosas.

Não fazia a menor ideia das diferenças entre as religiões. Pensei que talvez o catolicismo fosse como o comunismo. Mas, se eu acreditava em um Deus único para todas as pessoas da Terra, podia ter a mesma religião de Mary. Naquele momento, concordei em tornar-me católico.

Mary e os pais ficaram surpresos com a notícia. A mãe dela não conseguia entender como o padre Monaghan conseguiria que a Igreja Católica concordasse com a anulação de meu primeiro casamento. Mas ele garantiu que meu passado comunista, em que não havia liberdade religiosa, abria a possibilidade de um casamento católico.

Recebi uma bíblia para ler, e ficou combinado que eu teria cinco aulas de educação religiosa com o padre Monaghan. O que mais me intrigava era Jesus ter nascido de uma virgem.

— Como saber se Jesus não era filho de José? — perguntei. O padre Monaghan era muito paciente. Depois de apenas três aulas, fui batizado, aos 26 anos. Estávamos em 1987, e o casamento foi marcado para outubro.

Somente dois dias antes do casamento fiquei sabendo o que é uma festa de despedida de solteiro. Meus amigos garantiram ser uma tradição que tinha de ser cumprida.

Na mesma noite, fui convidado para uma luxuosa festa black-tie em homenagem à bela e charmosa Isabella Rossellini, filha de Ingrid Bergman. Antes da festa, porém, os amigos me levaram a um pub

irlandês. Deram-me vodca e fingiram beber também; na verdade, beberam água. Quando chegamos à festa de Isabella, minha cabeça girava.

A última parada foi em um clube só para homens, onde fomos conduzidos a uma sala VIR Moças de topless dançaram para nós pelo resto da noite, recebendo notas de 20, 50 e até 100 dólares. Para mim, aquela era a versão ocidental da "noite do caos". Matthew, irmão de Mary, estava junto e ficou horrorizado. À 1 hora, eu me sentia exausto. Farto de ver os trejeitos das dançarinas de topless, só queria ir para casa, mas estava bêbado demais para dirigir.

— Eu dirijo! — apresentou-se meu amigo John.

— Não, eu dirijo. Eu não bebi — disse Matthew. O único problema foi que ele pensou estar na Austrália e dirigiu a maior parte do tempo pelo lado errado da rua.

A mãe de Mary, muito preocupada com o resultado da festa de solteiro, quase ligou para a polícia, perguntando se havia notícia de algum acidente de carro com um chinês e um australiano.

Na dia do casamento, Mary e eu já havíamos comprado uma casa nova, com um amplo jardim na frente, onde poderíamos fazer a recepção. Como meus pais tinham acabado de viajar de volta para a China, depois de mais de seis meses de permanência nos Estados Unidos, não haveria representantes da minha família, mas convidamos mais de cinquenta amigos. Como eu gostaria que meus pais pudessem ficar! Decidimos celebrar o casamento na capelinha onde eu fora batizado. Os preparativos eram semelhantes aos ensaios de uma grande apresentação. A cerimônia, porém, seria mais que isso: um momento definitivo em nossas vidas.

Com Charles Foster ao lado, esperei nervosamente que a música anunciasse a entrada de Mary na capela. Foi então que a vi, a princesa da minha vida, sendo conduzida ao altar pelo irmão, Matthew. Um novo sentimento encheu meu coração. Por um breve momento, parecia estarmos somente os dois, em outro tempo:

enxerguei apenas a imagem de uma inocente mocinha chinesa de 18 anos sendo levada à vila do futuro marido. De repente, porém, a imagem se desfez e surgiu em seu lugar o belo e adorável rosto de Mary.

Em Acapulco, em lua de mel, tivemos os momentos de maior intimidade de toda a vida. Quanto mais nos conhecíamos, mais próximos ficávamos.

O fato de estarmos casados não alterou nosso compromisso com a dança. Gostávamos de dançar juntos, mas a decisão final continuou sendo de Ben. Quanto mais conhecida ficava a boa reputação do Houston Ballet, maior o número de coreógrafos interessados em ver seu trabalho apresentado por nós. Assim, continuamos a progredir como artistas. De Christopher Bruce, tivemos Ghost Dancers, uma bela e impactante coreografia para música sul-americana. Aprendi muito com ele. Bruce chegou a criar um novo trabalho especialmente para ser dançado por Mary e por mim: Guatama Buddha.

Outro coreógrafo inglês, Ronald Hynd, cujo trabalho para lhe Sanguine Fan o London Festival Ballet apresentara na China, em 1979, chegou a Houston para fazer uma versão completa de O Corcunda de Notre Dame. Toda a companhia ficou alvoroçada. Especulava-se sobre quem seriam os escolhidos para os papéis principais do corcunda e da cigana Esmeralda. Antes da decisão final, Ronnie Hynd percorreu os estúdios dia após dia, observando aulas e ensaios. Quando saiu a formação do elenco, vimos que Mary faria Esmeralda, e eu, o corcunda.

Todo o processo de coreografia para O Corcunda foi fascinante, e as habilidades cênicas de Ronnie me permitiram viver um papel bastante diferente daqueles a que eu estava acostumado. Não havia muitos passos, e Mary e eu não dançamos como partners, mas foi uma ótima experiência de atuação. No final, Mary roubou a cena.

Glen Tetley, indiscutivelmente um dos mais respeitados coreógrafos de balé moderno do mundo, era outro profissional com

quem eu gostava de trabalhar. Sua lendária busca da excelência e seu temperamento calmo faziam os bailarinos ultrapassarem as limitações físicas. Ele nos levou um de seus trabalhos tecnicamente mais difíceis: Le Sacre du Printemps, ou A Sagração da Primavera. Segundo ouvi dizer, até Barishnikov teve dificuldade para interpretá-lo.

Um dia, Glen entrou no estúdio durante a aula e sentou-se, com o amigo Scott, perto do espelho. Eu podia ver os olhos de Glen percorrendo a sala toda, enquanto conversava com Scott, que tomava notas em um bloco. Fiquei nervoso. Queria muito que me escolhesse para trabalhar com ele.

Para minha alegria, fui indicado para o papel-título em A Sagração da Primavera. Cheio de animação, entrei no estúdio para o primeiro ensaio. Mal podia acreditar que começaria a trabalhar com um dos mais criativos coreógrafos do mundo. Mas soube, desde o início, que estava diante dos momentos mais difíceis da minha carreira.

Glen era muito exigente. Nada escapava a seus olhos experientes. Tudo tinha de estar certo nos mínimos detalhes. Ele esperava dos bailarinos concentração e dedicação totais. Às vezes, quando um de nós não correspondia, ele interrompia e dizia: — Muito bem. Acabou o aquecimento. Agora, vamos fazer para valer.

Não havia protestos, choros nem gritos. Somente o reconhecimento de suas altas expectativas.

Os solos fisicamente difíceis eram vários, exigindo muita resistência. Glen entendia perfeitamente o que se precisava fazer. Muitas vezes, depois de horas de saltos e piruetas sob seu olhar atento e severo, eu me sentia sem fôlego e com todos os músculos do corpo exaustos, para não falar na dor nas costas, que ainda incomodava.

Nessas ocasiões, só queria me deitar no chão e morrer. Ele, então, dizia: — Mais uma vez. A última. "Será que ele enlouqueceu?", eu

me perguntava. Mas sabia que precisava reunir forças e fazer novamente. Ninguém reclamava. Não fosse assim, jamais aumentaríamos a resistência.

Às vezes, durante os ensaios, quando Glen me pedia para dançar "a última", estava me incentivando a superar os limites físicos. Descobri aqueles raros momentos em que a música fala mais alto. É revigorante, quase espiritual. Na hora da apresentação, sentia-me cheio de energia, pronto para explodir no palco.

Então, veio Romeu e Julieta. Ben tinha planejado coreografar uma nova versão a ser apresentada pelo Houston Ballet no recém-construído Wortham Center, em Houston. Cenários e figurinos ficariam a cargo de David Walker, o famoso designer do Royal Ballet, da Inglaterra. Tudo seria feito em Londres e enviado a Houston. Ben me escolheu para fazer par com Janie Parker no primeiro cast, enquanto Mary faria par com Kenneth McCombie no segundo.

Gostei demais da história de Romeu e Julieta, assim como da música de Prokofiev, mas os ensaios foram exaustivos. Às vezes, treinávamos um movimento durante dias, Ben resolvia fazer alterações e então era preciso recomeçar. Experimentávamos inúmeras maneiras de executar determinado salto, giro ou sustentação, até que Ben gritasse: — É isso! Gostei! A tarefa era árdua: erros, contrariedades, inúmeros desafios. Mas o entusiasmo estava sempre nas alturas.

Para um balé que contava uma história, como Romeu e Julieta, eu precisava reunir toda a minha experiência, de modo a fazer de Romeu um personagem real, para mim e para a plateia. Havia aspectos fáceis e outros difíceis. Li e reli o texto de Shakespeare, assisti a todas as versões para o cinema que consegui encontrar. Queria criar minha própria versão de Romeu, fazê-lo do meu jeito. Pensei no que sentira por Herr Junfang na sala escura da Academia de Dança de Pequim; pensei no meu amor por Elizabeth e por Mary;

lembrei-me dos relatos de livros e filmes; enfim, pensei em tudo que pudesse ajudar.

A noite de estreia de Romeu e Julieta foi um dos maiores eventos da história do Houston Ballet. A tensão pairava no ar. Por mais que tentasse, eu não conseguia me acalmar. Ouvi os aplausos para o maestro. "Ouça apenas a música", disse para mim mesmo. "Ouça apenas o som da música." Naquela noite, a partir da primeira nota, eu soube que havia captado o coração e a alma da música. Saltei alegremente e levantei minha Julieta no ar. Corri pelo palco, celebrando nosso amor. E, quando Romeu equivocadamente acreditou que Julieta estivesse morta, demonstrei toda a tristeza e todo o desespero que já havia sentido. Lembrei os anos de separação da família, o medo de perder a vida naquela pequena sala do consulado. Pensei na existência sem Mary e no maior sacrifício que alguém pode fazer: morrer por amor. Quando Julieta finalmente cravou no peito a faca de Romeu e fechou os olhos para sempre, não se ouvia um som sequer em todo o teatro; apenas o som pungente dos instrumentos, até acabar a música. Subitamente, então, a plateia irrompeu em aplausos. Desejei que fossem intermináveis. Saboreei a deliciosa sensação de uma apresentação definitiva: o melhor desempenho da minha vida. Mais um momento a ser lembrado para sempre.

Depois de Romeu e Julieta, recebi convites para dançar em companhias de diversos países. A apresentação no Scala de Milão, com toda a história de que faz parte, foi um dos momentos mais emocionantes. Durante todo esse tempo, porém, eu me esforçava para alcançar uma qualidade especial: não queria ser apenas um bailarino de boa técnica; queria ser criativo, emocionalmente poderoso, artisticamente maduro. Em minha trajetória, rompi muitas barreiras e recebi ofertas de outras companhias, mas me mantive leal a Ben e ao Houston Ballet e busquei inspiração em antigas fábulas chinesas, como a do arqueiro. Sempre me lembrava de estar

provando apenas a casca da manga; faltava chegar à polpa. Não esquecia os dolorosos exercícios de alongamento de pernas que nos impunha o professor Gao. E me lembrava sempre do lugar de onde vinha: minhas raízes camponesas, a fome, o desespero de estar preso no fundo do poço, a herança chinesa. Essa era minha força motriz.

À medida que melhorava a qualidade da minha dança, mais forte ficava o desejo de vir a ser um dos melhores bailarinos do mundo. Eu trabalhava cada vez com mais afinco. Trazia na mente os exemplos de Nureyev, Barishnikov e Vasiliev. Tinha superado muitos obstáculos na vida. Nada me deteria, então.

Por mais que me tornasse um bailarino bem-sucedido, um sonho ainda não fora realizado. Assim, no início de 1988, com Mary me segurando a mão, voltei ao consulado chinês em Houston.

O endereço era o mesmo: o prédio onde eu ficara detido, cerca de sete anos antes. Dessa vez, eu queria solicitar ao governo permissão para visitar minha família na China — voltar para casa. Não sabia que tipo de reação teria de enfrentar.

A entrada do consulado havia ficado mais imponente. Acima do portão fora colocado um grande emblema da República Popular da China. Fomos recebidos calorosamente pelo cônsul cultural, o sr. Tang, que nos conduziu a uma sala de reuniões e ofereceu chá. Ele não fazia ideia de estarmos na mesma sala onde Charles, Elizabeth e eu ficáramos, em abril de 1981.

Aquele lugar me deixava nervoso e desconfortável. As imagens dos acontecimentos de sete anos atrás me passavam pela mente. Senti-me aprisionado, o coração bateu mais forte.

Mary percebeu minha apreensão e manteve minha mão presa à dela. Mais ou menos o que Elizabeth fizera naquela noite terrível.

O cônsul Tang se mostrava solícito e gentil, mas eu não sabia o que esperar dele. Deveria confiar? Já caíra em uma armadilha ali. Não queria reviver aquele pesadelo.

Imagino que ele soubesse do meu passado, mas não fez nenhuma referência. Em vez disso, começou a comentar a liberdade e a elevação do padrão de vida do povo chinês sob o governo de Deng Xiaoping, enfatizando a nova política de portas abertas em relação aos outros países. Fazia quase nove anos que eu deixara a China. As coisas tinham mudado.

— Cunxin — ele disse —, li a sua ficha e conheço um pouco do seu passado. Queremos esquecer o que aconteceu, mas dentro do governo chinês ainda existe considerável oposição ao seu retorno. Vou fazer de tudo para ajudá-lo, pois acredito que as suas realizações nos últimos nove anos só acrescentaram glória à imagem do povo chinês. Espero que Pequim conceda permissão, mas não posso garantir.

Deixei o consulado com uma vaga sensação de otimismo, mas as semanas de espera que se seguiram foram terríveis. Passou-se um mês. Nenhuma resposta. Resolvi telefonar para o cônsul.

— Lamento. Nada ainda — ele respondeu. Minhas esperanças diminuíam a cada dia. Dois meses mais tarde, eu estava completamente descrente quando, depois do ensaio, encontrei um bilhete em meu escaninho do estúdio: "Entrar em contato com o sr. Tang no consulado chinês." Com mãos trêmulas, disquei o número e me preparei para receber más notícias.

— Cunxin? Parabéns! Você obteve permissão de voltar à China. Venha com a sua esposa ao consulado, para tratarem dos vistos. Eu ia voltar para casa, afinal! Mary e eu só partiríamos para a China depois de encerrada a temporada em Houston: mais dois meses de espera. Prontos para o embarque, tínhamos cinco malas cheias de presentes — sem falar nas duas geladeiras que despachamos antes. Mary não entendia por quê; achava muito melhor dar o dinheiro a eles. Para mim, no entanto, os presentes faziam parte da tradição.

A ideia de rever irmãos, tios, tias e colegas de infância e, em especial, os amigos que fizera em Pequim: Bandido, o professor Xiao,

Chong Xiongjun e Fengtian, me deixava ansioso. Foram nove anos em que só os vira em sonhos. A proximidade da partida fazia cada dia parecer um mês. Tentei meditar, para não pensar na espera, mas a impaciência me dominava.

Não costumo ter problemas para dormir em viagens de avião, mas aquela foi diferente. Minhas pálpebras pareciam ter molas que as obrigavam a levantar todas as vezes que eu fechava os olhos.

Embora tivesse contado a Mary sobre todos aqueles que eram importantes para mim, ela sempre queria saber mais: enchia-me de perguntas.

28

跳舞

VOLTANDO PARA CASA

Estava tão ansiosa quanto eu. Dormimos muito pouco durante a viagem, mas não sentimos cansaço. A adrenalina foi mais forte.

Aeroporto de Pequim, 3 de junho de 1988. Aterrissamos por volta das 19 horas. Era verão. Bandido, meu irmão de sangue, e Fengtian, meu amigo violinista, esperavam por nós. Lá estavam eles, depois do setor de liberação de bagagens. Corri naquela direção, pronto para apertar-lhes as mãos, que era a atitude correta para um chinês, quando em público. Em vez disso, em uma fração de segundo, puxei-os para junto de mim, e choramos abraçados.

— Quanto tempo!... — Bandido murmurou finalmente. Eu não respondi. Tinha tanto a dizer, mas não havia palavras que traduzissem minha alegria. Tantas vezes sonhara com aquele momento nos últimos nove anos! O aeroporto era o mesmo de onde eu partira em 1979. Fora apenas ampliado. Quando, afinal, acomodamos as bagagens no micro-ônibus, eram quase 22 horas, mas o lugar continuava movimentado, com uma longa fila de táxis embarcando e desembarcando passageiros. "As coisas mudaram", pensei. Quando deixei a China, uma viagem de avião seria impossível para a maioria dos chineses, e raramente se via um táxi.

O micro-ônibus tomou uma estrada fracamente iluminada em direção ao hotel onde Bandido tinha reservado um apartamento para nós. Falávamos sem parar. Havia tantas perguntas a fazer! Impossível resumir nove anos em duas horas de viagem. A conversa só se interrompia enquanto eu traduzia para Mary o que acabáramos de dizer.

Para ela, tudo era novidade. O encontro com os amigos, a forte amizade que nos unia, tudo a deixava sem fala.

Bandido e Fengtian estavam casados. Marji, a mulher de Bandido, gerenciava um hotel quatro estrelas de uma cadeia estrangeira do ramo. Como falava inglês fluentemente, ajudou na tradução para Mary. Jiping, a mulher de Fengtian, era professora de dança folclórica chinesa na Academia de Dança de Pequim. Durante o trajeto até o hotel, Marji, Jiping e Mary logo se tornaram amigas.

Somente quando estávamos quase chegando ao hotel, Bandido me deu uma notícia perturbadora: a polícia secreta chinesa queria me ver.

"De novo, não", pensei. Mas eles já estavam à minha espera: dois homens e uma mulher. Embora dissessem que queriam falar comigo a sós, Mary não se afastou. Afinal, se ela não entendia chinês, que diferença faria? Não era inteiramente verdade, já que ela conhecia algumas palavras, mas os policiais não sabiam disso e a deixaram ficar.

Eles me fizeram muitas perguntas, quase todas sobre a deserção, em 1981. Insistiam em perguntar se houvera interferência dos governos dos Estados Unidos e de Taiwan.

Segundo disseram, havia dois relatórios conflitantes, um do consulado de Houston e outro da embaixada em Washington. Queriam saber qual o verdadeiro. Foram muito gentis; não cheguei a me sentir ameaçado, mas disseram que, para minha segurança, me dariam discreta proteção. Eu sabia o que aquilo significava: estariam de olho em mim.

Nos primeiros dias, ficamos em Pequim e passamos todos os momentos possíveis com meus amigos. Bandido me contou tudo o que acontecera desde a minha partida: ele era solista do Balé Central da China. Fengtian e Chong Xiongjun foram selecionados pela Companhia de Música e Dança da China. Chong também estava casado com uma boa moça, operária de uma fábrica de roupas em Pequim. Quanta novidade! Eu tinha ficado tempo demais afastado.

Assim, na parte de trás das bicicletas de Bandido e Fengtian, eu e Mary percorremos Pequim de ponta a ponta. Algumas vezes, comíamos na casa deles; em outras, saíamos em busca de pequenos restaurantes que existiam em nossa juventude. Muitos haviam sido demolidos, e outros tinham proprietários diferentes. Fiquei surpreso e impressionado com a rapidez das mudanças. Ainda assim, apesar dos sinais de progresso e prosperidade observados em toda parte, a grande quantidade de bicicletas, o ar poluído e os milhões de pedestres me eram bastante familiares. Mas parecia haver mais liberdade; o povo estava mais feliz. A influência de Mao e a sombra terrível da Revolução Cultural começavam a desaparecer. O slogan de Deng Xiaoping, "Riqueza é glória", estava em todas as bocas e aparecia em enormes cartazes, por toda parte.

Estávamos havia dois dias na capital, quando perguntei a Bandido se poderíamos visitar meus antigos professores da Academia de Dança de Pequim; ele era minha ligação com os oficiais da academia. Somente no terceiro dia, porém, recebemos permissão para ir até lá.

Em uma manhã quente de verão, Mary e eu percorremos as ruazinhas estreitas da cidade, junto com Bandido e Fengtian. Eu saboreava o cheiro familiar: em quase todas as esquinas, havia bancas para venda de comida. Gritos de vendedores de rua cortavam o ar, todos tentando chamar atenção para suas mercadorias. Quando chegamos à academia, eram cerca de 10 horas.

Lá estava eu, diante do prédio de três andares e janelas pequenas, onde ficavam os alojamentos — com seus vasos sanitários entupidos e os pequenos dormitórios com quatro camas, onde oito estudantes tinham de se acomodar. O mesmo portão de ferro me despertou a lembrança dos anos passados ali: a disciplina, a campainha das 5h30, as caminhadas pelo Parque Taoranting, os exercícios matinais, a confusão nos banheiros, a fila do refeitório, as autocríticas, as intermináveis aulas sobre política, as noites em que pulei as grades em tentativas desesperadas de encontrar o ministro Wang. E me lembrei especialmente das duas pessoas que mais contribuíram para o sucesso que eu tinha alcançado: o professor Xiao e Zhang Shu.

De repente, em meio aos meus pensamentos, eu os vi — o professor Xiao e Zhang Shu — à minha espera do outro lado do portão.

Eram tantas as emoções a expressar e, no entanto, não consegui dizer uma só palavra. Eles abriram o portão e correram em minha direção.

Trocamos apenas apertos de mão e nos olhamos através das lágrimas. Parecia um sonho. Coloquei todo o meu amor e gratidão, e os anos de palavras não pronunciadas, naquele aperto de mão. Só voltei ao presente quando Bandido me lembrou de apresentar Mary.

A academia era exatamente a mesma de nove anos antes. Lá estavam a guarita junto do portão e o pequeno campo de esportes. Os refeitórios, as caldeiras, o estúdio, as mesas de pingue-pongue... Nada mudara, exceto pelo fato de os prédios me parecerem em pior estado.

Em poucos minutos, fiquei rodeado de rostos familiares — a maioria de professores, entre eles Chen Lueng, meu primeiro professor de balé, e Ma Lixie, um dos professores de dança folclórica chinesa. Todos falavam e faziam perguntas ao mesmo tempo. Foram, porém, interrompidos por Zhang Shu e pelo professor Xiao que nos lembraram haver muito mais gente esperando por mim lá dentro.

A sala onde entramos estava repleta. Os professores do departamento de balé haviam preparado uma mesa com chá, amendoins torrados, sementes de girassol e melancia em pedaços. Conversamos à vontade. Fiquei sabendo que Zhang Shu ainda era o chefe do departamento de balé e que todos tinham conhecimento de minhas realizações, ficando especialmente impressionados com as medalhas conquistadas nas competições internacionais. Agradeci a cada um deles o que fez por mim. Perguntei o que poderia fazer por eles enquanto estivesse lá.

— Dance para nós! — respondeu o professor Xiao. Pelos aplausos que saudaram a sugestão, pude perceber o quanto estavam curiosos em saber o que eu aprendera naqueles nove anos vividos no Ocidente. Como não tinha levado meu material, o professor Xiao me emprestou malha e sapatilhas. Mas os professores e alunos de outros departamentos não puderam assistir; apesar das mudanças, os oficiais ainda consideravam forte demais a minha influência ocidental.

Tinha a plateia diante de mim, no mesmo estúdio onde praticara piruetas incansavelmente, até deixar marcas no piso de madeira. Senti o cheiro familiar de mofo misturado a suor e, mais uma vez, vi as partículas de poeira bailando sob a luz do sol. Estava tudo lá, em todos os detalhes. Nervoso diante dos olhos familiares — mas críticos e atentos — dos ex-professores, lembrei-me do primeiro exame, no primeiro ano de academia. Eu voltara a ter 11 anos.

Decidi dançar o solo do príncipe do terceiro ato de O Lago dos Cisnes. Como não havia música, a plateia cantou a melodia com os lábios fechados. Sem roupas adequadas, maquiagem ou música, eu me senti despido e deslocado. Como gostaria de poder mostrar uma das maravilhosas produções de Ben! Pela expressão dos professores, porém, via-se que estavam orgulhosos de mim — o filho pródigo tinha voltado, afinal.

Dancei também um dos solos de A Sagração da Primavera, de Glen Tetley, e Ghost Dances, de Christopher Bruce, com o acompanhamento musical do canto de Mary. Entre uma demonstração e outra, continuávamos a conversar, mas foram tantas as perguntas, tanta curiosidade acerca do Ocidente que, depois de duas horas, eu estava exausto.

— Muito bem, muito bem. Não vamos abusar de Cunxin! — o professor Xiao disse finalmente.

Deixamos o estúdio e fomos para o pequeno apartamento do professor Xiao, no terreno da academia. Sua esposa tinha preparado um belo almoço, que saboreamos sem interromper a conversa. Havia muito o que contar. O professor Xiao era, então, um dos chefes do departamento de coreografia e fora promovido.

— Cunxin, não sei quantas vezes sonhei em vê-lo dançar! — disse o professor Xiao. — Tinha dúvidas se conseguiria, antes de morrer. É uma honra ter sido seu professor.

Você levou ao mundo o orgulho que sentimos! Nós nos abraçamos mais uma vez. Tive tanto medo de desapontá-lo! Ele era a pessoa cuja opinião eu mais valorizava, que me mostrara a beleza do balé e me incentivara a sentir o gosto da manga. Ele fora meu mentor, meu amigo. Eu devia muito ao professor Xiao.

Depois do almoço, mostrei a Mary os degraus onde treinava meus saltos, e os estúdios onde havia trabalhado e transpirado durante anos. Ela ficou chocada. Em comparação ao que estava acostumada, eram condições muito precárias. Fomos ao teatro mal iluminado onde, em 1979, ela nos vira dançar — onde nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez. Acomodei-me em um dos assentos de madeira lascada e fechei os olhos. As lembranças me tomaram a mente: meu desempenho nos balés-modelo de madame Mao; as piruetas impossíveis do professor Xiao; o teatro repleto de professores e estudantes repetindo em coro os slogans políticos de Mao...

Não sei por quanto tempo fiquei ali, de olhos fechados, relembrando o passado. Quando abri os olhos, dei com Mary me olhando fixamente. — Não posso crer que foi daqui que você saiu — ela disse.

Antes de deixar Pequim, fiz questão de receber os colegas e professores no restaurante do hotel. Foi uma reunião maravilhosa, embora com certo traço de tristeza.

Não faltaram lágrimas naquela noite. Um dos oficiais da academia discursou, dando-me as boas-vindas, e fui solicitado a responder.

Apresentei Mary como uma bailarina excepcional e afirmei ser aquele um dos dias mais emocionantes da minha vida.

— Voltar a vê-los é como um sonho de painço feito realidade. Quantas vezes desejei isso! Dezesseis anos atrás, graças a madame Mao, fui escolhido para integrar a Academia de Dança de Pequim. Eu era apenas um camponês. Nada sabia de balé. Senti terríveis saudades de casa. Mas naqueles sete anos vocês me ensinaram, cuidaram de mim e me ajudaram. Jamais conseguirei retribuir o que recebi. Não fossem vocês, não sei onde estaria hoje.

— De volta à comuna Li! — Bandido gritou, provocando risadas. "Isso mesmo", pensei. Estaria de volta à comuna Li, comendo inhame seco e bebendo vento noroeste.

29

跳舞

DE VOLTA À VILA

No dia seguinte, Mary e eu embarcamos em um velho avião movido a hélice, rumo a Qingdao.

Ia para casa, finalmente. Depois de tantos anos, veria meus irmãos, suas mulheres, seus filhos. Não sabia bem o que esperar. Como estariam a vila e a comuna? Haveria tantas mudanças quanto em Pequim? E meus tios, primos, amigos de infância? Que impressão Mary causaria a eles? Em Pequim, todos gostaram dela; eu queria que acontecesse o mesmo com a família. Pena que o avião não fosse mais rápido...

Mary percebeu como me sentia e não soltou minha mão um só momento.

Quando o avião iniciou a descida, Mary disse: — Li, respire fundo e aproveite a companhia da sua família. Mas eu ainda me preocupava com as condições difíceis que ela estava prestes a conhecer.

A aterrissagem não foi das mais suaves. O avião deslizou em direção a um prédio simples de dois andares. Pela janela, tive a primeira visão de como estava o lugar onde havia nascido.

Mas... onde estávamos? A paisagem me era, ao mesmo tempo, familiar e estranha. De repente, notei ao longe uma fileira de grandes árvores, e meu coração deu um salto. Chegávamos ao aeroporto antigo, aquele aonde eu ia, quando garoto, desenterrar da pista carvões meio queimados. Lembrei-me da ocasião em que estive lá com meus irmãos e, ao fugir dos guardas que nos perseguiam, deixei para trás a cesta e a pá. A guarita antiga fora substituída por um prédio de dois andares; pistas pavimentadas seguiam em várias direções. Em um instante, a imagem dos dias de infância desapareceu.

Meus irmãos, com esposas e filhos, nos aguardavam no aeroporto — umas vinte pessoas ao todo. Faltava apenas o quarto irmão. Trocamos apertos de mão, embora minha vontade fosse abraçá-los, como fizera com Bandido e Fengtian, mas tive receio de que ficassem sem graça. Ali não era Pequim; era apenas uma cidade pequena.

Estavam todos mais velhos. Feitas as apresentações, as crianças começaram imediatamente a chamar-nos de sexta mãe e sexto pai, mas as maiores atenções foram para Mary. Até pessoas que eu não conhecia perguntavam aos meus irmãos quem era a moça ocidental. "É nossa cunhada!", respondiam cheios de orgulho.

Depois da disputa para ver quem carregaria nossas malas, fomos acomodados em dois pequenos caminhões alugados pela família. Mary foi em um, sentada ao lado do motorista, eu em outro, e o restante do pessoal se ajeitou nas carrocerias.

Enquanto percorríamos a estrada poeirenta rumo à vila, pude sentir o cheiro característico do campo, que me era tão familiar: fezes humanas, ainda usadas como fertilizante. As memórias da infância voltaram imediatamente. Como eu gostava daquele cheiro! Assim, eu tinha certeza de estar em casa.

Ao ver passarem os caminhões pelas ruas antigas, as pessoas soltavam bombinhas para comemorar minha volta. Os habitantes da

vila ocupavam os dois lados das ruas, acenando à nossa passagem. Alguns eu reconhecia. Depois de nove anos, as imagens de tios mais velhos, tios mais novos, tios-avós e sobrinhos-netos se confundiram em minha mente, com poucas exceções. Não conseguia lembrar nem o grau de parentesco que havia entre nós. Então, inclinava a cabeça, sorria e dizia: Ni hao, Ni hao...

Assim que viu o caminhão entrar na rua, o quarto irmão, que tinha ficado em casa ajudando a niang a preparar a comida, acendeu uma série de bombinhas. Muitas! Exatamente como quando eu era menino: barulho, luz, fumaça, cheiro de pólvora e milhares de pedacinhos de papel vermelho no ar.

Quando os caminhões pararam, fomos cercados por um grupo numeroso de pessoas. E então, por entre as pessoas aglomeradas, consegui ver meus pais. Estavam de pé junto do portão, ao lado do quarto tio e da quarta tia. Corri ao encontro deles, abracei a niang e apertei as mãos do dia e do quarto tio. Quando ia apertar a mão da quarta tia, a niang me puxou e me abraçou com força.

— Oh, meu sexto filho! Que saudade! Àquela altura, Mary tinha descido do caminhão, atraindo para si todas as atenções. As pessoas abriam caminho para ela, comentando em voz baixa a cor de seus cabelos, o tamanho do nariz, o padrão da saia, a altura dos saltos. Mary era a primeira ocidental a visitar a vila, desde 1949. Uma sensação! No jardim sombrio de minha velha casa, tinha sido arrumada uma mesinha quadrada e baixa de madeira, em volta da qual estavam cuidadosamente dispostos vários bancos dobráveis. No centro, havia um grande vaso de flores e xícaras de chá, que uma de minhas cunhadas passou a encher. Pratos com sementes de girassol torradas, amendoins e doces de sorgo passavam de mão em mão. Abríamos as sementes de girassol com os dentes e quebrávamos com a mão as cascas dos amendoins. Lembrei-me dos doces de sorgo que costumava levar para Pequim. Ali, cada objeto estava impregnado de lembranças.

Era fim de tarde. O pôr-do-sol tingia o céu com um belo tom alaranjado. Olhei para Mary, cercada pelos sobrinhos e pelas cunhadas. Pareciam entender-se muito bem, sem necessidade de tradução. Era como se Mary sempre tivesse feito parte da família.

Os cigarros americanos e as velas que levamos eram divididos entre todos. As crianças se fartavam de balas e chicletes, além de se encantarem com as cordas de pular. Mas a sensação foi a câmera Polaroid. Surpresas e maravilhadas, as pessoas não se cansavam de ver as próprias imagens revela— das tão rapidamente! Lamentei constatar, porém, que as crianças não davam mais importância às brincadeiras simples da minha infância, como bolas de gude e lutas em uma perna só — substituídas por pequenos brinquedos eletrônicos japoneses, exatamente como as crianças dos Estados Unidos. Era surpreendente que aquele tipo de sofisticação estivesse disponível em uma pequena vila. Como os tempos mudaram! Para nos recepcionar, as crianças encenaram um show de canto e dança que nos fez rir e aplaudir com gosto. Os pequeninos, de 2 a 5 anos, faziam de tudo para estar à altura. Minha sobrinha de 2 anos foi derrubada algumas vezes pelos mais velhos, mas, com a ajuda de alguns doces e muito incentivo, voltou a participar. Pouco antes da hora do jantar, começaram a chegar os vizinhos que trabalhavam no campo, todos dando uma espiada pela janela, curiosos para nos ver. Percebendo que estavam acanhados de entrar na casa, levei Mary para fora. Em minutos, uma multidão se formava em volta de nós. Um velhinho a quem chamei de tio pediu-nos uma dança.

— Isso mesmo! Dancem para nós! — a multidão pediu em coro. Vendo aqueles rostos ansiosos, nós nos entreolhamos e Mary fez sinal que concordava.

— Tem certeza? — perguntei.

Ela fez que sim. — Vamos fazer um arabesco de O Quebra-Nozes. Abriu-se um pequeno espaço no meio da rua. Levantei Mary acima da minha cabeça e, então, a fiz mergulhar. A multidão

suspirou e aplaudiu delirantemente, pedindo mais: Zailai, zailai! Atendendo aos pedidos, peguei Mary com um dos braços e a fiz rodopiar em círculos, o que provocou aplausos ainda mais entusiásticos.

Ao voltar, encontramos, repleta de pratos coloridos, a mesa arrumada pela niang e pelo quarto irmão. Com o calor que fazia dentro de casa, mais duas mesas foram colocadas no jardim, ficando uma para os homens, uma para as mulheres e uma terceira para as crianças. Como todos os meus irmãos sabem cozinhar, cada um preparou sua melhor receita. Grandes garrafas da cerveja local eram abertas e houve muitos gan beis — beber tudo o que houver no copo — naquela noite.

Inúmeras perguntas nos foram feitas sobre a vida no Ocidente. Meus pais já haviam contado alguma coisa, mas todos queriam mais e bebiam nossas palavras. Eles, certamente, tinham pouca noção do mundo do balé, de onde vínhamos. Mas naquele momento não celebravam o bailarino famoso; estavam apenas comemorando a volta do sexto irmão. E eu me encaixei no papel de sexto filho como se nunca tivesse saído de lá. Muita coisa mudara, mas o amor e a confiança permaneciam.

Mary sofreu um verdadeiro bombardeio de perguntas. Os homens queriam que ela se sentasse à mesa deles, como uma honraria especial, mas Mary recusou: embora pouco falasse de chinês, preferiu ficar com as mulheres. Segundo disse aos meus pais, queria ser tratada como todos os outros da família. Nada de privilégios.

Em vez de ir para um hotel, decidimos ficar com meus pais, embora eu me preocupasse com a pobreza das condições de vida. Ainda não havia banheira nem chuveiro ou água quente. O buraco no chão do toalete do lado de fora continuava exatamente como eu me lembrava. E, embora Mary gostasse da nossa culinária, eu não

tinha certeza de que estivesse preparada para três semanas seguidas de comida chinesa.

Mary enfrentou muito bem a situação e conquistou a todos. Naquela noite, traduzi para ela o máximo que pude, mas, quando afinal perdi a voz de tanto falar, ela não me perguntou mais nada.

Estávamos lá havia alguns dias, quando a polícia local foi nos procurar, pedindo nossos passaportes. Ficamos preocupados. Segundo nos disseram, seria apenas para fazer o registro. Não haveria problema — desde que nos devolvessem a tempo de viajarmos de volta.

Naquelas três semanas, aonde quer que fôssemos, havia olhos pregados em nós. Os comentários sobre o cabelo, a cor dos olhos e a pele clara de Mary eram constantes.

Cada movimento seu era atentamente observado. Somente quando ela se dirigia a eles, dizendo Ni hao, lembravam-se de que ela também era gente e caíam na risada.

A casa de meus pais continuava praticamente do mesmo jeito; apenas umas pequenas mudanças indicavam a passagem de nove anos. A plantação de vegetais, o chiqueiro e o galinheiro haviam desaparecido, dando lugar a um espaço limpo e calçado, mas a arrumação do interior da casa era exatamente a mesma. Fiquei desapontado ao ver que as folhas de jornal, que tanto gostava de ver forrando o teto e as paredes, haviam sido substituídas por um papel de parede florido. Gostaria de brincar de procurar palavras mais uma vez com meus irmãos. Os kangs continuavam, mas as janelas ganharam vidraças e havia ventiladores elétricos para amenizar o calor; não precisaríamos contar com a brisa para espantar os mosquitos. Pequenas ventoinhas para fazer fogo substituíam os foles que eu tanto gostava de operar. O estilo de vida de meus pais tinha sofrido uma nítida melhora.

— Tudo por causa da sua ajuda financeira — disse a niang. Aproveitamos também a estada na vila para conhecer os sobrinhos

— seis meninas e um menino, filhos de quatro de meus irmãos. Meus pais gostariam de mais netos, mas a política do filho único era firmemente aplicada na China. O segundo e o quarto irmãos eram os únicos classificados como camponeses e por isso poderiam ter uma segunda criança, desde que a primeira não fosse menino. Os outros, assalariados, eram tratados como pessoas da cidade: um filho somente, qualquer que fosse o sexo.

— Mas o que acontece se você ficar grávida pela segunda vez? — Mary perguntou.

— O governo exige que seja feito um aborto. E não adianta fugir, pois eles vão atrás e, além de forçarem o aborto, ainda aplicam penalidades — explicou uma das cunhadas.

Mary considerou a situação uma barbaridade. — Mary, você não poderia ter seis meninos e dar um para cada um de nós? — perguntou outra cunhada, fazendo todos rirem.

Dentro de mim, porém, sabia como se sentiam. Deixar de ter um filho para continuar a linha familiar era considerada a pior traição aos ancestrais. Olhei para meu terceiro irmão e pensei que, anos atrás, quando meus pais o entregaram ao quarto tio, que não podia ter filhos, tinham feito um dos maiores sacrifícios possíveis.

Olhei para sua linda filha, Lulu, para o sobrinho e as outras sobrinhas. Pena que eles, como a maior parte da próxima geração de chineses, não pudessem ter irmãos.

Se sobrevivemos por várias gerações à escuridão e à pobreza, foi graças a essa força, ao amor incondicional e ao cuidado generoso que existiam em nossa unidade familiar. Era tudo o que tínhamos.

Naquelas três semanas em Qingdao, reservamos um dia para estar com a família de cada um dos meus irmãos. Começamos com o grande irmão (Cuncia), a mulher e o filho, que viviam em um pequeno apartamento de dois quartos pertencente à agência postal de Laoshan, onde era gerente geral.

Cuncia passara mais de dezesseis anos no Tibete, como um dos muitos guardas vermelhos que responderam ao apelo de Mao. A seriedade de seu trabalho lhe valeu a promoção a chefe do Partido da Juventude Comunista nos Correios do Tibete.

Foi então que ele conheceu uma moça também nascida na província de Shandong, casou-se com ela e teve um filho. Em 1981, porém, o governo chinês mudou repentinamente de política em relação ao Tibete. Todo chinês que vivesse e trabalhasse naquele país deveria retornar à província natal.

Cuncia nos contou que, primeiro, recebera a promoção a chefe adjunto da agência postal em um município chamado Jiaoxien. Lá, era querido e respeitado. Mas um dia, em 1983, fora chamado à sala do chefe e sumariamente rebaixado de posto. Para sua surpresa, um dos guardas vermelhos do partido de oposição, sentindo-se ressentido e enciumado com a rápida promoção de Cuncia, apresentara queixa ao governo sobre um incidente em que meu irmão esbofeteara um líder do partido em meio a uma acalorada discussão, no auge da Revolução Cultural. O problema ocorrera vinte e cinco anos antes.

— Sou apenas uma em um milhão de vítimas — meu irmão explicou a Mary. — Como muita gente na China, ainda me surpreende o modo como fomos manipulados e traídos por Mao e pela Gangue dos Quatro. Os guardas vermelhos de ontem eram a essência do espírito comunista. Ainda hoje buscamos as respostas. Temos de conviver com nosso orgulho ferido e com a destruição de nossas crenças.

Lamentei por Cuncia. Sabia que era verdade: aquilo em que ele acreditara durante a maior parte da juventude não passava de propaganda.

Mas a Revolução Cultural não lhe roubara apenas a juventude; destruíra seu espírito e sua alma. Sua confiança na sociedade

desaparecera. Nem mesmo os sagrados valores familiares escaparam da influência de Mao e da Revolução Cultural.

Quem mais me preocupava, porém, era o segundo irmão, Cunyuan. Ele havia construído, em um terreno oferecido pela comuna, uma casa de dois andares com três quartos.

Embora tivesse casado por imposição dos meus pais, aprendera a amar a mulher e cuidava muito bem dela e das duas filhas.

Em 1986, na noite em que o visitamos, ele nos contou que trabalhava para uma serraria, e, em uma de suas viagens a trabalho, a uma província do norte chamada Dongbei, acontecera um fato importante. Ele caminhava em direção ao hotel quando encontrou, à margem da estrada, uma menina recém-nascida que chorava, embrulhada em um cobertor, ao qual estava preso um bilhete que dizia: "Se minha filha tiver sorte, será encontrada por alguém de bom coração que a ame como se fosse sua. Que os deuses a abençoem, filha querida, e a você, pessoa de bom coração." Como assinatura, estava escrito: "A mãe da criança." Mais uma criança abandonada, uma criança não desejada. Na China, existem muitas histórias como essa.

Cunyuan levou a menina para casa. Ele e a mulher a amaram e cuidaram dela, que cresceu e se tornou uma bela garota, de personalidade radiante. Toda a família Li a adorava. Com isso, eles tinham três filhas. A princípio, o governo local se negou a reconhecê-la como filha legítima, mas, depois de anos de persistência de meu irmão e da mulher, os oficiais do município finalmente permitiram que fosse adotada e registrada como cidadã local.

Eu tinha pedido à segunda cunhada que preparasse para aquela noite algumas comidas típicas dos camponeses, como inhames secos e pão de milho, para Mary experimentar.

— Irmão, você passou muito tempo fora! — disse Cunyuan. — Algumas das comidas que detestávamos agora estão na moda, como o pão de milho.

— Inhames secos também? — perguntei.

— Não, inhames secos, não — ele respondeu prontamente. — Isso o pessoal só usa para alimentar os cachorros, e nem eles gostam.

Mary provou os inhames secos no jantar e percebi que preferia os bolinhos.

Depois da refeição, enquanto Mary brincava com as três meninas do meu irmão, pedi a ele que me mostrasse o pedaço de terra que a comuna lhe destinara. Mas o que eu queria realmente era a oportunidade de ficarmos a sós. Ainda me lembrava da conversa triste que tivéramos anos atrás, no trajeto para a estação de trem. Queria saber como estava sua vida e desejava desesperadamente que fosse feliz.

No caminho, reparei que íamos em direção da sepultura de Nana, o que me despertou o remorso por não tê-la visitado ainda. Prometi que o faria no dia seguinte, sem falta.

— Esta é minha terra — disse Cunyuan, apontando para uma pequena área, de no máximo quatro por seis.

— É isso?

— Sim, é nossa. Na verdade, não é. É um empréstimo do governo — ele continuou, fazendo sinal para que me sentasse. Sentei-me ao lado dele, na divisa de sua preciosa propriedade, e observei a terra trabalhada em camadas.

— Vê aqueles prédios lá? — ele perguntou, apontando edifícios recém-construídos de dez andares, a leste da vila. Algumas das nossas terras foram vendidas a estatais, que construíram apartamentos para os empregados. Tenho medo de, em pouco tempo, perder esta terra.

— Eles não pagam indenizações? — perguntei.

— A terra é do governo. Ele pode pegar de volta quando quiser.

— Existe algum tipo de central de planejamento?

— Nenhum. Em breve, não haverá mais terras para cultivar. Somos obrigados a deixar nossa fé, nosso futuro, nas mãos de alguns

funcionários do governo. Tenho medo de que, em nome da reforma, tomem nossas terras e nosso sustento.

— E o seu casamento?

— Eu a amo. É uma pessoa ótima, uma boa alma. Custei a aceitar, mas aprendi a amá-la e a cuidar dela, assim como aprendi a aceitar a vida como é. Lembra-se da história do dia, sobre o sapo no poço?

— Lembro.

— Embora a vida seja melhor agora, ainda me sinto como o sapo infeliz, preso no fundo do poço. Minha única alegria são minhas filhas. Eu e minha mulher dedicamos a elas todo o nosso amor. Esperamos que sejam mais bem-educadas e tenham uma vida melhor e mais feliz do que a nossa. É uma vergonha que não possamos conhecer o mundo lá fora. Talvez minhas filhas possam, um dia.

Nesse momento, avistamos Mary e minha cunhada se aproximando, junto com as crianças satisfeitas chupando pirulitos, e interrompemos a conversa.

Na manhã seguinte, o dia levou todos os filhos e netos, além de Mary, à sepultura de Na-na. Levamos pilhas e pilhas de folhas de papel de arroz amarelado, com barras de ouro desenhadas, várias caixas de incenso e uma garrafa de água.

Fiquei triste ao ver que pouco restava da sepultura. Anos de chuva haviam desmanchado o montículo de terra, mas pelo menos minha família não deixara que o mato tomasse conta. O dia se ajoelhou diante da sepultura e murmurou: "Niang, seu sétimo filho está aqui com todos os filhos e netos e com a esposa de Jing Hao, Mary.

VieMos trazer-lhe todo o nosso amor. Trouxemos também dinheiro, comida e bebida." Em seguida, tocou o chão com a testa três vezes. Cuncia fez o mesmo e depois todos os filhos, do mais velho ao mais novo.

Na minha vez, Mary se ajoelhou ao meu lado. Não há palavras para expressar o que senti. Podia lembrar claramente a expressão bondosa de Nana, o sorriso sem dentes, o modo de andar com passos miúdos — por causa dos pés enfaixados —, os gestos de bondade. Lembrei o dia em que quebrei todos os seis preciosos pratos novos da niang, e ela fingiu ter sido a responsável pelo desastre. Tudo estava vivo em minha memória, apesar de passados dezenove anos desde sua morte. Toquei o chão com a testa três vezes, mais três e mais três, para compensar pelos anos de ausência, e Mary fez o mesmo.

Depois de todas as crianças fazerem as reverências, o dia arrumou em cima da sepultura um monte de dinheiro de papel — preso por uma pedra, para que o vento não carregasse — e oito varetas de incenso. Então, pusemos fogo no papel e no incenso, enquanto o dia despejava a água em volta. Nunca saberemos se o espírito de Na-na percebeu nossa presença, mas aquele tributo prestado a uma pessoa tão querida me deixou feliz.

Naquele mesmo dia, fomos visitar o quarto irmão, Cunsang, e sua família. Fiel à palavra dada, assim que terminou o período de quatro anos na marinha, ele voltara para casa e se casara com Zhen Hua. Meus pais tentaram em vão convencê-lo a servir por mais tempo, mas Cunsang não queria ficar longe de Zheng Hua. Viviam felizes, com suas duas crianças, em uma pequena granja que começara em um pedaço de terra arrendado na Colina do Norte. Quando chegamos, ele orgulhosamente nos mostrou suas cinquenta galinhas e cerca de cem pintinhos. No jantar, havia vários pratos diferentes à base de galinha e ovos — todos deliciosos.

A família de Cunsang vivia feliz em sua simplicidade. Ele se orgulhava de suas realizações e gostaria de progredir, mas faltava dinheiro. Então, Mary e eu lhe entregamos certa quantia, para ajudá-lo a realizar seu sonho. Cunsang ficou estático. Durante alguns minutos, não conseguiu pronunciar uma palavra; apenas segurou o

dinheiro com mãos trêmulas, sem tirar os olhos de nós. Até que, com a mão sobre o coração, conseguiu dizer: — Obrigado! No dia seguinte, foi a vez de visitarmos o terceiro irmão. Cunmao estava casado com uma bela moça que conhecera na escola, quando os dois cursavam o ensino médio. Eles adoravam a filha de 6 anos, Lulu. Viviam em uma casa de dois andares, semelhante à do segundo irmão, e Cunmao se tornara um bem-sucedido homem de negócios, atuando em vários setores. Sua mulher era contadora na fábrica de tapetes de Qingdao. Ele continuava sendo um bom filho para seus pais adotivos: o quarto tio e a quarta tia. Ainda bem.

A mesa do jantar estava repleta de pratos deliciosos. Depois de muitos gan beis, o quarto tio e a quarta tia foram descansar. Quando a terceira cunhada e Lulu saíram com Mary para dar uma volta no setor comercial da vila, aproveitei para perguntar a Cunmao como ele estava.

— Estou bem — ele respondeu. — Está em paz com a sua adoção? A surpresa fez com que, por alguns instantes, ele apenas me olhasse sem falar. Até que, com lágrimas nos olhos, respondeu: — Não. Acho que nunca vou estar. Ele balançou a cabeça, limpou uma lágrima que teimava em escorrer pelo rosto e continuou: — Sempre falta alguma coisa em meu coração. Por todos esses anos, desejei fazer parte da minha verdadeira família, que vivia na casa ao lado. Queria voltar, mas não podia. Vou estar sempre lutando contra a tristeza no coração e na mente. É uma batalha contínua.

Somente então, depois de tantos anos, contei a ele que tinha ouvido sua conversa com a niang naquele dia, quando pediu para voltar.

— Como conseguiu conviver com isso por tantos anos? — perguntei.

— Foi muito difícil, especialmente na adolescência. Às vezes, eu culpava meus verdadeiros pais por não terem ficado comigo; outras

vezes, culpava meus pais adotivos por não me devolverem; mas a maior parte do tempo, culpava a mim mesmo.

— Por quê? Não foi culpa sua. — Mas eu me culpava pelo desejo e pelo remorso que trazia no coração. Achava injusto que minha vida e meu destino fossem decididos por dois casais diferentes, mas amava todos eles. O único caminho era ser um bom filho para meus pais adotivos, senão ficariam todos magoados; a família Li seria desfeita. O que está feito está feito.

Tentei engolir o bolo que se formou na minha garganta. — Terceiro irmão, sempre o amei tanto quanto os outros. E sei que eles também sempre o amaram — eu disse.

Ele fez sinal que entendia. Erguemos os copos e brindamos à felicidade.

O próximo a ser visitado foi Cunfar, o quinto irmão. Ele era casado com uma moça adorável que o amava muito. Sem filhos, desejavam secretamente ter um menino.

Cunfar e a quinta cunhada nos levaram a um restaurante na montanha de Laoshan, um lugar aonde eu nunca fora, por falta de dinheiro. Debruçados sobre a vista espetacular do azul do oceano, ficamos observando os pescadores partindo e chegando em seus barcos a remo.

Cunfar me contou que substituíra o dia na empresa de transporte de Laoshan, quando este alcançou a idade de aposentadoria. A regra era esta: um dos filhos tem de substituir o pai na função; tivesse eu ficado, o posto seria meu. Mas desde criança Cunfar desejara ter o mesmo trabalho do dia. Ele também queria sair do poço e só conseguiria tornando-se motorista de caminhão ou operário de fábrica. Como gostava do setor de transportes, trabalhou duro e logo foi promovido a diretor. Naquela época, tinha a seu cargo uma enorme frota de caminhões.

Nossa conversa foi recheada de histórias da infância. — Lembra o grilo campeão morto que você guardou para mim? — perguntei.

— E como poderia esquecer?

Depois do almoço, fizemos uma caminhada pelas trilhas rochosas da montanha, até um templo budista que ficava no alto — um dos poucos que sobreviveram à Revolução Cultural. De repente, paramos.

— Preste atenção! Ouviu? — perguntei alvoroçado.

— Sim! Mas eu ouvi primeiro! — ele gritou.

— O que foi? — Mary perguntou, aproximando-se com a quinta cunhada.

— Um grilo!

A quinta cunhada riu. — Vocês e seus grilos! Continuam os mesmos, não é?

30

跳舞

OUTRO CASAMENTO

Qingdao, 1988

O dia do retorno aos Estados Unidos aproximava-se rapidamente. Antes disso, porém, tínhamos um importante compromisso: o casamento de Jing Tring, meu irmão mais novo, no último fim de semana da nossa estada. A noiva era uma moça bonita, irmã mais nova de um dos meus amigos íntimos do tempo da escola.

Estávamos em meados de junho e fazia calor no grande dia. Todos colaboravam na decoração da casa dos meus pais, colando nas paredes, nas portas e nas janelas papéis coloridos com votos de felicidade. Até nos móveis, havia papéis colados. Em vez de liteira para transportar os noivos, minha família alugou dois carros, que foram decorados com fitas e grandes flores vermelhas de seda.

Por volta das 11 horas, os carros do casamento entraram lentamente na rua estreita. Cunsang e Cunfar imediatamente acenderam bombinhas, para comemorar. O repórter oficial era eu, com a câmera de vídeo em uma das mãos e a máquina fotográfica na outra. O noivo ajudou sua bela noiva a descer do primeiro carro. Ela

vestia um traje longo e branco à moda ocidental, com muitos babados e um véu florido. E até calçava sapatos de salto alto! O noivo vestia terno creme, com uma rosa vermelha de seda presa à altura do coração. Uma verdadeira multidão cercou os carros, fazendo bons votos: "O belo dragão atrai o belo faisão" e "Que venham uma filha e muitos filhos." Não haveria reverências diante do fogo, salto sobre a sela nem a noiva ficaria três dias sentada. Outras tradições, porém, foram mantidas: os noivos receberam uma tigela de macarrão "para abrir o coração", e castanhas e tâmaras estavam presas aos palitos usados para comer — exatamente como acontecera aos meus pais, muitos anos antes.

Como as geladeiras que eu e Mary demos de presente ainda não haviam chegado, não se podia refrigerar a comida do casamento, e tudo teve de ser comprado e preparado no mesmo dia. Cunmao e Cunfar eram os chefs, Cunsang, o ajudante de cozinha. As recepções de almoço e jantar aconteceram na casa dos meus pais. Todo o espaço do jardim ficou tomado de mesas e cadeiras: cinquenta convidados dispostos em cinco mesas de dez — e todos os pratos foram preparados pelos meus irmãos em um fogareiro a carvão! Era comida que não acabava mais. Um verdadeiro banquete. E como eu e Mary não éramos casados na China, todos insistiram para que ela também usasse um vestido de noiva. Em algum lugar, encontraram um, cor-de-rosa. Ela ficou linda.

Dizer que todos se divertiram é pouco. Embora algumas tradições tivessem desaparecido, os excessos na bebida continuavam. Todos os convidados beberam. Algumas novas brincadeiras foram introduzidas, como tentar pegar um ovo cozido com dois palitos. Mary, o casal de noivos e eu circulávamos entre os convidados, carregando bandejas de madeira com copos de vinho. Cada um, ao receber a bebida, devia fazer um voto de boa sorte, como "Vida feliz, com muitos filhos" ou "Amem-se até que o marido tenha barbas brancas tocando o chão." Quem se enganasse e

repetisse um voto feito por outro devia beber mais. O problema é que, quanto mais bebiam, mais se enganavam... e assim por diante.

No meio da bebedeira, o irmão mais velho da niang, que era chefe do Departamento de Publicidade da Divisão de Materiais de Construção de Qingdao, pediu a palavra: queria que eu e Mary dançássemos. Os convidados apoiaram a ideia, e concordamos de bom grado. Escolhemos um dos nossos favoritos, o pas-de-deux do segundo ato de *Giselle*. Também tínhamos bebido um pouco, mas deu tudo certo. Fomos cantarolando a música e dançando, enquanto a plateia embevecida aplaudia cada movimento. Foi a mais gratificante performance de nossas vidas.

Depois da dança, o dia, como pai do noivo, tomou a palavra. Para mim, esse costume era novidade.

— Sejam bem-vindos, parentes e amigos. Este é um dos dias mais felizes para a família Li. Como todos sabem, não sou de falar muito. A vida sempre tira as palavras da minha boca.

Todos riram, e o dia olhou em direção à niang, que lhe devolveu o olhar com um sorriso carinhoso.

Ele então continuou: — Quando eu tinha 21 anos, minha niang disse que eu deveria me casar com uma bela moça de 18. Eu disse que não queria casar, não desejava ser um marido, e ela me respondeu: "Tudo o que tem a fazer é amá-la. Ela lhe ensinará as coisas da vida." Na época eu não sabia, mas o destino me deu uma joia rara, a pedra mais preciosa que se possa imaginar. Eu a amei desde o momento em que levantei seu véu, ainda a amo e vou amá-la até o último dia de minha humilde vida. A niang estava certa. A vida cuidou de tudo. Minha mulher me ensinou tudo o que eu precisava saber. Ela me tornou um homem melhor. Vivemos tempos difíceis juntos. Às vezes, pensamos não ter forças para continuar. Mas algo nos lembrava de que era preciso prosseguir. Esse "algo" eram nossos filhos. Somos afortunados...

O dia hesitou. Tinha dificuldade de prosseguir. — Somos afortunados por termos sete filhos — completou, contendo as lágrimas.

Ele lançou um olhar ao quarto irmão. Os dois apertaram as mãos e o dia continuou: — Sentimos orgulho de todos e de cada um dos nossos filhos. O fato de estarem todos vivos é um milagre. Tiveram a sorte de sobreviver aos tempos difíceis e agora estão casados com ótimas mulheres. Quatro deles têm lindos filhos. Tudo o que posso lhes dizer agora é... amem mulher e filhos de todo o coração. Não importa o que aconteça no mundo que nos cerca. Quando se tem a família, tudo dá certo.

Os convidados fizeram silêncio. Eu nunca o ouvira falar tanto e com tanta eloquência. Fui em silêncio até a mesa das moças e lá chegando traduzi para Mary o que o homem de poucas palavras acabara de dizer.

Mary se levantou, foi até o dia e deu-lhe um beijo no rosto. Então, levantou o copo de vinho e, em seu melhor dialeto de Shandong, saudou: — Ao dia, à niang! Gan bei! Todos levantaram os copos e repetiram em coro: Gan bei! Nenhum deles esperava tal atitude de uma ocidental.

Faltavam poucos dias para que eu e Mary deixássemos Qingdao. Yang Ping, o garoto cujo braço eu quebrara quando tínhamos apenas 9 anos, organizou uma reunião em minha homenagem. Mais de trinta dos meus antigos colegas estavam lá. Muitas histórias da infância foram lembradas, umas tristes, outras alegres. A professora Song também foi e imediatamente lembrou o momento em que me indicou aos examinadores da Academia de Dança de Pequim.

— Acontecem coisas estranhas — ela disse. — Muitas vezes me perguntei como seria a sua vida se eu não tivesse tocado no ombro daquele homem. E você sabe que por pouco ele não foi embora...

Três dias antes da viagem para Pequim e de lá para a América, sentei-me no kang ao lado da niang, que costurava furiosamente. Ela

preparava uma colcha de algodão para que levássemos. Explicamos que as malas estavam cheias, mas a niang insistiu: na China, era tradição dar uma colcha de presente aos recém-casados. Além disso, ela queria compensar-me pela outra que os oficiais da Academia de Dança de Pequim haviam queimado.

— Jing Hao, eu sei da culpa que deve ter sentido em todos esses anos, pelo fato de ter mais do que os seus irmãos. Sei que deve ter-se sentido responsável pela realização dos nossos sonhos. Sei do fardo que deve ter sido a necessidade de ser bem-sucedido. Mas também sei o quanto nos ama e o quanto quis nos ajudar. Agora que viu como os seus irmãos estão bem, afaste as preocupações. Você já nos deu muito. O que os seus irmãos mais valorizam é a vida que você conquistou. O seu sucesso lhes deu esperança, coragem, orgulho. Será a inspiração de que precisam para seguir adiante. Você não tem ideia do orgulho que nos faz sentir.

Mary vinha chegando com minha cunhada mais nova, mas, ao ver que eu tinha uma conversa íntima com a niang, voltou imediatamente.

— Mary é uma moça tão boa... — prosseguiu a niang. — Espero que você sempre a valorize e a respeite. Não deixe de cultivar seu amor. Ame-a como o seu dia me amou. Gostamos muito dela! Não tenho dúvida de que formarão uma família feliz.

Naquela tarde, depois da conversa que tive com a niang, Mary adoeceu subitamente. Suspeitando de intoxicação alimentar, levei-a ao hospital de Laoshan, junto com meus irmãos. O médico prescreveu soro, mas, como não havia um lugar onde ela pudesse ficar, ele nos permitiu que levássemos dois frascos de soro, tubo e agulha.

Minha terceira cunhada pediu ajuda a uma amiga enfermeira que trabalhava na fábrica e, assim, o tratamento foi feito em casa, com o frasco de soro pendurado no peitoril da janela. Ao ver Mary deitada no kang, tendo tão pálido o rosto tranquilo e queimado de sol,

lembrei-me das palavras do dia na festa do casamento e da niang naquela manhã.

O tratamento logo fez efeito, e Mary se recuperou rapidamente, ficando pronta para viajar a Pequim.

— Mary é uma moça da comuna — a niang disse durante nosso último jantar juntos.

A princípio, meus pais recearam que ela pudesse estranhar a vida difícil na comuna e os hábitos chineses, mas Mary gostou de tudo, exceto talvez da intoxicação alimentar e do buraco no chão como vaso sanitário. Ela ajudou minhas cunhadas a lavar a louça, tornou-se a sexta niang de meus sobrinhos e, o mais difícil: conseguiu decorar os nomes dos muitos tios, sobrinhos e parentes.

Tínhamos comprado apenas passagens de ida para Qingdao. Segundo nos informaram em Pequim, não eram vendidos bilhetes de ida e volta para as viagens domésticas.

Foi preciso que meus irmãos acionassem seus conhecidos, para nos conseguir as passagens de volta a Pequim. Dois dias antes de partirmos, a polícia local, enfim, devolveu nossos passaportes. Meu irmão mais novo e a esposa iriam conosco para a capital e aproveitariam para ter sua lua de mel.

Na hora da despedida, eu sentia o coração apertado. A sensação era a mesma daquela primeira vez, dezesseis anos antes, quando parti para a Academia de Dança de Pequim. A separação da niang sempre foi difícil.

As lágrimas desciam pelo seu rosto. Até o dia, a rocha da família, teve dificuldade em controlar os sentimentos, quando trocamos apertos de mão. Enquanto o caminhão se afastava, vi que os dois enxugavam as lágrimas.

Era hora de deixar a China, de dizer adeus novamente, dessa vez a meu irmão mais novo, Jing Tring, sua esposa, Bandido, o professor Xiao, Fengtian, Chong Xiongjun e suas esposas. Mary e eu já não conseguíamos conter as lágrimas. A bondade dos meus amigos nos

tocava a todo momento. Sua felicidade era a nossa. Quando, afinal, ocupamos os lugares no avião, estávamos emocionalmente exaustos.

Eu estava voltando para casa. Mas estava partindo também. Em meu coração, um círculo se fechava. Pensei nos meus entes queridos. Eles não precisavam mais comer inhames secos. A comida e o padrão de vida tinham melhorado bastante.

Mas Mary e eu não conseguíamos evitar a comparação entre nossa vida no Ocidente com a deles em Qingdao, e às vezes a culpa ainda me oprimia. Esse sentimento, certo peso, o senso de responsabilidade por minha família me acompanharam desde que fui selecionado pela Academia de Dança de Pequim. Desejava que todos os meus irmãos tivessem as mesmas oportunidades que eu havia encontrado. No fundo, porém, sabia que tudo tinha de ser exatamente como havia sido. Era minha a missão de realizar os sonhos da niang, do dia e dos meus irmãos. E sabia também que o dinheiro que lhes deixáramos seria apenas uma ajuda temporária. O que precisavam realmente era de oportunidades, e isso eu não poderia dar. Talvez, eu disse talvez, pela primeira vez na vida, sob a liderança de Deng Xiaoping, eles sentissem um lampejo de esperança. Meu desejo era deixá-los mais alegres e otimistas. Mas partia com o coração confuso.

Fiquei observando as nuvens densas abaixo do avião. Não queria dormir. Só pensava na família e nos amigos, felizes em sua simplicidade.

Mary adormeceu. Olhando seu rosto bondoso e tranquilo, senti-me abençoado por tê-la encontrado e estar a seu lado.

Eu não fazia a menor ideia do que nos aconteceria a seguir, mas a culpa por deixar minha família na China começou a dar lugar à esperança. Até ali, eu percorrera uma estrada com muitas bifurcações. Nada fora fácil. E eu sabia que a estrada à frente também seria acidentada, mas eu enxergava possibilidades. Eram tantas as possibilidades do mundo... Independentemente do que já

havia acontecido ou do que viesse a acontecer, eu sempre teria a niang, o dia, os irmãos, os amigos e Mary, minha companheira para a vida toda.

Lá fora, o céu escurecia. Eu me vi menino, correndo descalço pelos campos da comuna. Eu me vi como um Guarda Vermelho e como o último bailarino de Mao, praticando incansavelmente em um estúdio empoeirado. Pensei na minha jornada em direção ao que tinha de mais precioso: a liberdade; no que sempre me fez prosseguir: o orgulho e a dignidade do dia, a coragem extraordinária e o amor ilimitado da niang.

Pós-Escrito

跳舞

Melbourne, 2003

Mary e eu fizemos várias viagens à China depois daquela primeira visita em 1988. A cada vez, mais me impressionavam as reformas econômicas e a melhoria do padrão de vida do povo.

Nossas carreiras continuaram a progredir. Os convites que recebíamos de companhias internacionais eram uma prova do nosso sucesso.

Nossa primeira filha, Sophie, nasceu em 1989, trazendo alegria e felicidade. Meus pais viajaram a Houston, para ajudar a cuidar do bebê, de modo que Mary pudesse retomar a carreira. Eles ficaram encantados com Sophie — principalmente a niang — como se fosse a filha que sempre desejaram. Estavam sempre conversando com ela em chinês; sabiam que, mais tarde, a menina representaria uma ligação importante com os parentes chineses. Assim, Sophie tinha quatro adultos que a amavam e cuidavam dela. Para nós, a vida parecia perfeita.

Foi quando um acontecimento mudou tudo. Sophie tinha acabado de completar dezoito meses. Meus pais estavam em Houston cuidando dela, enquanto eu e Mary dançávamos como convidados no Australian Ballet. Certo dia, a menina brincava com uma bola de soprar que estourou subitamente. O ruído provocado

foi tão forte que todos se assustaram — menos Sophie. Suspeitando de que houvesse algum problema, providenciamos um teste de audição assim que voltamos a Houston.

O diagnóstico foi de deficiência auditiva grave. Ficamos em choque. Como acreditar que aquela criaturinha tão amada jamais ouviria música, nunca teria acesso aos sons que fazem parte do nosso cotidiano? Fizemos de tudo para descobrir a causa e a cura: da medicina ocidental aos tratamentos orientais. Nada adiantou.

Apenas dez dias depois do diagnóstico, Mary decidiu interromper a carreira para dedicar-se inteiramente a ensinar Sophie a falar. A ideia de haver aspectos na vida que nossa filha não conseguiria experimentar e a grandiosidade da tarefa que tínhamos pela frente nos deixaram abalados. Eu sabia que o sacrifício de Mary representaria o fim de sua carreira artística. Perder Mary na dança foi como perder minha sombra. Levei muito tempo para me recuperar.

Para Mary, porém, a jornada estava apenas começando. Ela dedicou toda a sua energia a Sophie. Cada descoberta de um novo som, cada palavra balbuciada por nossa filha significava uma grande conquista. Mas o progresso era extremamente lento.

Quando Sophie tinha 4 anos, ouvimos falar de uma invenção lançada na Austrália: o implante coclear ou ouvido biônico. Depois de muito pesquisar, decidimos pelo implante.

Ainda lembro o brilho de entusiasmo nos olhos de Sophie quando ouviu sons pela primeira vez. Com a dedicação total de Mary e o ouvido biônico, a menina fez rápidos progressos na audição e na fala. Hoje, estuda em uma escola regular, aprende piano, balé, jazz e sapateado. É impossível descrever como conseguimos superar essa provação. Sophie é o nosso milagre.

Em 1992, nasceu Thomas, nosso segundo filho. Sua audição era normal, assim como a de Bridie, que nasceu em 1997.

Em 1995, depois de dezesseis anos dançando com o Houston Ballet, decidi passar a integrar o Australian Ballet, como primeiro bailarino. Assim, fizemos a mudança para Melbourne. Como em várias ocasiões havia dançado como convidado com o Australian Ballet e gostava de trabalhar com o grupo, a transferência não me causou problemas. O difícil foi afastar-me de Ben, meu mentor durante dezesseis anos, de importância decisiva para o desenvolvimento de minha carreira. Deixar os Estados Unidos, país no qual tive garantida a liberdade, significou outro aspecto emocionante da decisão. O que me ajudou foi o convite feito à companhia para apresentar-se na China, no fim do ano: eu encerraria a carreira no Houston Ballet, no mesmo lugar onde tudo havia começado.

A viagem à China me despertou um entusiasmo indescritível. Finalmente, eu me apresentaria diante do meu povo, mostraria o que realizara no Ocidente naqueles dezesseis anos. Todos os meus irmãos, cunhadas e parentes — mais de trinta pessoas — fizeram uma longa viagem de trem até Pequim, só para me ver dançar.

O teatro foi o mesmo onde dancei O Lago dos Cisnes, em 1979, antes de deixar a China. Fiz o Romeu na coreografia de Ben para Romeu e Julieta. Janie Parker foi minha Julieta. A Rede Central de Televisão da China transmitiu a estreia ao vivo, para 50 milhões de pessoas em todo o país. Ver o orgulho na expressão do professor Xiao, o entusiasmo nos olhos de Bandido e ouvir os aplausos entusiásticos de Fengtian, de meus ex-professores, de colegas de classe e de toda a plateia era tudo de que eu precisava. Só lamentei que Zhang Shu não estivesse lá; ele havia morrido poucos anos antes, de ataque cardíaco.

O Australian Ballet foi um novo desafio. Eu sabia que aos 34 anos de idade não seria fácil, mas, com vinte e três anos de trabalho artístico, o carinho e o apoio de Mary, o amor incondicional de meus pais e a recente liberdade, não havia o que temer. Algumas das

minhas melhores performances aconteceram naqueles três últimos anos com o Australian Ballet. Eu tinha a sensação de satisfação definitiva, de perfeita harmonia entre arte e conhecimento técnico. E as plateias australianas me receberam de braços abertos desde o primeiro dia.

Durante os últimos anos de carreira, comecei a estudar Administração Financeira nos fins de semana e nas noites livres. Em três anos, recebi o diploma do Australian Securities Institute, e uma importante corretora de valores me ofereceu emprego. Mas o Australian Ballet queria que eu continuasse a dançar. Àquela altura, havia completado 36 anos. A maioria dos bailarinos se aposenta antes disso. Então, chegamos a um acordo: eu ficaria como trainee de consultor de investimentos na corretora e continuaria a me apresentar como primeiro bailarino por mais algum tempo.

Pelos dois anos seguintes, eu me dividi entre a dança e o negócio de investimentos. Mas a excessiva carga de trabalho me forçou a uma decisão: o afastamento permanente do balé. Eu tinha 38 anos.

Ben foi assistir à minha última apresentação, em Sydney, levando com ele os melhores votos de todos do Houston Ballet. Fiz o Basílio, de Don Quixote. Quando dancei esse mesmo papel, aos 18 anos, atuei concentrado nos aspectos técnicos do personagem. Aos 28, exigi demais de mim: tinha de fazer melhor do que Barishnikov ou Nureyev — mas ficava sempre abaixo das minhas expectativas. Aos 38, porém, era dono de mim mesmo; tinha, afinal, sentido o gosto da manga de que falava o professor Xiao.

E onde estão hoje todos aqueles que participaram da minha história? Ben se aposentou como diretor artístico do Houston Ballet, depois de vinte e sete anos de atuação. Compareci à sua despedida de gala em Houston, em que ele coreografou um solo especialmente para ser dançado por mim. Mary ainda é o amor da minha vida e atua como professora no Australian Ballet. Elizabeth, ouvi dizer,

casou-se com um piloto. Charles Foster continua meu amigo íntimo: somos compadres — um padrinho do filho do outro.

Meu amigo Delworth, infelizmente, faleceu em um acidente de carro no Texas, em meados dos anos 80, e Lori casou-se novamente.

O cônsul Zhang deixou o Ministério de Relações Exteriores e veio a ser vice-prefeito de uma grande cidade da China.

Zhang Weiqiang trocou a China pelo Ocidente, mas não precisou desertar. Com a política de portas abertas de Deng Xiaoping, tornou-se primeiro bailarino do Royal Winnipeg Ballet, mas já se aposentou.

O professor Xiao aposentou-se na Academia de Dança de Pequim, mas ainda dá aulas e participa do júri de competições internacionais de balé. Bandido e Fengtian deixaram a vida artística e ingressaram no mundo dos negócios, como fazem um milhão de outros. Todos os meus irmãos estão bem, cada um em seu ramo de atividade, e seu padrão de vida continua melhorando. Todos desejariam ter mais filhos e nos invejam — a mim e a Mary — por termos três. E o dia comemorou seu octogésimo aniversário.

Recentemente, fiz uma visita surpresa à minha família: abri a porta e entrei sem ser anunciado. A niang estava cozinhando. Ao ver-me, deixou cair a colher e só conseguia balbuciar: Ah! Você! É você! Em seguida, deu-me um longo e forte abraço.

Esta autobiografia representou um enorme desafio. Cheguei a pensar se não seria muita ousadia escrever na primeira pessoa. Mas tive o privilégio de trabalhar com duas sensíveis, atentas e criativas editoras. Com habilidade, elas extraíram minha história e me orientaram por um processo envolvente e gratificante. Julie Watts e Suzanne Wilson não são apenas as duas melhores editoras com que alguém pode sonhar trabalhar; são também pessoas íntegras, de sólidos princípios. Sem a sensatez dos conselhos dessas duas mulheres especiais, este livro jamais existiria.

Meu especial muito obrigado ao querido amigo Charles Foster, a quem devo a vida e muito mais. Sua contribuição foi muito

importante para este livro. Bandido, o professor Xiao, Fengtian e outros na China também ajudaram. Obrigado aos meus pais e irmãos por terem permitido que eu contasse suas histórias. Eles me ajudaram a lembrar as cenas de nossa infância difícil e suportaram minhas intermináveis perguntas, por telefone e por carta. Sei que recordar aqueles anos foi o mesmo que tornar a vivê-los. Não fosse seu intenso apoio emocional, eu não teria conseguido.

E agradeço a todos os amigos e parentes que me ajudaram e tão entusiasticamente me incentivaram.

Li Cunxin



(assinatura do autor na edição impressa)

FIM